



A maravilhosa Terra de Oz

L. FRANK BAUM

*The Marvelous
Land of Oz (1904)*

Tradução: Delfin

Edição bilingue: PT/EN
Distribuição gratuita

mojo.org.br

A MARAVILHOSA TERRA DE



L. Frank Baum

1ª edição

Traduzido por Delfin

Ilustrado por André Ducci



PREFÁCIO

Depois de publicar *O magnífico Mágico de Oz*, passei a receber cartas de crianças que descreviam seu prazer em ler a história. Elas me pediam para “escrever mais alguma coisa” sobre o Espantalho e o Lenhador de Lata. Considerei as cartinhas, ainda que me parecessem francas e sinceras, como nada mais do que agradáveis elogios. Mais cartas, porém, continuaram a chegar no decorrer dos meses e, depois, anos.

Finalmente, prometi a uma garotinha que veio de longe me visitar que atenderia ao seu pedido — além do mais, ela também é uma “Dorothy”. A promessa foi que eu escreveria o livro quando mil garotinhas escrevessem mil cartinhas pedindo pelo Espantalho e pelo Lenhador de Lata. Talvez porque essa pequena Dorothy fosse uma fada disfarçada e tenha me enfeitiçado com sua varinha mágica ou pelo tremendo sucesso de público da produção de *O Mágico de Oz* no teatro, as mil cartas — e muitas mais — chegaram.

Neste momento, apesar de me declarar culpado pela longa espera, cumpro a promessa com este livro.

L. Frank Baum
Chicago, abril de 1904



BIZU CRIA JOÃO ABOBRÃO

No país dos cravins, região norte da Terra de Oz, vivia um jovem chamado Bizu. O menino não se lembrava de seus pais. Foi criado desde muito pequeno pela velha mulher chamada Mambi, cuja reputação, sinto dizer, não era das melhores. Os cravins tinham razões para suspeitar de que ela se favorecia das artes mágicas e, por isso, não lhe dirigiam a palavra.

A Bruxa Boa que governava aquela parte da Terra de Oz proibiu que qualquer outra bruxa atuasse em seus domínios. Portanto, Mambi não era exatamente uma bruxa. Ainda que aspirasse fazer uso de magia, a guardiã de Bizu sabia que se tratava de uma prática ilegal ser algo mais do que uma feiticeira ou, no máximo, uma maga.

Para a velha Mambi, o nome do rapaz possuía muitos significados. Aliás, segundo ela, o nome completo dele era Bizutinius. No entanto, não se esperava que alguém pronunciasse uma palavra tão comprida quando apenas “Bizu” dava conta do recado.

Parte do trabalho de Bizu era trazer lenha da floresta para que a velha fervesse seu caldeirão; a outra, trabalhar nos milharais, capinando e debulhando. Ele também cuidava dos porcos e ordenhava a vaca de quatro chifres, o orgulho de Mambi.

Não pense, porém, que ele trabalhava sem descanso. Quando era mandado para a floresta, escalava as árvores para colher ovos de pássaros, se divertia perseguindo bandos de coelhos brancos ou pescava nos riachos utilizando anzóis feitos de pregos tortos. Só

depois disso ele se apressava em amarrar seu feixe de lenha para tomar o caminho de casa. Enquanto supostamente deveria trabalhar nos milharais, os grandes pés de milho o escondiam da vista de Mambi. Nessas ocasiões, Bizu cutucava as tocas das marmotas ou, se estivesse com o humor propício, deitava-se de costas entre as fileiras cultivadas e tirava uma soneca. Era assim que regulava o desgaste de suas forças para crescer forte e valente como um menino deve ser.

A curiosa magia de Mambi metia medo nos vizinhos, que mantinham uma distância segura e respeitosa dela. Bizu a odiava abertamente, sem tomar precaução alguma para esconder seus sentimentos. De fato, ele às vezes demonstrava menos respeito pela velha do que deveria, se considerarmos que ela era sua guardiã.

As abóboras de Mambi repousavam seus corpos rubro-dourados entre as fileiras de pés de milho. Eram cultivadas cuidadosamente para que a vaca de quatro chifres pudesse comê-las no inverno. Um dia, após colher e empilhar todo o milho, Bizu teve a ideia de fazer uma “lanterna de abóbora” para dar um susto daqueles na velha.

Escolheu uma boa e grande abóbora lustrosa, cor laranja-avermelhada, e começou a esculpi-la. Com a ponta da faca cortou dois olhos arredondados, um nariz triangular e uma boca em forma de lua crescente. Ao final, não dava pra dizer que o rosto era exatamente bonito. Apesar disso, seu semblante apresentava um sorriso tão largo, uma expressão tão engraçada, que até mesmo Bizu riu ao olhar admirado para o seu trabalho.

Como não tinha amigos da idade dele, Bizu não sabia que os garotos sempre escavam o interior da abóbora para colocar lá dentro uma vela acesa, o que deixa o rosto mais assustador. Sua

ideia era diferente e parecia muito eficaz à primeira vista. Ele decidiu montar a figura de um homem e nela colocar a cabeça de abóbora. Sua criação seria disposta em um lugar onde a velha Mambi a encontraria cara a cara.

— Com isso — Bizu riu sozinho —, ela gritará tão alto quanto o porco marrom quando eu puxo o rabo dele. Vai se arrepiar com um calafrio mais forte do que quando eu tive aquele febrão no ano passado.

Teve tempo de sobra para realizar a tarefa. Mambi estava em uma vila próxima, onde fora comprar mantimentos. Segundo ela, tratava-se de uma viagem de pelo menos dois dias.

Bizu foi com seu machado para a floresta escolher algumas árvores jovens, mas fortes e retas. Ele as cortou e limpou todos os ramos e folhas. Seriam os braços, pernas e pés de seu homem. Para o corpo, arrancou a casca grossa ao redor de um grande tronco e, com muito esmero, moldou uma forma cilíndrica no tamanho aproximado e prendeu suas bordas com tarraxas de madeira. Assobiando alegremente enquanto trabalhava, juntou com cuidado os membros e os uniu ao corpo com mais cavilhas entalhadas para um encaixe perfeito.

Quando terminou sua tarefa, começava a escurecer. Lembrou-se de que precisava ordenhar a vaca e alimentar os porcos. Pegou seu homem de madeira e o carregou de volta para a casa.

Durante a noite, na cozinha, sob a luz do fogo, recortou com cuidado todos os cantos das juntas e suavizou os lugares ásperos com precisão e um bom acabamento. Depois, colocou a figura de pé contra a parede e a admirou. Parecia notavelmente alto, mesmo

para um homem adulto. Pareceu bom aos olhos do garotinho, que não fazia nenhuma objeção quanto à altura de sua criação.

Na manhã seguinte, ao examinar novamente seu trabalho, Bizu viu que faltava o pescoço do boneco, o qual serviria para fixar a cabeça de abóbora ao corpo. Voltou à floresta, que não era muito longe, e cortou de uma árvore diversos pedaços para completar seu trabalho. Quando retornou, conectou uma peça transversal na ponta de cima do corpo, fazendo um buraco no centro para que o pescoço se fixasse. A madeira que formava o pescoço também era afiada em cima. Depois de tudo pronto, colocou a cabeça de abóbora, apertou e percebeu que ela se encaixava muito bem. A cabeça podia virar de um lado para o outro à vontade e as articulações dos membros permitiam ao garoto colocar o boneco na posição que quisesse.

— Ora — declarou Bizu, orgulhoso —, isso é realmente um belo exemplar de homem. Vai assustar a velha Mambi ainda mais se parecer que está vivo, por isso vou vesti-lo como se deve.

Achar roupas não foi tarefa fácil. Bizu teve de revirar o grande baú no qual Mambi guardava todas as suas lembranças e tesouros. Bem no fundo, descobriu calças púrpuras, uma camisa vermelha e um colete rosa pontilhado com bolinhas brancas. Embora as roupas não caíssem muito bem, vestiu o homem e o transformou em uma criatura de estilo alegre. Para completar o traje, usou algumas meias de malha de Mambi e um par gasto de seus próprios sapatos. Bizu ficou tão contente que dançou pra lá e pra cá, rindo alto, num êxtase infantil.

— Preciso dar um nome a ele! — exclamou. — Um homem tão bom como este certamente merece ter um nome. Eu acho...

Ele acrescentou, depois de pensar por um momento:

— Vou chamá-lo “João Abobrão”!

O MARAVILHOSO PÓ DA VIDA

Após considerar a questão cuidadosamente, Bizu decidiu que o melhor lugar para colocar João Abobrão seria na curva da estrada, um local afastado da casa. Tentou carregar seu homem até lá, mas descobriu que era pesado e difícil de manusear. Depois de arrastar a criatura por certa distância, Bizu o colocou de pé, dobrou as juntas de uma das pernas e a seguir as da outra ao mesmo tempo em que o empurrava por trás. Assim, fez João Abobrão andar até a curva da estrada. O percurso lhe custou alguns tropeções, mas Bizu perseverou mais do que havia feito nos campos ou na floresta. O amor pela travessura tomou conta dele. Alegrou-se ao confirmar sua própria habilidade em um trabalho bem-feito.

— João está bem e funciona direito! — disse a si mesmo, bufando com o esforço fora do normal.

Em dado momento, percebeu que o braço esquerdo do homem tinha caído no trajeto. Voltou para recolhê-lo e depois, com um prego novo mais forte para a junção do ombro, consertou o dano tão bem que o braço ficou melhor do que antes. Bizu também percebeu que a cabeça de abóbora do João girou até olhar para as costas dele. Essa parte era fácil de consertar. Quando, enfim, montou o homem olhando para a curva no caminho por onde a velha Mambi chegaria, apresentava um ar natural o suficiente para ser uma imitação justa de um fazendeiro cravim — e anormal o bastante para assustar qualquer um que fosse até ele desavisado.

Como ainda era muito cedo para esperar a volta da velha, Bizu desceu até o vale abaixo da fazenda para colher castanhas das árvores que ali cresciam.

No entanto, Mambi voltou mais cedo do que de costume. Ela havia conhecido um mago fora da lei que habitava uma caverna solitária nas montanhas e trocou muitos segredos mágicos importantes com ele. Garantiu para si três novas receitas, quatro pós mágicos e uma seleção de ervas de incríveis poderes. Por isso, retornou rápido para casa; queria testar suas novas feitiçarias.

Mambi estava tão concentrada nos tesouros conquistados que, quando fez a curva na estrada e olhou de relance para o homem, simplesmente acenou e disse:

— Bom dia, senhor.

No instante seguinte, percebendo que a pessoa não se movia ou respondia, olhou de forma mais atenta para o seu rosto e descobriu sua cabeça de abóbora entalhada caprichosamente pelo canivete de Bizu.

— He, he! — disse Mambi de súbito, com uma espécie de grunhido. — Aquele moleque miserável quer me pregar uma peça de novo! Muito bom! *Mui-to bom!* Vou dar uma bela surra dolorida nele por tentar me assustar desse jeito!

Cheia de raiva, levantou sua bengala para acertá-la na sorridente cabeça de abóbora do boneco. Um inesperado pensamento fez com que ela se detivesse, ainda com a bengala erguida parada no ar.

— Ora, eis aí uma boa chance de testar meu novo pó! — disse. — Só assim vou saber se aquele mago trapaceiro trocou seus segredos de forma justa ou se me enganou.

Ela pousou sua cesta no chão e tateou dentro dela em busca de um dos novos pós preciosos.

Enquanto Mambi estava ocupada, Bizu voltava com seus bolsos cheios de castanhas. Ao avistar a velha parada ao lado de seu homem, percebeu que ela não estava nem um pouco amedrontada.

De início, ficou bastante desapontado. Em seguida, acabou curioso para saber o que Mambi faria. Escondeu-se atrás de uma cerca, onde conseguia ver sem ser visto e passou a espiar.

Depois de procurar um pouco, a mulher tirou de sua cesta um pimenteiro velho, com um rótulo desbotado no qual o mago tinha escrito com um lápis preto: “Pó da vida.”

— Ah, aqui está! — ela exclamou, feliz. — Agora vamos ver se isso é potente. Aquele mago sovina não me deu muito, mas acho que é o suficiente para duas ou três doses.

Bizu ficou muito surpreso ao ouvi-la dizer isso, pois logo a velha levantou o braço e jogou o pó sobre a cabeça de abóbora do João. Era como se espalhasse pimenta em uma batata assada. Foi salpicando na cabeça do João e espalhando sobre a camisa vermelha, o colete rosa e as calças púrpuras com que Bizu o havia vestido. Um pouquinho caiu sobre os sapatos remendados e gastos.

Então, colocando o pimenteiro de volta na cesta, Mambi ergueu a mão esquerda e apontou seu mindinho para cima.

— Traish!

Ergueu a mão direita, com o polegar apontado para cima.

— Phaish!

Por último, levantou ambas as mãos, com todos os dedos e polegares abertos, e exclamou:

— Chaish!

João Abobrão imediatamente deu um passo para trás e disse, com uma voz reprovadora:

— Não grite assim! Tá pensando que sou surdo?

A velha Mambi dançou em torno dele alegremente.

— Ele vive! Ele vive! Ele vive!

Imagine a surpresa de Bizu ao observar a cena.

De início, ficou tão horrorizado que queria fugir, mas suas pernas tremiam tanto que não seria capaz de correr. Por fim, foi cativado pela engraçadíssima figura de João Abobrão vivo. A expressão de sua cara era tão inocente e cômica que provocaria gargalhadas animadas em qualquer pessoa. Logo que se recuperou do medo inicial, Bizu começou a rir. A alegria estrondosa alcançou os ouvidos de Mambi, que mancou rapidamente até a cerca viva e pegou o menino pelo colarinho.

— Seu garoto danado, covarde e enxerido! — Exclamou, furiosa.
— Vou te ensinar a espionar meus segredos e a trocar de mim!

— Não estava troçando — protestou Bizu. — Estava rindo do João Abobrão! Olha pra ele! Não é uma pândega?

— Espero que você não esteja se referindo à minha aparência pessoal — disse João.

Foi engraçado ouvir aquela voz grave mesmo com aquele sorriso divertido estampado. Bizu explodiu de novo numa estrondosa gargalhada.

Até mesmo Mambi estava interessada no homem que sua mágica trouxe à vida. Depois de encará-lo com curiosidade, perguntou:

— O que você sabe?

— Bem, é difícil dizer — respondeu João. — Sinto que sei uma quantidade tremenda de coisas, mas ainda não tenho consciência de tudo o que existe para se descobrir no mundo. Vai demorar um pouco para saber se sou realmente sábio ou apenas estúpido.

— Realmente — disse Mambi, pensativa.

— O que você vai fazer com ele, agora que está vivo? — perguntou Bizu, maravilhado.

— Vou pensar sobre isso — respondeu Mambi. — Vamos logo para casa de uma vez. Está escurecendo. Ajude o Abobrão a caminhar.

— Não se preocupem comigo — disse João. — Ando tão bem como vocês. Tenho pernas, pés e até juntas.

— Tem? — perguntou a mulher, voltando-se para Bizu.

— Claro que tem, eu mesmo fiz — respondeu o garoto, orgulhoso.

Encaminharam-se para a casa. Quando lá chegaram, a velha Mambi levou o homem-abóbora para o estábulo da vaca e o trancou em uma das baias vagas. Passou a corrente por fora.

— Primeiro, tenho que cuidar de você — disse, olhando para Bizu.

Ao ouvir isso, o garoto ficou inquieto, pois sabia que Mambi tinha um coração vingativo. Ela não hesitaria em fazer alguma coisa ruim.

Entraram na casa. Era uma estrutura circular em forma de cúpula, como quase todas as casas de fazenda na Terra de Oz.

Mambi obrigou o garoto a acender uma vela enquanto colocava sua cesta no armário e o poncho no cabide. Bizu obedeceu sem demora, pois tinha medo dela.

Com a vela acesa, Mambi mandou que ele colocasse lenha na lareira. Enquanto Bizu se ocupava com o fogo, a velha comeu sua refeição. Quando as chamas começaram a crepitar, o garoto foi até ela e pediu um pouco de pão e queijo. Mambi negou seu pedido.

— Estou com fome! — disse num tom aborrecido.

— Não vai demorar para você matar a sua fome — respondeu Mambi com um olhar sinistro.

O garoto desconfiou da conversa, pois soava como uma ameaça. Sua fome o lembrou das castanhas em seu bolso, as quais quebrou e comeu enquanto a mulher se levantava. Mambi bateu os farelos de seu avental e colocou uma pequena chaleira sobre o fogo.

Mediu e derramou partes iguais de leite e vinagre dentro do recipiente. Em seguida, montou pequenas trouxas com ervas e pós, adicionando porções delas ao conteúdo da chaleira. Ia e vinha para perto da vela, usando a luz para ler a receita da iguaria em um papel amarelo.

Com o passar do tempo, a inquietação do menino só aumentava.

— Para que é isso aí? — ele perguntou.

— Para você — respondeu Mambi.

Bizu se contorceu no seu banquinho e encarou a chaleira fervendo por algum tempo. Olhou de relance para a feição séria da bruxa e desejou estar em qualquer lugar que não fosse aquela cozinha escura e esfumaçada. As sombras projetadas na parede pela vela eram suficientes para dar arrepios em qualquer um. Mais de

uma hora se passou. O silêncio só era quebrado pelo borbulhar da chaleira e o sibilar das chamas.

Finalmente, Bizu falou de novo.

— Vou ter de tomar esse troço? — E apontou o recipiente com a cabeça.

— Sim — disse Mambi.

— O que vai acontecer comigo? — perguntou.

— Se a receita estiver certa — respondeu Mambi —, você se transformará em uma estátua de mármore.

Ele gemeu e limpou o suor da testa com a manga da camisa.

— Não quero ser uma estátua de mármore! — protestou.

— Mas eu quero — disse a velha, olhando seriamente para ele.

— Para que eu vou servir? — perguntou Bizu. — Não vai ter ninguém para trabalhar para você.

— Abobrão trabalhará para mim — disse Mambi.

Bizu gemeu outra vez.

— Por que você não me transforma em um bode ou em uma galinha? — perguntou, ansioso. — Uma estátua de mármore não tem serventia nenhuma.

— Mas eu quero — retrucou Mambi. — Vou fazer um jardim na próxima primavera e você ficará como enfeite bem no meio. Não sei como não tinha pensado nisso antes. Há anos que você só me incomoda.

Ao ouvir essas terríveis palavras, Bizu sentiu as gotas de suor se espalharem por todo o seu corpo, mas manteve-se imóvel. Os calafrios continuaram, e seus olhos não se desviavam da chaleira.

— Talvez não dê certo — ele resmungou, com uma voz fraca.

— Ah, vai dar sim — respondeu Mambi, alegre. — Raramente cometo um engano.

Mais uma vez houve um período de silêncio longo e triste até que Mambi por fim retirou a chaleira do fogo. Já era perto de meia-noite.

— Você só pode beber isso quando esfriar — anunciou a bruxa velha. Ela reconheceu que, apesar da lei, estava praticando bruxaria. — Agora vamos dormir. Ao raiar do dia, a primeira coisa a fazer será completar sua transformação em estátua de mármore.

Ao dizer isso, mancou até seu quarto com a chaleira fervente consigo. Bizu a ouviu fechar e trancar a porta.

O garoto não foi para a cama, conforme a ordem da bruxa. Permaneceu sentado, olhando fixamente para as poucas brasas que restavam do fogo.

A FUGA

Bizu pensou, revoltado, “Não é mole ser uma estátua de mármore”. “Não vou suportar isso. Ela quer se livrar de mim. Disse que tenho sido um incômodo, mas existe um jeito de não me tornar uma estátua. Afinal, que diversão teria um menino preso pela eternidade no meio de um jardim? Vou fugir. É melhor sumir antes que ela me force a beber aquela coisa da chaleira.”

Quando os roncos anunciaram que a bruxa velha tinha adormecido, ele se levantou em silêncio e procurou algo para comer no armário.

— Não se começa uma viagem sem comida — decidiu, vasculhando as prateleiras estreitas.

Só encontrou algumas migalhas de pão. Precisou olhar na cesta de Mambi para encontrar o queijo que ela trouxe da vila. Enquanto fuçava, deparou-se com o pimenteiro que continha o “pó da vida”.

“Vou levar isso comigo também”, pensou. “Mambi usaria o pó para fazer mais estragos.”

Guardou a pequena caixa no bolso junto com o pão e o queijo.

Depois, com cuidado, saiu e trancou a porta. Lá fora, a lua e as estrelas reluziam efusivamente. A noite parecia pacífica e convidativa em contraste com a cozinha abafada e malcheirosa.

— Será ótimo ir embora — disse Bizu, suavemente. — Nunca gostei daquela velha. Sempre me pergunto por que raios acabei aqui vivendo com ela.

Andava vagorosamente em direção à estrada quando um pensamento o deteve.

— Não me agrada deixar o João Abobrão à mercê da velha Mambi — balbuciou. — João pertence a mim. Embora a bruxa velha tenha dado vida a ele, eu o criei.

Ele retornou até o estábulo da vaca e abriu a porta da baia em que o homem com cabeça de abóbora tinha sido deixado.

João estava parado no meio da baia, à luz da lua. Bizu viu que ele sorria de modo jovial, como sempre.

— Venha! — disse o garoto, acenando.

— Para onde? — perguntou João.

— Te conto quando eu souber — respondeu Bizu, sorrindo simpaticamente para o cara de abóbora. — Por enquanto, só teremos de caminhar. Muito.

— Muito bem — respondeu João e foi para fora do estábulo, onde a lua brilhava.

Bizu se virou em direção à estrada e o homem o seguiu. João andava de um jeito meio desengonçado. De vez em quando, alguma junta de suas pernas se voltava para trás em vez de ir para a frente. Tropeçava bastante, mas logo aprendeu a dar seus passos com mais cuidado. Assim, sofreu poucos acidentes.

Os dois andaram sem parar um instante sequer. Não conseguiam ir muito rápido, mas mantinham o passo firme. Pela hora em que a lua se punha e o sol se mostrava por sobre as colinas, já tinham percorrido uma distância tão grande que o garoto agora estava mais tranquilo. Não havia motivo nenhum para desconfiar que a bruxa velha os perseguia. Além disso, seguiram primeiro por

um caminho e depois por outro, o que dificultaria muito se alguém tentasse procurá-los.

Bastante satisfeito por ter escapado, pelo menos por enquanto, de se tornar uma estátua de mármore, o garoto e seu companheiro sentaram-se para descansar em uma pedra à beira da estrada.

— Vamos comer alguma coisa — ele disse.

João Abobrão observou o menino atentamente, mas se recusou a acompanhá-lo na refeição.

— Acho que não sou feito igual a você — disse João.

— Eu sei — devolveu Bizu. — Eu mesmo fiz você.

— Ah! Você fez? — perguntou João.

— Certamente. Juntei seus pedaços, entalhei seus olhos, nariz, orelhas e boca — disse orgulhoso. — No final, até vesti você.

João olhou para seu corpo e membros com um olhar crítico.

— A meu ver, parece que você fez um trabalho muito bom — observou.

— Mais ou menos — respondeu Bizu modestamente, pois sabia de certos defeitos da sua criação. — Se soubesse que viajaríamos juntos, eu certamente teria sido um pouquinho mais minucioso.

— Oras! Então — disse o Abobrão, em um tom que expressava surpresa —, você deve ser meu criador, meu progenitor, meu pai!

— Ou seu inventor — respondeu o garoto com uma risada. — Sim, meu filho. Parece que sou mesmo!

— Então devo obediência a você — continuou o homem. — Você deve... cuidar de mim.

— É isso, exatamente — declarou o menino, pulando para cima.
— Precisamos continuar.

— Para onde vamos? — perguntou João ao retomarem a caminhada.

— Não estou bem certo — disse o garoto —, mas acredito que estamos indo para o sul. Cedo ou tarde, chegaremos à Cidade Esmeralda.

— Que cidade é essa? — perguntou o Abobrão.

— Ora, é o centro da Terra de Oz, a maior cidade de toda a nação. Nunca estive lá, mas sei de toda a história. Foi construída pelo poderoso e magnífico Mágico de Oz. Tudo por lá é da cor verde, tal como tudo no país dos cravins é púrpura.

— Tudo aqui é púrpura? — perguntou João.

— Claro que é. Você não consegue ver? — devolveu o garoto.

— Acredito que eu seja daltônico — disse o Abobrão, depois de olhar fixo para Bizu.

— Bem, a grama é púrpura, as árvores são púrpura. As casas e cercas são púrpura — explicou o menino. — Até a lama nas estradas é púrpura. Na Cidade Esmeralda é tudo verde; aqui, púrpura. No país dos miudins, ao leste, tudo é azul. No país dos fraqins, ao sul, tudo é vermelho. E no país dos mansins, a oeste, onde o Lenhador de Lata governa, tudo é amarelo.

— Nossa! — disse João. — Você falou que um Lenhador de Lata governa os mansins?

— Sim, ele foi um dos que ajudaram Dorothy a destruir a Bruxa Malvada do Oeste. Os mansins ficaram tão agradecidos que o

convidaram para governá-los. Da mesma maneira que o povo da Cidade Esmeralda convidou o Espantalho.

— Caramba! — disse João. — Essa história está me deixando confuso. Quem é o Espantalho?

— Outro amigo de Dorothy — respondeu o garoto.

— E quem é Dorothy?

— Uma menina que veio do Kansas, que é um lugar no grande mundo lá fora. Ela foi soprada para a Terra de Oz por um ciclone. Enquanto esteve aqui, o Espantalho e o Lenhador de Lata a acompanharam em suas viagens.

— E onde ela está agora? — indagou o Abobrão.

— Glinda, a Boa, que governa os fraquins, a ajudou a voltar para o seu lar — disse o garoto.

— Certo, mas o que foi feito do Espantalho?

— Eu já disse. Ele governa a Cidade Esmeralda — respondeu Bizu.

— Mas você disse que ela era governada pelo magnífico Mágico de Oz — contestou João, parecendo cada vez mais confuso.

— Bom, eu disse. Agora preste atenção na explicação — disse o menino, falando devagar e olhando o Abobrão sorridente direto nos olhos. — Dorothy foi até a Cidade Esmeralda pedir ao Mágico de Oz que a mandasse de volta para o Kansas. O Espantalho e o Lenhador de Lata foram com ela. O magnífico Mágico de Oz não tinha como mandá-la de volta, pois era menos mágico do que dizia ser. Eles ficaram furiosos com aquela situação e ameaçaram revelar os segredos do comandante da cidade. Por isso o Mágico de Oz fez um grande balão e fugiu nele. Nunca mais foi visto desde então.

— Mas que história interessante — disse João, muito satisfeito.
— Entendi tudo perfeitamente, menos a explicação.

— Estou feliz que tenha entendido — respondeu Bizu. — Depois que o Mágico se foi, o povo da Cidade Esmeralda decidiu que o Espantalho seria seu novo rei. Ouvi dizer que ele se tornou um governante muito amado.

— Nós vamos ver esse estranho rei? — perguntou João, interessado.

— Acho que podemos, sim — respondeu o garoto. — A não ser que você tenha algo melhor para fazer.

— Ah, não, meu caro pai — disse o Abobrão. — Quero acompanhá-lo aonde você for.

BIZU FAZ UM EXPERIMENTO MÁGICO

O garoto, pequeno e de traços delicados, ficou sem graça ao ser chamado de “pai” pelo alto e esquisito homem com cabeça de abóbora. Negar a relação, porém, envolveria outra explicação longa e tediosa. Preferiu mudar de assunto:

— Está cansado?

— É claro que não! — respondeu João, que continuou, depois de uma pausa. — Mas se eu seguir caminhando é quase certo que minhas juntas de madeira vão se desgastar.

Enquanto andavam, Bizu se arrependeu de não ter construído membros de madeira mais reforçados para João. Porém ninguém poderia imaginar que o homem feito somente para assustar a bruxa Mambi ganharia vida por meio do pó mágico em um velho pimenteiro.

Por isso, parou de se recriminar e passou a pensar em como poderia remediar as deficiências das fracas juntas do João.

Enquanto ainda pensava, eles chegaram perto de uma floresta. O garoto sentou-se para descansar sobre um velho cavalete abandonado ali por algum lenhador.

— Por que não se senta? — perguntou ao Abobrão.

— Isso não vai forçar as minhas juntas? — indagou o outro.

— Claro que não. É para descansá-las — declarou o garoto.

Quando João tentou sentar-se, suas juntas se dobraram mais do que o normal e cederam completamente. Ele despencou no chão

com tanto barulho que Bizu temeu que o companheiro tivesse desmontado.

Correu até João, o ergueu, endireitou os braços e as pernas e bateu a cabeça dele, conferindo se por acaso havia rachado. João parecia estar em muito boa forma.

— Acho melhor você ficar em pé. Parece ser mais seguro — disse Bizu.

— Muito bem, caro pai. Como o senhor quiser — respondeu o sorridente João, que pareceu não ter sido afetado pela queda.

Bizu sentou-se de novo. Prontamente, o Abobrão perguntou:

— O que é essa coisa em que você está sentado?

— Ah, é um cavalo — respondeu o garoto, descuidadamente.

— O que é um cavalo? — quis saber João.

— Um cavalo? Ora, há dois tipos de cavalo — respondeu Bizu, buscando palavras para responder. — Um tipo de cavalo está vivo e tem quatro pernas, cabeça e rabo. As pessoas cavalgam sentadas em suas costas.

— Entendi — disse João, alegremente. — Esse é o tipo de cavalo em que você está sentado agora.

— Não — respondeu Bizu de imediato.

— Por que não? Esse aí tem quatro pernas, cabeça e rabo.

O menino olhou para o cavalete com mais atenção e percebeu que o Abobrão estava certo. O corpo era formado por um tronco com um galho saliente deixado em um dos lados, o que se parecia bastante com um rabo. Na outra ponta havia dois grandes nós que lembravam os olhos e uma parte que tinha sido cortada que

lembrava a boca do cavalo. Quanto às pernas, eram quatro galhos retos afixados ao corpo, bem afastados uns dos outros. Era assim que o cavalete se mantinha firme mesmo quando um tronco era serrado sobre ele.

— Esta coisa lembra mesmo um cavalo de verdade — disse Bizu, tentando explicar. — A diferença é que um cavalo de verdade está vivo. Ele trotta, empina e come aveia. Este não é nada além do que um cavalo morto, de madeira, usado como apoio para serrar troncos.

— Se estivesse vivo, ele trotaria, empinaria ou comeria aveia? — indagou o Abobrão.

— Talvez ele trotsse e empinasse, mas nunca comeria aveia — respondeu o garoto, rindo da ideia. — Não poderia jamais estar vivo porque é feito de madeira.

— Assim como eu — respondeu o homem.

Bizu olhou para ele surpreso.

— Ora, mas você é! — ele exclamou. — E o pó mágico que trouxe você à vida está aqui na minha bolsa!

Tirou dela o pimenteiro e o olhou, curioso.

— Será — disse o garoto, pensativo — que isto daria vida ao cavalete?

— Se der — respondeu João, calmamente, já que nada parecia surpreendê-lo —, eu poderia andar nas costas dele, o que evitaria o desgaste das minhas juntas.

— Vou tentar! — exclamou o garoto, dando um pulo. — Mas não sei se consigo me lembrar das palavras e dos gestos que a velha Mambi fez com as mãos.

Refletiu por um minuto, lembrando-se de que assistiu com atenção, escondido pela cerca viva, os movimentos da bruxa e suas palavras. Sentiu que era capaz de repetir exatamente o que ela fez.

Espalhou um pouco do pó do pimenteiro sobre o corpo do cavalete. Depois, ergueu sua mão esquerda com o mindinho apontando para cima e disse:

— Traish!

— O que isso significa, meu caro pai? — perguntou João, curioso.

— Não sei — respondeu Bizu.

Então ergueu sua mão direita com o polegar apontando para cima e disse:

— Phaish!

— O que é isso, meu caro pai? — indagou João.

— Significa que você deve ficar quieto! — respondeu o garoto, irritado ao ser interrompido em um momento tão importante.

— Estou aprendendo rápido! — observou o Abobrão, com seu eterno sorriso.

Bizu agora erguia as duas mãos sobre a cabeça, com todos os dedos abertos, e exclamou em voz alta:

— Chaish!

Imediatamente o cavalete se moveu, esticou as pernas, bocejou com a boca entalhada e sacudiu a pouca poeira que havia em suas costas. O resto parecia ter se infiltrado para dentro de seu corpo.

— Muito bem! — apontou João, enquanto o garoto olhava espantado. — Você é um feiticeiro dos bons, meu caro pai!

O DESPERTARDO CAVALETE

O Cavalete, percebendo-se vivo, ficou mais espantado do que Bizu. Girou os nós que eram seus olhos e viu, pela primeira vez, o mundo no qual agora tinha uma existência tão importante. Depois, ainda muito assustado, tentou olhar para si mesmo, porém, não possuía um pescoço para virar. Em um esforço para ver seu próprio corpo, começou a andar em círculos atrás de si mesmo sem conseguir ver nada. Suas pernas eram duras e esquisitas, sem juntas em seus joelhos. Não demorou muito para ele trombar com João Abobão, que caiu sentado no musgo que crescia à beira da estrada.

Bizu se alarmou com o acidente e com a persistência do Cavalete em rodopiar seu corpo. Enfim, ele exclamou:

— Eia! Eia! Calma!

O Cavalete não prestou atenção ao comando. No instante seguinte, com uma das pernas de madeira levantada, pisou no pé de Bizu tão violentamente que o garoto gritou de dor. Depois, de uma distância segura o menino berrou novamente:

— Eia! Eia, já disse!

João agora tinha aprendido a se levantar sozinho e olhava para o Cavalete com muito interesse.

— Acho que o animal não pode te ouvir — observou.

— Será que preciso gritar mais alto? — respondeu Bizu, furioso.

— Sim, mas o cavalo não tem orelhas — disse o sorridente Abobão.

— É verdade! — exclamou Bizu, percebendo o fato pela primeira vez. — Como posso fazê-lo parar então?

Nesse mesmo instante, o Cavalete parou sozinho ao concluir que era impossível ver seu próprio corpo. Olhou para Bizu e se aproximou do garoto para observá-lo melhor.

Era muito cômico ver a criatura andar. As pernas de cada um dos lados se moviam juntas, como se fosse um cavalo treinado. Isso fazia com que seu corpo balançasse feito um berço.

Bizu deu um tapinha na cabeça e disse com um tom persuasivo:

— Bom menino! Bom menino!

O Cavalete se afastou e foi examinar com seus olhos saltados a forma de João Abobráo.

— Preciso achar um cabresto para ele — disse Bizu.

Vasculhou sua bolsa e encontrou um rolo de barbante forte. Aproximou-se do Cavalete e amarrou uma ponta do cordão em volta de seu pescoço e a outra em uma árvore. Sem entender nada, o Cavalete se projetou para trás e rompeu o barbante sem qualquer dificuldade. Não fez menção de fugir.

— Ele é mais forte do que pensei — disse o garoto — e um tanto obstinado também.

— Por que você não faz umas orelhas nele? — perguntou João. — Daí você pode dizer a ele o que fazer.

— Que ideia genial! — disse Bizu. — Como você pensou nisso?

— Ora, eu não pensei — respondeu o Abobráo. — Não precisei. É apenas a coisa mais simples e fácil a se fazer.

Bizu pegou sua faca e entalhou as orelhas da casca de uma árvorezinha.

— Vou fazê-las menores — disse enquanto entalhava. — Nosso cavalo não pode virar um burro.

— Como assim? — indagou João, da beira da estrada.

— Ora, um cavalo tem orelhas maiores do que as de um homem. Um burro tem orelhas maiores do que as de um cavalo — explicou Bizu.

— Então, se minhas orelhas fosse mais longas, eu poderia ser um cavalo? — perguntou João.

— Meu amigo — disse Bizu —, você nunca será nada além do João Abobrão, não importa o tamanho das suas orelhas.

— Ah! — respondeu João, balançando a cabeça. — Acho que entendi.

— Se entendeu, você é mesmo incrível — observou o garoto. — Também não há problema nenhum em você *achar* que entendeu. Pronto, terminei as orelhas. Segure o cavalo enquanto eu as prendo nele, por favor.

— Certamente, se você me ajudar a ficar em pé — disse João.

Bizu ergueu Abobrão e ambos se dirigiram até o cavalo. João segurou a cabeça do Cavalete enquanto o garoto fazia dois furos para encaixar as orelhas nela com sua faca.

— Ficaram tão boas que ele está até mais bonito — disse João, admirando.

Tais palavras, pronunciadas próximas do Cavalete, foram as primeiras que ele ouviu na vida. O animal ficou tão arredio que

saltou para a frente e derrubou Bizu para um lado e João para o outro. Ao mesmo tempo, avançava e se assustava com o barulho de seus próprios passos.

— Eia! — exclamou Bizu, aprumando-se. — Eia! Seu idiota, eia!

O Cavalete provavelmente não daria atenção ao comando, mas bem nessa hora pisou num buraco de marmota e caiu de pernas pro ar. Ficou ali, tombado de costas, movendo freneticamente as quatro patas.

Bizu correu até ele.

— Tenho que admitir que você é um exemplar bem pitoresco de cavalo! — exclamou. — Por que não parou quando gritei “Eia”?

— “Eia” quer dizer pare? — perguntou o Cavalete, surpreso, ao virar os olhos em direção ao garoto.

— É claro — respondeu Bizu.

— E um buraco no chão também quer dizer para parar? — continuou o cavalo.

— Sem dúvida. A não ser que você seja capaz de pular por cima dele — disse Bizu.

— Que lugar mais estranho! — a criatura exclamou, como se estivesse atônita. — O que estou fazendo aqui, afinal?

— Ora, eu trouxe você à vida — respondeu o garoto. — Mas se você prestar atenção e fizer o que eu mandar, não vai se machucar.

— Pois farei o que você mandar — respondeu o Cavalete, humildemente. — Por favor, me explique o que aconteceu comigo um instante atrás. Parece que não estou na posição correta.

— Você está de cabeça pra baixo — explicou Bizu. — Mantenha suas pernas paradas para que eu vire você para o lado certo.

— Quantos lados eu tenho? — perguntou a criatura, maravilhada pela descoberta.

— Vários — disse Bizu, brevemente. — Mantenha suas pernas paradas.

O Cavalete permaneceu imóvel com suas pernas rígidas. Depois de muito esforço, Bizu conseguiu rolar aquele ser e colocá-lo em pé.

— Ah, agora parece que estou direito — suspirou o estranho animal.

— Uma de suas orelhas se quebrou — disse Bizu, depois de um exame cuidadoso. — Terei de fazer uma nova.

Assim, levou o Cavalete para perto de onde João se esforçava em vão para se levantar. Ajudou o Abobrão a ficar de pé, entalhou uma orelha nova e a fixou na cabeça do cavalo.

— Agora — disse o garoto para sua montaria —, preste atenção no que vou dizer: “Eia!” quer dizer “pare”. “Vamos!” significa “ande”. “Trote!” quer dizer ir o mais rápido que puder. Entendeu?

— Acredito que sim — respondeu o cavalo.

— Muito bem. Faremos uma jornada até a Cidade Esmeralda para ver Sua Majestade, o Espantalho. João Abobrão irá montado em você para que não desgaste suas juntas.

— Não tem problema — disse o Cavalete. — O que for bom para você, será bom para mim.

Em seguida, Bizu ajudou João a montar no cavalo.

— Segure firme — avisou — ou vai cair e rachar sua cabeça de abóbora.

— Isso seria terrível! — disse João, estremecendo. — O que é que eu devo segurar?

— Ora, segure nas orelhas dele — respondeu Bizu, depois de hesitar por um momento.

— Não faça isso! — protestou o Cavalete. — Senão não ouvirei nada.

Isso parecia lógico, e Bizu precisou pensar em uma alternativa.

— Vou dar um jeito nisso! — o garoto disse, depois de algum tempo.

Entrou na floresta e cortou um galho de uma árvore jovem e forte. Depois, afiou uma das pontas e fez outro furo no Cavalete, dessa vez bem atrás da cabeça. Em seguida, trouxe uma pedra da estrada e martelou o suporte firmemente nas costas do animal.

— Pare! Pare! — exclamou o cavalo. — Você está me sacudindo demais!

— Isso machuca? — perguntou o garoto.

— Não exatamente — respondeu o animal —, mas ser sacudido me deixa muito nervoso.

— Bem, está pronto — disse Bizu, num alento. — Agora, João, assegure-se de que o suporte está firme o suficiente. Segure-se nele. Assim você não vai cair e nem acabar com a cabeça esmagada.

João segurou firme e Bizu disse ao cavalo:

— Vamos!

A criatura obediente começou a andar, balançando de um lado para o outro à medida que levantava seus pés do chão.

Bizu caminhava ao lado do Cavalete, muito satisfeito com o novo membro de seu grupo. Logo passou a assobiar.

— O que significa esse som? — perguntou o cavalo.

— Não é nada — disse o menino. — Só estou assobiando porque me sinto muito satisfeito neste momento.

— Eu também assobiaria se pudesse juntar meus lábios — observou João. — Meu caro pai, parece que infelizmente sou falho em alguns aspectos.

Depois de percorrerem certa distância, o caminho estreito que seguiam abriu-se em uma estrada larga, pavimentada com ladrilhos amarelos. Ao lado da estrada, uma placa anunciava:

“QUINZE QUILÔMETROS PARA A CIDADE ESMERALDA”

Já estava ficando escuro. Bizu decidiu acampar, dormir e retomar a jornada na manhã seguinte quando o sol raiasse. Levou o Cavalete até um local no qual cresciam diversas árvores de copas robustas e, cuidadosamente, ajudou Abobrão a descer da montaria.

— Acho que vou deixar você no chão esta noite — disse o garoto. — É mais seguro.

— E quanto a mim? — perguntou o Cavalete.

— Se ficar parado, não vai se machucar — respondeu Bizu. — Já que você não pode dormir, fique de vigia e avise caso alguém se aproxime para nos perturbar.

Assim, o garoto se esticou sobre a grama ao lado do Abobrão. Cansado pela longa jornada, caiu no sono em instantes.

A CAVALGADA DE JOÃO ABOBRÃO ATÉ A CIDADE ESMERALDA

Ao nascer do dia, Abobrão acordou Bizu. O menino esfregou os olhos, banhou-se em um riacho e, depois, fez seu desjejum com uma porção do pão e do queijo que carregava consigo.

— Vamos partir imediatamente. Quinze quilômetros é uma distância e tanto, mas devemos chegar à Cidade Esmeralda ao meio-dia, se não tivermos mais incidentes — disse o garoto.

Assim, Abobrão foi novamente colocado sobre as costas do Cavalete e eles seguiram viagem.

Bizu percebeu que a tonalidade púrpura da grama e das árvores ganhou, pouco a pouco, um tom azul pálido. Depois de algum tempo, o azul assumiu tons esverdeados que se tornaram mais vivos à medida que eles se aproximavam da grande cidade que o Espantalho governava.

O pequeno grupo ainda não tinha caminhado três quilômetros quando um rio largo e caudaloso cortou a estrada de ladrilhos amarelos. Bizu buscava uma solução para superar o obstáculo. Depois de algum tempo, avistou um homem que se aproximava em uma balsa, vindo da outra margem do rio.

Quando o homem chegou até onde eles estavam, Bizu perguntou:

— Você pode nos levar até o outro lado?

— Sim, se vocês tiverem dinheiro — respondeu o balseiro, cujo rosto parecia zangado e de poucos amigos.

— Mas não tenho dinheiro nenhum — disse Bizu.

— Nadica de nada? — questionou o homem.

— Nadica de nada — respondeu o garoto.

— Não irei acabar com as minhas costas só pra levar vocês até lá — disse o balseiro, decidido.

— Que bom homem! — comentou Abobrão, sorrindo.

O balseiro o encarou, mas não disse nada. Bizu ainda raciocinava, pois era uma grande frustração descobrir que sua jornada chegava subitamente ao fim.

— Preciso chegar à Cidade Esmeralda — ele disse ao balseiro. — Mas como posso cruzar o rio se você não quer me levar?

O homem riu, e não era uma risada das boas.

— Seu cavalo de madeira flutua — ele disse. — Você pode cavalgá-lo na travessia. Já quanto ao idiota com cabeça de abóbora, que afunde ou nade. Não vai fazer diferença.

— Não se preocupe comigo — disse João, sorrindo com prazer para o desagradável balseiro. — Estou certo de que flutuarei com classe.

Bizu pensou que valia a pena tentar. O Cavalete não sabia o significado da palavra perigo e não ofereceu resistência. O garoto o levou até a água e saltou em suas costas. João os seguiu, ignorando o problema em seus joelhos. Agarrou o rabo do cavalo para manter sua cabeça de abóbora para fora da água.

— Agora — disse Bizu, instruindo o Cavalete —, se você mexer suas pernas talvez consiga nadar. Se nadar, provavelmente alcançaremos o outro lado.

De imediato o Cavalete começou a mexer suas pernas, que agora agiam como remos. Ele levou nossos aventureiros lentamente até o lado oposto do rio. A travessia foi tão bem-sucedida que, em pouco tempo, já estavam na outra margem, molhados sobre a grama fresca.

As calças e os sapatos de Bizu estavam completamente encharcados. O Cavalete flutuou de forma tão perfeita que, dos joelhos para cima, o garoto estava totalmente seco. Já quanto ao Abobrão, cada fiapo de sua roupa deslumbrante gotejava.

— O sol nos secará — disse Bizu. — No final das contas, mesmo sem a ajuda do balseiro, atravessamos em segurança.

— Até que eu gostei de nadar — observou o cavalo.

— Eu também — acrescentou João.

Voltaram à estrada de ladrilhos amarelos, que era a continuação da estrada interrompida do outro lado. Assim, Bizu colocou mais uma vez o Abobrão sobre as costas do Cavalete.

— Vamos cavalgar rápido — disse o garoto —, assim o vento vai secar as suas roupas em pouco tempo. Vou correndo atrás de vocês enquanto seguro no rabo do cavalo.

— Então o cavalo precisa marchar — disse João.

— Darei o meu melhor — respondeu o Cavalete, alegremente.

Bizu agarrou a ponta do galho que servia como rabo e bradou:

— Vamos!

O cavalo começou num bom ritmo e Bizu os seguiu. Não demorou e ele decidiu que podiam ir mais rápido, então exclamou:

— Trote!

O Cavalete se lembrou que essa palavra era o comando para correr o mais rápido que conseguisse. Disparou a balançar pela estrada em um ritmo intenso. Bizu sofria para acompanhá-lo. Teve de correr como jamais o fizera em toda a sua vida.

Não demorou para ficar sem fôlego. Queria gritar “Eia!” para o cavalo, mas estava tão ofegante que era praticamente impossível fazer a palavra passar por sua garganta. Por fim, a ponta do rabo em que se agarrava, não sendo nada além de um galho morto, se quebrou e, no instante seguinte, o garoto rolava na poeira da estrada. O cavalo e seu cavaleiro com cabeça de abóbora continuaram em disparada até desaparecerem de sua vista.

Bizu finalmente se levantou e limpou a poeira da garganta. Quando voltou a ser capaz de dizer “Eia!”, já não havia mais necessidade. O cavalo não poderia mais ouvi-lo.

A única coisa sensata a fazer era sentar-se e dar uma boa descansada. Algum tempo depois, voltou a caminhar.

“Certamente irei alcançá-los em algum momento”, pensou. “A estrada termina nos portões da Cidade Esmeralda. Eles não poderão ir além do portão.”

Enquanto isso, João segurava firme no suporte e o Cavalete seguia impetuosamente pela estrada, como um maratonista. Nenhum deles percebeu que Bizu tinha ficado para trás.

Enquanto cavalgava, João percebeu que as árvores e a grama assumiram uma cor esmeralda brilhante, o que o fez supor que se

aproximavam da Cidade Esmeralda antes mesmo fosse possível enxergar o domo do palácio.

Não demorou e um grande muro de pedra verde, cravejado de esmeraldas, surgiu diante deles. Temendo que o Cavalete não tivesse conhecimento o suficiente para parar, o que os esmagaria contra a parede, João arriscou gritar “Eia!” o mais alto que conseguiu.

Sua ordem foi atendida tão prontamente que, se não fosse pelo bastão de suporte, a cabeça de João seria lançada para a frente e seu belo semblante estaria arruinado.

— Foi uma cavalgada e tanto, meu caro pai! — exclamou.

Sem resposta, voltou-se para trás e descobriu, pela primeira vez, que Bizu não estava mais lá.

A aparente deserção encafifou Abobráo. Enquanto se perguntava o que teria acontecido com o menino e qual seria sua próxima ação sob circunstâncias tão desafiadoras, o portão verde se abriu e de lá apareceu um homem.

Era uma pessoa pequena e redonda, com uma cara gorducha que transparecia uma tremenda cordialidade. Estava todo vestido de verde, com um chapéu alto e pontudo e óculos verdes. Curvou-se diante de Abobráo e disse:

— Sou o Guardião dos Portões da Cidade Esmeralda. Permita-me indagar quem são vocês e o que os traz aqui?

— Meu nome é João Abobráo — respondeu o outro, sorridente.
— Quanto ao que me traz aqui, não tenho a menor ideia do que seja.

Perplexo, o Guardião dos Portões meneou a cabeça, insatisfeito com a resposta.

— O que você é? Homem ou abóbora? — perguntou polidamente.

— Os dois, se lhe agrada — respondeu João.

— E este cavalo de madeira... está vivo? — questionou o Guardiã.

O cavalo girou o nó de um olho para cima e piscou para João. Empinou e largou uma das patas sobre os dedos do Guardiã.

— Ai! — exclamou o homem. — Me desculpe pela pergunta. Sua resposta me convenceu. Você tem alguma incumbência na Cidade Esmeralda, meu senhor?

— Parece que tenho — respondeu o Abobrão, seriamente —, mas não faço ideia de qual seja. Meu pai sabe tudo sobre isso, porém não está aqui.

— Este é um caso estranho, muito estranho! — declarou o Guardiã. — Vocês parecem inofensivos. As pessoas não sorriem tão abertamente quando querem causar danos.

— Quanto a isso — disse João —, não posso conter meu sorriso, pois foi entalhado em meu rosto com um canivete.

— Bem, venham até a minha sala — retomou o Guardiã. — Veremos o que é possível fazer por vocês.

João cavalgou o Cavalete pelo portão até uma pequena sala construída no muro. O Guardiã puxou o cordão de uma sineta e logo um soldado muito alto, trajado com um uniforme verde, entrou pela porta oposta. O homem portava uma grande arma verde sobre seu ombro e tinha um adorável bigode que descia até os joelhos. O Guardiã imediatamente se dirigiu a ele:

— Eis aqui um estranho cavalheiro que não sabe por que veio à Cidade Esmeralda, nem o que deseja. Diga-me, o que faremos com ele?

O Soldado de Bigode Verde encarou João com muita curiosidade e atenção. Finalmente, balançou a cabeça de maneira tão positiva que pequenas ondas agitaram seu bigode. Em seguida, decidiu:

— Vou levá-lo para Sua Majestade, o Espantalho.

— Mas o que Sua Majestade, o Espantalho, fará com ele? — perguntou o Guardião dos Portões.

— Isto é assunto de Sua Majestade — respondeu o soldado. — Eu já tenho problemas demais. Todos os problemas externos devem ser encaminhados para Sua Majestade. Portanto, coloque os óculos neste camarada e eu o levarei até o Palácio Real.

O Guardião abriu sua grande caixa de óculos e procurou um par que se encaixasse nos grandes olhos redondos de João.

— Não tenho óculos no estoque capazes de cobrir esses seus olhos — disse o homenzinho, suspirando. — Sua cabeça é tão grande que eu teria de amarrar os óculos em você.

— Mas por que eu preciso de óculos? — perguntou João.

— É o nosso costume — disse o soldado. — Eles impedem que você fique cego pelo resplendor e brilho da deslumbrante Cidade Esmeralda.

— Ah! — exclamou João. — Pode amarrar, então. Não quero ficar cego.

— Nem eu! — interrompeu o Cavalete.

Um par de óculos verdes foi rapidamente fixado sobre os nós saltados que lhe serviam de olhos.

Depois, eles foram conduzidos até o portão interno que se abria para a rua principal na magnífica Cidade Esmeralda.

Gemas verdes reluzentes ornamentavam as fachadas das lindas casas. As torres tinham paredes com esmeraldas. O pavimento de mármore verde cintilava com pedras preciosas e era, de fato, um grande e maravilhoso vislumbre para alguém que observava aquilo pela primeira vez.

No entanto, Abobrão e o Cavalete, não sabendo nada sobre riqueza ou beleza, prestaram pouca atenção à maravilhosa vista que os óculos verdes proporcionavam. Seguiram calmamente o Soldado de Bigode Verde e mal notaram as multidões de pessoas verdes que os encaravam embasbacados. Quando um cachorro verde latiu e avançou para eles, o Cavalete deu-lhe um coice com sua perna de madeira e mandou o animalzinho uivando para dentro de uma das casas. Nada mais sério do que isso aconteceu enquanto se dirigiam ao Palácio Real.

O Abobrão queria seguir a cavalo nos degraus de mármore verde que levaram diretamente à presença do Espantalho, mas o soldado não permitiu. João desmontou com muita dificuldade. Depois, uma ajudante conduziu o Cavalete pelos fundos do palácio enquanto Abobrão foi escoltado para dentro, pela entrada da frente.

Ele foi deixado em uma sala de espera elegantemente mobiliada. Nesse meio-tempo, o soldado foi anunciá-lo. Por sorte, Sua Majestade estava sem fazer nada. Entediado, buscava algo para se

distrair. Por isso, ordenou que seu visitante se apresentasse imediatamente na Sala do Trono.

João não sentiu medo ou constrangimento ao encontrar o governante da magnífica cidade, pois era completamente ignorante dos costumes do mundo. Porém, ao entrar na sala e ver pela primeira vez Sua Majestade, o Espantalho, em seu trono brilhante, estancou de repente, maravilhado.

SUA MAJESTADE, O ESPANTALHO

Suponho que cada leitor deste livro saiba o que é um espantalho. João Abobrão, porém, nunca tinha visto nada igual. Ficou mais surpreso em encontrar o notável monarca da Cidade Esmeralda do que qualquer outra experiência em sua curta vida.

Sua Majestade, o Espantalho, vestia uma roupa de tecido azul desbotado e sua cabeça era apenas um saquinho recheado com palha. Seus olhos, orelhas, um nariz e uma boca tinham sido pintados de maneira grosseira para representar um rosto. As roupas, também preenchidas por palha, tinham formas tão desiguais e descuidadas que os membros de Sua Majestade pareciam mais irregulares do que o necessário. Suas mãos eram luvas com dedos longos estofados com algodão. Tufos de palha despontavam de seu manto de monarca. O mesmo acontecia em seu pescoço e na boca de suas botas. Sobre a cabeça, usava uma coroa de ouro pesada, cravejada de joias reluzentes, cujo peso fazia vincos em sua testa e lhe conferia uma expressão pensativa. De fato, a coroa, por si só, denotava majestade. Todo o resto do rei não passava de um simples espantalho: frágil e estranho.

Se a aparência de Sua Majestade era surpreendente para João, o mesmo sentia o Espantalho em relação ao Abobrão. Suas calças púrpuras, o colete rosa e a camisa vermelha pendurados folgadoamente sobre as juntas de madeira construídas por Bizu, o rosto entalhado com um sorriso perene, seu jeito desengonçado,

tudo passava a ideia de que essa figura considerava a vida a coisa mais alegre que se poderia imaginar.

Obviamente, Sua Majestade pensou que seu estranho visitante estivesse rindo dele e ficou inclinado a se ofender com tamanha liberdade. Mas não era sem razão que o Espantalho detinha a reputação de ser a personalidade mais sábia da Terra de Oz. Analisou detidamente seu visitante e não demorou a descobrir que as feições de João eram esculpidas de forma que ele não pudesse parecer sério mesmo que desejasse.

Depois de observar João por alguns minutos, o rei foi o primeiro a falar, maravilhado:

— De onde é que você apareceu e como é possível que esteja vivo?

— Peço desculpas a Vossa Majestade — respondeu o Abobrão —, mas não entendi a pergunta.

— O que você não entendeu? — perguntou o Espantalho.

— Ora, não entendi sua língua. Veja, eu venho do país dos cravins, portanto sou um estrangeiro.

— Ah, é claro! — exclamou o Espantalho. — Eu mesmo falo a língua dos miudins, que também é a língua da Cidade Esmeralda. Mas você, suponho, fala a língua dos abobrões?

— Exatamente, Vossa Majestade — replicou, curvando-se. — Será impossível um entender o que o outro diz.

— Certamente, é um infortúnio — disse o Espantalho, pensativo. — Precisaremos de um intérprete.

— O que é um intérprete? — perguntou João.

— Uma pessoa que entende tanto a minha quanto a sua língua. Quando eu disser algo, ele dirá a você o que eu quis dizer. Quando você disser algo, ele me dirá o que você quis dizer. O intérprete pode entender e falar em ambas as línguas.

— Mas que coisa inteligente! — disse João, exultante pela solução ter sido encontrada de modo tão prático.

O Espantalho mandou o Soldado de Bigode Verde convocar imediatamente dentre seu povo alguém que entendesse a língua dos cravins tão bem como a língua da Cidade Esmeralda.

— Não quer uma cadeira enquanto esperamos?

— Vossa Majestade se esquece de que não posso entendê-lo — respondeu Abobão. — Se deseja que eu me sente, faça um sinal para que eu entenda seu pedido.

O Espantalho desceu do trono e empurrou uma poltrona até as costas do Abobão. Depois, sem aviso, deu um empurrão em João, que caiu estatelado sobre as almofadas de um modo muito esquisito. Ele se dobrou igual a um canivete e ficou todo atrapalhado.

— Você entendeu esse sinal? — perguntou Sua Majestade, educadamente.

— Perfeitamente — declarou João.

Levantou os braços para virar sua cabeça para a frente, pois a abóbora girou em volta do bastão que a apoiava.

— Parece que fizeram você com pressa — observou o Espantalho, vendo os esforços de João para se endireitar.

— Não mais do que Vossa Majestade — foi a resposta sincera.

— É uma das diferenças entre nós — disse o Espantalho. — Eu me curvo, mas não me quebro; você quebra, mas não se curva.

Nesse momento, o soldado regressou trazendo uma jovem pela mão. Parecia ser muito doce e modesta, um rosto lindo, belos olhos e cabelos verdes. Um delicado vestido de seda verde chegava até seus joelhos, revelando meias de seda com vagens de ervilhas bordadas e chinelas de cetim verde decorados com maços de alface no lugar dos arcos e fivelas. Usava um casaquinho alegre salpicado com esmeraldas cintilantes e seu cinto de seda tinha folhas de trevo bordadas.

— Ora, é a pequena Jelli Jell! — exclamou o Espantalho, ao que a dama verde curvou sua bonita cabeça diante dele. — Você entende a língua dos cravins, minha querida?

— Sim, Vossa Majestade — ela respondeu. — Nasci nas terras do norte.

— Então você será nossa intérprete — disse o Espantalho. — Traduza para este Abobrão tudo o que eu disser e, também, tudo o que *ele* disser. Este arranjo é satisfatório? — perguntou, voltando-se em direção ao seu convidado.

— Muito satisfatório — foi a réplica.

— Então pergunte a ele, para começar — retomou o Espantalho, virando-se para Jelli —, o que o trouxe para a Cidade Esmeralda.

Em vez disso, a garota, que não tirava os olhos de João, disse:

— Você é uma criatura absolutamente maravilhosa. Quem fez você?

— Um garoto chamado Bizu — respondeu João.

— O que ele disse? — indagou o Espantalho. — Minhas orelhas devem estar me enganando. O que ele disse?

— Ele disse que os miolos de Vossa Majestade parecem estar soltos — respondeu a garota.

O Espantalho se acomodou inquieto no trono e tateou sua cabeça com a mão esquerda.

— Que coisa boa é entender duas línguas diferentes — ele disse, com um suspiro perplexo. — Pergunte a ele, minha querida, se ele faz alguma objeção em ser colocado na cadeia por insultar o governante da Cidade Esmeralda.

— Eu não insultei você! — protestou João, indignado.

— Na-na! — alertou o Espantalho. — Espere até Jelli traduzir o que eu disse. Para que nós precisamos de uma intérprete se você interrompe desse jeito abrupto?

— Tudo bem, vou esperar — respondeu o Abobrão, em tom ríspido, ainda que seu rosto sempre sorrisse. — Traduza a fala, minha jovem.

— Sua Majestade pergunta se está com fome — disse Jelli.

— Ah, nem um pouco! — respondeu João, mais agradável. — Para mim, comer é impossível.

— É a mesma coisa comigo — observou o Espantalho. — O que ele disse, querida Jelli?

— Ele perguntou se você está ciente de que um de seus olhos é pintado maior do que o outro — respondeu a garota, maliciosamente.

— Não acredite nela, Vossa Majestade! — exclamou João.

— Ah, eu não acredito — respondeu o Espantalho, calmamente.

Então, lançando um olhar afiado para a garota, perguntou:

— Tem certeza mesmo de que entende a língua dos cravins e a dos miudins?

— Muita certeza, Vossa Majestade — disse Jelli Jell, esforçando-se bastante para não rir diante da realza.

— Então como é parece que eu mesmo entendo o que ele diz? — indagou o Espantalho.

— Porque ambas as línguas são iguais! — declarou a garota, agora rindo alegremente. — Vossa Majestade não sabia que só há uma única língua em toda a Terra de Oz?

— É mesmo? — perguntou o Espantalho, muito aliviado com a notícia. — Então eu mesmo poderia ter sido meu próprio intérprete!

— Foi tudo minha culpa, Vossa Majestade — disse João, parecendo um tanto idiota. — Imaginei que nossas línguas fossem diferentes, já que viemos de países diferentes.

— Tome isso como um aviso para que você nunca pense — respondeu o Espantalho, severamente. — A não ser que alguém possa pensar com sabedoria, é melhor que permaneça um bobo... o que você quase certamente é.

— Eu sou! Disso eu tenho certeza! — concordou Abobrão.

— Parece — continuou o Espantalho, mais ameno — que seu fabricante desperdiçou algumas boas tortas para criar um homem indiferente.

— Asseguro a Vossa Majestade que não pedi a ele que me criasse
— respondeu João.

— Ah, comigo também foi assim! — disse o rei, simpático. —
Então, já que somos diferentes das pessoas comuns, vamos ser
amigos.

— Meu coração palpita! — exclamou João.

— O quê? Você tem coração? — perguntou o Espantalho,
surpreso.

— Não. É apenas imaginação... ou melhor, uma figura de
linguagem — disse o outro.

— Bem, sua figura mais proeminente parece ser uma figura de
madeira. Preciso pedir encarecidamente para você restringir sua
imaginação. Sem miolos, você não tem o direito de exercitá-la —
avisou o Espantalho.

— É claro! — disse João, sem entender patavina.

Sua Majestade dispensou Jelli Jell e o Soldado de Bigode Verde.
Depois que saíram, ele e seu novo amigo foram ao pátio jogar uma
partida de malha.

O EXÉRCITO REBELDE DA GENERAL JENJEE

Ansioso para se reunir com João e o Cavalete, Bizu andou metade da distância até a Cidade Esmeralda sem parar para descansar. Percebeu que estava com fome, mas também lembrou que havia comido todo o pão e o queijo.

Enquanto se perguntava o que fazer nessa emergência, aproximou-se de uma garota sentada à beira da estrada. O traje que ela vestia impressionou o garoto por ser de um brilho admirável: sua cinta de seda verde-esmeralda e sua saia de quatro cores distintas: azul na frente, amarelo à esquerda, vermelho atrás e púrpura do lado direito. Quatro botões prendiam a cinta na frente: de cima para baixo eram azul, amarelo, vermelho e, o último, púrpura.

O esplendor do vestido era quase selvagem. Por isso, Bizu foi plenamente desculpado por encará-lo por alguns momentos antes que seus olhos fossem atraídos pelo lindo rosto logo acima. Sim, o rosto era extremamente belo, ele classificou. Sua expressão, porém, era de descontentamento com uma sombra de desafio ou audácia.

A garota olhou para ele calmamente. Havia uma cesta de lanches ao lado dela, que tinha um delicioso sanduíche em uma mão e um ovo cozido na outra. Seu apetite era evidente, o que despertou a simpatia de Bizu.

Quando estava prestes a pedir um pouco da refeição, a garota se levantou e bateu as migalhas de seu avental.

— Pronto! — ela disse. — Já deu a minha hora. Carregue esta cesta para mim e sirva-se com o que sobrou dentro dela, se estiver com fome.

Bizu tomou a cesta todo afobado e começou a comer. Seguiu a estranha garota em silêncio, sem incomodá-la ou fazer perguntas. Ela ia à sua frente a passos rápidos. Havia nela um ar decidido e importante que o fez suspeitar que ela era alguma personalidade.

Finalmente, depois de matar sua fome, emparelhou ao lado dela acompanhando seu caminhar rápido — não era uma tarefa fácil, pois ela era muito mais alta do que ele e, evidentemente, estava com pressa.

— Muito obrigado pelos sanduíches — disse Bizu, esbaforido. — Posso perguntar seu nome?

— Sou a General Jenjee — respondeu de pronto.

— Ah! — disse o garoto, surpreso. — Que tipo de general?

— Eu comando o Exército da Rebelião nesta guerra — respondeu a General, com uma rudeza desnecessária.

— Ah! — ele exclamou de novo. — Eu não sabia que havia uma guerra.

— Nem deveria saber — E acrescentou, orgulhosa. — É tudo segredo. Considerando que nosso exército é composto apenas por mulheres, é seguramente algo memorável que nossa rebelião ainda não tenha sido descoberta.

— Sim, de fato — Bizu concordou. — Mas onde está o exército?

— A um quilômetro daqui — disse a General Jenjee. — As forças foram reunidas de todas as partes da Terra de Oz, segundo minhas ordens. Este é o dia em que conquistaremos o trono de Sua Majestade, o Espantalho. Ele será deposto. O Exército Rebelde aguarda a minha chegada para marchar até a Cidade Esmeralda.

— Esta é certamente uma coisa surpreendente — declarou Bizu, tomando um bom fôlego. — Posso perguntar por que vocês querem conquistar o trono de Sua Majestade, o Espantalho?

— Porque a Cidade Esmeralda tem sido governada por homens há tempo demais, só por isso — disse a garota. — Além do mais, a cidade cintila com lindas gemas que ficariam melhor em anéis, braceletes e colares. Eles têm dinheiro suficiente no tesouro do rei para comprar uma dúzia de vestidos novos para cada garota em nosso Exército. Pretendemos conquistar a cidade e comandar o governo para melhor servirmos a nós mesmas.

Jenjee declarou seu plano com tal avidez e decisão que era claro que falava sério.

— Mas guerra é uma coisa terrível — disse Bizu, pensativo.

— Esta guerra será agradável — respondeu a garota, alegremente.

— Muitas de vocês serão mortas! — continuou o garoto, com uma voz amedrontada.

— Ah, não — disse Jenjee. — Que homem poderia se opor a uma garota ou ousar lhe fazer mal? Não existe sequer um rosto feio em todo o meu exército.

Bizu riu.

— Talvez você esteja certa — ele disse. — Mas o Guardião dos Portões é considerado um sujeito fiel e o exército do rei não vai deixar a cidade ser conquistada sem uma luta.

— O exército é velho e fraco — respondeu com desprezo a General. — Seu poder tem sido usado apenas para fazer crescer seu bigode. Quando o magnífico Mágico reinava, o Soldado de Bigode Verde formava um Exército Real, pois as pessoas temiam Oz. Agora, ninguém tem medo do Espantalho, então seu exército não conta muito em tempos de guerra.

Depois dessa conversa, continuaram em silêncio. Logo alcançaram uma clareira larga na floresta, onde quatrocentas jovens mulheres se reuniam. Riam e conversavam tão alegremente que a cena se parecia mais com um piquenique do que com um acampamento de guerra.

Dividiam-se em quatro pelotões. Bizu percebeu que todas se vestiam como a General Jenjee. A única diferença real era que, enquanto as garotas do país dos miudins usavam faixas azuis na parte da frente de suas saias, aquelas do país dos fraqins usavam faixas vermelhas, as do país dos mansins, amarelas e as garotas cravins, púrpuras. Todas tinham cintos verdes, representando a Cidade Esmeralda que tinham a intenção de conquistar. O botão superior de cada cinto indicava a cor do país de onde vinha cada uma delas. Os uniformes eram alegres e apropriados, criando um conjunto interessante quando reunidos.

Bizu observou que o estranho exército não portava nenhum tipo de armas. Mas nisso ele estava errado. Cada garota trazia duas agulhas de tricotar, longas e reluzentes, para prender o coque atrás da cabeça delas.

A General Jenjee imediatamente subiu no cepo de uma árvore e se dirigiu ao seu exército:

— Amigas, concidadãs e garotas! — bradou. — Estamos prestes a começar nossa grande rebelião contra os homens de Oz! Marcharemos para conquistar a Cidade Esmeralda e destronar o Espantalho Rei. Teremos milhares de gemas fabulosas para saquear do tesouro real e dominar nossos antigos opressores!

— Viva! — gritaram aquelas que tinham escutado.

Bizu percebeu que a maior parte do exército estava muito ocupada com suas conversas e não prestou atenção às palavras da General.

O comando para marchar foi dado e as garotas se organizaram em quatro grupos. Assim, partiram entusiasmadas em direção à Cidade Esmeralda.

O garoto as seguiu. Ele carregava diversas cestas, embrulhos e pacotes que muitas delas deixaram aos seus cuidados. Não tardou a chegarem ao muro de granito verde da cidade. Pararam diante do portão.

O Guardião dos Portões saiu imediatamente e as observou com curiosidade, como se um circo tivesse chegado. Um molho de chaves balançava em torno de seu pescoço, pendurado por uma corrente dourada. Tinha as mãos em seus bolsos e não parecia sequer imaginar que toda a cidade estava ameaçada por rebeldes. Dirigiu-se cordialmente às garotas:

— Bom dia, minhas queridas! O que posso fazer por vocês?

— Renda-se imediatamente! — respondeu a General Jenjee, franzindo as sobrancelhas do modo mais terrível que seu lindo

rosto poderia permitir.

— Me render! — ecoou o homem, espantado. — Ora, isso é impossível. É contra a lei! Eu nunca ouvi uma coisa assim em toda a minha vida.

— Não importa. Você deve se render! — grunhiu a General. — Estamos nos rebelando!

— Não me parece que estejam — admirou-se o Guardião, olhando para cada uma delas.

— Mas estamos! — exclamou Jenjee e bateu os pés, impaciente. — Queremos conquistar a Cidade Esmeralda!

— Caramba! — respondeu o surpreso Guardião dos Portões. — Que ideia sem sentido! Voltem para suas mães, minhas boas garotas. Ordenhem as vacas e assem pães. Vocês não sabem que é uma coisa muito perigosa conquistar uma cidade?

— Não temos medo! — respondeu a General.

Ela parecia tão determinada que o Guardião se inquietou.

Então ele chamou o Soldado de Bigode Verde e, no minuto seguinte, se arrependeu desse ato. Imediatamente um bando de garotas o cercou. Elas tiraram as agulhas de tricô de seus coques e espetaram o Guardião com as pontas afiadas, próximas demais de suas bochechas gordas e seus olhos piscantes.

O pobre homem berrou alto por clemência e não resistiu quando Jenjee tirou o molho de chaves de seu pescoço.

Seguida por seu exército, a General correu até o portão, onde foi confrontada pelo Exército Real de Oz — que era outro nome para o Soldado de Bigode Verde.

— Parem! — exclamou e apontou sua longa arma diretamente para o rosto da líder.

Algumas das garotas gritaram e fugiram, mas a General Jenjee se manteve bravamente firme e disse, acusadora:

— Ora, como será isso? Você machucaria uma garota pobre e indefesa?

— Não — respondeu o Soldado. — Minha arma não está carregada.

— Não?

— Não. Eu tenho muito medo de acidentes. Até já me esqueci onde escondi a pólvora e a munição para carregá-la. Mas se você esperar só um pouquinho, posso tentar encontrá-las.

— Não se incomode — disse Jenjee, alegremente.

Em seguida, voltou-se para o seu exército e exclamou:

— Garotas, a arma não está carregada!

— Viva! — gritaram as rebeldes, satisfeitas com a boa notícia.

Então avançaram contra o Soldado de Bigode Verde em uma turba tão grande que pareceu um milagre não se espetarem umas às outras com as agulhas de tricô.

O Exército Real de Oz estava apavorado com as mulheres para se opor ao massacre. Ele simplesmente deu as costas e correu o mais rápido que podia pelo portão rumo ao Palácio Real. Foi assim que a General Jenjee e seu tropel invadiram a cidade desprotegida.

A Cidade Esmeralda foi tomada sem uma gota de sangue sequer. O Exército Rebelde havia se tornado o Exército das Conquistadoras!

O ESPANTALHO PLANEJA UMA ESCAPATÓRIA

Bizu se esgueirou das garotas e seguiu rapidamente atrás do Soldado de Bigode Verde. O exército invasor marchava pela cidade mais lentamente, porque parou para colher esmeraldas das paredes e pedras preciosas do pavimento com as pontas de suas agulhas. Assim, ambos alcançaram o palácio antes que a notícia da invasão se espalhasse.

O Espantalho e João Abobrão ainda jogavam malha no pátio quando foram interrompidos pela entrada abrupta do Exército Real de Oz, que chegou como um raio, sem chapéu nem arma, com roupas tristemente desarranjadas e sua longa pelagem flutuando por quase um metro atrás de si enquanto corria.

— Mais um ponto para mim — disse o Espantalho calmamente e acrescentou, dirigindo-se ao Soldado: — O que há de errado, homem?

— Ah! Vossa Majestade... Vossa Majestade! A cidade foi invadida! — arfou o Exército Real, totalmente sem fôlego.

— Isto é inesperado — disse o Espantalho. — Então, por favor, vá lacrar as portas e janelas do palácio enquanto eu mostro a este Abobrão aqui o que é uma boa partida de malha.

O Soldado se apressou a cumprir a ordem. Bizu, que havia chegado grudado nele, permaneceu no pátio para observar o Espantalho com olhos maravilhados.

Sua Majestade continuou a partida tranquilamente como se nenhum perigo ameaçasse seu trono. Abobão, porém, percebeu a presença de Bizu e caminhou devagar em direção ao garoto. Era o mais rápido que suas pernas de madeira permitiam.

— Boa tarde, nobre progenitor! — ele exclamou, encantado. — Fico feliz em ver que está aqui. Aquele terrível Cavalete acabou nos separando.

— Era o que eu suspeitava — disse Bizu. — Você não se machucou? Não se rachou nem nada?

— Não, cheguei em segurança — respondeu João. — Na verdade, Sua Majestade foi muito gentil comigo.

Então o Soldado de Bigode Verde voltou:

— Falando nisso, quem são os invasores? — perguntou o Espantalho.

— Um regimento de garotas vindas dos quatro cantos da Terra de Oz — respondeu o Soldado, ainda pálido de medo.

— Mas onde estava meu exército permanente numa hora dessas? — indagou Sua Majestade, encarando o Soldado.

— Seu exército permanente fugiu — respondeu o camarada, honestamente. — Nenhum homem seria capaz de encarar as terríveis armas dos invasores.

— Bem — disse o Espantalho, depois de um instante de reflexão —, não me importo muito com a perda do meu trono. É um trabalho cansativo governar a Cidade Esmeralda. A coroa também é tão pesada que minha cabeça até dói. Espero que as conquistadoras não tenham a intenção de me ferir só porque eu sou o rei.

— Eu as ouvi dizer — observou Bizu, com alguma hesitação — que pretendiam fazer um tapete de retalhos com suas roupas e estofar as almofadas dos sofás com seu recheio.

— Então estou realmente em perigo? — percebeu Sua Majestade.
— Acho que seria sábio de minha parte considerar os meios para uma fuga.

— Para onde você poderia ir? — perguntou João Abobráo.

— Ora, me refugiar com meu amigo, o Lenhador de Lata, que governa os mansins e se autointitula imperador — foi a resposta. — Estou certo de que ele me protegerá.

Bizu olhava pela janela.

— O palácio está cercado pelas inimigas — ele disse. — É tarde demais para escapar. Logo irão fazê-lo em pedaços.

O Espantalho suspirou:

— Em uma emergência — anunciou —, é sempre bom parar e refletir. Por favor, desculpem-me enquanto reflito.

— Nós também estamos em perigo — disse o Abobráo, ansioso.
— Se qualquer dessas garotas souber cozinhar, meu fim não está longe!

— Absurdo! — exclamou o Espantalho. — Estão ocupadas demais para cozinhar, mesmo que soubessem!

— No mínimo permanecerei aqui como prisioneiro por um bom tempo — protestou João. — Talvez eu até apodreça.

— Ah! Então você não será um bom aliado — respondeu o Espantalho. — O problema é mais sério do que eu suspeitava.

— Você — disse o Abobão, em tom melancólico — tem a possibilidade de viver por muitos anos. Minha vida é necessariamente curta. Por isso preciso aproveitar os poucos dias que me restam.

— Calma! Não se preocupe — respondeu o Espantalho, suavemente. — Se ficar em silêncio para eu pensar, encontrarei um meio para escaparmos.

Então todos esperaram pacientemente enquanto o Espantalho foi até um canto e ficou com o rosto voltado para a parede por uns bons cinco minutos. No fim, encarou os outros com a expressão mais contente que seu rosto pintado permitia.

— Onde está o Cavalete que o trouxe aqui? — perguntou ao Abobão.

— Ora, eu comentei que ele era uma joia e imediatamente seu homem o trancou no tesouro real — disse João.

— Foi o primeiro lugar que me veio à cabeça, Vossa Majestade — adicionou o Soldado, temendo ter feito alguma besteira.

— Gostei muito da sua solução — disse o Espantalho. — O animal foi alimentado?

— Ah, sim. Dei a ele um montão de serragem.

— Excelente! — exclamou o Espantalho. — Traga-o aqui imediatamente.

O Soldado de Bigode Verde se apressou. Logo eles ouviram o barulho de pernas de madeira sobre o piso enquanto o Cavalete era conduzido para o pátio.

Sua Majestade analisou criticamente a montaria.

— Não me parece especialmente gracioso! — observou, pensativo. — Suponho que não seja um bom corredor.

— É sim, de verdade — disse Bizu, olhando com admiração para o Cavalete.

— Então, com todos montados nele, talvez seja possível furar as fileiras rebeldes e fugir até meu amigo, o Lenhador de Lata — anunciou o Espantalho.

— Ele não pode carregar quatro! — protestou Bizu.

— Não, mas pode ser convencido a carregar três — disse Sua Majestade. — Portanto, devo abandonar meu Exército Real à própria sorte. Dada a facilidade com que foi vencido, tenho pouca confiança em sua força.

— Ele pode correr atrás de nós — declarou Bizu, rindo.

— Eu já esperava por isso — disse o Soldado, mal-humorado. — Mas vou sobreviver. Posso me disfarçar. Basta cortar meu amado bigode verde. Afinal, é melhor encarar aquelas garotas frenéticas do que cavalgar este cavalo de madeira impetuoso e indomado!

— Talvez você esteja certo — observou Sua Majestade. — De minha parte, como não sou um soldado, gosto de me arriscar. Agora, meu garoto, monte primeiro. Por favor, sente-se o mais próximo possível do pescoço do cavalo.

Bizu saltou rapidamente para seu lugar enquanto o Soldado de Bigode Verde e o Espantalho içavam Abobrão para sentar-se bem atrás do garoto. Sobrou tão pouco espaço para o rei que era possível que caísse assim que comesçassem a cavalgada.

— Pegue uma corda de varal — disse o rei ao seu Exército Real — e amarre todos nós juntos. Assim, se um cair, todos cairão.

Enquanto o Soldado foi atrás do varal, Sua Majestade continuou:

— É melhor eu tomar cuidado, pois minha própria existência está em perigo.

— Serei tão cuidadoso quanto você — disse João.

— Não exatamente — respondeu o Espantalho. — Se alguma coisa acontecer comigo, será o meu fim. Mas se algo acontecer a você, ao menos podem plantar suas sementes.

O Soldado retornou com uma corda longa e amarrou os três juntos, firmemente, no corpo do Cavalete. Agora havia um risco muito menor de caírem.

— Abram os portões — ordenou o Espantalho. — Vamos arrancar para a liberdade ou para a morte.

O pátio em que estavam ficava no centro do grande palácio, cercado por todos os lados. Em algum lugar havia a passagem que levava até um portão externo, que o Soldado havia bloqueado por ordem de seu soberano. Era por esse portão que Sua Majestade se propunha a escapar. O Exército Real agora conduziu o Cavalete pela passagem e destrancou o portão, que balançou para trás com um grande estrondo.

— Agora — disse Bizu para o cavalo —, você precisa nos salvar. Corra o mais rápido que puder e não deixe que nada nos impeça.

— Tá certo! — respondeu o Cavalete.

Mergulhou tão rápido que Bizu teve de arfar para respirar e segurar firmemente no suporte que ele mesmo havia encaixado no pescoço da criatura.

Muitas das garotas que guardavam o palácio do lado de fora foram nocauteadas pela louca disparada do Cavalete. Outras abriram passagem, gritando. Apenas uma ou duas usaram suas agulhas de tricô para pinicar os prisioneiros em fuga. Bizu levou uma picada no braço esquerdo, o que lhe rendeu uma hora de dor. As agulhas, porém, não tiveram efeito sobre o Espantalho ou João Abobão, que sequer suspeitaram que estavam sendo espetados.

O Cavalete fez uma passagem esplêndida. Empurrou um carrinho de frutas e alguns homens pacatos até que, finalmente, atropelou a nova Guardiã dos Portões — uma mulherzinha gorducha e espalhafatosa indicada pela General Jenjee.

O impetuoso corcel não parou por ali. Uma vez fora dos muros da Cidade Esmeralda, disparou pela estrada para o oeste. Seus saltos rápidos e violentos abalaram o fôlego do menino e deixaram o Espantalho perplexo.

João havia cavalgado nessa mesma toada insana da outra vez e sabia que precisava de todo o esforço para segurar, com as duas mãos, a sua cabeça de abóbora no lugar.

— Diminua! Diminua! — gritava o Espantalho. — Minha palha está descendo toda e minhas pernas estão inchando.

Bizu não tinha fôlego para falar, por isso o Cavalete continuou a disparada selvagem sem reduzir sua velocidade inabalável.

Logo chegaram à margem de um rio largo. Sem pestanejar, a montaria de madeira saltou na água e todos foram junto.

Um segundo depois, se debatiam, rolavam e espirravam água para todos os lados. O cavalo se esforçava desesperadamente para

apoiar os pés. Seus cavaleiros, que haviam mergulhado sob a forte correnteza, conseguiram subir para a superfície, como rolhas.

A JORNADA ATÉ O LENHADOR DE LATA

Bizu estava ensopado. A água escorria por todo o seu corpo. Mesmo assim, conseguiu se inclinar para a frente e gritar na orelha do Cavalete:

— Quietos, seu idiota! Fique quietos!

O cavalo de pronto parou de se agitar e boiou calmamente. Seu corpo de madeira flutuava como uma jangada.

— O que quer dizer “idiota”? — perguntou o cavalo.

— É um termo de reprovação — respondeu Bizu, meio envergonhado pela expressão. — Só uso essa palavra quando estou bravo.

— Então acho que vou chamar você de idiota também — disse o cavalo. — Não fui eu quem fez o rio, nem o coloquei no nosso caminho. Acredito que um termo de reprovação também é cabível para alguém que se irrita comigo por termos caído na água.

— Isso é bem verdade — respondeu Bizu. — Reconheço meu erro.

Então chamou pelo Abobão:

— Está tudo bem, João?

Não houve resposta. Então o garoto chamou pelo rei:

— Está tudo bem, Vossa Majestade?

O Espantalho gemeu.

— Estou todo errado, de certo modo — declarou com uma voz fraca. — Esta água é molhada demais!

A corda prendia Bizu tão firme que sequer podia virar a cabeça para olhar seus companheiros. Então pediu ao Cavalete:

— Reme com suas pernas em direção à margem.

O cavalo obedeceu. Ainda que o progresso fosse lento, finalmente alcançaram o lado oposto do rio em uma margem baixa o suficiente que permitia à criatura escalar para a terra firme.

O garoto se esforçou para alcançar sua faca na bolsa e cortou as cordas que prendiam os cavaleiros junto ao cavalo de madeira. Ouviu quando o Espantalho caiu no chão com um som esponjoso. Depois, desmontou rapidamente e procurou por seu amigo João.

O corpo de madeira, com sua maravilhosa roupa, permanecia sentado nas costas do cavalo. Da cabeça de abóbora, porém, sobrou apenas o bastão afiado que servia como pescoço. Quanto ao Espantalho, toda sua palha havia sido sacudida pelos trancos e se alojou na parte inferior de seu corpo — que agora parecia roliço e bojudado. A parte de cima estava murcha como um saco vazio. O Espantalho ainda usava a pesada coroa em sua cabeça, pois a mesma estava costurada para evitar que ele a perdesse. Sua cabeça estava tão ensopada e mole que o peso do ouro e das joias a dobraram para a frente, deixando seu rosto pintado com uma quantidade de rugas que lembrava exatamente uma ameixa seca.

Bizu teria gargalhado se não estivesse tão preocupado com João. O Espantalho, ainda que desfigurado, estava todo ali, enquanto a cabeça de abóbora tão necessária para a existência de João havia

sumido. O garoto pegou uma grande vara largada na margem e voltou ansiosamente para o rio.

Ao longe, sobre as águas, avistou a tonalidade dourada da abóbora, que sacudia tranquilamente para cima e para baixo ao sabor das ondas. Bizu precisou esperar um bom tempo para que ela boiasse mais para perto. Só então foi capaz de alcançá-la com a vara e trazê-la para a margem. Alçou-a cuidadosamente, enxugou a água do rosto de abóbora com seu lenço e correu com ela até o resto de João. Ao recolocar a cabeça sobre o pescoço, as primeiras palavras do socorrido foram:

— Nossa, que experiência assustadora! Será que a água faz as abóboras apodrecerem?

Bizu achou que não precisava responder. Ele sabia que o Espantalho também estava precisando de ajuda. Retirou com cuidado a palha do corpo e das pernas do rei e espalhou tudo pelo chão, para secar. Estendeu a roupa molhada sobre o corpo do Cavalete.

— Se a água estraga as abóboras — observou João, num longo suspiro —, então meus dias estão contados.

— Nunca ouvi dizer que água estraga as abóboras — respondeu Bizu. — Só se estiver fervendo. Se sua cabeça não rachou, meu amigo, você deve estar em perfeito estado.

— Ah, minha cabeça está inteira — declarou João, mais contente.

— Não se preocupe — retorquiu o garoto. — A preocupação matou o gato.

— Então — disse João —, fico muito feliz por não ser um gato.

O sol secava rapidamente as roupas. Bizu agitou a palha de Sua Majestade para que o calor dos raios absorvessem a umidade e devolvessem o frescor. Quando estava bem seca, Bizu preencheu o Espantalho com simetria e afofou seu rosto para que sua expressão voltasse a ser alegre e charmosa como sempre.

— Muito obrigado — disse o monarca, esfuziante, enquanto andava para testar seu equilíbrio. — Há muitas vantagens inusitadas em ser um Espantalho. Enquanto eu tiver amigos por perto para reparar meus danos, nada muito sério me acontecerá.

— Me pergunto se os raios quentes do sol são capazes de rachar as abóboras — disse João com certa ansiedade em sua voz.

— De jeito nenhum. Não mesmo! — respondeu o Espantalho, animado. — Tudo o que você precisa temer, meu caro, é a velhice. Quando sua juventude dourada decair é melhor partir imediatamente. Mas não se preocupe com isso. Quando avaliarmos que chegou sua hora, nós mesmos lhe avisaremos. Venham todos! Vamos retomar nossa jornada. Estou ansioso para cumprimentar meu amigo, o Lenhador de Lata.

Montaram todos novamente no Cavalete. Bizu segurava o suporte, o Abobrão agarrava Bizu, e o Espantalho tinha os dois braços em torno da forma de madeira de João.

— Vá devagar. O perigo da perseguição já acabou — disse Bizu para sua montaria.

— Tá certo! — respondeu a criatura, com uma voz um tanto rude.

— Você não está sendo meio xucro? — perguntou educadamente o Abobrão.

O Cavalete deu uma empinada nervosa e revirou um nó de olho na direção de Bizu.

— Olhe aqui — resmungou —, poderia me poupar dos insultos?

— É claro! — respondeu Bizu, suavemente. — Estou certo de que João não fez por mal. Não devemos discutir entre nós, sabe? Precisamos manter uma boa amizade.

— Não quero ter mais nada a ver com esse Abobrão — declarou o Cavalete, brutalmente. — Ele perde a cabeça muito fácil. Isso não combina comigo.

Como não houve nenhuma resposta, todos prosseguiram em silêncio por algum tempo.

Pouco depois, o Espantalho observou:

— Isto me lembra os velhos tempos. Foi nesta colina gramada que, uma vez, salvei Dorothy das abelhas negras da Bruxa Malvada do Oeste.

— Abelhas negras machucam abóboras? — perguntou João, olhando em volta com medo.

— Todas elas morreram, então não se preocupe — respondeu o Espantalho. — E aqui é onde Gume Machado destruiu os lobos cinzentos da Bruxa Malvada.

— Quem é Gume Machado? — perguntou Bizu.

— É o nome do meu amigo, o Lenhador de Lata — respondeu Sua Majestade. — E aqui é onde os Macacos Alados nos capturaram e nos levaram. Depois, fugiram com a pequena Dorothy — continuou, um pouco mais adiante.

— Macacos Alados comem abóboras? — perguntou João, com um calafrio de medo.

— Eu não sei. Você não precisa se preocupar. Os Macacos Alados agora estão livres. Glinda, a Boa, devolveu a boina dourada a eles para sempre — disse o Espantalho.

Após esse relato, o monarca recheado ficou perdido em seus pensamentos, relembrando os dias de aventuras passadas. O Cavalete continuou balançando e caminhando pelos campos semeados de flores, avançando com seus cavaleiros rapidamente pelo caminho.

Depois do crepúsculo, vieram as sombras negras da noite. Bizu parou o cavalo e todos desmontaram.

— Estou cansado — disse o garoto, bocejando. — A grama é macia e fresca. Vamos dormir aqui até de manhã.

— Não posso dormir — disse João.

— Eu nunca durmo — disse o Espantalho.

— Nem sei o que é dormir — disse o Cavalete.

— Ainda assim, devemos ter consideração pelo pobre garoto, que é feito de carne, sangue, ossos e cansaço — sugeriu o Espantalho, com seu costumeiro jeito pensativo. — Era a mesma coisa com a pequena Dorothy. Sempre tínhamos que nos sentar durante a noite para ela dormir.

— Desculpem — disse Bizu, humildemente —, mas não posso evitar. Também estou terrivelmente faminto!

— Ai ai ai... mais um perigo! — apontou João, pessimista. — Espero que você não aprecie comer abóboras.

— Não, apenas cozidas e em forma de tortas — respondeu o garoto, rindo. — Não precisa ter medo de mim, amigo João.

— Mas que covarde é esse Abobrão! — disse o Cavalete, rabugento.

— Você também seria um covarde se soubesse que pode se estragar — retrucou João, nervoso.

— Ei! Ei! — interrompeu o Espantalho. — Nada de discussão. Todos temos nossas fraquezas, meus caros. Vamos nos esforçar e cuidarmos uns dos outros. Já que o pobre garoto está faminto e por aqui não há nada para se comer, vamos ficar quietos e deixar que ele durma. Dizem que quando um mortal dorme, consegue se esquecer até da fome.

— Obrigado! — agradeceu Bizu. — A bondade de Vossa Majestade é tão grande quanto sua sabedoria, o que é uma boa combinação!

Por fim, o menino se esticou sobre a grama e usou a forma estufada do Espantalho como travesseiro. Caiu no sono em muito pouco tempo.

UM IMPERADOR NIQUELADO

Bizu acordou pouco depois do amanhecer. O Espantalho já tinha se levantado e colhido um bom punhado de frutas silvestres maduras dos arbustos próximos. O garoto as devorou como um farto desjejum. Pouco depois, o pequeno grupo retomou sua viagem.

Após uma hora de cavalgada, alcançaram o alto de uma colina, de onde avistaram a cidade dos mansins, com os domos do Palácio do Imperador erguendo-se acima das outras habitações mais modestas.

O Espantalho ficou muitíssimo animado e exclamou:

— Estou muito contente em ver meu velho amigo Lenhador de Lata outra vez! Espero que ele governe o seu povo com mais sucesso do que eu governava o meu!

— O Lenhador de Lata é o imperador dos mansins? — perguntou o cavalo.

— Sim, é claro. Eles o convidaram para governá-los logo depois que a Bruxa Malvada foi destruída. Por ter o melhor coração do mundo inteiro, estou certo de que Gume Machado se mostrou um imperador excelente e hábil.

— Achei que “imperador” fosse o título de alguém que comanda um império — disse Bizu. — O país dos mansins não passa de um reino.

— Não mencione isso ao Lenhador de Lata! — exclamou o Espantalho, francamente. — Pode machucar seus sentimentos. Ele é um homem orgulhoso e, sem dúvida, tem muitos motivos para ser. Sei que lhe agrada ser chamado de imperador em vez de rei.

— Para mim não fará diferença — respondeu o garoto.

O Cavalete agora trotava tão rápido que seus cavaleiros tiveram trabalho para se manter em suas costas. Por esse motivo houve pouca conversa até chegarem ao lado das escadarias do palácio.

Um mansim idoso, trajado em um uniforme de tecido prateado, se aproximou para ajudá-los a apear. O Espantalho disse para o homem:

— Leve-nos imediatamente a seu mestre, o imperador.

O homem mirou os componentes do grupo um a um, constrangido e, finalmente, respondeu:

— Terei que pedir a vocês que esperem. O imperador não está recebendo esta manhã.

— Como assim? — indagou o Espantalho, ansioso. — Espero que não tenha acontecido nada com ele.

— Ah, não. Nada sério — respondeu o homem. — Hoje é o dia do polimento de Sua Majestade. Neste momento, sua augusta presença está lambuzada por uma grossa camada de massa de polir metal.

— Ah, entendo! — exclamou o Espantalho, muito aliviado. — Meu amigo sempre teve inclinação para janota. Acredito que agora seja ainda mais orgulhoso de sua aparência pessoal.

— Ele está, de fato — disse o homem, saudando polidamente. — Nosso poderoso imperador recentemente decidiu ser niquelado.

— Caramba! — exclamou o Espantalho. — Se sua sabedoria tiver o mesmo polimento, ele deve estar realmente brilhante! Por favor, deixe-nos entrar. Estou certo de que o imperador nos receberá, mesmo em seu estado atual.

— O estado atual do imperador é sempre magnífico — disse o homem. — Eu o avisarei de sua chegada e receberei ordens a seu respeito.

Assim, o grupo seguiu o empregado até uma antessala esplêndida. O Cavalete trotou estranhamente atrás deles, sem saber que seria esperado que um cavalo permanecesse do lado de fora.

Os viajantes avançaram um tanto admirados pelo que viam à sua volta. Mesmo o Espantalho parecia impressionado enquanto examinava as ricas tapeçarias de fios prateados amarradas com nós e fixadas com pequenos machados de prata. Sobre uma bela mesa de centro repousava uma grande lata de óleo prateada, ricamente entalhada com cenas das aventuras passadas do Lenhador de Lata com Dorothy, o Leão Covarde e o Espantalho. Os contornos dos entalhes eram gravados em ouro amarelo sobre a prata. Nas paredes havia muitos retratos, com o do Espantalho na posição mais proeminente e pintado de maneira primorosa. Outra grande obra de arte ilustrava o famoso Mágico de Oz no ato de presentear o Lenhador de Lata com seu coração. Esse quadro cobria uma parede quase inteira da sala.

Enquanto os visitantes se deslumbravam em uma admiração silenciosa, de súbito ouviram uma voz alta na sala ao lado, exclamando:

— Ora! Ora! Ora! Mas que grande surpresa!

Então a porta se abriu num estrondo, e Gume Machado correu para o meio deles. Abraçou o Espantalho com tanto carinho e força que o amarrotou com várias dobras e vincos.

— Meu velho amigo! Meu nobre camarada! — exclamou o Lenhador de Lata, feliz. — Como estou contente em vê-lo de novo!

Libertou o Espantalho do abraço e segurou seus braços enquanto fitava atentamente seu querido rosto pintado.

Mas, ora só! O rosto do Espantalho e outras partes de seu corpo ficaram com grandes manchas de massa de polir. O Lenhador de Lata, tão empolgado em encontrar seu amigo, se esqueceu completamente de sua condição lambuzada e esfregou a grossa camada pastosa de seu próprio corpo em seu camarada.

— Poxa vida! — disse o Espantalho, tristemente. — Veja só que desastre eu estou!

— Não se preocupe, meu amigo — respondeu o Lenhador de Lata. — Vou mandá-lo para a lavanderia imperial e você voltará novo em folha.

— Não ficarei deformado? — perguntou o Espantalho.

— Claro que não! — foi a resposta. — Mas, diga-me, o que traz Vossa Majestade aqui? Quem são seus companheiros?

O Espantalho, muito polidamente, apresentou Bizu e João Abobão. Este último parecia estar bastante interessado no Lenhador de Lata.

— Admito que você não é muito substancial — disse o imperador —, mas é certamente fora do comum. Por isso, é digno de se tornar um membro de nossa seleta sociedade.

— Muito obrigado, Majestade — disse João, humildemente.

— Espero que esteja bem de saúde — continuou o Lenhador.

— No momento, sim — suspirou o Abobrão —, mas vivo em terror constante. Abomino o dia em que irei me estragar.

— Absurdo! — disse o imperador, em um tom amistoso e simpático. — Por favor, não apague o sol de hoje com as intempéries de amanhã. Antes que sua cabeça venha a se estragar, você poderá fazer uma conserva e, assim, ela ficará preservada indefinidamente.

Durante a conversa, Bizu olhava para o Lenhador com um encantamento indisfarçável. O celebrado imperador dos mansins era inteiramente composto por pedaços de lata soldados e rebitados juntos na forma de um homem. Ele chacoalhava e rangia um pouco quando se movia, mas, no conjunto, parecia ter sido construído de forma genial. Sua aparência só era arruinada pela grossa camada de massa de polimento que o cobria da cabeça aos pés.

O olhar atento do garoto despertou no Lenhador de Lata a sensação de que não estava na mais apresentável das condições. Ele pediu desculpas aos seus amigos e se retirou para seus aposentos, onde seus serviçais faziam o polimento. Não demorou, e quando o imperador retornou, seu corpo niquelado brilhava de forma tão magnífica que o Espantalho o congratulou calorosamente por sua aparência melhorada.

— Esse niquelado foi, confesso, uma ideia feliz — disse Gume. — Era algo necessário porque comecei a ficar, de algum modo, arranhado durante minhas aventuras. Vejam esta estrela entalhada do lado esquerdo do meu peito. Ela não indica apenas onde meu inacreditável coração está, mas cobre muito bem o remendo feito

pelo magnífico Mágico quando implantou o valioso órgão em meu peito com suas próprias mãos.

— Seu coração é algum instrumento musical? — perguntou o Abobão, curioso.

— De jeito algum — respondeu o imperador, com dignidade. — Estou convencido de que é um coração estritamente ortodoxo. Talvez seja um pouco maior e mais quente do que o da maioria das pessoas.

Em seguida, voltou-se para o Espantalho e perguntou:

— Seus súditos estão felizes e contentes, meu caro amigo?

— Eu não diria isso — foi a resposta. — As garotas de Oz se rebelaram e me expulsaram da Cidade Esmeralda.

— Caramba! — exclamou o Lenhador de Lata. — Que calamidade! Elas com certeza não reclamam de seu reinado sábio e benevolente, não é?

— Não. Mas afirmam que é um péssimo reinado unilateral — respondeu o Espantalho. — Elas dizem que os homens já governaram o reino por tempo demais. Por isso, invadiram minha cidade, roubaram o tesouro e todas as suas joias, e agora comandam tudo como bem entendem.

— Poxa vida! Que ideia extraordinária! — exclamou o imperador, apreensivo e maravilhado ao mesmo tempo.

— Ouvi algumas delas dizerem — comentou Bizu — que pretendem marchar até aqui e capturar o castelo e a cidade do Lenhador de Lata.

— Ah! Então não devemos dar tempo para que elas façam isso — disse o imperador, rapidamente. — Assim recuperaremos a Cidade

Esmeralda e colocaremos o Espantalho de volta ao seu trono.

— Estava certo de que você me ajudaria — observou o Espantalho com uma voz satisfeita. — Qual o tamanho do seu exército?

— Não precisamos de exército — respondeu o Lenhador. — Somos quatro. Com a ajuda do meu machado brilhante somos suficientes para lançar terror nos corações rebeldes.

— Somos cinco — corrigiu o Abobrão.

— Cinco? — repetiu o Lenhador de Lata.

— Sim. O Cavalete é bravo e destemido — defendeu João, esquecendo-se de sua discussão recente com o quadrúpede.

O Lenhador de Lata olhou em volta perplexo, pois até agora o Cavalete havia permanecido calado em um canto. O imperador não o havia notado. Bizu de imediato chamou a criatura de aparência estranha, que se aproximou tão desastrosamente que quase virou a mesa de centro e a lata de óleo entalhada.

— Começo a achar — observou o Lenhador ao olhar seriamente para o Cavalete — que as maravilhas nunca se acabarão. Como esta criatura está viva?

— Fiz isso com um pó mágico — afirmou modestamente o garoto. — O Cavalete tem sido muito útil para nós.

— Escapamos das rebeldes com a ajuda dele — completou o Espantalho.

— Então devemos certamente aceitá-lo como um camarada — declarou o imperador. — Um Cavalete vivo é uma novidade distinta e talvez seja um estudo interessante. Ele entende alguma coisa?

— Bem, não posso dizer que tenho grandes experiências de vida — o Cavalete respondeu —, mas parece que aprendo rápido e quase sempre me ocorre que sei mais do que qualquer um à minha volta.

— Talvez saiba mesmo — disse o imperador —, pois experiência nem sempre quer dizer sabedoria. Nosso tempo é precioso! Vamos nos preparar para começar a jornada.

O imperador chamou o seu lorde chanceler e o instruiu sobre o modo de governar o reino durante sua ausência. Enquanto isso, o Espantalho foi tirado de lá e o saco pintado que lhe servia de cabeça foi cuidadosamente lavado e preenchido de novo com o cérebro originalmente dado a ele pelo grande Oz. Suas roupas também foram lavadas e passadas pelos alfaiates imperiais e sua coroa polida mais uma vez costurada em sua cabeça — o Lenhador de Lata insistiu que ele não deveria renunciar à sua realeza. O Espantalho agora apresentava uma aparência muito respeitável e, mesmo avesso à vaidade, estava bem satisfeito consigo mesmo. Parecia engraçado ao fingir que andava todo empertigado. Enquanto isso, Bizu reparou os membros de madeira de João Abobrão e os fez mais fortes do que antes. O Cavalete também foi inspecionado.

Então, na brilhante manhã seguinte, bem cedo, iniciaram sua viagem de volta à Cidade Esmeralda. O Lenhador de Lata portava um machado brilhante sobre seu ombro e abria o caminho. O Abobrão cavalgava o Cavalete no centro, com Bizu e o Espantalho nos flancos — para o caso de que ele caísse e se rachasse.

SR. M. A. GAFANHITO, T. E.

A General Jenjee — que, você se lembra, comandava o Exército Rebelde — se inquietou muito com a fuga do Espantalho da Cidade Esmeralda. Ela temia, com boas razões, que Sua Majestade e o Lenhador de Lata unissem suas forças em ameaça a ela e todo o seu exército. O povo de Oz ainda se lembrava bem dos tantos feitos e aventuras sensacionais desses famosos heróis.

Assim, Jenjee mandou uma mensagem urgente para a velha Mambi, prometendo grandes recompensas caso ela viesse ajudar as forças rebeldes.

Mambi continuava furiosa com a peça que Bizu lhe pregara. Além disso, havia também sua fuga e o furto do precioso pó da vida. Não foi necessária muita persuasão para convencê-la a viajar até a Cidade Esmeralda e ajudar Jenjee a derrotar o Espantalho e o Lenhador de Lata, que agora eram amigos de Bizu.

Mal chegou ao Palácio Real e já descobriu, com a ajuda de sua magia, que os aventureiros se encaminhavam para a Cidade Esmeralda. Assim, recolheu-se em um pequeno cômodo no alto de uma torre e se trancou para praticar suas artes. Ela queria impedir o retorno do Espantalho e de seus companheiros.

Mambi era poderosa. Por isso o Lenhador de Lata estancou e disse:

— Algo muito estranho está acontecendo. Eu deveria saber de cor e salteado cada passo desta jornada. Mas agora estou na dúvida

e acho que já nos perdemos.

— Isto é impossível! — protestou o Espantalho. — O que você acha que nos desviou, meu caro?

— Ora, estamos diante de um grande campo de girassóis que eu nunca vi em toda a minha vida.

Todos olharam em volta e descobriram que, de fato, estavam cercados por um campo de caules altos, cada um com um girassol gigantesco no topo. As flores tinham tons tão vívidos de vermelho e dourado que quase cegavam quem as olhasse. Cada uma girava sobre seu caule como moinhos em miniatura. Sua luz confundia os sentidos e impedia que os viajantes decidissem qual caminho tomar.

— É bruxaria! — exclamou Bizu.

Entre hesitantes e maravilhados, pararam. O Lenhador de Lata gritou, impaciente, e avançou com seu machado pronto para cortar os caules diante dele. Os girassóis, porém, pararam seu rodopio e os viajantes viram claramente um rosto feminino no centro de cada flor. Eram rostos adoráveis que olhavam para o grupo atônito. Tinham sorrisos zombeteiros e logo explodiram em um coro de gargalhadas alegres.

— Pare! Pare! — exclamou Bizu, segurando o braço do Lenhador. — Estão vivas! São garotas!

Naquele momento, as flores voltaram a girar. Os rostos esmaeceram e se perderam nas rápidas revoluções.

O Lenhador de Lata largou seu machado e sentou-se no chão.

— Seria cruel ceifar essas belas criaturas — ele disse, desapontado. — Não imagino outro modo de prosseguirmos.

— Elas se parecem com os rostos do Exército Rebelde — meditou o Espantalho. — Não consigo entender como as garotas poderiam ter nos seguido até aqui tão rápido.

— Parece magia — disse Bizu, afirmativamente. — Alguém está nos pregando uma peça. Sei que a velha Mambi é capaz de fazer coisas assim. Provavelmente não passa de uma ilusão. Talvez os girassóis nem estejam aqui de verdade.

— Então vamos fechar os olhos e seguir em frente — sugeriu o Lenhador.

— Desculpe-me — respondeu o Espantalho. — Meus olhos pintados não se fecham. Só porque fizeram pálpebras de lata para você, não significa que temos os mesmos atributos.

— Os olhos do Cavalete são dois nós na madeira — examinou João.

— Mesmo assim, cavalgue diretamente para a frente — ordenou Bizu. — Nós o seguiremos para tentar escapar. Meus olhos estão tão ofuscados que mal consigo enxergar.

Abobrão cavalgou corajosamente em frente. Bizu agarrou a ponta do rabo do Cavalete e os seguiu de olhos fechados. O Espantalho e o Lenhador de Lata ficaram na retaguarda. Antes que avançassem muito, um grito alegre de João anunciou que o caminho se abria diante deles.

Depois, todos pararam para olhar para trás, mas não restava nenhum traço do campo de girassóis.

Contentes, prosseguiram viagem. A velha Mambi alterou tanto a aparência do terreno que seguramente eles se perderiam se o

Espantalho não tivesse a grande ideia de se guiar pelo sol. Bruxaria nenhuma seria capaz de mudar o curso do sol.

Obviamente, outras dificuldades se colocaram em seu caminho. O Cavalete pisou em uma toca de coelho e tombou. A cabeça do Abobrão voou pelos ares e sua história provavelmente teria terminado ali caso o Lenhador de Lata não a apanhasse com destreza enquanto caía, evitando que rachasse.

Bizu prendeu a cabeça em seu pescoço mais uma vez e ajudou João a ficar em pé. Para o Cavalete a situação era mais complicada. Quando sua perna foi tirada da toca do coelho, viram que estava lascada. Precisava ser trocada ou consertada antes de seguirem adiante.

— Isto é bem sério — disse o Lenhador de Lata. — Eu faria uma outra perna para este animal, mas não há árvores por aqui. Não vejo nem mesmo um arbusto no horizonte.

— Também não há cercas ou casas nesta parte da Terra de Oz — acrescentou o Espantalho, desconsolado.

— O que podemos fazer, então? — perguntou o menino.

— Vou colocar meus miolos para funcionar — respondeu Sua Majestade, o Espantalho. — A experiência me ensinou que consigo fazer qualquer coisa se tiver tempo para pensar.

— Vamos todos pensar — disse Bizu. — Quem sabe não descobrimos um jeito de consertar o Cavalete?

Sentaram-se lado a lado sobre a grama, pensando muito, enquanto o Cavalete se ocupava em olhar com curiosidade sua perna quebrada.

— Dói? — perguntou o Lenhador de Lata, com sua voz suave e simpática.

— Não dói nada — respondeu o Cavalete. — Meu orgulho é que está ferido por saber que minha anatomia é tão frágil.

Por algum tempo, o pequeno grupo permaneceu pensando em silêncio. Logo o Lenhador de Lata levantou a cabeça e olhou por sobre os campos.

— Que criatura é aquela que se aproxima? — perguntou, maravilhado.

Os outros seguiram seu olhar. Na direção deles vinha o mais extraordinário objeto que já haviam visto. Avançava rapidamente por sobre a grama fofa e, em poucos minutos, parou diante dos aventureiros. Retribuiu seu olhar de encantamento.

O Espantalho estava calmo diante das circunstâncias.

— Bom dia! — disse, educadamente.

O estranho tirou seu chapéu com um floreio, curvou-se em saudação e, então, respondeu:

— Bom dia, primeiro e único. Espero que seu conjunto esteja em excelente saúde. Permita-me que me apresente.

Com esse diálogo cortês, estendeu um cartão para o Espantalho, que o aceitou. Virou e remexeu o papel antes de o estender, meneando a cabeça para Bizu.

O garoto leu alto:

“Senhor M. A. Gafanhito, T. E.”

— Que coisa! — disparou o Abobrão.

— Que peculiar! — disse o Lenhador de Lata.

Os olhos de Bizu se arregalaram maravilhados. O Cavalete soltou um suspiro e virou a cabeça.

— Você é mesmo um Gafanhito? — indagou o Espantalho.

— Mas certamente, meu caro senhor! — respondeu o estranho, animadamente. — Não é o nome que está em meu cartão?

— É — disse o Espantalho. — Mas me permita perguntar o que quer dizer “M. A.”?

— “M. A.” significa “Muitíssimo Aumentado” — orgulhou-se o Gafanhito.

— Ah, entendo — respondeu, olhando o estranho com atenção. — E você é, realmente, muitíssimo aumentado?

— Senhor — disse o Gafanhito —, tomo você por um cavalheiro capaz de julgamento e discernimento. Não lhe ocorreu que sou muitos milhares de vezes maior do que qualquer Gafanhito que você já viu antes? Isto posto, é bastante evidente que sou “Muitíssimo Aumentado”, e não existe uma boa razão para que você duvide desse fato.

— Perdão — respondeu o Espantalho. — Meus miolos estão um pouco mexidos desde que fui lavado pela última vez. Seria impróprio perguntar, também, o que o significa “T. E.” no final de seu nome?

— Essas letras expressam meu grau de instrução — respondeu o Gafanhito, com um sorriso condescendente. — Para ser mais explícito, as iniciais dizem que eu sou “Totalmente Educado”.

— Ah! — disse o Espantalho, muito aliviado.

Bizu não conseguia parar de olhar aquele maravilhoso ser. Diante dele estava um corpo de inseto grande, arredondado,

suportado por duas pernas delgadas que terminavam em pés delicados — com dedos enrolados para cima. O corpo do Gafanhito era um tanto plano e, pelo que se podia ver, era de um marrom-escuro brilhante no dorso. A frente tinha listras alternadas entre o bege e o branco, que se misturavam nas extremidades. Seus braços eram tão finos quanto suas pernas. Acima do pescoço comprido havia a cabeça — parecida com a de um humano, exceto pelo nariz, que terminava em uma haste em espiral. Da ponta de suas orelhas saíam antenas que adornavam os lados de sua cabeça como dois rabicós de leitão. É preciso admitir que os olhos negros e arregalados eram um tanto saltados. No todo, a expressão do Gafanhito não era, de modo algum, desagradável.

O inseto vestia um fraque azul-escuro com forro de seda amarela, flor na lapela, colete de brim branco apertado sobre seu corpo largo, calças curtas de pelúcia ruiva presas aos joelhos com fivelas douradas e, sobre sua pequena cabeça, uma alegre cartola de seda.

Em pé diante dos espantados amigos, o Gafanhito aparentava ter a mesma altura que o Lenhador de Lata. Certamente nenhum inseto de Oz jamais teve um tamanho desses.

— Confesso — disse o Espantalho — que sua aparição abrupta me causou surpresa e sem dúvida assustou meus companheiros. No entanto, espero que esta circunstância não o incomode. Com o tempo, provavelmente nos acostumaremos com você.

— Não se desculpe, de maneira alguma! — respondeu o Gafanhito, sinceramente. — Me dá muito prazer surpreender as pessoas. Com certeza não posso ser classificado como um inseto

ordinário e sou percebido com curiosidade e admiração por aqueles que encontro.

— Você tem razão — concordou Sua Majestade.

— Permita-me sentar em sua augusta companhia — continuou o estranho. — Relatarei alegremente minha história, para que você compreenda melhor minha aparência ímpar. Ou, melhor dizendo, notável.

— Você pode contar o que quiser — respondeu brevemente o Lenhador de Lata.

Então o Gafanhito sentou-se sobre a grama, encarou o pequeno grupo de andarilhos e começou a história a seguir.

UMA HISTÓRIA MUITÍSSIMO AUMENTADA

A criatura começou em um tom franco e amigável:

— É bastante honesto admitir já no começo de meu recital que quando nasci eu não passava de um inseto comum. Inocente, tudo o que fazia era usar braços e pernas para caminhar. Rastejava para debaixo das pedras, me escondia entre as raízes da grama sem pensar em nada além de encontrar outros insetos menores do que eu para me alimentar.

“Como eu não usava roupas, as noites frias me deixavam duro e imóvel. Já de manhã, os raios de sol me davam nova vida e eu voltava à ativa. Uma existência terrível, eu sei; lembrem-se de que essa é a existência normal de muitas criaturinhas que habitam a Terra.

“Mas a fortuna me escolheu. Humilde como eu era, um grande destino me aguardava! Um dia, enquanto rastejava próximo a uma escola rural, minha curiosidade foi atiçada pelos monótonos ‘ahans’ dos alunos dentro da sala de aula. Ousei entrar. Me espremi por uma rachadura entre duas lousas até sair em frente a uma lareira com brasas vivas, onde o professor estava sentado à sua mesa.

“Ninguém notou uma criatura tão pequena como um Gafanhito. Quando percebi que a lareira era mais quente e confortável que os raios de sol, decidi estabelecer meu futuro lar ao lado dela. Então,

encontrei um ninho encantador entre dois tijolos e me escondi ali por muitos e muitos meses.

“O Professor Sabinão é, sem dúvida, o acadêmico mais famoso na Terra de Oz. Depois de alguns dias, passei a ouvir suas palestras e discursos aos alunos. Nenhum deles era mais atento do que o humilde e despercebido Gafanhito. Adquiri, desta forma, um profundo de conhecimento que, confesso, é realmente assombroso. Eis aí por que adicionei T. E., Totalmente Educado, nos cartões. Meu grande orgulho reside no fato de que o mundo não pode produzir outro Gafanhito com um décimo de minha cultura e erudição.”

— Eu não o culpo — disse o Espantalho. — Educação é algo para se orgulhar. Eu mesmo me eduquei sozinho. O bolo de miolos que o Grande Mágico me deu é considerado incomparável pelos meus amigos.

— Ainda — interrompeu o Lenhador de Lata —, acredito que um bom coração é mais necessário do que educação ou miolos.

— Para mim — disse o Cavalete —, uma perna boa é mais necessária do que qualquer outra coisa.

— Sementes podem ser consideradas cérebros? — perguntou o Abobrão, de forma abrupta.

— Silêncio! — ordenou Bizu, severamente.

— Sim, meu caro pai — respondeu o obediente João.

O Gafanhito ouviu paciente e respeitosamente os comentários antes de continuar sua história.

— Devo ter vivido ao todo três anos naquela solitária lareira — ele disse. — Bebi avidamente daquela fonte ininterrupta de

conhecimento líquido.

— Que poético! — comentou o Espantalho, balançando a cabeça em sinal de aprovação.

— Mas um dia — continuou o inseto —, algo maravilhoso alterou minha existência e me trouxe ao presente pináculo de grandeza. O professor me descobriu enquanto rastejava pela lareira e, antes que eu pudesse escapar, me pegou entre seu polegar e o indicador.

“Minhas queridas crianças’ — ele disse — ‘capturei um Gafanhito, espécime bastante raro e interessante. Algum sabe o que é um Gafanhito?’

“Não!’ — os estudantes gritaram, em coro.

“Pois bem’ — disse o professor — ‘vou pegar minha famosa lente de aumento e exibir o inseto de forma bem ampliada. Assim todos vocês estudarão detalhadamente sua constituição peculiar e ficarão familiarizados com seus hábitos de vida.’

“Ele tirou um instrumento curiosíssimo de um armário e, antes que eu percebesse, fui jogado sobre uma lente em um estado muitíssimo ampliado. Exatamente do tamanho que vocês me veem agora.

“Os estudantes ficaram em pé e ergueram a cabeça para ter uma melhor visão. Duas garotinhas até pularam sobre o beiral de uma janela aberta para me ver mais claramente.

“Cuidado!’ — exclamou o professor em voz alta. — ‘Este Gafanhito muitíssimo aumentado é um dos insetos mais curiosos da existência!’

“Além de Totalmente Educado, eu sabia o que se esperava de um cavalheiro erudito. Foi quando me levantei, coloquei a mão sobre meu peito e fiz uma saudação muito educada. Minha ação inesperada deve tê-los assustado, pois uma das garotinhas da janela deu um berro e caiu de costas para fora. Sua companhia foi arrastada junto e ambas desapareceram.

“O professor também gritou de horror e correu para fora ver se as pobres crianças haviam se machucado. Os alunos o seguiram como um bando selvagem e fui abandonado na sala de aula, ainda no estado muitíssimo aumentado e livre para fazer o que quisesse.

“Imediatamente me ocorreu que essa era uma boa oportunidade para escapar. Orgulhoso do meu tamanho, percebi que podia viajar em segurança para qualquer lugar no mundo. Ao mesmo tempo, minha cultura superior possibilitava a minha associação com as pessoas, por mais instruídas que fossem.

“Pois, enquanto o professor resgatava as garotinhas do chão, mais assustadas do que feridas, os alunos se aglomeravam em volta, tão próximos um do outro que pude sair calmamente da escola. Virei a esquina e escapei sem ser percebido por entre as árvores dali.”

— Maravilhoso! — admirou-se o Abobrão.

— Esta é verdade — concordou o Gafanhito. — Nunca me cansei de me orgulhar de mim mesmo pela escapada enquanto estava muitíssimo aumentado. Mesmo meu vasto conhecimento seria de pouca utilidade caso eu permanecesse um inseto insignificante.

— Eu não fazia ideia — disse Bizu, com uma expressão encafifada, para o Gafanhito — que insetos usavam roupas.

— E não usam em seu estado natural — respondeu o estranho.
— Foi no curso de minhas andanças que tive a boa sorte de salvar a nona vida de um alfaiate. Eles, assim como os gatos, têm nove vidas, como vocês devem saber. O camarada ficou extremamente grato, pois, se tivesse perdido sua última vida, seria seu fim. O próprio me pediu permissão para prover esses trajes elegantes que visto agora. O caimento é muito bom, não acham?

O Gafanhito se levantou e deu uma lenta volta em torno de si mesmo para que ele fosse examinado.

— Parece ser um bom alfaiate — disse o Espantalho, um pouco invejoso.

— E de bom coração, de fato — observou Gume Machado.

— Conte para onde você estava indo quando nos encontrou? — Bizu perguntou ao Gafanhito.

— Nenhum lugar específico — foi a resposta —, ainda que seja minha intenção visitar a Cidade Esmeralda e ministrar uma série de palestras para plateias selecionadas sobre as “Vantagens da aumento”.

— Também estamos a caminho de Oz — disse o Lenhador de Lata. — Se quiser viajar em nossa companhia, será bem-vindo.

O Gafanhito se curvou com uma graça profunda.

— Seria uma grande satisfação aceitar seu gentil convite — disse.
— Não esperava encontrar companhia tão agradável em toda a Terra de Oz.

— Isso é verdade — concordou o Abobrão. — Somos tão agradáveis quanto moscas e mel.

— Mas... perdoem-me se pareço inquisitivo. Vocês não são um tanto... hã... um tanto fora do comum? — perguntou o Gafanhito, olhando para cada um com franco interesse.

— Não mais do que você — respondeu o Espantalho. — Tudo na vida é fora do comum até que a gente se acostume.

— Que filosofia invulgar! — exclamou o Gafanhito, admirado.

— Sim. Meus miolos estão funcionando bem hoje — admitiu o Espantalho, com um toque de orgulho.

— Então, se todos estão descansados e revigorados, vamos voltar nossos passos na direção da Cidade Esmeralda — sugeriu o Muitíssimo Aumentado.

— Não podemos — disse Bizu. — O Cavalete quebrou uma perna e não pode dar os passos dele. Não há madeira por perto para fazermos uma nova perna. E não podemos deixar o cavalo para trás porque o Abobrão tem as juntas tão rígidas que só pode andar montado.

— Mas que infortúnio! — exclamou o Gafanhito.

Então, olhou cuidadosamente para o grupo e disse:

— Se o Abobrão vai montado, por que não usar uma de suas próprias pernas para fazer uma nova para o cavalo? Avalio que os dois sejam feitos de madeira.

— Isso é o que eu chamo de inteligência real — aprovou o Espantalho. — Me pergunto como meus miolos não pensaram nisso antes! Ao trabalho, meu caro Gume. Coloque a perna do Abobrão no Cavalete.

João não ficou especialmente satisfeito com a ideia. Acabou se submetendo à amputação da perna pelo Lenhador de Lata. Ela foi

reduzida para que combinasse com a perna esquerda do Cavalete, que também não estava especialmente satisfeito com a operação. Resmungou por um bom tempo sobre ser “dissecado”, como ele mesmo classificou sua situação. Ao final, declarou que a nova perna era uma desgraça para um Cavalete respeitável.

— Peço a você para ter mais cuidado com suas palavras — zangou-se o Abobrão. — Lembre-se, se possível, de que é a minha perna que você está ofendendo.

— Nunca me esqueceria — retrucou o Cavalete —, pois ela é fraca como o resto da sua pessoa.

— Fraco! Eu, fraco! — exclamou João, furioso. — Como ousa me chamar de fraco?

— Porque sua composição é absurdamente similar à de um João-bobo — zombou o Cavalete, rolando os nós dos olhos de um modo cruel. — Não consegue nem mesmo manter a cabeça no lugar, nem pode dizer se está olhando para a frente ou para trás!

— Amigos, imploro que não discutam! — disse o Lenhador de Lata, ansioso. — Na verdade, nenhum de nós está acima de críticas. Por isso, sejamos tolerantes com os defeitos dos outros.

— Excelente sugestão — aprovou o Gafanhito. — Você deve ter um coração incrível, meu amigo metálico.

— Tenho — respondeu Gume, muito satisfeito. — Meu coração é a melhor parte de mim. Agora podemos recomeçar nossa jornada.

Empoleiraram o Abobrão de uma perna só no Cavalete e o amarraram no assento com cordas para que não caísse. Então, seguindo a liderança do Espantalho, avançaram rumo à Cidade Esmeralda.

A VELHA MAMBI DESFRUTA DA FEITIÇARIA

Logo descobriram que o Cavalete mancava. Sua perna nova era um tantinho comprida demais. Por isso, foram obrigados a parar para que o Lenhador de Lata a aparasse com seu machado. Depois disso, a montaria de madeira passou a andar de forma mais confortável. Mesmo assim, o Cavalete não ficou inteiramente satisfeito.

— Que pena ter partido minha outra perna! — resmungou.

— Ao contrário — lembrou casualmente o Gafanhito, que caminhava ao seu lado. — Você deveria considerar o acidente um sinal de sorte. Sabia que o cavalo só tem valor real depois de ter partido?

— Me desculpe — disse Bizu, incomodado e preocupado em defender seus amigos Cavalete e João Abobrão —, mas preciso dizer que sua piada foi péssima. Tão péssima quanto velha.

— Ainda assim é uma piada — declarou o Gafanhito, com firmeza. — Fruto de um jogo de palavras, coisa que é considerada eminentemente apropriada entre as pessoas educadas.

— O que isso quer dizer? — perguntou o Abobrão, de forma estúpida?

— Significa, meu caro amigo — explicou o Gafanhito —, que nossa língua contém muitas palavras de duplo sentido. Verbalizar uma piada que permite dois sentidos para a mesma palavra prova

que o piadista é uma pessoa culta, refinada e, além disso, com total domínio da língua.

— Não acredito nisso — disse Bizu, francamente. — Qualquer um consegue fazer um trocadilho.

— Não é bem assim — respondeu o Gafanhito, firme. — Isso requer educação de uma alta grandeza. Você foi educado, jovem senhor?

— Não muito — admitiu Bizu.

— Então não pode julgar o assunto. Sou Totalmente Educado e digo que trocadilhos destacam os gênios. Por exemplo, ao cavalgar este Cavalete e mandá-lo acelerar, ele pode se tornar realmente o animal que pensa ser. Pois, a meu ver, somente quando você ordená-lo a mudar bruscamente a direção de sua corrida ele conhecerá o verdadeiro significado de “cavalo de pau”.

O Espantalho engasgou e o Lenhador de Lata estancou na hora para encarar o Gafanhito com reprovação. Ao mesmo tempo, o Cavalete bufou seu desdém ruidosamente. O próprio Abobão levou a mão à boca para esconder o sorriso entalhado em seu rosto, pois não podia mudar para uma carranca.

O Gafanhito pavoneou-se como se tivesse feito uma observação brilhante. O Espantalho foi obrigado a falar:

— Ouvi dizer, meu caro amigo, que uma pessoa pode se tornar supereducada. Ainda que eu tenha um grande respeito por miolos, sem me importar como estejam arranjados ou classificados, suspeito que o seu está ligeiramente embaralhado. Em todo caso, peço a gentileza de refrear sua educação superior enquanto estiver em nossa companhia.

— Não somos muito especiais — completou o Lenhador de Lata —, somos bons por essência. Portanto, se sua cultura superior escapulir novamente...

Sequer completou a frase. Girou seu machado brilhante tão cuidadosamente que o Gafanhito olhou apavorado e se recolheu a uma distância segura.

Os outros continuaram a marcha em silêncio. O Muitíssimo Aumentado, depois de um período de profundo pensar, disse com uma voz humilde:

— Me esforçarei em minha retidão.

— É só isso o que pedimos — respondeu o Espantalho cordialmente.

Assim, com os bons ares restaurados, o grupo prosseguiu seu caminho.

Pararam mais adiante para que Bizu descansasse, pois era o único que se cansava. O Lenhador de Lata percebeu diversos buraquinhos redondos na campina gramada.

— Devemos estar em uma vila de ratos campestres — ele disse ao Espantalho. — Será que minha velha amiga, a Rainha dos Ratos, está por perto?

— Se estiver, pode ser de grande ajuda para nós — respondeu o Espantalho, impressionado pelo pensamento repentino. — Veja se consegue chamá-la, meu caro Gume.

O Lenhador de Lata assoprou uma nota estridente no apito prateado que mantinha pendurado no pescoço. Logo, uma ratinha cinza apareceu em um buraco próximo e, sem medo, avançou até

eles. O Lenhador de Lata tinha salvo a vida dela uma vez, por isso a Rainha dos Ratos Campestres confiava nele.

— Bom dia, Vossa Majestade — disse Gume educadamente para a rata. — Vejo que goza de boa saúde, não?

— Obrigada, estou muito bem — respondeu a recatada rainha ao sentar-se segurando a pequena coroa dourada em sua cabeça. — Meus velhos amigos precisam de algo?

— Certamente — respondeu o Espantalho, impaciente. — Imploro a você que me deixe levar uma dúzia dos seus súditos até a Cidade Esmeralda.

— Eles correrão algum tipo de risco? — perguntou a rainha, em dúvida.

— Acho que não — respondeu o Espantalho. — Eu os levarei escondidos na palha que estufa meu corpo. Ao meu sinal, desabotoarei o casaco e eles simplesmente poderão sair correndo para casa o mais rápido que puderem. Fazendo apenas isso, me ajudarão a reconquistar o trono que o Exército Rebelde tomou de mim.

— Nesse caso — disse a rainha —, não recusarei seu pedido. Quando estiver pronto, chamarei doze dos meus súditos mais inteligentes.

— Já estou pronto — respondeu o Espantalho.

Ele se deitou e desabotoou o casaco, deixando à mostra o emaranhado de palha que o recheava.

A rainha emitiu um pequeno silvo de chamada. No instante seguinte, uma dúzia de belos ratos campestres emergiram de suas tocas e pararam diante de sua regente, aguardando ordens.

O que a rainha comunicou a eles nenhum dos viajantes conseguiu entender, pois aquela era a língua dos ratos. Os súditos campestres obedeceram sem hesitar. Correram um atrás do outro até o Espantalho e se esconderam na palha de seu peito.

Quando todos os doze ratos se ocultaram, o Espantalho abotoou firmemente seu casaco e, então, se levantou e agradeceu à rainha pela bondade.

— A outra coisa que você poderia fazer para nos servir — sugeriu o Lenhador de Lata — é correr à nossa frente e mostrar o caminho para a Cidade Esmeralda. Algum inimigo oculto evidentemente tenta nos impedir de chegar lá.

— Farei isso com alegria — respondeu a rainha. — Todos prontos?

O Lenhador de Lata olhou para Bizu.

— Já descansei — disse o garoto. — Vamos lá.

Assim, retomaram a jornada com a pequena Rainha dos Ratos Campestres veloz na dianteira. Ela corria na frente e, então, esperava até que os viajantes se aproximassem para que disparasse novamente.

Sem essa guia infalível, o Espantalho e seus camaradas talvez nunca tivessem alcançado a Cidade Esmeralda. A velha Mambi colocou muitos obstáculos em seu caminho com suas artes ocultas. Nenhum dos obstáculos realmente existia. Eram todas ilusões planejadas com inteligência. Ao alcançarem as margens de um rio caudaloso que bloqueava seu caminho, a pequena rainha se manteve firme. Passou pela aparente correnteza em segurança, e nossos viajantes a seguiram sem molhar sequer os dedos do pé.

Em outro ponto, um grande muro de granito se erguia imponente até muito acima da cabeça deles. Seu avanço seria impossível. A rata campestre acinzentada caminhou diretamente em sua direção e os outros fizeram o mesmo. O muro se desfez em névoa quando o atravessaram.

Depois, pararam por um momento para que Bizu descansasse. Viram quarenta ramificações da estrada para quarenta direções diferentes. As quarenta estradas passaram a girar como se fossem uma poderosa roda, primeiro em uma direção e depois em outra, desorientando completamente a visão de todos.

A rainha disse apenas que a seguissem e disparou em linha reta. Quando deram alguns passos, os caminhos giratórios desapareceram por completo.

O último truque de Mambi foi o mais apavorante de todos. Ela mandou um lençol flamejante voar pelas campinas para incendiá-los. Foi a primeira vez que o Espantalho ficou com tanto medo que pensou em fugir.

— Se o fogo me alcançar, eu já era! — disse, até sua palha chacoalhar. — É a coisa mais perigosa que já vi.

— Espere por mim também! — exclamou o Cavalete, voltando-se e empinando agitado. — Minha madeira é tão seca que eu queimaria como gravetos na lareira.

— Fogo é perigoso para abóboras? — perguntou João, com medo.

— Você seria assado como uma torta... assim como eu! — respondeu o Gafanhito, colocando-se em quatro patas para correr mais rápido.

O Lenhador de Lata, que não tinha nenhum medo do fogo, evitou a debandada com palavras sensíveis.

— Vejam a rata do campo! — gritou. — O fogo seque a chamusca. A verdade é que não existe fogo. É só mais uma ilusão.

De fato, assistir à pequena rainha marchar calmamente por entre as chamas restaurou a coragem nos membros do grupo. Todos a seguiram sem que nenhuma das labaredas os atingisse.

— Esta é certamente uma aventura extraordinária — disse o Gafanhito, muitíssimo espantado. — Essas coisas violam todas as leis naturais que me foram ensinadas pelo Professor Sabinão.

— Claro que violam — disse o Espantalho, sabiamente. — A magia não é natural e por isso mesmo deve ser temida e evitada. Mas como vejo ali adiante os portões da Cidade Esmeralda, imagino que já superamos todos os obstáculos mágicos que se opunham a nós.

De fato, os muros da cidade agora estavam claramente visíveis, e a Rainha dos Ratos Campestres, que os guiou com tanta confiança, se aproximou para dizer adeus.

— Nossa completa gratidão à Vossa Majestade por sua cordial ajuda — disse o Lenhador de Lata curvando-se diante da bela criatura.

— Sempre me alegra servir aos meus amigos — respondeu a rainha.

Como um raio, ela disparou para longe, a caminho de sua casa.

OS PRISIONEIRO DA RAINHA

Ao se aproximarem do portão da Cidade Esmeralda, os viajantes encontraram duas guardas do Exército Rebelde. Elas impediram a entrada sacando suas agulhas de tricô dos coques, prontas para espetar o primeiro que se aproximasse.

O Lenhador de Lata não teve medo.

— Na pior das hipóteses, meu lindo niquelado ficará arranhado — ele disse. — Mas não haverá “pior”, pois posso dar um jeito de assustar essas rebeldes malucas facilmente. Todos vocês, fiquem atrás de mim!

Em seguida, girou seu machado em um grande círculo à sua frente e avançou até o portão sem hesitar seguido pelos outros.

As garotas não ofereceram nenhuma resistência. Ficaram aterrorizadas com o alcance do machado cintilante. Fugiram correndo para dentro da cidade. Nossos viajantes passaram pelos portões em segurança e marcharam pelo pavimento de mármore verde da rua larga, rumo ao Palácio Real.

— Nesse ritmo logo teremos Sua Majestade no trono novamente — disse o Lenhador de Lata, com um sorriso pela fácil derrota das guardas.

— Obrigado, amigo Gume — agradeceu o Espantalho. — Nada pode resistir a um bondoso coração e a um machado afiado.

Ao passarem pelas fileiras de casas, viram pelas portas abertas que homens varriam, limpavam e lavavam pratos. As mulheres, no

entanto, conversavam e riam em grupos dispersos por todos os lados.

— O que está acontecendo? — perguntou o Espantalho para um homem de vasta barba e olhos tristes. Ele vestia um avental e caminhava com um carrinho de bebê pela calçada.

— Ora, tivemos uma revolução, como Vossa Majestade deve saber muito bem — respondeu o homem. — Desde que você se foi, as mulheres comandam tudo do jeito delas. Estou feliz que tenha voltado para restaurar a ordem. Fazer o trabalho doméstico e cuidar das crianças está minando as forças de todos os homens da Cidade Esmeralda.

— Hum! — pensou alto o Espantalho. — Se é tanto trabalho como você diz, de que forma as mulheres eram capazes de cuidar disso tudo tão facilmente?

— Na verdade, não sei — suspirou profundamente o homem. — Talvez as mulheres sejam feitas de ferro fundido.

Nenhuma atitude foi tomada para impedir seu progresso enquanto passavam pela rua. Muitas das mulheres pararam suas conversas somente para lançar olhares curiosos sobre nossos amigos, mas imediatamente se voltavam com uma risada sarcástica e retomavam o bate-papo. Quando encontraram diversas garotas do Exército Rebelde, em vez de elas se alarmarem ou ficarem surpresas, apenas abriam caminho para que avançassem sem protestos.

Isso deixou o Espantalho inquieto.

— Acho que estamos indo para uma armadilha — ele disse.

— Absurdo! — respondeu Gume Machado, confiante. — Essas criaturas ingênuas já estão conquistadas!

O Espantalho moveu a cabeça em expressão de dúvida, e Bizu disse:

— Está tudo muito fácil. Teremos problemas à frente.

— Vamos ver — respondeu Sua Majestade.

Incólumes, chegaram ao Palácio Real e marcharam pelos degraus de mármore, que agora estavam todos esburacados onde as esmeraldas incrustadas tinham sido impiedosamente levadas pelo Exército Rebelde. Até então nenhuma rebelde barrava seu caminho.

O Lenhador de Lata e seus seguidores marcharam pelos corredores abobadados até a magnífica Sala do Trono. Quando as cortinas verdes de seda se abriram para sua passagem, viram algo muito curioso.

A General Jenjee estava sentada no trono cintilante com a segunda melhor coroa do Espantalho em sua cabeça e o cetro real na mão direita. Comia os caramelos de uma caixa em seu colo e parecia completamente à vontade em seu ambiente de realeza.

O Espantalho se adiantou e a confrontou. O Lenhador de Lata baixou seu machado e os outros formaram um semicírculo atrás de Sua Majestade.

— Como ousa sentar-se em meu trono? — exigiu saber o Espantalho, com um olhar sério para a intrusa. — Você não sabe que é culpada de traição e que há uma lei contra isso?

— O trono pertence a qualquer um que esteja apto a tomá-lo — respondeu Jenjee ao colocar lentamente outro caramelo na boca. — Eu o tomei, como você pode ver. Então, neste exato instante, eu sou

a Rainha e todos aqueles que se opuserem a mim serão acusados de traição e punidos pela lei que você acabou de mencionar.

A visão do caso por outro prisma intrigou o Espantalho.

— O que acha disso, amigo Gume? — perguntou, voltando-se para o Lenhador de Lata.

— Quando o assunto é lei, não tenho nada a dizer — respondeu. — As leis nunca são feitas para ser entendidas. É perda de tempo tentar.

— Então o que faremos? — perguntou o Espantalho, desesperado.

— Por que você não se casa com a rainha? Assim, vocês dois poderão governar — sugeriu o Gafanhito.

Jenjee fitou o inseto ferozmente.

— Por que você não a manda de volta para a mãe, já que lá é o lugar dela? — perguntou João Abobrão.

Jenjee franziu a testa.

— Por que você não a tranca em um armário até que ela se comporte e prometa ser uma boa menina? — inquiriu Bizu.

O lábio de Jenjee se torceu em desprezo.

— Ou dê um bom chacoalhão nela! — completou o Cavalete.

— Não — disse o Lenhador de Lata. — Devemos tratar a garota com gentileza. Daremos a ela todas as joias que puder carregar e a mandaremos embora feliz e contente.

Depois disso, a Rainha Jenjee gargalhou alto e, no minuto seguinte, bateu palmas três vezes com suas lindas mãos, como se fosse um sinal.

— Vocês são criaturas absurdas — ela disse. — Estou cansada desse papo furado; não tenho tempo a perder.

Enquanto o monarca e seus amigos ouviam espantados aquele discurso imprudente, algo espantoso aconteceu. O machado do Lenhador de Lata foi arrebatado por alguém vindo de trás, deixando-o desarmado e indefeso. No mesmo instante, uma explosão de gargalhadas ressoou. O devotado grupo se virou para ver de onde vinham. Estavam cercados pelo Exército Rebelde. As garotas brandiam suas agulhas de tricô brilhantes. Toda a Sala do Trono foi tomada pelas rebeldes. O Espantalho e seus camaradas entenderam agora que eram prisioneiros.

— Vejam como é ridículo se opor à sagacidade das mulheres — disse Jenjee, alegremente. — Esta é a prova de que sou mais apta a governar a Cidade Esmeralda do que um espantalho. Não tenho nada contra vocês, fiquem tranquilos. Porém, para que não se tornem um problema futuro para mim, vou ordenar que sejam todos destruídos. Na verdade, todos menos o garoto, que pertence à velha Mambi e precisa ser devolvido aos cuidados dela. O resto de vocês nem é humano e, portanto, não será perverso destruí-los. A cabeça de abóbora será transformada em tortas. Cavalete e o corpo de Abobrão serão cortados em gravetos para uma fogueira que será acesa com o recheio do Espantalho. O homem de lata será cortado em pedacinhos para alimentar as cabras. Quanto a este imenso Gafanhito...

— Muitíssimo Ampliado, por favor! — interrompeu o inseto.

— Vou pedir ao cozinheiro que use você para uma sopa de tartaruga — refletiu a rainha.

O Gafanhito estremeceu.

— Se isso não for possível, servirá para um picadinho cozido e muitíssimo bem temperado — completou, cruelmente.

O programa de extermínio era tão terrível que os prisioneiros se entreolharam com um pânico patente. Somente o Espantalho não se desesperou. Calou-se diante da rainha com a testa enrugada num pensamento profundo, esforçando-se para encontrar meios de fuga.

Mesmo ocupado, sentiu a palha de seu peito movendo-se gentilmente. De imediato sua expressão mudou de tristeza para alegria. Levantou sua mão e rapidamente desabotoou os botões do casaco.

O ato não passou despercebido pela multidão de garotas aglomeradas atrás dele, que sequer suspeitavam de algo até que um ratinho cinza saltou de seu peito ao chão e correu imediatamente na direção dos pés do Exército Rebelde. Outro rato rapidamente o seguiu. Depois outro e mais outro, numa rápida sequência. De súbito, um grande grito de terror coletivo que poderia facilmente preencher o coração mais forte de terror tomou conta do local. A correria que se seguiu deu lugar a uma barulhenta debandada, e a debandada, ao pânico.

Enquanto os ratos assustados corriam loucamente pela sala, o Espantalho mal teve tempo de notar o rodar das saias e o cintilar dos pés à medida que as garotas desapareciam do palácio. Elas se empurravam e se amontoavam umas sobre as outras, em um esforço ensandecido para escapar.

Ao primeiro alarme, a rainha ficou em pé nas almofadas do trono e passou a saltitar freneticamente na ponta dos pés. Um dos

ratos correu para as almofadas e, com um salto aterrorizado, a pobre Jenjee se jogou por sobre a cabeça do Espantalho e escapou por uma passagem. Ela só olhou para trás em sua carreira desabalada quando alcançou os portões da cidade.

Assim, em menos tempo do que é possível explicar, a Sala do Trono foi abandonada por todas. Ficaram o Espantalho e seus amigos. O Gafanhito deu um suspiro de alívio ao exclamar:

— Graças aos céus, estamos salvos!

— Por um tempo, sim — respondeu o Lenhador de Lata. — Mas sinto que o inimigo retornará.

— Vamos lacrar todas as entradas do palácio! — disse o Espantalho. — Assim, teremos tempo para pensar na melhor estratégia.

E foi assim que todos, exceto João Abobrão, ainda bem amarrado ao Cavalete, correram até as várias entradas do Palácio Real e fecharam as pesadas portas, bloqueando e trancando todas com segurança. Sabendo que o Exército Rebelde não atacaria as barreiras por alguns dias, os aventureiros se reuniram outra vez na sala do trono, formando um conselho de guerra.

O ESPANTALHO TIRA UM TEMPO PARA PENSAR

O Espantalho se dirigiu a todos na Sala do Trono:

— O que me parece é que a garota Jenjee está muito certa em reivindicar sua posição de rainha. E se ela está certa, então estou errado e não faz sentido ocupar o palácio.

— Mas você era o rei até ela chegar — disse o Gafanhito, pavoneando-se em círculos com as mãos nos bolsos. — O que me parece é que a intrusa é ela, não você.

— Especialmente por termos acabado de reconquistar o reino e colocado elas para correr — completou o Abobrão, usando as mãos para virar seu rosto na direção do Espantalho.

— Será que reconquistamos? — perguntou o Espantalho, tranquilamente. — Olhem pela janela e me digam o que veem.

Bizu correu para a janela.

— Estamos cercados por uma fileira dupla de rebeldes — anunciou.

— Como imaginei — respondeu o Espantalho. — Na verdade, continuamos prisioneiros como antes de os ratos as espantarem daqui.

— Meu amigo está certo — disse Gume Machado, ao polir seu peitoral com um pouco de pele de camurça. — Jenjee ainda é a rainha e somos prisioneiros dela.

— Espero que ela não consiga nos pegar — exclamou o Abobrão com um tremor. — Ela ameaçou fazer tortas de mim, sabe?

— Não se preocupe — disse o Lenhador de Lata. — Não fará muita diferença. Se você ficar preso aqui, vai estragar uma hora, de qualquer maneira. Uma boa torta é mais admirável do que um intelecto decadente.

— Você tem razão — concordou o Espantalho.

— Ai de mim! — lamentou João. — Que sina infeliz, a minha! Meu caro pai, por que não me fez de lata, ou até mesmo de palha, para que eu pudesse durar para sempre?

— Poxa! — indignou-se Bizu. — Fique feliz por eu pelo menos ter feito você. Em algum momento, tudo chega ao fim — completou, refletindo.

— Devo lembrá-lo — intrometeu-se o Gafanhito com um olhar angustiado nos olhos saltados — de que essa rainha terrível sugeriu fazer picadinho de mim... de mim! O único Muitíssimo Aumentado e Totalmente Educado Gafanhito de todo esse grande e imenso mundo!

— Acho essa ideia brilhante — aprovou o Espantalho.

— Não acha que ele ficaria melhor ensopado? — perguntou o Lenhador de Lata, voltando-se para o amigo.

— Talvez sim — concordou o Espantalho.

O Gafanhito resmungou:

— Posso imaginar as cabras comendo pedacinhos do meu caro camarada, o Lenhador de Lata, enquanto minha sopa cozinha em uma fogueira feita dos corpos do Cavalete e do João Abobrão. A

Rainha Jenjee me observa ferver enquanto alimenta as chamas com meu amigo, o Espantalho!

A visão mórbida fez brotar um pessimismo sobre todo o grupo, deixando-o inquieto e ansioso.

— Isso não vai acontecer imediatamente — disse o Lenhador de Lata. — Jenjee não entrará no palácio até conseguir demolir as portas.

— Enquanto isso, eu e o Gafanhito estamos sujeitos a morrer de fome — anunciou Bizu.

— Quanto a mim — disse o Gafanhito —, acho que posso viver mais algum tempo se comer o João Abobráo. Não que eu goste muito de abóboras. Acredito que sejam um tanto nutritivas e a cabeça de João é grande e carnuda.

— Você não tem coração! — exclamou o Lenhador de Lata, muitíssimo chocado. — Preciso perguntar a todos se somos canibais ou amigos fiéis?

— Está claro que não podemos ficar aqui trancados no palácio — disse o Espantalho, decidido. — Vamos acabar com essa lamúria e descobrir um jeito de escapar.

Com essa decisão, todos se reuniram impacientes em volta do trono no qual o Espantalho agora se sentava. Bizu sentou-se em um banquinho e sentiu o pimenteiro em sua bolsa cair ao chão.

— O que é isso? — perguntou Gume Machado, pegando a caixa.

— Cuidado! — exclamou o garoto. — É meu pó da vida. Não o desperdice. Está quase acabando.

— E o que é o pó da vida? — perguntou o Espantalho enquanto Bizu recolocava a caixa cuidadosamente na sua bolsa.

— É uma coisa mágica que a velha Mambi pegou de um feiticeiro desonesto — explicou o garoto. — Ela trouxe João à vida com isto e, depois, eu o usei para dar vida ao Cavalete. Acho que o pó dá vida a qualquer coisa que for salpicada com ele. Resta mais ou menos uma dose dele.

— Então é preciosíssimo — disse o Lenhador de Lata.

— É claro que é — concordou o Espantalho. — Talvez seja nossa melhor chance para escapar dessa situação. Vou pensar por alguns minutos. Bizu, meu amigo, eu agradeceria se você pegasse sua faca para arrancar essa coroa pesada de minha cabeça.

Rapidamente Bizu cortou os pontos que amarravam a coroa à cabeça do Espantalho. O ex-monarca da Cidade Esmeralda a removeu com um suspiro aliviado e a pendurou em um cabide ao lado do trono.

— Esta será minha última lembrança da realeza — ele disse. — Fico feliz em me livrar dela. O antigo rei desta cidade, que se chamava Pastoria, perdeu sua coroa para o magnífico Mágico, que a passou para mim. Agora a garota Jenjee a reclama e eu sinceramente espero que a coroa não lhe dê dores de cabeça.

— Um pensamento gentil e admirável — disse o Lenhador de Lata, balançando a cabeça em sinal de aprovação.

— Agora vou me permitir pensar em silêncio — continuou o Espantalho, voltando ao trono.

Todos permaneceram em silêncio máximo para não perturbá-lo. Tinham grande confiança no cérebro extraordinário do Espantalho.

Depois do que pareceu ser um tempo bastante longo, principalmente para os ansiosos amigos presentes, o pensador

acomodou-se e olhou à sua volta com uma expressão excêntrica.

— Meus miolos funcionam lindamente hoje. Fico muito orgulhoso deles. Agora, escutem! Se escaparmos pelas portas do palácio, certamente seremos capturados. Se não podemos escapar pelo chão, só há uma coisa a fazer: escapar pelo ar!

Por um instante parou para avaliar o efeito de suas palavras. Seus ouvintes pareciam intrigados e nada convencidos.

— O magnífico Mágico escapou em um balão — ele continuou. — Não temos como fazer um balão, é claro, mas podemos tentar criar algo que voe e que possa nos carregar facilmente. Sugiro, então, que meu amigo e mecânico habilidoso, o Lenhador de Lata, construa uma máquina com asas boas e fortes. Nosso amigo Bizu pode, então, trazer essa coisa à vida com seu pó mágico.

— Bravo! — exclamou Gume Machado.

— Que miolos esplêndidos! — murmurou João.

— Realmente muito inteligente! — disse o Gafanhito.

— Acredito que pode ser feito — declarou Bizu. — Isto é, se o Lenhador de Lata tiver a habilidade de fazer tal coisa.

— Darei o meu melhor — disse Gume, alegremente. — Falando nisso, não costumo falhar no que tento fazer. A coisa terá de ser construída no telhado do palácio para que possa decolar confortavelmente pelos ares.

— Certamente — disse o Espantalho.

— Vamos vasculhar o palácio — continuou o Lenhador de Lata — em busca do meu machado e do material necessário. Depois, vamos levar tudo para o telhado, onde começarei meu trabalho.

— Antes, por favor — disse o Abobrão —, peço que me soltem deste cavalo e me façam outra perna para eu andar. Na minha condição atual não sou útil para mim nem para ninguém.

O Lenhador de Lata fez uma mesa de centro em pedaços com seu machado. Em seguida, entalhou lindamente uma perna e a encaixou no corpo do orgulhoso João Abobrão, feliz pela nova aquisição.

— Parece estranho — ele disse ao avaliar o trabalho do Lenhador de Lata —, mas minha perna esquerda agora é a parte mais elegante e substancial de mim.

— Isso prova que você é fora do comum — respondeu o Espantalho. — Estou convencido de que as únicas pessoas que considero neste mundo são as fora do comum. As pessoas comuns são como as folhas de uma árvore: vivem e morrem sem que ninguém se dê conta.

— Falou como um filósofo! — exclamou o Gafanhito ao ajudar o Lenhador de Lata a colocar João em pé.

— Como se sente? — perguntou Bizu ao Abobrão, que andava para testar sua perna nova.

— Como se fosse nova — respondeu João, alegremente. — Estou pronto para ajudar todos vocês na fuga.

— Então ao trabalho — disse o Espantalho, pragmático.

Felizes por fazerem algo que poderia levar ao fim de seu cativeiro, os amigos se dispersaram pelo palácio em busca de materiais que servissem para a construção de sua máquina aérea.

O SURPREENDENTE VOO DO CABRALCE

Quando os aventureiros se reuniram sobre o telhado, perceberam que uma variedade de artigos incrivelmente estranhos fora selecionada pelos vários membros do grupo. Nenhum parecia ter uma ideia muito clara do que era preciso, mas todos trouxeram alguma coisa.

O Gafanhito trouxe a cabeça de um Cabralce, tirada de seu lugar sobre a cornija da lareira no grande pátio de entrada. Era adornada por uma larga e vistosa galhada. O inseto a carregou pelas escadas até o telhado com extremo cuidado e dificuldade ainda maior. O Cabralce lembrava a cabeça de um alce com o nariz atrevido e empinado. Possuía também olhos e orelhas de cabra, além de um tufo de pelos de bode em seu queixo. O único motivo que explicaria a seleção do artefato pelo Gafanhito era a curiosidade.

Bizu, com a ajuda do Cavalete, trouxe para o telhado um sofá largo e bem estofado. Era um móvel antigo, de encosto e braços altos, tão pesado que mesmo com o maior peso apoiado nas costas do Cavalete o garoto estava sem fôlego ao depositar o desajeitado sofá no chão.

O Abobrão trouxe a primeira coisa que encontrou: uma vassoura. O Espantalho chegou com um rolo de corda de varal que encontrou no pátio. Em seu caminho para as escadas ficou tão emaranhado nas pontas soltas das cordas que tanto ele quanto a

bobina estavam enrolados ao chegaram ao telhado. Se Bizu não o tivesse socorrido, talvez tivesse rolado escada abaixo.

O Lenhador de Lata apareceu por último. No mesmo pátio, cortou quatro folhas compridas e largas da enorme palmeira que era o orgulho dos habitantes da Cidade Esmeralda.

— Meu caro Gume! — exclamou o Espantalho ao ver o que seu amigo trazia. — Você cometeu o maior crime que alguém poderia cometer na Cidade Esmeralda. Se bem me lembro, a punição por cortar folhas da Palmeira Real é ser morto sete vezes e, depois, ficar preso pelo resto da vida.

— Agora não é hora para isso — respondeu o Lenhador de Lata ao largar as grandes folhas no telhado. — Isso é apenas mais uma razão para eu dar o fora daqui. Vamos ver o que cada um trouxe para que eu trabalhe.

Olhares duvidosos foram lançados sobre o monte de badulaques misturados que agora entulhavam o telhado. Finalmente, o Espantalho balançou a cabeça e observou:

— Se o amigo Gume conseguir construir algo que voe e nos leve em segurança para longe a partir desta pilha de lixo, então concordarei que ele é melhor mecânico do que eu suspeitava.

A princípio o Lenhador de Lata pareceu não ter muita certeza de seus poderes. Só após polir sua cabeça vigorosamente com a pele de camurça é que resolveu encarar a tarefa.

— A primeira demanda para a máquina — ele disse — é um corpo grande o suficiente para carregar todo o grupo. O sofá é a maior coisa que temos. Vou usar como corpo. Se a máquina se inclinar para os lados, podemos escorregar e cair do alto.

— Por que não usamos dois sofás? — perguntou Bizu. — Tem outro exatamente igual lá embaixo.

— Excelente sugestão! — exclamou o Lenhador de Lata. — Vá lá pegar o outro sofá imediatamente.

Bizu e o Cavalete trouxeram o segundo sofá com bastante esforço. Quando ambos foram colocados juntos, frente a frente, os encostos e braços formaram uma muralha protetora em torno dos assentos.

— Sensacional! — exclamou o Espantalho. — Podemos viajar dentro deste confortável ninho.

Os dois sofás foram amarrados firmemente com cordas de varal. Em seguida, Gume Machado fixou a cabeça do Cabralce em uma das pontas.

— Vai servir para mostrar qual é a frente dessa coisa — disse, orgulhoso da sua ideia. — Realmente, analisando de forma crítica, o Cabralce se parece muito com uma figura de proa. As grandes folhas de palmeira pelas quais arrisquei minha vida sete vezes devem servir como asas.

— São fortes o bastante? — perguntou o menino.

— Tanto quanto as outras coisas que arranjamos — respondeu o Lenhador. — Faremos isso mesmo sem termos a proporção exata do corpo da coisa. Nossa atual situação não nos permite sermos muito minuciosos.

Fixou as folhas aos sofás. Duas de cada lado. O Gafanhito observou com admiração considerável:

— A coisa agora está completa. Só precisa ser trazida à vida.

— Espere um momento! — exclamou João. — Não vai usar a minha vassoura?

— Para quê? — perguntou o Espantalho.

— Ora, ela pode ser colocada atrás para fazer um rabo — respondeu o Abobão. — Não podemos dizer que a coisa está completa se não tiver um rabo.

— Hum! — disse o Lenhador de Lata. — Não vejo utilidade alguma para um rabo. Não estamos copiando um bicho, peixe ou pássaro. Tudo o que queremos da coisa é que ela nos leve pelo ar.

— Talvez depois que a coisa estiver viva, ela use o rabo como leme — sugeriu o Espantalho. — Se ela voar, não será diferente de um pássaro, e percebi que todos os pássaros têm caudas para mudar a direção do seu voo.

— Muito bem — respondeu Gume. — Usaremos a vassoura como rabo.

E assim fixou firmemente o cabo na parte de trás do corpo feito a partir do sofá.

Bizu sacou o pimenteiro da bolsa.

— A coisa parece muito grande — disse, ansioso. — Não sei se o que sobrou do pó é suficiente para trazê-la inteira à vida. Vou fazer o máximo possível.

— Coloque mais nas asas — disse Gume Machado. — Elas precisam ser as mais fortes possível.

— E não se esqueça da cabeça! — exclamou o Gafanhito.

— E do rabo! — completou João Abobão.

— Fiquem quietos! — disse Bizu, nervoso. — Me deixem trabalhar o feitiço do jeito correto.

Passou a salpicar a coisa com o precioso pó, cuidadosamente. Cada uma das quatro asas foi coberta por uma camada, depois os sofás foram salpicados e a vassoura também recebeu uma leve cobertura.

— A cabeça! A cabeça! Eu imploro, não se esqueça da cabeça! — exclamou o Gafanhito, animado.

— Só sobrou um pouquinho — anunciou Bizu, olhando para a caixa. — Me parece ser mais importante dar vida às pernas dos sofás do que à cabeça.

— Veja bem — explicou o Espantalho —, todas as coisas precisam ter uma cabeça para comandá-las. Esta criatura deve voar, e não andar e, por isso mesmo, não importa se as pernas estão vivas ou mortas.

Bizu respeitou essa decisão e salpicou a cabeça do Cabralce com o que restava do pó.

— Agora — ele disse — façam silêncio enquanto eu realizo o feitiço!

Bizu não hesitou um instante em falar as três palavras cabalísticas, cada uma acompanhada pelo gesto peculiar das mãos. Ele havia aprendido a magia com a velha Mambi e a tinha praticado quando deu vida ao Cavalete.

Foi uma cerimônia séria e impressionante.

Quando terminou o encantamento, a coisa estremeceu seu grande tronco de forma completa. O Cabralce deu um guincho alto,

coisa comum a esses animais, e então passou a bater suas quatro asas furiosamente.

Bizu se agarrou a uma chaminé para não ser soprado telhado afora pela terrível lufada de ar produzida pelas asas. O Espantalho, ainda mais leve, teve seu corpo lançado aos ares. Por sorte Bizu o segurou pela perna. O Gafanhito se deitou rente ao chão e escapou ileso. O Lenhador de Lata, cujo corpo niquelado o ancorava firmemente, lançou seus dois braços em volta de João Abobrão para salvá-lo. O Cavalete tombou sobre as próprias costas e balançava as pernas para o alto, impotente.

Enquanto todos lutavam para se recompor, a coisa lentamente se deslocou do telhado e subiu pelo ar.

— Ei! Volte aqui! — gritou Bizu, assustado, ainda segurando a chaminé com uma mão e o Espantalho com a outra. — Volte imediatamente, estou mandando!

Foi nesse momento que a sabedoria do Espantalho em trazer a cabeça da coisa à vida em vez das pernas se provou incontestável. O Cabralce, já alto no ar, voltou sua cabeça para a ordem de Bizu e, aos poucos, voou em círculos até se aproximar novamente do telhado do palácio.

— Volte! — berrou o menino outra vez.

O Cabralce obedeceu, ondulando suas asas vagarosa e graciosamente no ar até se acomodar de novo sobre o telhado, imóvel.

NO NINHO DAS GRALHAS

O Cabralce anunciou com uma voz estridente e desproporcional para o seu grande corpo:

— Esta é a experiência mais curiosa que já vivi. Minha última memória nítida é estar na floresta e ouvir um barulhão. Provavelmente foi alguma coisa que me matou, o que com certeza poderia ter sido o meu fim. Agora, olhem para mim. Aqui estou, vivo de novo, com quatro asas monstruosas e um corpo que, arrisco dizer, faria qualquer animal respeitável ou galinha chorar de vergonha de si mesmo. O que tudo isso quer dizer? Sou um Cabralce ou sou uma força avassaladora?

Enquanto falava, a criatura agitava sua barbicha de um modo muito engraçado.

— Você é só uma coisa — respondeu Bizu — com uma cabeça de Cabralce. Fizemos você ficar vivo para nos levar voando para onde quisermos ir.

— Muito bem! — disse a coisa. — Como não sou mais um Cabralce, não posso me orgulhar do meu espírito independente de animal livre. Com isso, posso muito bem me tornar seu servo e tudo o mais. Minha única satisfação é que pareço não ter uma constituição muito forte e talvez não viva por muito tempo nesse estado de escravidão.

— Não diga isso, eu lhe peço! — exclamou o Lenhador de Lata, cujo caloroso coração foi afetado pelo triste diálogo. — Não se sente

bem hoje?

— Ah, quanto a isso — respondeu o Cabralce —, é meu primeiro dia de existência. Não consigo julgar se estou saudável ou doente.

Moveu sua vassoura para a frente e para trás, um tanto triste.

— Vamos, vamos! — disse o Espantalho, gentilmente. — Tente se alegrar e tome a vida como ela se apresenta a você. Seremos mestres gentis e vamos nos esforçar para que a sua existência seja o mais prazerosa possível. Você se importaria de nos levar voando para onde mandarmos?

— Podem subir — respondeu o Cabralce. — Prefiro muito mais navegar pelo ar. Se eu viajasse por terra e me encontrasse com alguém da minha espécie, meu constrangimento seria terrível!

— Entendo — disse o Lenhador de Lata, compreensivo.

— E agora — continuou a coisa —, quando olho para vocês com atenção, meus amos, parece que nenhum de vocês foi construído de modo mais artístico do que eu.

— As aparências enganam — disse o Gafanhito, sério. — Eu sou ao mesmo tempo MUITÍSSIMO Aumentado e Totalmente Educado.

— De fato! — murmurou o Cabralce, indiferente.

— E meus miolos são considerados de uma espécie extraordinariamente rara — completou o Espantalho, orgulhoso.

— Que estranho! — observou o Cabralce.

— Embora eu seja feito de lata — disse o Lenhador —, tenho o coração mais tépido e admirável do mundo.

— Me encanta ouvir isso — respondeu o Cabralce, tossindo de leve.

— Meu sorriso — disse João Abobráo — é digno de sua atenção. Ele nunca muda.

— *Semper idem*¹ — explicou o Gafanhito, pomposamente, e o Cabralce se virou para encará-lo.

— E eu — declarou o Cavalete, preenchendo um silêncio estranho — sou notavelmente único porque não há nada que eu possa fazer quanto a isso.

— Estou orgulhoso, é claro, de encontrar amos tão excepcionais — disse o Cabralce, de um jeito cuidadoso. — Se conseguisse me apresentar de uma maneira tão completa assim para mim mesmo, estaria mais do que satisfeito.

— Isso virá com o tempo — observou o Espantalho. — Conhecer a si mesmo é considerado um feito e tanto. Nos custou meses para aperfeiçoar.

Virando-se para os outros, continuou:

— Mas agora, vamos embarcar e começar a jornada.

— Para onde iremos? — perguntou Bizu, enquanto escalava um dos sofás e ajudava o Abobráo a acompanhá-lo.

— No País do Sul, governa uma rainha muito agradável chamada Glinda, a Boa. Tenho certeza de que ficará feliz em nos receber — disse o Espantalho, subindo na coisa sem muito jeito. — Vamos até lá pedir seu conselho.

— Uma ideia inteligente — declarou Gume Machado, com um cutucão no Gafanhito. Depois virou-se para o Cavalete na parte de trás dos bancos almofadados: — Conheço Glinda, a Boa. Acredito que ela provará ser nossa amiga.

— Todos prontos? — perguntou o garoto.

— Sim — anunciou o Lenhador de Lata, sentando-se ao lado do Espantalho.

— Então — disse Bizu para o Cabralce —, voe com toda a gentileza até o sul. Não suba mais do que o necessário para escapar das casas e árvores. Ir muito alto me deixa enjoado.

— Tudo bem — respondeu o Cabralce, pontualmente.

Ele bateu as quatro asas enormes e subiu devagar em direção ao céu. Em seguida, enquanto a turma de aventureiros se agarrava aos braços e encostos dos sofás, o Cabralce virou para a direção sul e subiu rápido, com toda sua majestade.

— O efeito cênico desta altitude é maravilhoso — comentou o educado Gafanhito, enquanto viajavam.

— O cenário não importa — disse o Espantalho. — Segurem-se firme ou vão despencar. O Cabralce balança demais.

— Logo vai escurecer — disse Bizu, observando o sol já baixo no horizonte. — Talvez fosse melhor ter esperado até a manhã. Não sei se o Cabralce pode voar durante a noite.

— Também me perguntava isso — respondeu o Cabralce, calmo. — Saibam que esta é uma nova experiência para mim. Antes, eu tinha pernas velozes que me carregavam sobre o solo. Agora, parece que minhas pernas estão adormecidas.

— Devem estar mesmo — disse Bizu. — Elas não foram reavivadas.

— Queríamos que você voasse apenas — explicou o Espantalho —, e não andasse.

— Para caminhar não precisaríamos de ninguém — disse o Gafanhito.

— Começo a entender o que é exigido de mim — observou o Cabralce. — Farei o meu melhor para agradar.

Voaram por algum tempo em silêncio até que João Abobão se inquietou.

— Me pergunto se viajar pelo ar pode estragar abóboras — ele disse.

— Não, exceto se você se descuidar e deixar sua cabeça pender para o lado — respondeu o Gafanhito. — Se isso acontecer, você pode perder a cabeça.

— Já pedi para que refreasse suas piadas insensíveis! — exigiu Bizu, encarando o Gafanhito com uma expressão severa.

— Você pediu mesmo. Tenho me segurado a maior parte das vezes — respondeu o inseto. — Mas algumas oportunidades para brincar com as palavras são tão maravilhosas em nossa língua que, educado como sou, a tentação de expressá-las é quase irresistível.

— Pessoas com mais ou menos educação já descobriram esses trocadilhos e brincadeiras há séculos — disse Bizu.

— Tem certeza? — espantou-se o Gafanhito.

— É claro — respondeu o garoto. — Um Gafanhito educado talvez seja novidade. Mas a educação dos Gafanhitos é tão velha quanto o mar, pelo modo como você demonstra.

O inseto pareceu muito impressionado com a observação e, por algum tempo, manteve um silêncio humilde.

Mudando de assento, o Espantalho viu o pimenteiro que Bizu tinha deixado de lado sobre as almofadas e começou a examiná-lo.

— Jogue isso para fora — disse o garoto. — Está vazio e não faz sentido guardar.

— Está mesmo vazio? — perguntou o Espantalho, olhando curioso para a caixa.

— É claro que está — respondeu Bizu. — Espalhei cada grão do pó.

— Então a caixa tem dois fundos — anunciou o Espantalho. — O fundo de dentro é quase um dedo menor que o fundo de fora.

— Deixe-me ver — disse o Lenhador de Lata, tirando a caixa do amigo. — Sim, certamente tem um fundo falso. Pra que será que serve?

— Você não vai abrir e descobrir? — indagou Bizu, muito interessado no mistério.

— Ora, sim. O fundo de baixo desenrosca — disse o Lenhador de Lata. — Meus dedos são muito duros. Por favor, tente abrir.

Ele entregou o pimenteiro para Bizu, que não teve dificuldade para desrosquear o fundo. A cavidade de baixo guardava três pílulas prateadas sobre um forro de papel cuidadosamente dobrado.

O garoto abriu o papel devagar para não derrubar as pílulas e encontrou muitas linhas escritas em tinta vermelha.

— Leia em voz alta — disse o Espantalho.

Bizu leu o texto a seguir:

“AS FAMOSAS PÍLULAS DE DESEJOS DO DR. MANICANI.

Instruções de uso: Engula uma pílula. Conte até dezessete a cada dois. Faça um desejo. O desejo será imediatamente concedido.

ATENÇÃO: Mantenha em um local escuro e seco.”

— Ora, se não é uma descoberta valiosa! — exclamou o Espantalho.

— Certamente — respondeu Bizu, sério. — Essas pílulas serão de grande serventia para nós. Me pergunto se a velha Mambi sabia que estavam no fundo do pimenteiro. Me lembro que ela dizia que pegou o pó da vida com esse tal de Manicani.

— Deve ser um feiticeiro poderoso! — exclamou o Lenhador de Lata. — Seu pó funciona perfeitamente. Devemos confiar nas pílulas.

— Mas como — perguntou o Espantalho — é possível contar dezessete a cada dois? Dezessete é ímpar.

— É verdade — desapontou-se Bizu. — Possivelmente ninguém pode contar até dezessete a cada dois.

— Então as pílulas não servirão de nada — lamentou o Abobrão. — Que tristeza! Eu tinha a intenção de pedir que minha cabeça nunca se estragasse.

— Absurdo! — disparou o Espantalho. — Se por acaso pudermos usar as pílulas, faremos pedidos bem melhores do que o seu.

— Não sei como as coisas poderiam ser melhores — protestou o pobre João. — Imagine se, de repente, sua cabeça pudesse apodrecer. Entende a minha ansiedade?

— Com todo respeito — disse o Lenhador de Lata —, simpatizo com você, mas como não podemos contar dezessete a cada dois, simpatia é o máximo que você terá de nós.

A noite já havia caído e os viajantes estavam cobertos por um céu nublado que barrava o luar.

O Cabralce voava com estabilidade e, por alguma razão, o grande corpo-sofá balançava cada vez mais conforme o tempo passava.

O Gafanhito anunciou que estava enjoado. Bizu também estava pálido e um tanto angustiado. Os outros se agarravam nos encostos dos sofás sem parecer se incomodar com o balanço. Só tinham medo de cair.

A noite ficava cada vez mais escura. O Cabralce acelerou pelo céu negro. Não conseguiam enxergar uns aos outros, e um silêncio opressivo se instalou sobre eles.

Depois de muito tempo, Bizu, que refletia profundamente, disparou:

— Como vamos saber se chegamos ao palácio de Glinda, a Boa?

— O caminho até o palácio de Glinda é longo — respondeu o Lenhador. — Já viajei até lá.

— Mas como saber a velocidade de voo do Cabralce? — persistiu o garoto. — Não se vê nada lá embaixo e, antes de amanhecer, podemos descobrir que estamos mais longe ainda do lugar para onde vamos.

— Isso faz muito sentido — inquietou-se o Espantalho. — Só não vejo como parar neste momento. Podemos pousar em um rio, ou pior, no alto de uma torre, o que seria um grande desastre.

Todos concordaram que o Cabralce devia continuar com as batidas regulares de suas grandes asas e esperar pacientemente pela manhã.

Não demorou para que os temores de Bizu se provassem fundamentados. Com os primeiros raios do amanhecer cinzento,

olharam para os lados do sofá e descobriram planícies suavemente onduladas, salpicadas por estranhas vilas nas quais as casas, em vez de possuírem o formato de domos, como era o costume na Terra de Oz, tinham telhados inclinados que se elevavam até um pico central. Animais de aparência peculiar também se moviam pelas planícies abertas. A região não era familiar nem para o Lenhador de Lata e nem para o Espantalho, que tinham visitado formalmente os domínios de Glinda, a Boa, e os conheciam bem.

— Estamos perdidos! — disse o Espantalho, tristemente. — O Cabralce teve ter nos levado totalmente para fora da Terra de Oz por sobre os desertos até o mundo terrível a respeito do qual Dorothy nos contou.

— Precisamos voltar! — exclamou o Lenhador de Lata, sinceramente. — O mais rápido possível!

— Dê a volta! — Bizu exclamou para o Cabralce. — Dê a volta rápido!

— Se eu fizer isso, vou ficar chateado — respondeu o Cabralce. — Não sou acostumado a voar, e o melhor plano para mim seria pousar em algum lugar. Depois disso eu faria a volta e começaria o voo de novo.

Nesse exato momento, no entanto, não havia nenhum lugar de pouso que correspondesse a esse propósito. Sobrevoaram uma vila tão grande que o Gafanhito declarou que era uma cidade. Depois, chegaram a um conjunto de altas montanhas com muitos desfiladeiros profundos e penhascos íngremes.

— Eis a nossa chance de parar — disse o garoto, percebendo que estavam muito perto dos topos das montanhas.

Virou-se para o Cabralce e ordenou:

— Desça no primeiro lugar plano que você vir!

— Muito bem — respondeu o Cabralce já descendo sobre uma superfície de rocha plana entre dois penhascos.

Sem experiência nesses assuntos, a coisa não estimou sua velocidade corretamente. Em vez de pousar sobre a rocha plana, passou o alvo por mais de meio corpo de distância. Suas duas asas direitas se rasgaram contra as bordas afiadas da montanha e, em seguida, despencou abismo abaixo.

Os amigos seguraram-se nos sofás enquanto puderam, mas quando o Cabralce atingiu uma rocha que se projetava, a coisa toda parou de súbito de cabeça para baixo e todos foram imediatamente despejados.

Por sorte, não caíram mais do que alguns centímetros. Sob eles havia o ninho monstruoso construído por uma colônia de gralhas em uma saliência oca na rocha. Nenhum deles foi ferido na queda, nem mesmo o Abobrão. Sua preciosa cabeça aterrissou no peito do Espantalho, que serviu como uma almofada excelente. Bizu caiu sobre um amontoado de folhas e papéis, incólume. O Gafanhito bateu sua cabeça redonda contra o Cavalete, sem causar mais do que um pequeno incômodo.

A princípio, o Lenhador de Lata ficou muito alarmado. Ao perceber que escapara sem nenhum arranhão em seu belo niquelado, retomou imediatamente sua animação costumeira e se dirigiu a seus camaradas:

— Nossa jornada terminou de modo um tanto súbito — ele disse. — Não podemos culpar nosso amigo Cabralce pelo acidente.

Ele fez o melhor diante das circunstâncias. Quanto a nos livrarmos deste ninho, deixo a tarefa para alguém com miolos melhores do que os meus.

Seus olhos pousaram sobre o Espantalho, que engatinhou até a borda e analisou tudo em volta. Abaixo deles havia um precipício absoluto, com centenas de metros de profundidade. Acima havia um suave penhasco liso, interrompido apenas pela rocha em que o corpo destruído do Cabralce ainda se pendurava, suspenso pela parte de trás de um dos sofás. Parecia realmente não haver rotas de escape. Quando perceberam sua situação difícil e desamparada, o pequeno bando de aventureiros se entregou à perplexidade.

— Esta prisão é pior do que o palácio — observou tristemente o Gafanhito.

— Preferia ter ficado lá — choramingou João. — Talvez o ar da montanha não seja bom para abóboras.

— Não será quando as gralhas voltarem — resmungou o Cavalete, que se debatia em um esforço inútil para ficar em pé novamente. — Gralhas adoram abóboras.

— Acham que os pássaros virão até aqui? — perguntou João, muito nervoso.

— É claro que sim — disse Bizu. — Aqui é o ninho delas. Devem morar aqui às centenas, pela quantidade de coisas que trouxeram para cá.

De fato, metade do ninho estava preenchido com uma coleção dos mais curiosos e pequenos artefatos, para os quais nenhum pássaro poderia encontrar alguma utilidade. As gralhas ladras roubaram, por muitos anos, esses objetos das casas dos homens.

Como o ninho estava seguro e escondido, longe do alcance de qualquer ser humano, essas propriedades perdidas nunca seriam recuperadas.

O Gafanhito, procurando por entre o entulho — pois as gralhas roubam tanto coisas inúteis quanto valiosas —, topou com um belo colar de diamantes. O Lenhador de Lata se admirou tanto com a joia que o Gafanhito a deu de presente com um discurso gracioso. Depois disso, o Lenhador o colocou em torno de seu pescoço, extremamente satisfeito com os raios de sol que reluziam nos grandes diamantes.

Houve um grande alvoroço, e o bater de asas chegou aos seus ouvidos, cada vez mais perto, até que Bizu exclamou:

— As gralhas estão voltando! Se nos acharem aqui, certamente nos matarão!

— Era o que eu temia! — choramingou o Abobrão. — Minha hora chegou!

— A minha também! — disse o Gafanhito. — Gralhas são inimigas terríveis da minha espécie!

Nenhum dos outros parecia ter medo. O Espantalho imediatamente se adiantou para salvar os membros do grupo que poderiam ser machucados pelos pássaros ensandecidos. Mandou que Bizu escondesse a cabeça de João no fundo do ninho. Após isso, disse ao Gafanhito que se deitasse por cima de Bizu. Gume Machado, que sabia por experiência passada exatamente o que fazer, despedaçou o Espantalho — exceto sua cabeça — e espalhou toda a palha sobre Bizu e o Gafanhito, cobrindo seus corpos completamente.

Mal tinha terminado essa tarefa quando a revoada de gralhas os alcançou. Percebendo os intrusos no ninho, os pássaros mergulharam sobre o grupo, berrando de fúria.

AS FAMOSAS PÍLULAS DE DESEJOS DO DR. MANICANI

O Lenhador de Lata normalmente era um homem pacífico. Porém, quando a ocasião pedia, ele lutava com a fúria de um gladiador. As gralhas quase o derrubaram com o bater das asas, bicos e garras afiadas que ameaçavam danificar sua couraça brilhante. O Lenhador pegou o machado e o girou sobre sua cabeça.

Mesmo abatendo muitas delas com sua técnica, os pássaros eram tão numerosos e enfurecidos que continuavam a atacar sem diminuir em nada sua agressividade. Algumas bicaram os olhos do indefeso Cabralce, ainda pendurado no ninho. Por sorte, os olhos do Cabralce eram de vidro e não podiam ser feridos. Outras gralhas avançaram sobre o Cavalete. O animal, ainda com as patas de madeira para cima, esperneou tão brutalmente que derrubou tantos atacantes quanto o machado do Lenhador.

Ao enfrentar tanta resistência, os pássaros mergulharam sobre a palha do Espantalho que cobria Bizu, Gafanhito e a cabeça de abóbora de João no meio do ninho. Arrancavam e voavam levando feixes de palha para fora do ninho para jogá-los na imensidão do grande abismo.

A cabeça do Espantalho, assombrada ao ver a temerária destruição do seu interior, gritou para que o Lenhador de Lata o salvasse. Seu bom amigo respondeu com energia renovada. O machado passou como um raio por entre as gralhas. Por sorte, o

Cabralce começou a balançar descontroladamente as duas asas que lhe restavam do lado esquerdo. A grande agitação aterrorizou as gralhas. Em seguida, os próprios esforços do Cabralce o livraram da ponta de rocha que o prendia. Ele caiu pesadamente sobre o ninho. Os pássaros ficaram bastante alarmados e fugiram berrando por sobre as montanhas.

Quando o último inimigo desapareceu no horizonte, Bizu se arrastou por debaixo dos sofás e ajudou o Gafanhito a segui-lo.

— Estamos salvos! — gritou com satisfação.

— Sim, é verdade! — completou o educado inseto. Abraçou a cabeça rígida do Cabralce tomado de alegria. — Devemos tudo às asas do Cabralce e ao poderoso machado do Lenhador!

— Se estou salvo, me tirem daqui! — chamou João, cuja cabeça continuava entre os sofás.

Bizu rolou a abóbora para fora e a colocou de volta no pescoço do corpo de madeira. Depois colocou o Cavalete em pé e disse:

— Também devemos a você muitos agradecimentos por seu elegante estilo de luta.

— Realmente escapamos muito bem — observou o Lenhador de Lata, em tom de orgulho.

— Nem tanto! — exclamou uma voz vazia.

Todos se voltaram com surpresa para ver a cabeça do Espantalho no fundo do ninho.

— Estou completamente arruinado — declarou o Espantalho ao perceber o assombro de todos. — Onde está a palha que preenche o meu corpo?

A terrível pergunta assustou a todos. Vasculharam todo o ninho aterrorizados sem encontrar vestígio algum da palha. As gralhas haviam roubado até o último fiapo e jogado tudo no abismo que se escancarava por centenas de metros ninho abaixo.

— Pobre, pobre amigo! — disse o Lenhador de Lata, acariciando a cabeça do Espantalho. — Quem poderia imaginar que seu fim seria tão prematuro?

— Eu salvei meus amigos — respondeu a cabeça. — Estou feliz que minha morte tenha um motivo tão nobre e altruísta.

— Mas por que estão desanimados assim? — perguntou o Gafanhito. — A roupa do Espantalho ainda está a salvo.

— Sim — respondeu o Lenhador de Lata —, mas as roupas do nosso amigo são inúteis sem a forração.

— Por que não recheá-lo com as notas de dinheiro? — perguntou Bizu.

— Dinheiro? — exclamaram em coro.

— Para ser honesto — disse o menino —, no fundo do ninho há milhares de notas de um, dois, cinco, dez, vinte e cinquenta. Tem o bastante para encher uma dúzia de Espantalhos. Por que não usá-las?

O Lenhador de Lata passou a revirar o entulho com o cabo do machado. O que a princípio pensaram ser apenas papéis sem valor se mostrou ser notas de várias denominações. As perniciosas gralhas se ocuparam em roubar as vilas e cidades que visitavam por anos a fio.

Havia uma imensa fortuna repousando naquele ninho inacessível. A sugestão de Bizu teve o consentimento do Espantalho,

que foi rapidamente recheado.

Separaram as notas mais bonitas e limpas e as classificaram em pilhas. A perna esquerda e a bota do Espantalho foram preenchidas com notas de cinco. Sua perna direita, com notas de dez. Seu corpo foi recheado com tantas notas de cinquenta, cem e mil que mal podia abotoar seu casaco sem esforço.

— Agora você é o membro mais valioso de nosso grupo — disse o Gafanhito, imponente, depois do serviço completado. — Depositamos em você nossa confiança e, por isso, há pouco risco de essa amizade se desgastar.

— Obrigado — agradeceu o Espantalho. — Me sinto um novo homem. Embora eu talvez passe a ser confundido com um cofre, peço para que se lembrem de que meus miolos ainda são feitos do mesmo bom e velho material. São essas as poses que sempre fizeram de mim uma pessoa digna de confiança em uma emergência.

— A emergência é agora — observou Bizu. — Se seus miolos não nos ajudarem a sair daqui, estamos condenados a passar o resto de nossa vida neste ninho.

— E quanto às pílulas dos desejos? — perguntou o Espantalho, pegando a caixa no bolso de seu casaco. — Podemos usá-las para escapar.

— Só depois de contarmos dezessete a cada dois — respondeu o Lenhador de Lata. — Nosso amigo Gafanhito, que clama ser muitíssimo educado, talvez possa descobrir como essa conta pode ser feita.

— Não é questão de educação — respondeu o inseto —, é uma mera questão matemática. Presenciei o professor trabalhando com muitas somas na lousa. Ele dizia que qualquer coisa podia ser feita com “x”s, “y”s, “a”s etc, quando misturadas com outros sinais de mais, menos, igual e assim por diante. Que eu me lembre, ele nunca falou nada sobre contar números ímpares como o dezessete pelos números pares em dois.

— Pare! Pare! — exclamou o Abobrão. — Você está fazendo minha cabeça doer.

— A minha também — acrescentou o Espantalho. — Sua matemática se parece com um pote de pickles misturados: quanto mais você tenta pescar o que quer, menos chances tem de pegar. Estou certo de que se a coisa puder ser feita, será de um jeito simples.

— Sim — disse Bizu. — A velha Mambi não saberia usar um “x” ou sinal de menos, pois nunca foi à escola.

— Por que não começamos a contar a partir de meio? — interrompeu o Cavalete. — Daí qualquer um pode contar até dezessete a cada dois muito fácil.

Olharam uns para os outros surpresos, pois o Cavalete era considerado o mais estúpido de todo o grupo.

— Agora fiquei com vergonha de mim mesmo — disse o Espantalho, fazendo um gesto de reverência diante do Cavalete.

— No entanto, a criatura está certa — declarou o Gafanhito. — Duas vezes meio é um. Ao chegar em um, é fácil contar de um até dezessete a cada dois.

— Como é que eu mesmo não pensei nisso? — encafifou Abobráo.

— Eu não pensei — respondeu o Espantalho. — Você não é mais inteligente do que todos nós, é? Vamos fazer logo um pedido. Quem engolirá a primeira pílula?

— Sugiro que seja você — disse Bizu.

— Não posso — disse o Espantalho.

— Por que não? Você tem boca, oras — apontou o menino.

— Sim. Mas minha boca é pintada e não existe garganta conectada a ela — respondeu o Espantalho e continuou com um olhar crítico para todos. — De fato, acredito que o menino e o Gafanhito são os únicos em nosso grupo aptos a engolir.

A verdade da observação fez Bizu dizer:

— Então aceito fazer o primeiro pedido. Me dê uma das pílulas prateadas.

O Espantalho tentou, mas suas luvas acolchoadas eram desajeitadas para pegar um objeto tão pequeno. Ele levou a caixa em direção ao garoto para que Bizu escolhesse e engolissem uma das pílulas.

— Conte! — exclamou o Espantalho.

— Meio, um, três, cinco, sete, nove, onze — contou Bizu —, treze, quinze, dezessete.

— Agora deseje! — disse o Lenhador de Lata, ansioso.

Nessa hora o garoto começou a sentir dores tão medonhas que ficou alarmado:

— A pílula me envenenou! — engasgou. — Ah! A-a-a-a-a! Ai! Assassina! Fogo! Aah!

Bizu rolou sobre o fundo do ninho em tantas contorções que apavorou a todos.

— O que podemos fazer por você? Diga, estou pedindo! — implorou o Lenhador de Lata com lágrimas de preocupação rolando por suas bochechas niqueladas.

— E-eu não sei! — respondeu Bizu. — Ahhhh! Eu desejava nunca ter engolido essa pílula!

A dor passou imediatamente e o garoto ficou em pé outra vez para encontrar o Espantalho olhando surpreso para o fundo do pimenteiro.

— O que aconteceu? — perguntou o garoto, um pouco envergonhado de sua recente exibição.

— Ora, há três pílulas na caixa de novo! — disse o Espantalho.

— É claro que há — o Gafanhito declarou. — Bizu desejou nunca ter engolido. É sinal de que o desejo se tornou realidade e ele *não* engoliu uma delas. Por isso, é claro que todas as três estão de volta na caixa.

— Pode ser isso mesmo. Mas mesmo assim a pílula me deu uma dor terrível — disse o menino.

— Impossível! — declarou o Gafanhito. — Se você nunca a engoliu, a pílula não poderia ter causado dor alguma. Como seu desejo foi concedido, isso prova que você não engoliu a pílula e, é claro, que também não sofreu nenhuma dor.

— Então foi uma esplêndida imitação de dor — respondeu Bizu, com raiva. — Sugiro que você mesmo tente a próxima pílula. Já

gastamos um pedido.

— Ah, não gastamos não! — protestou o Espantalho. — Aqui na caixa há três pílulas, e cada uma delas dá direito a um desejo.

— Agora é você quem está *me* causando dor de cabeça — disse Bizu. — Não estou entendendo nada e não vou tomar mais outra pílula, isso eu prometo!

Mal-humorado, retirou-se para o fundo do ninho depois dessa declaração.

— Bem — disse o Gafanhito —, resta a mim salvar a todos nós com meus modos Muitíssimo Aumentados e Totalmente Educados. Parece que sou o único capaz e disposto a fazer um desejo. Dê-me uma das pílulas.

Engoliu a drágea sem hesitação. Todos ficaram estáticos em admiração por sua coragem. Depois que o inseto contou dezessete a cada dois do mesmo modo que Bizu havia feito, por alguma razão — talvez porque o estômago dos Gafanhitos seja mais forte que o dos meninos —, a pastilha de prata não causou nenhum sofrimento.

— Desejo que as asas quebradas do Cabralce se consertem e voltem a ficar novas — disse o Gafanhito com uma voz lenta e firme.

Todos voltaram seus olhos para a coisa e, tão rápido como o desejo foi proferido, o Cabralce se colocou diante deles perfeitamente como era antes. Era capaz de voar novamente como quando veio à vida pela primeira vez no telhado do palácio.

O ESPANTALHO APELA PARA GLINDA, A BOA

O Espantalho não conteve sua alegria:

— Viva! Agora podemos deixar este ninho de gralhas miserável quando quisermos.

— Mas está quase escuro — disse o Lenhador de Lata. — Se não esperarmos até amanhã para voar, podemos enfrentar ainda mais problemas. Não gosto de viagens noturnas, pois ninguém sabe o que pode acontecer.

Assim, decidiram esperar até o raiar do sol. Divertiram-se durante o entardecer, procurando tesouros no ninho das gralhas.

Gafanhito achou dois belos braceletes de ouro que se viam muito bem em seus braços esguios. O Espantalho afeiçoou-se aos anéis que se amontoavam no ninho. Não demorou muito para ele ter um anel em cada um dos dedos das suas luvas acolchoadas. Ainda insatisfeito com a ostentação, adicionou mais um em cada polegar. Ele escolheu meticulosamente seu jogo de anéis de pedras cintilantes — rubis, ametistas e safiras — a ponto de suas mãos parecerem caixas de joias sem igual.

— Este ninho seria um piquenique para a Rainha Jenjee — disse, pensativo. — Até onde consigo compreender, ela e suas rebeldes me depuseram simplesmente para roubar as esmeraldas de minha cidade.

O Lenhador de Lata estava feliz com seu colar de diamantes e se recusou a aceitar qualquer decoração adicional. Bizu encontrou um belo relógio de ouro com uma pesada corrente e o guardou em sua bolsa muito satisfeito. Também fixou vários broches com joias ao colete vermelho de João Abobrão e pendurou um binóculo no pescoço do Cavalete.

— Muito bonito — disse a criatura, aprovando o binóculo —, mas para que serve?

Nenhum deles soube responder à pergunta. Então o Cavalete decidiu que era um tipo raro de decoração e ficou ainda mais orgulhoso dele.

Como todos do grupo tinham os mesmos direitos, colocaram muitos anéis com sinetes nos chifres do Cabralce. O estranho personagem, porém, não demonstrava de modo algum estar grato pela atenção.

A escuridão logo caiu sobre eles. Bizu e Gafanhito dormiram enquanto os outros sentaram-se para esperar pacientemente pelo dia.

Na manhã seguinte, se congratularam entre si pela condição saudável do Cabralce. Ao alvorecer, uma grande revoada de gralhas já se aproximava para travar mais uma batalha pela posse do ninho.

Nossos aventureiros não esperaram pelo ataque. Assim que subiram nos assentos estofados dos sofás, Bizu deu a ordem para que o Cabralce partisse.

De imediato ele se levantou no ar. Suas grandes asas batiam vigorosamente em movimentos regulares. Em poucos momentos,

estavam tão longe do ninho que as gralhas tagarelas tomaram posse novamente sem qualquer tentativa de perseguição.

A coisa voou para o norte, na mesma direção por onde viera. Ao menos, essa era a opinião do Espantalho, e todos concordaram que o Espantalho seria o melhor juiz de direção. Depois de sobrevoar diversas cidades e vilas, o Cabralce os levou por uma larga planície na qual as casas ficaram cada vez mais esparsas até desaparecerem totalmente. Em seguida, veio o grande deserto de areia que separava o resto do mundo da Terra de Oz. Antes do meio-dia, avistaram as casas em forma de domos que provavam que, uma vez mais, estavam dentro do perímetro de sua terra nativa.

— As casas e cercas são azuis — disse o Lenhador de Lata —, o que significa que estamos na terra dos miudins. É uma longa distância daqui até Glinda, a Boa.

— O que faremos? — perguntou o menino, voltando-se para seu guia.

— Não sei — respondeu o Espantalho, francamente. — Se estivéssemos na Cidade Esmeralda, poderíamos ir direto para o sul, em linha reta rumo ao nosso destino. Embora eu não tenha coragem de voltar à Cidade Esmeralda, sei que o Cabralce provavelmente nos carrega na direção errada com o bater de suas asas.

— E se o Gafanhito engolir outra pílula? — perguntou Bizu, decidido. — Basta desejar que viajemos na direção correta.

— Muito bem — respondeu o Muitíssimo Aumentado. — Estou à disposição.

O Espantalho buscou pelo pimenteiro com as duas pílulas de desejos em seu bolso, mas não o encontrou. Ansiosos, os viajantes procuraram em cada centímetro da coisa pela preciosa caixa. Ela havia desaparecido.

O Cabralce voava sempre em frente, levando-os sabe-se lá para onde.

— Devo ter deixado o pimenteiro cair no ninho de gralhas — disse, finalmente, o Espantalho.

— Que grande infortúnio! — declarou o Lenhador de Lata. — Não estamos em pior situação do que antes de descobrirmos as pílulas de desejos.

— Na verdade, estamos melhor — respondeu Bizu. — Uma pílula apenas permitiu nossa fuga daquele ninho medonho.

— Ainda assim, a perda das outras duas é coisa séria. Mereço uma bela bronca pela minha falta de cuidado — replicou o Espantalho, em penitência. — Em um grupo tão fora do comum como o nosso, acidentes podem acontecer a qualquer momento. Mesmo agora, podemos estar nos aproximando de um novo perigo.

Ninguém ousou contradizê-lo, e seguiu-se um silêncio triste.

O Cabralce voava com estabilidade. De repente, Bizu exclamou:

— Alcançamos o País do Sul! Vejam! Abaixo de nós, tudo é vermelho!

Imediatamente se debruçaram sobre os encostos dos sofás para espiar — todos, menos João, que temia que sua cabeça de abóbora escorregasse de seu pescoço e se espatifasse lá embaixo. Bizu estava certo. As casas, cercas e árvores vermelhas indicavam que haviam chegado aos domínios de Glinda, a Boa. Logo, como planavam

rápido, o Lenhador de Lata reconheceu estradas e edificações. Alteraram sutilmente o voo do Cabralce para que chegassem ao palácio da celebrada feiticeira.

— Que bom! — encantou-se o Espantalho. — Não precisamos mais das pílulas de desejos perdidas. Já chegamos ao nosso destino.

Aos poucos, a coisa desceu cada vez mais próxima do chão até pousar nos belos jardins de Glinda. Era um gramado verde aveludado próximo a uma fonte da qual jorravam pedras cintilantes em vez de água. As joias caíam com um tilintar suave na bacia esculpida em mármore posicionada para recebê-las.

Tudo era maravilhoso nos jardins de Glinda. Enquanto os viajantes fitavam a tudo, admirados, um pelotão de soldadas se aproximou silenciosamente e os cercou. As soldadas da grande feiticeira eram totalmente diferentes das do Exército Rebelde de Jenjee, embora também fossem todas meninas. Elas trajavam uniformes elegantes e empunhavam espadas e lanças. Marchavam com habilidade e precisão, o que provava o quanto eram bem treinadas nas artes da guerra.

A capitã que comandava a tropa — que também era a escolta particular de Glinda —, ao reconhecer o Espantalho e o Lenhador de Lata, os cumprimentou com saudações respeitosas sem pestanejar.

— Bom dia! — respondeu o Espantalho com um gesto galante de seu chapéu. O Lenhador a cumprimentou como se fosse um militar.

— Viemos pedir uma audiência com sua justa regente.

— Neste momento Glinda está em seu palácio. Ela os aguarda — respondeu a capitã. — A rainha sabia da vinda de vocês muito antes

de chegarem.

— Que estranho! — disse Bizu, maravilhado.

— Nem tanto — respondeu o Espantalho. — Glinda, a Boa, é uma poderosa feiticeira. Nada que acontece na Terra de Oz escapa à atenção dela. Suponho que ela saiba o motivo de estarmos aqui melhor do que nós mesmos.

— Então, qual é a utilidade de nossa vinda? — perguntou João, estupidamente.

— Para provar que você é um Abobrão! — retrucou o Espantalho. — Se a feiticeira nos aguarda, não vamos deixar que espere muito.

Então todos saíram dos sofás e seguiram a capitã em direção ao palácio. Até mesmo o Cavalete tomou seu lugar na estranha procissão.

Glinda estava sentada em seu trono de ouro finamente entalhado. Mal conseguiu segurar um sorriso ao ver seus peculiares visitantes entrarem e prestarem sua saudação diante dela. A feiticeira gostava tanto do Espantalho como do Lenhador de Lata, mas o esquisito Abobrão e o Muitíssimo Ampliado Gafanhito eram criaturas que ela nunca tinha visto. Pareciam ser ainda mais curiosos do que os outros. Já o Cavalete parecia não ser mais do que um pedaço de madeira animado. Ele curvou-se tão rigidamente que sua cabeça bateu no chão. Uma onda de gargalhadas se alastrou entre as soldadas, à qual Glinda honestamente se juntou.

— Sinto anunciar a Vossa Gloriosa Alteza — começou o Espantalho, com voz solene — que a minha Cidade Esmeralda foi tomada por um bando de garotas descaradas e suas agulhas de tricô.

Escravizaram os homens, saquearam todas as joias e esmeraldas das ruas e edifícios públicos e usurparam meu trono.

— Sei disso — disse Glinda.

— Elas também ameaçaram me destruir, bem como a todos os meus bons amigos e aliados que estão diante de Vossa Alteza — continuou o Espantalho. — Se não tivéssemos escapado das garras delas, nossos dias já teriam terminado há muito tempo.

— Sei disso — repetiu Glinda.

— Por isso, vim pedir sua ajuda — resumiu o Espantalho. — Acredito que você gosta muito de socorrer os desafortunados e oprimidos.

— É verdade — replicou calmamente a feiticeira. — A Cidade Esmeralda agora é governada pela General Jenjee, que se proclamou rainha. Que direito eu tenho de me opor a ela?

— Ora, ela roubou o trono de mim — disse o Espantalho.

— E como você tomou posse do trono? — perguntou Glinda.

— Eu o tomei do Mágico de Oz, pela vontade do povo — respondeu o Espantalho, inquieto com tal questionamento.

— E de onde o Mágico o tomou? — continuou, séria.

— Me disseram que ele o tomou de Pastoria, o antigo rei — emendou o Espantalho, já confuso com o olhar decidido da feiticeira.

— Então — declarou Glinda —, o trono da Cidade Esmeralda não pertence nem a você, nem a Jenjee, mas a esse tal de Pastoria, que foi usurpado pelo Mágico.

— É verdade — concordou o Espantalho, humildemente. — Pastoria já está morto e se foi. Alguém precisa governar em seu lugar.

— Pastoria tinha uma filha, a herdeira de direito do trono da Cidade Esmeralda. Você sabia disso? — perguntou a feiticeira.

— Não — respondeu o Espantalho. — Se a garota ainda vive, não ficarei em seu caminho. Seria uma satisfação ver Jenjee desmascarada como impostora e reconquistar eu mesmo o trono. De fato, não é muito divertido ser rei, especialmente tendo bons miolos. Já faz algum tempo que sei que estou apto a ocupar uma posição muito mais elevada. Mas onde está a garota a quem o trono pertence? Qual o seu nome?

— Seu nome é Ozma — respondeu Glinda. — Venho tentando em vão descobrir seu paradeiro. Quando o Mágico de Oz depôs o pai de Ozma, a garota foi escondida em algum lugar secreto. Utilizou-se alguma magia desconhecida para evitar que alguém a encontrasse.

— Que estranho! — interrompeu o Gafanhito, pomposamente. — Tenho sido informado de que o magnífico Mágico de Oz não passava de uma farsa!

— Absurdo! — exclamou o Espantalho, bastante irritado. — Ele me deu uma maravilhosa porção de miolos!

— Não houve farsa alguma com meu coração — anunciou o Lenhador de Lata, indignado com o Gafanhito.

— Talvez eu esteja mal informado — gaguejou o inseto, encolhendo-se. — Nunca conheci o Mágico pessoalmente.

— Nós, sim — respondeu o Espantalho. — Era um mágico muito bom, posso assegurar. Não omito que ele era culpado por algumas pequenas imposturas, mas se não fosse realmente um grande mágico, eu pergunto, como teria escondido essa garota Ozma de modo tão seguro a ponto de ninguém conseguir encontrá-la?

— E-eu desisto! — respondeu o Gafanhito, humildemente.

— Esta é a frase mais sensível que você já proferiu — disse o Lenhador de Lata.

— Empreenderei outro esforço para descobrir onde a garota está escondida — resumiu a feiticeira, pensativa. — Em minha biblioteca há um livro que registra todas as ações do Mágico enquanto esteve na Terra de Oz. Pelo menos, cada ação que foi espionada pelos meus agentes. Lerei o livro cuidadosamente esta noite para destacar os atos que podem nos guiar na descoberta de Ozma. Enquanto isso, divirtam-se em meu palácio e usufruam de meus serviços como se fossem seus. Concederei outra audiência amanhã.

Após seu discurso gracioso, Glinda dispensou os aventureiros. O grupo vagou pelos belos jardins por muitas horas aproveitando todas as coisas deliciosas com as quais a rainha do sul havia rodeado seu Palácio Real.

Na manhã seguinte, novamente diante de Glinda, ouviram da rainha:

— Vasculhei cuidadosamente os livros com as ações do Mágico e, dentre eles, encontrei três que parecem suspeitas. Ele comia feijões com faca, fez três visitas secretas à velha Mambi e mancava levemente do pé esquerdo.

— Ah! Essa última é com certeza suspeita! — exclamou o Abobrão.

— Não necessariamente — disse o Espantalho. — Talvez fossem calos. Agora, me parece que isso de comer feijões com faca é realmente suspeito.

— Talvez fosse um costume de Omaha, o grande país de onde veio o Mágico — sugeriu o Lenhador de Lata.

— Pode ser — admitiu o Espantalho.

— Mas por que ele faria três visitas à velha Mambi? — perguntou Glinda.

— Ah! Ora, é claro! — ecoou o Gafanhito, imponente.

— Sabemos que o Mágico ensinou muitos truques de mágica a essa velha — continuou Glinda. — Ele não faria isso a troco de nada. Então podemos ter boas razões para suspeitar que Mambi o ajudou a esconder Ozma, a real herdeira do trono da Cidade Esmeralda e um perigo constante para seu usurpador. Se o povo soubesse que ainda estava viva, rapidamente a teriam restaurado ao seu lugar de direito.

— Um argumento ferino — exclamou o Espantalho. — Não há dúvida de que Mambi está envolvida nesse negócio perverso. Mas como esse conhecimento pode nos ajudar?

— Precisamos encontrar Mambi — respondeu Glinda. — Vamos forçá-la a dizer onde a garota está escondida.

— Mambi está com a Rainha Jenjee na Cidade Esmeralda — disse Bizu. — Ela colocou todos aqueles obstáculos em nosso caminho e fez Jenjee ameaçar destruir meus amigos para me devolver ao cativeiro da velha bruxa.

— Então — decidiu Glinda —, marcharei com meu exército até a Cidade Esmeralda e farei de Mambi minha prisioneira. Depois, quem sabe, poderemos forçá-la a dizer a verdade sobre Ozma.

— Ela é uma velha tenebrosa! — estremeceu Bizu ao pensar na chaleira preta de Mambi. — E também obstinada.

— Eu também sou bastante obstinada — sorriu docemente a feiticeira. — Não tenho um pinga de medo de Mambi. Ainda hoje farei os arranjos necessários e marcharemos até a Cidade Esmeralda amanhã ao alvorecer.

O LENHADOR DE LATA COLHE UMA ROSA

O exército de Glinda, a Boa, parecia grande e imponente quando se reuniu pela manhã diante dos portões reais. Os uniformes eram bem cortados e de cores alegres. As pontas prateadas das lanças reluziam no topo de seus longos mastros incrustados com madrepérolas. Os oficiais possuíam espadas afiadas e brilhantes, com escudos enfeitados com penas de pavão. Na realidade, parecia que nenhum inimigo poderia derrotar um exército tão impressionante.

A feiticeira vinha transportada em um belo palanquim que se parecia com o corpo de uma carruagem. Suas portas e janelas eram veladas por cortinas de seda. Em vez de rodas, o palanquim repousava sobre duas longas barras horizontais apoiadas nos ombros de doze serviçais.

O Espantalho e seus camaradas decidiram viajar no Cabralce para acompanhar o rápido avanço do exército de cima. Assim, logo que Glinda e suas rebeldes iniciaram a marcha para longe dos inspirados acordes da música tocada pela banda real, nossos amigos subiram nos sofás e as seguiram. O Cabralce planava tranquilamente acima do palanquim que conduzia a feiticeira.

— Tenha cuidado — o Lenhador de Lata advertiu o Espantalho, que se inclinava para o lado observando o exército abaixo. — Não caia!

— Não faria diferença — lembrou o educado Gafanhito. — Enquanto ele estiver cheio da nota, está tudo bem.

— Ninguém falou com você — começou Bizu em tom reprovador.

— Falou sim! — disse o Gafanhito, de pronto. — E peço seu perdão. Realmente tentarei me conter.

— É melhor mesmo — declarou o garoto. — Isto é, caso queira viajar em nossa companhia.

— Ah! Não suportaria me separar de vocês agora — murmurou o inseto, sentido.

Bizu deixou o assunto de lado. O exército se movia inexorável, mas a noite caiu antes de chegarem aos muros da Cidade Esmeralda. Sob a luz opaca da lua nova, no entanto, as forças de Glinda cercaram silenciosamente a cidade e ergueram suas tendas de seda vermelha sobre o gramado. A tenda da feiticeira era a maior de todas, de pura seda branca, com bandeirolas vermelhas tremulando sobre ela. Outra tenda foi erguida para o grupo do Espantalho. Quando os preparativos foram completados, com rapidez e precisão militar, o exército se retirou para descansar.

Foi grande a surpresa da Rainha Jenjee na manhã seguinte quando suas rebeldes se apressaram a informá-la do vasto exército que as cercava. Ela imediatamente subiu até uma torre alta do palácio para ver as bandeirolas tremulando em todas as direções. A grande tenda branca de Glinda estava bem em frente dos portões.

— Certamente estamos perdidas! — desesperou-se Jenjee. — Nossas meras agulhas de tricô não serão páreo contra as longas lanças e terríveis espadas de nossas inimigas.

— O melhor que podemos fazer — disse uma das garotas — é nos rendermos o quanto antes. Antes de sermos feridas.

— Ainda não — respondeu tomando coragem. — O inimigo está do lado de fora dos muros. Vamos ganhar tempo ocupando todos com negociações. Você, vá até lá com uma bandeira de trégua e pergunte por que ela ousa invadir meus domínios e quais são suas exigências.

A garota passou pelos portões levando uma bandeira branca para demonstrar sua missão de paz. Entrou na tenda de Glinda para uma audiência.

— Diga à sua rainha — explicou a feiticeira para a menina — que entregue a velha Mambi como minha prisioneira. Se isso for feito, não a molestarei mais.

Quando a mensagem foi entregue, a rainha se desalentou. Mambi era sua conselheira-chefe e Jenjee tinha um medo terrível da bruxa velha. Mesmo assim mandou buscar Mambi e repetiu o que Glinda havia falado.

— Vejo um problema à nossa frente — resmungou a bruxa velha depois de passar os olhos pelo espelho mágico que carregava em seu bolso. — Talvez seja possível enganar e escapar da feiticeira. Ela se acha muito esperta.

— Não seria mais seguro eu simplesmente entregar você a ela? — perguntou Jenjee, nervosa.

— Se fizer isso, perderá o trono da Cidade Esmeralda! — respondeu a bruxa. — Mas se me deixar fazer as coisas do meu jeito, posso facilmente salvar nós duas.

— Então faça como quiser — respondeu Jenjee. — Ser rainha é tão aristocrático que não quero ser obrigada a voltar de novo para casa. Chega de arrumar camas e lavar pratos para minha mãe.

Então Mambi pediu que Jelli Jell, a intérprete, se aproximasse e executou um ritual mágico já familiar. Jelli tomou a forma e as feições de Mambi como resultado do encantamento. A velha bruxa tomou de tal modo a aparência da garota que agora parecia impossível alguém desvendar a fraude.

— O próximo passo — disse a velha Mambi para a rainha — é entregar esta garota a Glinda. Ela pensará que tem a verdadeira Mambi em seu poder e, então, retornará imediatamente para seu próprio país, no sul.

Enquanto isso, mancando como uma idosa, Jelli foi levada pelos portões da cidade pelas rebeldes e até a tenda de Glinda.

— Eis aqui a pessoa que você exigiu — disse uma das guardas. — Nossa rainha pede para que vocês partam sem demora e nos deixem em paz como prometeram.

— Com certeza farei isso — agradeceu Glinda —, se esta for realmente a pessoa que parece ser.

— Certamente é a velha Mambi — disse a rebelde, que acreditava estar falando a verdade.

As rebeldes de Jenjee se viraram para retornar à parte interna dos portões da cidade.

A feiticeira rapidamente convocou o Espantalho e seus amigos para a sua tenda e iniciou o interrogatório da suposta Mambi sobre Ozma, a garota perdida. Óbvio que Jelli não sabia nada sobre o

assunto. Não demorou e ficou tão nervosa com as perguntas que ela desistiu e começou a chorar, para espanto de Glinda.

— É uma trapaça ridícula! — disse a feiticeira, com seus olhos faiscando de raiva. — Esta não é Mambi. É alguma outra pessoa enfeitiçada para se parecer com ela! Confesse — exigiu da garota trêmula. — Me diga qual é o seu nome.

Jelli não ousou confessar, pois morria de medo da ameaça de morte feita pela bruxa caso descobrissem a escaramuça. Mas Glinda, doce e justa como era, entendia mais de magia do que qualquer outro em toda a Terra de Oz. Então, proferindo algumas poucas e poderosas palavras, fez um gesto peculiar. Rapidamente a garota voltou à sua forma original. Ao mesmo tempo, distante no palácio de Jenjee, a velha Mambi repentinamente voltou à sua velha forma arqueada e feições malvadas.

— Ora, se não é Jelli Jell! — exclamou o Espantalho, reconhecendo na garota uma de suas velhas conhecidas.

— Nossa intérprete! — disse o Abobrão, sorrindo agradavelmente.

Jelli foi forçada a contar sobre o plano de Mambi e implorou proteção para Glinda, o que a feiticeira prontamente concedeu. Glinda agora estava furiosa. Mandou avisar Jenjee de que descobrira a fraude e demandava a entrega da verdadeira Mambi. Caso contrário, as consequências seriam terríveis. Jenjee já esperava por essa mensagem, pois a bruxa entendeu tudo imediatamente quando sua forma natural foi restaurada: Glinda havia descoberto seu truque. A velha perversa, porém, já tinha outro plano em ação e

fez Jenjee prometer ajudá-la. A rainha respondeu à mensageira de Glinda:

— Diga à sua senhora que não consigo achar Mambi em lugar nenhum. Diga também que Glinda é bem-vinda na cidade para procurar ela mesma pela velha. Ela também pode trazer seus amigos com ela, se quiser. Minha proposta é que se ela não encontrar Mambi até o pôr-do-sol, que me prometa ir embora pacificamente e não nos incomodar nunca mais.

Glinda concordou com os termos, pois sabia que Mambi estava em algum lugar dentro dos muros da cidade. Jenjee mandou que os portões fossem abertos e Glinda marchou no comando de uma companhia de soldadas. Atrás dela vinham o Espantalho e o Lenhador de Lata. João Abobrão seguia montado no Cavalete e o Educado e Muitíssimo Aumentado Gafanhito vinha dignamente por último, sem pressa. Bizu caminhava ao lado de Glinda. Ambos desenvolveram grande afinidade entre si.

A velha Mambi não tinha a menor intenção de ser encontrada por Glinda. Enquanto seus inimigos marchavam pelas ruas, a bruxa tomou a forma de uma rosa vermelha em meio a um arbusto no jardim do palácio. Era uma ideia inteligente e um truque do qual Glinda não suspeitaria. Ao longo do dia, muitas horas preciosas foram gastas em vão na busca por Mambi.

À medida que o pôr-do-sol se aproximava, a feiticeira percebeu que tinha sido derrotada pela astúcia superior da bruxa idosa. Ela, então, ordenou que seu exército saísse da cidade e voltasse às tendas.

O Espantalho e seus camaradas vasculhavam o jardim do palácio nesse exato momento e se desapontaram ao ouvir a ordem de Glinda. Antes de deixarem o jardim, o Lenhador de Lata, que adorava flores, avistou uma grande rosa vermelha desabrochando em um arbusto. Ele colheu a rosa e a fixou em uma das dobras de lata em seu peito.

Ao fazer isso, acreditou escutar um choro baixo vindo da rosa. Não deu atenção para o som e, assim, Mambi foi carregada para fora da cidade até o acampamento de Glinda. Nenhum deles suspeitava que tinham sido bem-sucedidos em sua busca.

A TRANSFORMAÇÃO DA VELHA MAMBI

A princípio a bruxa ficou assustada por se encontrar capturada pela inimiga. Logo ela decidiu que estava exatamente tão segura presa ao peito do Lenhador de Lata como estava enquanto escondida no arbusto. Afinal, ninguém sabia que a rosa era Mambi. Na verdade, suas chances de uma fuga completa de Glinda aumentavam em muito pelo fato de estar fora dos portões da cidade.

“Não há pressa”, pensou Mambi. “Esperarei um pouco enquanto aprecio a humilhação dessa feiticeira quando perceber que fui mais esperta do que ela.”

A rosa ficou quieta no peito do Lenhador a noite toda. Pela manhã, quando Glinda convocou seus amigos para uma audiência, Gume Machado foi até a tenda de seda branca com a bela flor na lapela.

— Não sei explicar como — disse Glinda —, mas falhamos em encontrar a velha e astuta Mambi. Sinto muito que nossa expedição tenha fracassado. Peço desculpas porque sem nossa ajuda a pequena Ozma nunca será resgatada e devolvida à sua posição de direito como rainha da Cidade Esmeralda.

— Não vamos desistir tão fácil — disse o Abobrão. — Vamos fazer alguma coisa.

— Algo realmente precisa ser feito — sorriu Glinda. — Ainda não consigo entender como fui derrotada tão facilmente por uma bruxa velha que sabe muito menos de magia do que eu.

— Colocando nossa cabeça no lugar, acredito que seria sábio de nossa parte conquistar a Cidade Esmeralda para a Princesa Ozma primeiro e encontrá-la depois — disse o Espantalho. — Enquanto a garota estiver escondida, ficarei feliz em governar em seu lugar. Já entendo desse negócio de governar muito melhor do que Jenjee.

— Mas eu prometi não incomodar Jenjee — se opôs Glinda.

— Que tal se todos vocês voltarem comigo ao meu reino... ou melhor, império — disse o Lenhador de Lata polidamente, abrangendo todo o grupo com um gesto de realeza com seu braço. — Me daria grande prazer entreter vocês em meu espaçoso castelo. Se algum de vocês desejar ser niquelado, meu criado pode atendê-los completamente de graça.

Enquanto o Lenhador falava, os olhos de Glinda repararam na rosa em seu peito. Ela desconfiou do modo com as grandes pétalas vermelhas da flor tremiam levemente. Essa suspeita levou a feiticeira a decidir no momento seguinte que aquela aparente rosa nada mais era do que uma das transformações da velha Mambi. Imediatamente, Mambi sentiu que tinha sido descoberta e que precisava planejar uma fuga sem demora. Como transformações eram corriqueiras para ela, tomou a forma de uma sombra e se esgueirou pela parede da tenda em direção à entrada. Ela pensava que conseguiria desaparecer.

Glinda não somente era tão astuta quanto ela, mas tinha muito mais experiência do que a bruxa. A feiticeira alcançou a entrada da

tenda antes da sombra e, com um aceno de mão, lacrou a entrada tão completamente que a Mambi não restou sequer uma fresta por onde passar. O Espantalho e seus amigos foram pegos de surpresa com as ações de Glinda, pois ninguém havia notado a sombra.

— Fiquem parados, todos vocês! Neste momento a velha bruxa está dentro desta tenda e eu vou capturá-la — disse a feiticeira.

Tais palavras alarmaram tanto Mambi que ela rapidamente se transformou de uma sombra em uma formiga preta. O inseto rastejou pelo chão em busca de uma abertura na qual pudesse esconder seu pequeno corpo.

Por sorte, a tenda havia sido montada bem na frente dos portões da cidade e todo o chão era revestido com piche. Glinda localizou a formiga e se apressou para capturá-la enquanto o inseto rastejava. Quando viu a mão descendo sobre ela, a bruxa ficou frenética de medo e fez sua última transformação. Na forma de um grifo², projetou-se através da parede da tenda, rasgando a seda em tiras com sua pressa. Em um instante, disparava com a velocidade de um redemoinho.

Glinda não hesitou em segui-la. Saltou sobre as costas do Cavalete e exclamou:

— Chegou a hora de provar seu direito à vida! Corra! Corra! Corra!

O Cavalete correu. Como um raio, seguiu o grifo com suas pernas de madeira em movimentos tão rápidos que faiscavam como os raios de uma estrela. Antes que nossos amigos se recuperassem do espanto, tanto o grifo como o Cavalete já estavam fora do alcance de seus olhos.

— Venham! Vamos segui-los! — exclamou o Espantalho.

Correram até onde estacionaram o Cabralce e rapidamente subiram a bordo.

— Voe! — ordenou Bizu, impaciente.

— Para onde? — perguntou o Cabralce, com sua voz calma.

— Não sei — respondeu Bizu, já nervoso com a demora. — Se você decolar, acho que podemos descobrir para que lado Glinda foi.

— Muito bem — respondeu calmamente o Cabralce.

Esticou suas grandes asas e se ergueu para os céus.

Longe dali, cruzando as campinas, podia-se ver dois pequenos pontos em perseguição. Deduziram que esses pontos deviam ser o grifo e o Cavalete. Bizu apontou a direção para o Cabralce e obrigou a criatura a alcançar a bruxa e a feiticeira. Embora a velocidade de voo do Cabralce fosse grande, perseguida e perseguidora eram ainda mais rápidas. Em alguns momentos sumiram ao longe no horizonte sombrio.

— Não vamos desistir de segui-las — disse o Espantalho. — A Terra de Oz não é tão vasta. Cedo ou tarde, elas terão de parar.

A velha Mambi fora muito sábia ao escolher a forma de grifo, pois suas pernas eram extremamente ligeiras e sua força muito maior do que a de outros animais. Porém ela não contava com a incansável energia do Cavalete, cujas pernas de madeira podiam correr por dias a fio sem reduzir sua velocidade. Além disso, depois de uma hora de árdua corrida, o grifo começou a perder o fôlego, tossindo e arfando dolorosamente. Agora, ele se movia mais devagar do que antes. Quando alcançou a fronteira com o deserto, seus pés cansados afundaram na areia fofa. Não demorou e o grifo

tombou para a frente, completamente exausto e imóvel no deserto ermo.

Glinda o alcançou no instante seguinte sobre o ainda vigoroso trote do Cavalete. Ela desenrolou um delicado fio dourado de sua cinta e o lançou sobre a cabeça do indefeso grifo que resfolegava. O toque do fio destruiu o poder mágico de transformação de Mambi.

PRINCESA OZMA DE OZ

A voz doce e macia de Glinda anunciou:

— Você é minha prisioneira. É inútil lutar mais. Fique quieta e descanse. Vou levá-la de volta para a minha tenda.

— O que você quer comigo? — perguntou Mambi, ainda sem poder falar direito pela falta de ar. — O que eu fiz para ser tão perseguida?

— Você não fez nada para mim — respondeu a gentil feiticeira —, mas suspeito que seja autora de muitos atos perversos. Se eu descobrir que você abusou do seu conhecimento de magia, minha intenção é puni-la severamente.

— Eu te desafio! — resmungou a bruxa velha. — Não ouse me machucar!

Foi nesse momento que o Cabralce pousou ao lado delas sobre as areias do deserto. Todos estavam satisfeitos por Mambi ter sido finalmente capturada. Depois de uma rápida audiência, decidiram que todos voltariam ao acampamento no Cabralce. O Cavalete foi colocado a bordo e Glinda subiu ainda segurando uma das pontas do fio dourado que enlaçava o pescoço de Mambi. A prisioneira foi forçada a subir nos sofás. Os outros entraram em seguida, e Bizu deu a ordem para o Cabralce retornar.

A viagem seguiu em segurança. Mambi se manteve sentada com um ar sinistro e carrancudo. A velha bruxa estava absolutamente indefesa em razão do fio mágico ao redor de sua garganta. O

retorno de Glinda foi muito comemorado pelas soldadas. O grupo de amigos logo se reuniu novamente na tenda real, já reparada dos danos que havia sofrido.

— Agora — disse a feiticeira para Mambi —, quero que me diga por que o magnífico Mágico de Oz a visitou três vezes e o que foi feito da menina Ozma, que curiosamente desapareceu.

A bruxa olhou para Glinda desafiadoramente, mas não disse uma palavra.

— Responda! — exclamou a feiticeira.

Mambi permanecia em silêncio.

— Talvez ela não saiba — observou João.

— Peço para que fique calado — ordenou Bizu. — Você pode estragar tudo com suas besteiras.

— Muito bem, meu caro pai! — respondeu o Abobrão, humildemente.

— Sou muito feliz por ser um Gafanhito! — murmurou suavemente o inseto Muitíssimo Aumentado. — Não se pode esperar que a sabedoria flua de uma abóbora.

— Bem — disse o Espantalho —, o que fazer para que Mambi fale? A não ser que ela nos diga o que queremos saber, sua captura não terá adiantado de nada.

— E se tentarmos pela gentileza? — sugeriu o Lenhador de Lata. — Ouvi que a gentileza pode conquistar qualquer coisa, independentemente da maldade da pessoa em questão.

Ao ouvir isso, a bruxa lançou um olhar penetrante tão horrendo que o Lenhador de Lata se encolheu, envergonhado.

Glinda pensou cuidadosamente sobre o que fazer. Voltou-se para Mambi e disse:

— Garanto a você que nos desafiar assim não levará a nada. Estou determinada a saber a verdade sobre a menina Ozma. Se você não me contar tudo, certamente vou matá-la.

— Ah, não! Não faça isso! — exclamou o Lenhador de Lata. — Matar alguém é uma coisa terrível, mesmo sendo a velha Mambi!

— Isto não passa de uma ameaça — respondeu Glinda. — Eu não mataria Mambi. Sei que ela vai preferir dizer a verdade.

— Ah! — disse o Lenhador de Lata, aliviado.

— Suponha que eu diga tudo o que deseja saber — disse Mambi tão subitamente que assustou a todos. — O que fará comigo, então?

— Nesse caso — respondeu Glinda —, apenas pedirei que beba uma poção poderosa que a fará esquecer de toda a magia que já aprendeu.

— E então me tornarei uma velha indefesa!

— Indefesa, mas viva — consolou o Abobrão.

— Tente ficar calado! — irritou-se Bizu.

— Tentarei — disse João —, mas admita que estar vivo é uma coisa boa.

— Especialmente quando se é alguém Totalmente Educado — aprovou o Gafanhito com a cabeça.

— Faça a sua escolha — disse Glinda à velha Mambi. — Prefere permanecer em silêncio e morrer ou contar a verdade e perder seus poderes mágicos. Acredito que você prefira viver.

Mambi lançou um olhar inquieto para a feiticeira e enxergou que sua sinceridade era real. Vagarosamente, ela respondeu:

— Pode fazer as suas perguntas.

— Era o que eu imaginava — disse Glinda, agradavelmente. — Sua escolha foi sábia, eu lhe garanto.

Ela acenou para uma de suas capitãs, que lhe trouxe uma bela urna dourada. Dela, a feiticeira tirou uma corrente fina com uma imensa pérola branca de pingente. Colocou o colar em volta do pescoço da bruxa de um modo que a pérola ficasse sobre o peito da velha, diretamente sobre seu coração.

— Agora farei minha primeira pergunta: por que o Mágico lhe fez três visitas?

— Porque eu não fui até ele — respondeu Mambi.

— Isso não é resposta — disse Glinda, séria. — Diga-me a verdade.

— Bem — respondeu Mambi, baixando seu olhar —, ele me visitou para aprender minha receita de biscoitos de chá.

— Levante os olhos! — ordenou a feiticeira.

Mambi obedeceu.

— Qual é a cor da minha pérola? — quis saber Glinda.

— Ora... é preta! — respondeu a velha em tom de espanto.

— Isso quer dizer que você mentiu! — exclamou Glinda, nervosa. — Apenas quando é dita a verdade minha pérola mágica mantém sua cor branca pura.

Mambi finalmente entendeu que seria inútil tentar enganar a feiticeira. Franziu a testa por sua derrota e disse:

— O Mágico me trouxe a menina Ozma. Na época, era somente um bebê. Ele me pediu que cuidasse da criança.

— Foi o que pensei — declarou Glinda, calmamente. — O que deu em você para obedecer a esse pedido?

— Ele me ensinou todos os truques de magia que conhecia. Alguns eram bons, outros não passavam de enganação. Mesmo assim, eu me mantive fiel à promessa.

— O que você fez com a menina? — perguntou Glinda.

Com essa pergunta, todos se curvaram e redobram a atenção para ouvir a resposta.

— Eu a encantei — respondeu Mambi.

— De que jeito?

— Eu a transformei em... em...

— Em quê? — quis saber Glinda, enquanto a bruxa hesitava.

— *Em um menino!* — disse Mambi, em voz baixa.

— Um menino! — ecoaram todas as vozes.

E porque todos sabiam que a velha havia acolhido Bizu na infância, todos se voltaram para onde o menino estava.

— Sim — disse a velha bruxa, balançando sua cabeça. — Ele é a Princesa Ozma. Ele é a criança que o Mágico me entregou depois que roubou o trono do pai dela. Ela é a legítima regente da Cidade Esmeralda!

Os dedos ossudos da velha apontavam diretamente para o garoto.

— Eu? — perguntou Bizu, espantado. — Oras, eu não sou a Princesa Ozma. Eu não sou menina!

Glinda sorriu e foi até Bizu. Acolheu aquela mãozinha marrom em sua mão alva e delicada.

— Você não é uma menina agora — ela disse gentilmente — porque Mambi a transformou em um menino. Mas você nasceu menina, além de ser uma princesa. Agora você deve retomar sua verdadeira forma para se tornar rainha da Cidade Esmeralda.

— Ah, deixe que Jenjee seja a rainha! — exclamou Bizu quase chorando. — Quero continuar sendo menino, viajar com o Espantalho, o Lenhador de Lata, o Gafanhito e o João. Sim! E com meu amigo Cavalete... e o Cabralce! Não quero ser uma menina!

— Não se preocupe, velho amigo — disse o Lenhador de Lata, suavemente. — Ouvi dizer que ser menina não dói nada. Todos continuaremos sendo amigos fiéis, exatamente como agora. Para ser honesto, sempre considerei meninas mais legais do que meninos.

— Elas são como nós — adicionou o Espantalho, com um tapinha afetuoso na cabeça de Bizu.

— São tão boas alunas como nós — proclamou o Gafanhito. — Eu poderia me tornar seu tutor quando você for transformado em menina de novo.

— Mas... olhe aqui! — soluçou João Abobrão. — Se você virar uma menina, não será mais o meu caro pai!

— Não — riu Bizu, embora estivesse ansioso. — Não vou me sentir culpado por não ser mais menino.

Voltou-se para Glinda e acrescentou, hesitante:

— Posso tentar isso por um tempo, para ver o que acontece, sabe? Mas se eu não gostar de ser menina, por favor, prometa que vai me transformar novamente em menino.

— Na verdade — disse a feiticeira —, isso está além da minha magia. Nunca fui boa em transformações, porque são desonestas. Nenhuma feiticeira de respeito gosta de coisas que aparentam ser o que não são. Somente bruxas inescrupulosas usam essa arte. Por esse motivo, devo pedir a Mambi que desfaça o encanto de vez para que você volte à sua verdadeira forma. Será a última vez que ela praticará alguma magia.

Com a verdade sobre a Princesa Ozma esclarecida, Mambi não se importava mais com o que seria de Bizu. Ela temia a fúria de Glinda, e o menino generosamente prometeu cuidar de Mambi em sua idade avançada caso ele se tornasse o governante da Cidade Esmeralda. A bruxa consentiu em desfazer a transformação, e os preparativos para o evento foram realizados imediatamente.

Glinda ordenou que sua própria cama real fosse colocada no centro da tenda. Espalharam almofadas de seda. Da armação dourada na parte superior pendiam tiras de tule, escondendo completamente o interior da cama.

O primeiro ato da bruxa foi fazer o garoto beber uma poção que o levou para um sono profundo e sem sonhos. Então o Lenhador de Lata e o Gafanhito o deitaram gentilmente sobre a cama, colocaram-no sobre as almofadas e ajeitaram as tiras de tecido penduradas para isolá-lo do resto do ambiente.

A bruxa agachou-se sobre o chão e acendeu um pequeno fogareiro de ervas secas que guardava dentro do decote de seu vestido. Quando o fogo se firmou, a velha Mambi espalhou um punhado de pó mágico sobre as chamas. Sem demora, um vapor de um violeta vivo subiu pelo ar e preencheu toda a tenda com sua

fragrância. O Cavalete se viu forçado a espirrar — mesmo tendo sido avisado para ficar calado.

Enquanto os outros observavam tudo com curiosidade, a bruxa cantou um verso rítmico com palavras que ninguém entendeu. Curvou seu corpo magro sete vezes, para a frente e para trás, sobre o fogo. Finalmente, o encantamento parecia completo. A bruxa ficou de pé e gritou uma única palavra -- “Yeowa!” -- em voz alta.

O vapor se dissipou. A atmosfera se tornou límpida novamente. Uma lufada de ar puro preencheu a tenda, e as cortinas rosas da cama tremeram de leve, como se uma brisa viesse de dentro delas.

Glinda andou até a cama e separou as tiras de tecido. Curvou-se sobre as almofadas, estendeu sua mão para dentro das cortinas e, da cama, surgiu a forma de uma jovem menina, saudável e bela como uma manhã de dezembro. Seus olhos faiscavam tal qual dois diamantes. Seus lábios eram cor de turmalina. Ao longo de suas costas pendiam tranças dourado-avermelhadas com uma fina argola de joias prendendo-as próxima à testa. Seu manto de seda fina flutuava em torno dela como se fosse uma nuvem. Calçava delicadas sandálias de cetim nos pés.

Com essa visão incrível, os antigos camaradas de Bizu se mantiveram estáticos, olhando para ela por mais de um minuto inteiro. Todas as cabeças se curvaram em uma saudação sincera à amável Princesa Ozma. A própria garota lançou seu olhar para o rosto fulgurante de Glinda, que resplandecia satisfeita. Em seguida, voltou-se para os outros e proferiu suas primeiras palavras demonstrando extrema confiança em si mesma:

— Espero que vocês continuem gostando de mim da mesma maneira que sempre gostaram. Sou o mesmo Bizu de sempre, acreditem. Só que... que...

— Só que diferente! — disse o Abobrão.

Todos concordaram que essa frase era a mais sábia que ele já tinha dito desde que começou a viver.

AS RIQUEZAS QUE VÊM DE DENTRO

Quando chegaram aos ouvidos da Rainha Jenjee as maravilhosas notícias sobre a captura da bruxa Mambi, a confissão de seu crime para Glinda, a redescoberta da Princesa Ozma, há muito tempo perdida habitando o corpo do menino Bizu, ela chorou lágrimas verdadeiras de pesar e desespero.

— Não consigo imaginar — ela choramingou — que depois de ter governado este palácio como rainha, agora voltarei a esfregar o chão e bater manteiga! É terrível pensar nisso! Nunca vou me conformar!

Assim, quando suas rebeldes — que passavam a maior parte do tempo fazendo doces na cozinha do palácio — aconselharam Jenjee a resistir, ela caiu nessa conversa mole e enviou um sério desafio para Glinda e a Princesa Ozma. Tratava-se de uma declaração de guerra! Logo no dia seguinte, Glinda marchou sobre a Cidade Esmeralda com flâmulas ao vento e ao som de fanfarras. Era uma verdadeira floresta de lanças reluzentes sob os raios do sol.

Ao chegarem aos muros, a brava caravana parou subitamente. Jenjee havia bloqueado todos os portões e muros da Cidade Esmeralda com blocos gigantescos de mármore verde. Glinda franziu a testa quando percebeu que seu avanço seria frustrado. Decidiu refletir sobre o que fazer enquanto Gafanhito tentava ser mais positivo:

— Precisamos manter o cerco em torno da cidade. Vamos fazê-la se render ou morrer de fome. É só o que podemos fazer.

— Não é não — respondeu o Espantalho. — Ainda temos o Cabralce. Ele pode voar.

A feiticeira voltou-se rapidamente ao ouvir as sábias palavras e seu rosto se iluminou com um sorriso radiante.

— Você está certo! — exclamou. — Certamente há motivos de sobra para se orgulhar desses seus miolos. Tragam o Cabralce imediatamente!

Atravessaram por entre as fileiras do exército até perto da tenda do Espantalho, onde o Cabralce repousava. Glinda e a Princesa Ozma montaram primeiro e sentaram-se entre os sofás. Depois, o Espantalho e o resto dos amigos subiram a bordo. Ainda restava espaço para uma capitã e três soldadas, o que Glinda considerava suficiente para sua escolta.

Com um comando da princesa, a coisa estranha que chamavam de Cabralce bateu suas asas de folhas de palmeira e se elevou no ar levando o grupo de aventureiros bem acima da altura dos muros. Ao sobrevoarem o palácio, logo avistaram Jenjee confortavelmente reclinada em uma rede enquanto lia um livro de capa verde e comia chocolates esverdeados. Estava confiante de que os muros a protegeriam do inimigo. O Cabralce obedeceu a um comando rápido e pousou em segurança no mesmo pátio. Antes que Jenjee conseguisse fazer algo além de gritar, a capitã e as três soldadas saltaram e prenderam a ex-rainha com fortes correntes em ambos os pulsos.

Esse fato realmente encerrou a guerra. O Exército Rebelde submeteu-se tão logo soube que Jenjee fora capturada. Uma capitã marchou em segurança pelas ruas até os portões da cidade, os quais

ela escancarou. As fanfarras tocaram suas músicas mais dançantes para que as forças de Glinda marchassem sobre a cidade. Os mensageiros proclamaram a derrota da audaciosa Jenjee e a ascensão da bela Princesa Ozma ao trono herdado de seus ancestrais.

Imediatamente os homens da Cidade Esmeralda se livraram de seus aventais. Dizia-se que as mulheres estavam tão cansadas de comer a gororoba feita por mãos masculinas que todas comemoraram alegremente a submissão de Jenjee. A verdade é que elas correram para suas cozinhas e prepararam um banquete festivo tão delicioso que a harmonia imediatamente voltou aos lares.

O primeiro ato de Ozma foi declarar que o Exército Rebelde devolvesse todas as esmeraldas e joias retiradas das ruas e prédios públicos. O número de pedras preciosas restituídas pelas vaidosas garotas era tão grande que os joalheiros do reino trabalharam duro por mais de um mês para recolocar tudo em seu lugar.

Ao mesmo tempo, o Exército Rebelde foi desmantelado e as garotas mandadas para casa de seus pais. Jenjee também foi libertada sob a promessa de manter bom comportamento.

Ozma se tornou a mais amável rainha que a Cidade Esmeralda já conheceu. Embora fosse jovem e inexperiente, governava o povo com sabedoria e justiça. Glinda a aconselhava em todas as ocasiões. O Gafanhito, indicado para a importante posição de educador público, era muito útil quando os afazeres reais de Ozma se tornavam opressores.

Em gratidão ao Cabralce pelos serviços prestados, Ozma ofereceu à criatura qualquer recompensa que desejasse.

— Então — respondeu o Cabralce —, por favor, me destrua em pedaços. Não pedi para ser trazido à vida e estou muitíssimo envergonhado de minha personalidade atribulada. Já fui um monarca da floresta, como minha galhada pode comprovar. Nessa atual condição de estofado escravizado, sou obrigado a voar, pois minhas pernas não têm nenhuma utilidade. Por tudo isso, desejo ser dispersado.

Ozma atendeu ao pedido e mandou que o Cabralce fosse desmontado. A cabeça galhada foi pendurada de volta na cornija da lareira, no salão principal. Os sofás foram desamarrados e devolvidos aos seus respectivos salões. O rabo de vassoura voltou a seus afazeres na cozinha. Por fim, o Espantalho recolocou todos os varais e cordas nos lugares de onde os havia tirado naquele agitado dia, quando o Cabralce foi construído.

Porém não pense que esse foi o fim do Cabralce. Ele apenas deixou de ser uma máquina voadora. Sua cabeça sobre a cornija continuou a falar sempre que tinha vontade. Frequentemente assustava os súditos que aguardavam no salão principal por uma audiência com a rainha, com suas perguntas abruptas.

O Cavalete, por ser propriedade pessoal de Ozma, foi carinhosamente cuidado. Ela sempre o cavalga pelas ruas da Cidade Esmeralda. Suas pernas de madeira foram revestidas com ouro para prevenir o desgaste. O tilintar das ferraduras douradas sobre o pavimento sempre deixava os súditos da rainha com certo temor. Ao ouvirem esse som, todos se lembravam de sua origem e de seus poderes mágicos.

— O magnífico Mágico nunca foi tão magnífico como a Rainha Ozma — as pessoas sussurravam entre si. — Ele alegava que podia

fazer muitas coisas que não podia. Nossa rainha, por sua vez, faz muitas coisas que ninguém sequer espera que ela consiga fazer.

João Abobrão permaneceu com Ozma até o fim de seus dias. Ele não se estragou tão rapidamente como temia, mas permaneceu o estúpido de sempre. O Gafanhito tentou ensinar-lhe diversas artes e ciências, mas João era um estudante tão ruim que qualquer tentativa de educá-lo era frustrante.

Depois que o exército de Glinda deixou a cidade e a paz foi restaurada, o Lenhador de Lata anunciou sua intenção de voltar para seu próprio reino, ao lado dos mansins.

— Não é um reino muito grande — disse o Lenhador. — É fácil de governar. Tenho chamado a mim mesmo de imperador porque sou um monarca absoluto. Ninguém ousa interferir em como conduzo assuntos públicos ou pessoais. Quando voltar para casa, pedirei uma nova camada de niquelamento nas placas. Depois dessa aventura, fiquei todo arranhado e amassado. Ficarei muito feliz se você me fizer uma visita.

— Obrigada — respondeu Ozma. — Talvez algum dia eu aceite seu convite. E quanto ao Espantalho?

— Vou retornar com meu amigo, o Lenhador de Lata — revelou o estufado, seriamente. — Decidimos nunca mais nos separar.

— Fiz do Espantalho meu tesoureiro real — explicou o Lenhador de Lata. — Me ocorreu que seria uma coisa boa ter um tesoureiro real todo feito de dinheiro. O que você acha?

— Acho — sorriu a pequena rainha — que seu amigo deve ser o homem mais rico do mundo.

— E sou mesmo — respondeu o Espantalho —, mas não pelo dinheiro. Considero meus miolos muito superiores ao dinheiro, em todos os sentidos. Talvez você saiba que alguém com dinheiro e sem miolos pode acabar não tendo vantagem alguma. Mas alguém com miolos e sem dinheiro pode ter uma vida confortável até o fim dos dias.

— Vamos concordar então — declarou o Lenhador de Lata — que um bom coração é algo que os miolos não podem criar e que o dinheiro não pode comprar. Talvez, de todos nós, eu seja o homem mais rico do mundo.

— Vocês dois são muito ricos, meus amigos — disse Ozma, gentilmente. — Suas riquezas são as únicas que valem a pena se ter. São as riquezas que vêm de dentro.

NOTAS

- 1 Expressão latina que significa “sempre o mesmo”.
- 2 Animal imaginário com cabeça de águia e corpo de leão.



Lyman Frank Baum nasceu em Chittenango, nos Estados Unidos, em 15 de maio de 1856. Sétimo filho de nove irmãos, foi enviado aos doze anos de idade a uma rígida escola militar. Saiu de lá dois anos depois ao sofrer um ataque cardíaco de fundo psicogênico, talvez causado pela repressão a seus devaneios criativos. Publicou seu primeiro livro aos trinta, sobre a criação de galinhas especiais que tinha em sua propriedade. Em 1900 lançou *O Magnífico Mágico de Oz*, que se manteve por dois anos no topo da lista dos mais vendidos. Publicou ainda outras treze histórias sobre esse mundo. Morreu em Hollywood, Califórnia, em 6 de maio de 1919.

THE MARVELOUS LAND OF



L. Frank Baum

TIP MANUFACTURES A PUMPKINHEAD

In the Country of the Gillikins, which is at the North of the Land of Oz, lived a youth called Tip. There was more to his name than that, for old Mombi often declared that his whole name was Tippetarius; but no one was expected to say such a long word when "Tip" would do just as well.

This boy remembered nothing of his parents, for he had been brought when quite young to be reared by the old woman known as Mombi, whose reputation, I am sorry to say, was none of the best. For the Gillikin people had reason to suspect her of indulging in magical arts, and therefore hesitated to associate with her.

Mombi was not exactly a Witch, because the Good Witch who ruled that part of the Land of Oz had forbidden any other Witch to exist in her dominions. So Tip's guardian, however much she might aspire to working magic, realized it was unlawful to be more than a Sorceress, or at most a Wizardess.

Tip was made to carry wood from the forest, that the old woman might boil her pot. He also worked in the corn-fields, hoeing and husking; and he fed the pigs and milked the four-horned cow that was Mombi's especial pride.

But you must not suppose he worked all the time, for he felt that would be bad for him. When sent to the forest Tip often climbed trees for birds' eggs or amused himself chasing the fleet white

rabbits or fishing in the brooks with bent pins. Then he would hastily gather his armful of wood and carry it home. And when he was supposed to be working in the corn-fields, and the tall stalks hid him from Mombi's view, Tip would often dig in the gopher holes, or if the mood seized him—lie upon his back between the rows of corn and take a nap. So, by taking care not to exhaust his strength, he grew as strong and rugged as a boy may be.

Mombi's curious magic often frightened her neighbors, and they treated her shyly, yet respectfully, because of her weird powers. But Tip frankly hated her, and took no pains to hide his feelings. Indeed, he sometimes showed less respect for the old woman than he should have done, considering she was his guardian.

There were pumpkins in Mombi's corn-fields, lying golden red among the rows of green stalks; and these had been planted and carefully tended that the four-horned cow might eat of them in the winter time. But one day, after the corn had all been cut and stacked, and Tip was carrying the pumpkins to the stable, he took a notion to make a "Jack Lantern" and try to give the old woman a fright with it.

So he selected a fine, big pumpkin—one with a lustrous, orange-red color—and began carving it. With the point of his knife he made two round eyes, a three-cornered nose, and a mouth shaped like a new moon. The face, when completed, could not have been considered strictly beautiful; but it wore a smile so big and broad, and was so Jolly in expression, that even Tip laughed as he looked admiringly at his work.

The child had no playmates, so he did not know that boys often dig out the inside of a "pumpkin-jack," and in the space thus made

put a lighted candle to render the face more startling; but he conceived an idea of his own that promised to be quite as effective. He decided to manufacture the form of a man, who would wear this pumpkin head, and to stand it in a place where old Mombi would meet it face to face.

"And then," said Tip to himself, with a laugh, "she'll squeal louder than the brown pig does when I pull her tail, and shiver with fright worse than I did last year when I had the ague!"

He had plenty of time to accomplish this task, for Mombi had gone to a village—to buy groceries, she said—and it was a journey of at least two days.

So he took his axe to the forest, and selected some stout, straight saplings, which he cut down and trimmed of all their twigs and leaves. From these he would make the arms, and legs, and feet of his man. For the body he stripped a sheet of thick bark from around a big tree, and with much labor fashioned it into a cylinder of about the right size, pinning the edges together with wooden pegs. Then, whistling happily as he worked, he carefully jointed the limbs and fastened them to the body with pegs whittled into shape with his knife.

By the time this feat had been accomplished it began to grow dark, and Tip remembered he must milk the cow and feed the pigs. So he picked up his wooden man and carried it back to the house with him.

During the evening, by the light of the fire in the kitchen, Tip carefully rounded all the edges of the joints and smoothed the rough places in a neat and workmanlike manner. Then he stood the

figure up against the wall and admired it. It seemed remarkably tall, even for a full-grown man; but that was a good point in a small boy's eyes, and Tip did not object at all to the size of his creation.

Next morning, when he looked at his work again, Tip saw he had forgotten to give the dummy a neck, by means of which he might fasten the pumpkinhead to the body. So he went again to the forest, which was not far away, and chopped from a tree several pieces of wood with which to complete his work. When he returned he fastened a cross-piece to the upper end of the body, making a hole through the center to hold upright the neck. The bit of wood which formed this neck was also sharpened at the upper end, and when all was ready Tip put on the pumpkin head, pressing it well down onto the neck, and found that it fitted very well. The head could be turned to one side or the other, as he pleased, and the hinges of the arms and legs allowed him to place the dummy in any position he desired.

"Now, that," declared Tip, proudly, "is really a very fine man, and it ought to frighten several screeches out of old Mombi! But it would be much more lifelike if it were properly dressed."

To find clothing seemed no easy task; but Tip boldly ransacked the great chest in which Mombi kept all her keepsakes and treasures, and at the very bottom he discovered some purple trousers, a red shirt and a pink vest which was dotted with white spots. These he carried away to his man and succeeded, although the garments did not fit very well, in dressing the creature in a jaunty fashion. Some knit stockings belonging to Mombi and a much worn pair of his own shoes completed the man's apparel, and

Tip was so delighted that he danced up and down and laughed aloud in boyish ecstasy.

"I must give him a name!" he cried. "So good a man as this must surely have a name. I believe," he added, after a moment's thought, "I will name the fellow 'Jack Pumpkinhead!'"

THE MARVELOUS POWDER OF LIFE

After considering the matter carefully, Tip decided that the best place to locate Jack would be at the bend in the road, a little way from the house. So he started to carry his man there, but found him heavy and rather awkward to handle. After dragging the creature a short distance Tip stood him on his feet, and by first bending the joints of one leg, and then those of the other, at the same time pushing from behind, the boy managed to induce Jack to walk to the bend in the road. It was not accomplished without a few tumbles, and Tip really worked harder than he ever had in the fields or forest; but a love of mischief urged him on, and it pleased him to test the cleverness of his workmanship.

"Jack's all right, and works fine!" he said to himself, panting with the unusual exertion. But just then he discovered the man's left arm had fallen off in the journey so he went back to find it, and afterward, by whittling a new and stouter pin for the shoulder-joint, he repaired the injury so successfully that the arm was stronger than before. Tip also noticed that Jack's pumpkin head had twisted around until it faced his back; but this was easily remedied. When, at last, the man was set up facing the turn in the path where old Mombi was to appear, he looked natural enough to be a fair imitation of a Gillikin farmer,—and unnatural enough to startle anyone that came on him unawares.

As it was yet too early in the day to expect the old woman to return home, Tip went down into the valley below the farm-house

and began to gather nuts from the trees that grew there.

However, old Mombi returned earlier than usual. She had met a crooked wizard who resided in a lonely cave in the mountains, and had traded several important secrets of magic with him. Having in this way secured three new recipes, four magical powders and a selection of herbs of wonderful power and potency, she hobbled home as fast as she could, in order to test her new sorceries.

So intent was Mombi on the treasures she had gained that when she turned the bend in the road and caught a glimpse of the man, she merely nodded and said:

"Good evening, sir."

But, a moment after, noting that the person did not move or reply, she cast a shrewd glance into his face and discovered his pumpkin head elaborately carved by Tip's jack-knife.

"Heh!" ejaculated Mombi, giving a sort of grunt; "that rascally boy has been playing tricks again! Very good! *ve—ry good!* I'll beat him black-and-blue for trying to scare me in this fashion!"

Angrily she raised her stick to smash in the grinning pumpkin head of the dummy; but a sudden thought made her pause, the uplifted stick left motionless in the air.

"Why, here is a good chance to try my new powder!" said she, eagerly. "And then I can tell whether that crooked wizard has fairly traded secrets, or whether he has fooled me as wickedly as I fooled him."

So she set down her basket and began fumbling in it for one of the precious powders she had obtained.

While Mombi was thus occupied Tip strolled back, with his pockets full of nuts, and discovered the old woman standing beside his man and apparently not the least bit frightened by it.

At first he was generally disappointed; but the next moment he became curious to know what Mombi was going to do. So he hid behind a hedge, where he could see without being seen, and prepared to watch.

After some search the woman drew from her basket an old pepper-box, upon the faded label of which the wizard had written with a lead-pencil:

"Powder of Life."

"Ah—here it is!" she cried, joyfully. "And now let us see if it is potent. The stingy wizard didn't give me much of it, but I guess there's enough for two or three doses."

Tip was much surprised when he overheard this speech. Then he saw old Mombi raise her arm and sprinkle the powder from the box over the pumpkin head of his man Jack. She did this in the same way one would pepper a baked potato, and the powder sifted down from Jack's head and scattered over the red shirt and pink waistcoat and purple trousers Tip had dressed him in, and a portion even fell upon the patched and worn shoes.

Then, putting the pepper-box back into the basket, Mombi lifted her left hand, with its little finger pointed upward, and said:

"Weaugh!"

Then she lifted her right hand, with the thumb pointed upward, and said:

"Teaugh!"

Then she lifted both hands, with all the fingers and thumbs spread out, and cried:

"Peaugh!"

Jack Pumpkinhead stepped back a pace, at this, and said in a reproachful voice:

"Don't yell like that! Do you think I'm deaf?"

Old Mombi danced around him, frantic with delight.

"He lives!" she screamed: "He lives! he lives!"

Then she threw her stick into the air and caught it as it came down; and she hugged herself with both arms, and tried to do a step of a jig; and all the time she repeated, rapturously:

"He lives!—he lives!—he lives!"

Now you may well suppose that Tip observed all this with amazement.

At first he was so frightened and horrified that he wanted to run away, but his legs trembled and shook so badly that he couldn't. Then it struck him as a very funny thing for Jack to come to life, especially as the expression on his pumpkin face was so droll and comical it excited laughter on the instant. So, recovering from his first fear, Tip began to laugh; and the merry peals reached old Mombi's ears and made her hobble quickly to the hedge, where she seized Tip's collar and dragged him back to where she had left her basket and the pumpkinheaded man.

"You naughty, sneaking, wicked boy!" she exclaimed, furiously: "I'll teach you to spy out my secrets and to make fun of me!"

"I wasn't making fun of you," protested Tip. "I was laughing at old Pumpkinhead! Look at him! Isn't he a picture, though?"

"I hope you are not reflecting on my personal appearance," said Jack; and it was so funny to hear his grave voice, while his face continued to wear its jolly smile, that Tip again burst into a peal of laughter.

Even Mombi was not without a curious interest in the man her magic had brought to life; for, after staring at him intently, she presently asked:

"What do you know?"

"Well, that is hard to tell," replied Jack. "For although I feel that I know a tremendous lot, I am not yet aware how much there is in the world to find out about. It will take me a little time to discover whether I am very wise or very foolish."

"To be sure," said Mombi, thoughtfully.

"But what are you going to do with him, now he is alive?" asked Tip, wondering.

"I must think it over," answered Mombi. "But we must get home at once, for it is growing dark. Help the Pumpkinhead to walk."

"Never mind me," said Jack; "I can walk as well as you can. Haven't I got legs and feet, and aren't they jointed?"

"Are they?" asked the woman, turning to Tip.

"Of course they are; I made 'em myself," returned the boy, with pride.

So they started for the house, but when they reached the farm yard old Mombi led the pumpkin man to the cow stable and shut

him up in an empty stall, fastening the door securely on the outside.

"I've got to attend to you, first," she said, nodding her head at Tip.

Hearing this, the boy became uneasy; for he knew Mombi had a bad and revengeful heart, and would not hesitate to do any evil thing.

They entered the house. It was a round, domeshaped structure, as are nearly all the farm houses in the Land of Oz.

Mombi bade the boy light a candle, while she put her basket in a cupboard and hung her cloak on a peg. Tip obeyed quickly, for he was afraid of her.

After the candle had been lighted Mombi ordered him to build a fire in the hearth, and while Tip was thus engaged the old woman ate her supper. When the flames began to crackle the boy came to her and asked a share of the bread and cheese; but Mombi refused him.

"I'm hungry!" said Tip, in a sulky tone.

"You won't be hungry long," replied Mombi, with a grim look.

The boy didn't like this speech, for it sounded like a threat; but he happened to remember he had nuts in his pocket, so he cracked some of those and ate them while the woman rose, shook the crumbs from her apron, and hung above the fire a small black kettle.

Then she measured out equal parts of milk and vinegar and poured them into the kettle. Next she produced several packets of herbs and powders and began adding a portion of each to the contents of the kettle. Occasionally she would draw near the candle

and read from a yellow paper the recipe of the mess she was concocting.

As Tip watched her his uneasiness increased.

"What is that for?" he asked.

"For you," returned Mombi, briefly.

Tip wriggled around upon his stool and stared awhile at the kettle, which was beginning to bubble. Then he would glance at the stern and wrinkled features of the witch and wish he were any place but in that dim and smoky kitchen, where even the shadows cast by the candle upon the wall were enough to give one the horrors. So an hour passed away, during which the silence was only broken by the bubbling of the pot and the hissing of the flames.

Finally, Tip spoke again.

"Have I got to drink that stuff?" he asked, nodding toward the pot.

"Yes," said Mombi.

"What'll it do to me?" asked Tip.

"If it's properly made," replied Mombi, "it will change or transform you into a marble statue."

Tip groaned, and wiped the perspiration from his forehead with his sleeve.

"I don't want to be a marble statue!" he protested.

"That doesn't matter I want you to be one," said the old woman, looking at him severely.

"What use'll I be then?" asked Tip. "There won't be any one to work for you."

"I'll make the Pumpkinhead work for me," said Mombi.

Again Tip groaned.

"Why don't you change me into a goat, or a chicken?" he asked, anxiously. "You can't do anything with a marble statue."

"Oh, yes, I can," returned Mombi. "I'm going to plant a flower garden, next Spring, and I'll put you in the middle of it, for an ornament. I wonder I haven't thought of that before; you've been a bother to me for years."

At this terrible speech Tip felt the beads of perspiration starting all over his body, but he sat still and shivered and looked anxiously at the kettle.

"Perhaps it won't work," he muttered, in a voice that sounded weak and discouraged.

"Oh, I think it will," answered Mombi, cheerfully. "I seldom make a mistake."

Again there was a period of silence a silence so long and gloomy that when Mombi finally lifted the kettle from the fire it was close to midnight.

"You cannot drink it until it has become quite cold," announced the old witch for in spite of the law she had acknowledged practising witchcraft. "We must both go to bed now, and at daybreak I will call you and at once complete your transformation into a marble statue."

With this she hobbled into her room, bearing the steaming kettle with her, and Tip heard her close and lock the door.

The boy did not go to bed, as he had been commanded to do, but still sat glaring at the embers of the dying fire.

THE FLIGHT OF THE FUGITIVES

Tip reflected.

"It's a hard thing, to be a marble statue," he thought, rebelliously, "and I'm not going to stand it. For years I've been a bother to her, she says; so she's going to get rid of me. Well, there's an easier way than to become a statue. No boy could have any fun forever standing in the middle of a flower garden! I'll run away, that's what I'll do—and I may as well go before she makes me drink that nasty stuff in the kettle." He waited until the snores of the old witch announced she was fast asleep, and then he arose softly and went to the cupboard to find something to eat.

"No use starting on a journey without food," he decided, searching upon the narrow shelves.

He found some crusts of bread; but he had to look into Mombi's basket to find the cheese she had brought from the village. While turning over the contents of the basket he came upon the pepper-box which contained the "Powder of Life."

"I may as well take this with me," he thought, "or Mombi'll be using it to make more mischief with." So he put the box in his pocket, together with the bread and cheese.

Then he cautiously left the house and latched the door behind him. Outside both moon and stars shone brightly, and the night seemed peaceful and inviting after the close and ill-smelling kitchen.

"I'll be glad to get away," said Tip, softly; "for I never did like that old woman. I wonder how I ever came to live with her."

He was walking slowly toward the road when a thought made him pause.

"I don't like to leave Jack Pumpkinhead to the tender mercies of old Mombi," he muttered. "And Jack belongs to me, for I made him even if the old witch did bring him to life."

He retraced his steps to the cow-stable and opened the door of the stall where the pumpkin-headed man had been left.

Jack was standing in the middle of the stall, and by the moonlight Tip could see he was smiling just as jovially as ever.

"Come on!" said the boy, beckoning.

"Where to?" asked Jack.

"You'll know as soon as I do," answered Tip, smiling sympathetically into the pumpkin face.

"All we've got to do now is to tramp."

"Very well," returned Jack, and walked awkwardly out of the stable and into the moonlight.

Tip turned toward the road and the man followed him. Jack walked with a sort of limp, and occasionally one of the joints of his legs would turn backward, instead of frontwise, almost causing him to tumble. But the Pumpkinhead was quick to notice this, and began to take more pains to step carefully; so that he met with few accidents.

Tip led him along the path without stopping an instant. They could not go very fast, but they walked steadily; and by the time the

moon sank away and the sun peeped over the hills they had travelled so great a distance that the boy had no reason to fear pursuit from the old witch. Moreover, he had turned first into one path, and then into another, so that should anyone follow them it would prove very difficult to guess which way they had gone, or where to seek them.

Fairly satisfied that he had escaped—for a time, at least—being turned into a marble statue, the boy stopped his companion and seated himself upon a rock by the roadside.

"Let's have some breakfast," he said.

Jack Pumpkinhead watched Tip curiously, but refused to join in the repast. "I don't seem to be made the same way you are," he said.

"I know you are not," returned Tip; "for I made you."

"Oh! Did you?" asked Jack.

"Certainly. And put you together. And carved your eyes and nose and ears and mouth," said Tip proudly. "And dressed you."

Jack looked at his body and limbs critically.

"It strikes me you made a very good job of it," he remarked.

"Just so-so," replied Tip, modestly; for he began to see certain defects in the construction of his man. "If I'd known we were going to travel together I might have been a little more particular."

"Why, then," said the Pumpkinhead, in a tone that expressed surprise, "you must be my creator my parent my father!"

"Or your inventor," replied the boy with a laugh. "Yes, my son; I really believe I am!"

"Then I owe you obedience," continued the man, "and you owe me—support."

"That's it, exactly", declared Tip, jumping up. "So let us be off."

"Where are we going?" asked Jack, when they had resumed their journey.

"I'm not exactly sure," said the boy; "but I believe we are headed South, and that will bring us, sooner or later, to the Emerald City."

"What city is that?" enquired the Pumpkinhead.

"Why, it's the center of the Land of Oz, and the biggest town in all the country. I've never been there, myself, but I've heard all about its history. It was built by a mighty and wonderful Wizard named Oz, and everything there is of a green color—just as everything in this Country of the Gillikins is of a purple color."

"Is everything here purple?" asked Jack.

"Of course it is. Can't you see?" returned the boy.

"I believe I must be color-blind," said the Pumpkinhead, after staring about him.

"Well, the grass is purple, and the trees are purple, and the houses and fences are purple," explained Tip. "Even the mud in the roads is purple. But in the Emerald City everything is green that is purple here. And in the Country of the Munchkins, over at the East, everything is blue; and in the South country of the Quadlings everything is red; and in the West country of the Winkies, where the Tin Woodman rules, everything is yellow."

"Oh!" said Jack. Then, after a pause, he asked: "Did you say a Tin Woodman rules the Winkies?"

"Yes; he was one of those who helped Dorothy to destroy the Wicked Witch of the West, and the Winkies were so grateful that they invited him to become their ruler,—just as the people of the Emerald City invited the Scarecrow to rule them."

"Dear me!" said Jack. "I'm getting confused with all this history. Who is the Scarecrow?"

"Another friend of Dorothy's," replied Tip.

"And who is Dorothy?"

"She was a girl that came here from Kansas, a place in the big, outside World. She got blown to the Land of Oz by a cyclone, and while she was here the Scarecrow and the Tin Woodman accompanied her on her travels."

"And where is she now?" inquired the Pumpkinhead.

"Glinda the Good, who rules the Quadlings, sent her home again," said the boy.

"Oh. And what became of the Scarecrow?"

"I told you. He rules the Emerald City," answered Tip.

"I thought you said it was ruled by a wonderful Wizard," objected Jack, seeming more and more confused.

"Well, so I did. Now, pay attention, and I'll explain it," said Tip, speaking slowly and looking the smiling Pumpkinhead squarely in the eye. "Dorothy went to the Emerald City to ask the Wizard to send her back to Kansas; and the Scarecrow and the Tin Woodman went with her. But the Wizard couldn't send her back, because he wasn't so much of a Wizard as he might have been. And then they got angry at the Wizard, and threatened to expose him; so the

Wizard made a big balloon and escaped in it, and no one has ever seen him since."

"Now, that is very interesting history," said Jack, well pleased; "and I understand it perfectly all but the explanation."

"I'm glad you do," responded Tip. "After the Wizard was gone, the people of the Emerald City made His Majesty, the Scarecrow, their King; and I have heard that he became a very popular ruler."

"Are we going to see this queer King?" asked Jack, with interest.

"I think we may as well," replied the boy; "unless you have something better to do."

"Oh, no, dear father," said the Pumpkinhead. "I am quite willing to go wherever you please."

TIP MAKES AN EXPERIMENT IN MAGIC

The boy, small and rather delicate in appearance seemed somewhat embarrassed at being called "father" by the tall, awkward, pumpkinheaded man, but to deny the relationship would involve another long and tedious explanation; so he changed the subject by asking, abruptly:

"Are you tired?"

"Of course not!" replied the other. "But," he continued, after a pause, "it is quite certain I shall wear out my wooden joints if I keep on walking."

Tip reflected, as they journeyed on, that this was true. He began to regret that he had not constructed the wooden limbs more carefully and substantially. Yet how could he ever have guessed that the man he had made merely to scare old Mombi with would be brought to life by means of a magical powder contained in an old pepper-box?

So he ceased to reproach himself, and began to think how he might yet remedy the deficiencies of Jack's weak joints.

While thus engaged they came to the edge of a wood, and the boy sat down to rest upon an old sawhorse that some woodcutter had left there.

"Why don't you sit down?" he asked the Pumpkinhead.

"Won't it strain my joints?" inquired the other.

"Of course not. It'll rest them," declared the boy.

So Jack tried to sit down; but as soon as he bent his joints farther than usual they gave way altogether, and he came clattering to the ground with such a crash that Tip feared he was entirely ruined.

He rushed to the man, lifted him to his feet, straightened his arms and legs, and felt of his head to see if by chance it had become cracked. But Jack seemed to be in pretty good shape, after all, and Tip said to him:

"I guess you'd better remain standing, hereafter. It seems the safest way."

"Very well, dear father." just as you say, replied the smiling Jack, who had been in no wise confused by his tumble.

Tip sat down again. Presently the Pumpkinhead asked:

"What is that thing you are sitting on?"

"Oh, this is a horse," replied the boy, carelessly.

"What is a horse?" demanded Jack.

"A horse? Why, there are two kinds of horses," returned Tip, slightly puzzled how to explain. "One kind of horse is alive, and has four legs and a head and a tail. And people ride upon its back."

"I understand," said Jack, cheerfully "That's the kind of horse you are now sitting on."

"No, it isn't," answered Tip, promptly.

"Why not? That one has four legs, and a head, and a tail." Tip looked at the saw-horse more carefully, and found that the Pumpkinhead was right. The body had been formed from a tree-trunk, and a branch had been left sticking up at one end that looked

very much like a tail. In the other end were two big knots that resembled eyes, and a place had been chopped away that might easily be mistaken for the horse's mouth. As for the legs, they were four straight limbs cut from trees and stuck fast into the body, being spread wide apart so that the saw-horse would stand firmly when a log was laid across it to be sawed.

"This thing resembles a real horse more than I imagined," said Tip, trying to explain. "But a real horse is alive, and trots and prances and eats oats, while this is nothing more than a dead horse, made of wood, and used to saw logs upon."

"If it were alive, wouldn't it trot, and prance, and eat oats?" inquired the Pumpkinhead.

"It would trot and prance, perhaps; but it wouldn't eat oats," replied the boy, laughing at the idea. "And of course it can't ever be alive, because it is made of wood."

"So am I," answered the man.

Tip looked at him in surprise.

"Why, so you are!" he exclaimed. "And the magic powder that brought you to life is here in my pocket."

He brought out the pepper box, and eyed it curiously.

"I wonder," said he, musingly, "if it would bring the saw-horse to life."

"If it would," returned Jack, calmly for nothing seemed to surprise him "I could ride on its back, and that would save my joints from wearing out."

"I'll try it!" cried the boy, jumping up. "But I wonder if I can remember the words old Mombi said, and the way she held her

hands up."

He thought it over for a minute, and as he had watched carefully from the hedge every motion of the old witch, and listened to her words, he believed he could repeat exactly what she had said and done.

So he began by sprinkling some of the magic Powder of Life from the pepper-box upon the body of the saw-horse. Then he lifted his left hand, with the little finger pointing upward, and said: "Weaugh!"

"What does that mean, dear father?" asked Jack, curiously.

"I don't know," answered Tip. Then he lifted his right hand, with the thumb pointing upward and said: "Teaugh!"

"What's that, dear father?" inquired Jack.

"It means you must keep quiet!" replied the boy, provoked at being interrupted at so important a moment.

"How fast I am learning!" remarked the Pumpkinhead, with his eternal smile.

Tip now lifted both hands above his head, with all the fingers and thumbs spread out, and cried in a loud voice: "Peaugh!"

Immediately the saw-horse moved, stretched its legs, yawned with its chopped-out mouth, and shook a few grains of the powder off its back. The rest of the powder seemed to have vanished into the body of the horse.

"Good!" called Jack, while the boy looked on in astonishment. "You are a very clever sorcerer, dear father!"

THE AWAKENING OF THE SAW-HORSE

The Saw-Horse, finding himself alive, seemed even more astonished than Tip. He rolled his knotty eyes from side to side, taking a first wondering view of the world in which he had now so important an existence. Then he tried to look at himself; but he had, indeed, no neck to turn; so that in the endeavor to see his body he kept circling around and around, without catching even a glimpse of it. His legs were stiff and awkward, for there were no knee-joints in them; so that presently he bumped against Jack Pumpkinhead and sent that personage tumbling upon the moss that lined the roadside.

Tip became alarmed at this accident, as well as at the persistence of the Saw-Horse in prancing around in a circle; so he called out:

"Whoa! Whoa, there!"

The Saw-Horse paid no attention whatever to this command, and the next instant brought one of his wooden legs down upon Tip's foot so forcibly that the boy danced away in pain to a safer distance, from where he again yelled:

"Whoa! Whoa, I say!"

Jack had now managed to raise himself to a sitting position, and he looked at the Saw-Horse with much interest.

"I don't believe the animal can hear you," he remarked.

"I shout loud enough, don't I?" answered Tip, angrily.

"Yes; but the horse has no ears," said the smiling Pumpkinhead.

"Sure enough!" exclaimed Tip, noting the fact for the first time. "How, then, am I going to stop him?"

But at that instant the Saw-Horse stopped himself, having concluded it was impossible to see his own body. He saw Tip, however, and came close to the boy to observe him more fully.

It was really comical to see the creature walk; for it moved the legs on its right side together, and those on its left side together, as a pacing horse does; and that made its body rock sidewise, like a cradle.

Tip patted it upon the head, and said "Good boy! Good Boy!" in a coaxing tone; and the Saw-Horse pranced away to examine with its bulging eyes the form of Jack Pumpkinhead.

"I must find a halter for him," said Tip; and having made a search in his pocket he produced a roll of strong cord. Unwinding this, he approached the Saw-Horse and tied the cord around its neck, afterward fastening the other end to a large tree. The Saw-Horse, not understanding the action, stepped backward and snapped the string easily; but it made no attempt to run away.

"He's stronger than I thought," said the boy, "and rather obstinate, too."

"Why don't you make him some ears?" asked Jack. "Then you can tell him what to do."

"That's a splendid idea!" said Tip. "How did you happen to think of it?"

"Why, I didn't think of it," answered the Pumpkinhead; "I didn't need to, for it's the simplest and easiest thing to do."

So Tip got out his knife and fashioned some ears out of the bark of a small tree.

"I mustn't make them too big," he said, as he whittled, "or our horse would become a donkey."

"How is that?" inquired Jack, from the roadside.

"Why, a horse has bigger ears than a man; and a donkey has bigger ears than a horse," explained Tip.

"Then, if my ears were longer, would I be a horse?" asked Jack.

"My friend," said Tip, gravely, "you'll never be anything but a Pumpkinhead, no matter how big your ears are."

"Oh," returned Jack, nodding; "I think I understand."

"If you do, you're a wonder," remarked the boy "but there's no harm in *thinking* you understand. I guess these ears are ready now. Will you hold the horse while I stick them on?"

"Certainly, if you'll help me up," said Jack.

So Tip raised him to his feet, and the Pumpkinhead went to the horse and held its head while the boy bored two holes in it with his knife-blade and inserted the ears.

"They make him look very handsome," said Jack, admiringly.

But those words, spoken close to the Saw-Horse, and being the first sounds he had ever heard, so startled the animal that he made a bound forward and tumbled Tip on one side and Jack on the other. Then he continued to rush forward as if frightened by the clatter of his own foot-steps.

"Whoa!" shouted Tip, picking himself up; "whoa! you idiot whoa!" The Saw-Horse would probably have paid no attention to

this, but just then it stepped a leg into a gopher-hole and stumbled head-over-heels to the ground, where it lay upon its back, frantically waving its four legs in the air.

Tip ran up to it.

"You're a nice sort of a horse, I must say!" he exclaimed. "Why didn't you stop when I yelled 'whoa?'"

"Does 'whoa' mean to stop?" asked the Saw-Horse, in a surprised voice, as it rolled its eyes upward to look at the boy.

"Of course it does," answered Tip.

"And a hole in the ground means to stop, also, doesn't it?" continued the horse.

"To be sure; unless you step over it," said Tip.

"What a strange place this is," the creature exclaimed, as if amazed. "What am I doing here, anyway?"

"Why, I've brought you to life," answered the boy "but it won't hurt you any, if you mind me and do as I tell you."

"Then I will do as you tell me," replied the Saw-Horse, humbly. "But what happened to me, a moment ago? I don't seem to be just right, somehow."

"You're upside down," explained Tip. "But just keep those legs still a minute and I'll set you right side up again."

"How many sides have I?" asked the creature, wonderingly.

"Several," said Tip, briefly. "But do keep those legs still."

The Saw-Horse now became quiet, and held its legs rigid; so that Tip, after several efforts, was able to roll him over and set him upright.

"Ah, I seem all right now," said the queer animal, with a sigh.

"One of your ears is broken," Tip announced, after a careful examination. "I'll have to make a new one."

Then he led the Saw-Horse back to where Jack was vainly struggling to regain his feet, and after assisting the Pumpkinhead to stand upright Tip whittled out a new ear and fastened it to the horse's head.

"Now," said he, addressing his steed, "pay attention to what I'm going to tell you. 'Whoa!' means to stop; 'Get-Up!' means to walk forward; 'Trot!' means to go as fast as you can. Understand?"

"I believe I do," returned the horse.

"Very good. We are all going on a journey to the Emerald City, to see His Majesty, the Scarecrow; and Jack Pumpkinhead is going to ride on your back, so he won't wear out his joints."

"I don't mind," said the Saw-Horse. "Anything that suits you suits me."

Then Tip assisted Jack to get upon the horse.

"Hold on tight," he cautioned, "or you may fall off and crack your pumpkin head."

"That would be horrible!" said Jack, with a shudder. "What shall I hold on to?"

"Why, hold on to his ears," replied Tip, after a moment's hesitation.

"Don't do that!" remonstrated the Saw-Horse; "for then I can't hear."

That seemed reasonable, so Tip tried to think of something else.

"I'll fix it!" said he, at length. He went into the wood and cut a short length of limb from a young, stout tree. One end of this he sharpened to a point, and then he dug a hole in the back of the Saw-Horse, just behind its head. Next he brought a piece of rock from the road and hammered the post firmly into the animal's back.

"Stop! Stop!" shouted the horse; "you're jarring me terribly."

"Does it hurt?" asked the boy.

"Not exactly hurt," answered the animal; "but it makes me quite nervous to be jarred."

"Well, it's all over now" said Tip, encouragingly. "Now, Jack, be sure to hold fast to this post and then you can't fall off and get smashed."

So Jack held on tight, and Tip said to the horse:

"Get up."

The obedient creature at once walked forward, rocking from side to side as he raised his feet from the ground.

Tip walked beside the Saw-Horse, quite content with this addition to their party. Presently he began to whistle.

"What does that sound mean?" asked the horse.

"Don't pay any attention to it," said Tip. "I'm just whistling, and that only means I'm pretty well satisfied."

"I'd whistle myself, if I could push my lips together," remarked Jack. "I fear, dear father, that in some respects I am sadly lacking."

After journeying on for some distance the narrow path they were following turned into a broad roadway, paved with yellow brick. By the side of the road Tip noticed a sign-post that read:

"NINE MILES TO THE EMERALD CITY."

But it was now growing dark, so he decided to camp for the night by the roadside and to resume the journey next morning by daybreak. He led the Saw-Horse to a grassy mound upon which grew several bushy trees, and carefully assisted the Pumpkinhead to alight.

"I think I'll lay you upon the ground, overnight," said the boy. "You will be safer that way."

"How about me?" asked the Saw-Horse.

"It won't hurt you to stand," replied Tip; "and, as you can't sleep, you may as well watch out and see that no one comes near to disturb us."

Then the boy stretched himself upon the grass beside the Pumpkinhead, and being greatly wearied by the journey was soon fast asleep.

JACK PUMPKINHEAD'S RIDE TO THE EMERALD CITY

At daybreak Tip was awakened by the Pumpkinhead. He rubbed the sleep from his eyes, bathed in a little brook, and then ate a portion of his bread and cheese. Having thus prepared for a new day the boy said:

"Let us start at once. Nine miles is quite a distance, but we ought to reach the Emerald City by noon if no accidents happen." So the Pumpkinhead was again perched upon the back of the Saw-Horse and the journey was resumed.

Tip noticed that the purple tint of the grass and trees had now faded to a dull lavender, and before long this lavender appeared to take on a greenish tinge that gradually brightened as they drew nearer to the great City where the Scarecrow ruled.

The little party had traveled but a short two miles upon their way when the road of yellow brick was parted by a broad and swift river. Tip was puzzled how to cross over; but after a time he discovered a man in a ferry-boat approaching from the other side of the stream.

When the man reached the bank Tip asked:

"Will you row us to the other side?"

"Yes, if you have money," returned the ferryman, whose face looked cross and disagreeable.

"But I have no money," said Tip.

"None at all?" inquired the man.

"None at all," answered the boy.

"Then I'll not break my back rowing you over," said the ferryman, decidedly.

"What a nice man!" remarked the Pumpkinhead, smilingly.

The ferryman stared at him, but made no reply. Tip was trying to think, for it was a great disappointment to him to find his journey so suddenly brought to an end.

"I must certainly get to the Emerald City," he said to the boatman; "but how can I cross the river if you do not take me?"

The man laughed, and it was not a nice laugh.

"That wooden horse will float," said he; "and you can ride him across. As for the pumpkinheaded loon who accompanies you, let him sink or swim it won't matter greatly which."

"Don't worry about me," said Jack, smiling pleasantly upon the crabbed ferryman; "I'm sure I ought to float beautifully."

Tip thought the experiment was worth making, and the Saw-Horse, who did not know what danger meant, offered no objections whatever. So the boy led it down into the water and climbed upon its back. Jack also waded in up to his knees and grasped the tail of the horse so that he might keep his pumpkin head above the water.

"Now," said Tip, instructing the Saw-Horse, "if you wiggle your legs you will probably swim; and if you swim we shall probably reach the other side."

The Saw-Horse at once began to wiggle its legs, which acted as oars and moved the adventurers slowly across the river to the

opposite side. So successful was the trip that presently they were climbing, wet and dripping, up the grassy bank.

Tip's trouser-legs and shoes were thoroughly soaked; but the Saw-Horse had floated so perfectly that from his knees up the boy was entirely dry. As for the Pumpkinhead, every stitch of his gorgeous clothing dripped water.

"The sun will soon dry us," said Tip "and, anyhow, we are now safely across, in spite of the ferryman, and can continue our journey."

"I didn't mind swimming, at all," remarked the horse.

"Nor did I," added Jack.

They soon regained the road of yellow brick, which proved to be a continuation of the road they had left on the other side, and then Tip once more mounted the Pumpkinhead upon the back of the Saw-Horse.

"If you ride fast," said he, "the wind will help to dry your clothing. I will hold on to the horse's tail and run after you. In this way we all will become dry in a very short time."

"Then the horse must step lively," said Jack.

"I'll do my best," returned the Saw-Horse, cheerfully.

Tip grasped the end of the branch that served as tail to the Saw-Horse, and called loudly: "Get-up!"

The horse started at a good pace, and Tip followed behind. Then he decided they could go faster, so he shouted: "Trot!"

Now, the Saw-Horse remembered that this word was the command to go as fast as he could; so he began rocking along the

road at a tremendous pace, and Tip had hard work—running faster than he ever had before in his life—to keep his feet.

Soon he was out of breath, and although he wanted to call "Whoa!" to the horse, he found he could not get the word out of his throat. Then the end of the tail he was clutching, being nothing more than a dead branch, suddenly broke away, and the next minute the boy was rolling in the dust of the road, while the horse and its pumpkin-headed rider dashed on and quickly disappeared in the distance.

By the time Tip had picked himself up and cleared the dust from his throat so he could say "Whoa!" there was no further need of saying it, for the horse was long since out of sight.

So he did the only sensible thing he could do. He sat down and took a good rest, and afterward began walking along the road.

"Some time I will surely overtake them," he reflected; "for the road will end at the gates of the Emerald City, and they can go no further than that."

Meantime Jack was holding fast to the post and the Saw-Horse was tearing along the road like a racer. Neither of them knew Tip was left behind, for the Pumpkinhead did not look around and the Saw-Horse couldn't.

As he rode, Jack noticed that the grass and trees had become a bright emerald-green in color, so he guessed they were nearing the Emerald City even before the tall spires and domes came into sight.

At length a high wall of green stone, studded thick with emeralds, loomed up before them; and fearing the Saw-Horse

would not know enough to stop and so might smash them both against this wall, Jack ventured to cry "Whoa!" as loud as he could.

So suddenly did the horse obey that had it not been for his post Jack would have been pitched off head foremost, and his beautiful face ruined.

"That was a fast ride, dear father!" he exclaimed; and then, hearing no reply, he turned around and discovered for the first time that Tip was not there.

This apparent desertion puzzled the Pumpkinhead, and made him uneasy. And while he was wondering what had become of the boy, and what he ought to do next under such trying circumstances, the gateway in the green wall opened and a man came out.

This man was short and round, with a fat face that seemed remarkably good-natured. He was clothed all in green and wore a high, peaked green hat upon his head and green spectacles over his eyes. Bowing before the Pumpkinhead he said:

"I am the Guardian of the Gates of the Emerald City. May I inquire who you are, and what is your business?"

"My name is Jack Pumpkinhead," returned the other, smilingly; "but as to my business, I haven't the least idea in the world what it is."

The Guardian of the Gates looked surprised, and shook his head as if dissatisfied with the reply.

"What are you, a man or a pumpkin?" he asked, politely.

"Both, if you please," answered Jack.

"And this wooden horse—is it alive?" questioned the Guardian.

The horse rolled one knotty eye upward and winked at Jack. Then it gave a prance and brought one leg down on the Guardian's toes.

"Ouch!" cried the man; "I'm sorry I asked that question. But the answer is most convincing. Have you any errand, sir, in the Emerald City?"

"It seems to me that I have," replied the Pumpkinhead, seriously; "but I cannot think what it is. My father knows all about it, but he is not here."

"This is a strange affair very strange!" declared the Guardian. "But you seem harmless. Folks do not smile so delightfully when they mean mischief."

"As for that," said Jack, "I cannot help my smile, for it is carved on my face with a jack-knife."

"Well, come with me into my room," resumed the Guardian, "and I will see what can be done for you."

So Jack rode the Saw-Horse through the gateway into a little room built into the wall. The Guardian pulled a bell-cord, and presently a very tall soldier—clothed in a green uniform—entered from the opposite door. This soldier carried a long green gun over his shoulder and had lovely green whiskers that fell quite to his knees. The Guardian at once addressed him, saying:

"Here is a strange gentleman who doesn't know why he has come to the Emerald City, or what he wants. Tell me, what shall we do with him?"

The Soldier with the Green Whiskers looked at Jack with much care and curiosity. Finally he shook his head so positively that little

waves rippled down his whiskers, and then he said:

"I must take him to His Majesty, the Scarecrow."

"But what will His Majesty, the Scarecrow, do with him?" asked the Guardian of the Gates.

"That is His Majesty's business," returned the soldier. "I have troubles enough of my own. All outside troubles must be turned over to His Majesty. So put the spectacles on this fellow, and I'll take him to the royal palace."

So the Guardian opened a big box of spectacles and tried to fit a pair to Jack's great round eyes.

"I haven't a pair in stock that will really cover those eyes up," said the little man, with a sigh; "and your head is so big that I shall be obliged to tie the spectacles on."

"But why need I wear spectacles?" asked Jack.

"It's the fashion here," said the Soldier, "and they will keep you from being blinded by the glitter and glare of the gorgeous Emerald City."

"Oh!" exclaimed Jack. "Tie them on, by all means. I don't wish to be blinded."

"Nor I!" broke in the Saw-Horse; so a pair of green spectacles was quickly fastened over the bulging knots that served it for eyes.

Then the Soldier with the Green Whiskers led them through the inner gate and they at once found themselves in the main street of the magnificent Emerald City.

Sparkling green gems ornamented the fronts of the beautiful houses and the towers and turrets were all faced with emeralds.

Even the green marble pavement glittered with precious stones, and it was indeed a grand and marvelous sight to one who beheld it for the first time.

However, the Pumpkinhead and the Saw-Horse, knowing nothing of wealth and beauty, paid little attention to the wonderful sights they saw through their green spectacles. They calmly followed after the green soldier and scarcely noticed the crowds of green people who stared at them in surprise. When a green dog ran out and barked at them the Saw-Horse promptly kicked at it with its wooden leg and sent the little animal howling into one of the houses; but nothing more serious than this happened to interrupt their progress to the royal palace.

The Pumpkinhead wanted to ride up the green marble steps and straight into the Scarecrow's presence; but the soldier would not permit that. So Jack dismounted, with much difficulty, and a servant led the Saw-Horse around to the rear while the Soldier with the Green Whiskers escorted the Pumpkinhead into the palace, by the front entrance.

The stranger was left in a handsomely furnished waiting room while the soldier went to announce him. It so happened that at this hour His Majesty was at leisure and greatly bored for want of something to do, so he ordered his visitor to be shown at once into his throne room.

Jack felt no fear or embarrassment at meeting the ruler of this magnificent city, for he was entirely ignorant of all worldly customs. But when he entered the room and saw for the first time His Majesty the Scarecrow seated upon his glittering throne, he stopped short in amazement.

HIS MAJESTY THE SCARECROW

I suppose every reader of this book knows what a scarecrow is; but Jack Pumpkinhead, never having seen such a creation, was more surprised at meeting the remarkable King of the Emerald City than by any other one experience of his brief life.

His Majesty the Scarecrow was dressed in a suit of faded blue clothes, and his head was merely a small sack stuffed with straw, upon which eyes, ears, a nose and a mouth had been rudely painted to represent a face. The clothes were also stuffed with straw, and that so unevenly or carelessly that his Majesty's legs and arms seemed more bumpy than was necessary. Upon his hands were gloves with long fingers, and these were padded with cotton. Wisps of straw stuck out from the monarch's coat and also from his neck and boot-tops. Upon his head he wore a heavy golden crown set thick with sparkling jewels, and the weight of this crown caused his brow to sag in wrinkles, giving a thoughtful expression to the painted face. Indeed, the crown alone betokened majesty; in all else the, Scarecrow King was but a simple scarecrow—flimsy, awkward, and unsubstantial.

But if the strange appearance of his Majesty the Scarecrow seemed startling to Jack, no less wonderful was the form of the Pumpkinhead to the Scarecrow. The purple trousers and pink waistcoat and red shirt hung loosely over the wooden joints Tip had manufactured, and the carved face on the pumpkin grinned

perpetually, as if its wearer considered life the jolliest thing imaginable.

At first, indeed, His Majesty thought his queer visitor was laughing at him, and was inclined to resent such a liberty; but it was not without reason that the Scarecrow had attained the reputation of being the wisest personage in the Land of Oz. He made a more careful examination of his visitor, and soon discovered that Jack's features were carved into a smile and that he could not look grave if he wished to.

The King was the first to speak. After regarding Jack for some minutes he said, in a tone of wonder:

"Where on earth did you come from, and how do you happen to be alive?"

"I beg your Majesty's pardon," returned the Pumpkinhead; "but I do not understand you."

"What don't you understand?" asked the Scarecrow.

"Why, I don't understand your language. You see, I came from the Country of the Gillikins, so that I am a foreigner."

"Ah, to be sure!" exclaimed the Scarecrow. "I myself speak the language of the Munchkins, which is also the language of the Emerald City. But you, I suppose, speak the language of the Pumpkinheads?"

"Exactly so, your Majesty" replied the other, bowing; "so it will be impossible for us to understand one another."

"That is unfortunate, certainly," said the Scarecrow, thoughtfully. "We must have an interpreter."

"What is an interpreter?" asked Jack.

"A person who understands both my language and your own. When I say anything, the interpreter can tell you what I mean; and when you say anything the interpreter can tell me what *you* mean. For the interpreter can speak both languages as well as understand them."

"That is certainly clever," said Jack, greatly pleased at finding so simple a way out of the difficulty.

So the Scarecrow commanded the Soldier with the Green Whiskers to search among his people until he found one who understood the language of the Gillikins as well as the language of the Emerald City, and to bring that person to him at once.

When the Soldier had departed the Scarecrow said:

"Won't you take a chair while we are waiting?"

"Your Majesty forgets that I cannot understand you," replied the Pumpkinhead. "If you wish me to sit down you must make a sign for me to do so." The Scarecrow came down from his throne and rolled an armchair to a position behind the Pumpkinhead. Then he gave Jack a sudden push that sent him sprawling upon the cushions in so awkward a fashion that he doubled up like a jackknife, and had hard work to untangle himself.

"Did you understand that sign?" asked His Majesty, politely.

"Perfectly," declared Jack, reaching up his arms to turn his head to the front, the pumpkin having twisted around upon the stick that supported it.

"You seem hastily made," remarked the Scarecrow, watching Jack's efforts to straighten himself.

"Not more so than your Majesty," was the frank reply.

"There is this difference between us," said the Scarecrow, "that whereas I will bend, but not break, you will break, but not bend."

At this moment the soldier returned leading a young girl by the hand. She seemed very sweet and modest, having a pretty face and beautiful green eyes and hair. A dainty green silk skirt reached to her knees, showing silk stockings embroidered with pea-pods, and green satin slippers with bunches of lettuce for decorations instead of bows or buckles. Upon her silken waist clover leaves were embroidered, and she wore a jaunty little jacket trimmed with sparkling emeralds of a uniform size.

"Why, it's little Jellia Jamb!" exclaimed the Scarecrow, as the green maiden bowed her pretty head before him. "Do you understand the language of the Gillikins, my dear?"

"Yes, your Majesty," she answered, "for I was born in the North Country."

"Then you shall be our interpreter," said the Scarecrow, "and explain to this Pumpkinhead all that I say, and also explain to me all that *he* says. Is this arrangement satisfactory?" he asked, turning toward his guest.

"Very satisfactory indeed," was the reply.

"Then ask him, to begin with," resumed the Scarecrow, turning to Jellia, "what brought him to the Emerald City"

But instead of this the girl, who had been staring at Jack, said to him:

"You are certainly a wonderful creature. Who made you?"

"A boy named Tip," answered Jack.

"What does he say?" inquired the Scarecrow. "My ears must have deceived me. What did he say?"

"He says that your Majesty's brains seem to have come loose," replied the girl, demurely.

The Scarecrow moved uneasily upon his throne, and felt of his head with his left hand.

"What a fine thing it is to understand two different languages," he said, with a perplexed sigh. "Ask him, my dear, if he has any objection to being put in jail for insulting the ruler of the Emerald City."

"I didn't insult you!" protested Jack, indignantly.

"Tut—tut!" cautioned the Scarecrow "wait, until Jellia translates my speech. What have we got an interpreter for, if you break out in this rash way?"

"All right, I'll wait," replied the Pumpkinhead, in a surly tone—although his face smiled as genially as ever. "Translate the speech, young woman."

"His Majesty inquires if you are hungry," said Jellia.

"Oh, not at all!" answered Jack, more pleasantly, "for it is impossible for me to eat."

"It's the same way with me," remarked the Scarecrow. "What did he say, Jellia, my dear?"

"He asked if you were aware that one of your eyes is painted larger than the other," said the girl, mischievously.

"Don't you believe her, your Majesty," cried Jack.

"Oh, I don't," answered the Scarecrow, calmly. Then, casting a sharp look at the girl, he asked:

"Are you quite certain you understand the languages of both the Gillikins and the Munchkins?"

"Quite certain, your Majesty," said Jellia Jamb, trying hard not to laugh in the face of royalty.

"Then how is it that I seem to understand them myself?" inquired the Scarecrow.

"Because they are one and the same!" declared the girl, now laughing merrily. "Does not your Majesty know that in all the land of Oz but one language is spoken?"

"Is it indeed so?" cried the Scarecrow, much relieved to hear this; "then I might easily have been my own interpreter!"

"It was all my fault, your Majesty," said Jack, looking rather foolish, "I thought we must surely speak different languages, since we came from different countries."

"This should be a warning to you never to think," returned the Scarecrow, severely. "For unless one can think wisely it is better to remain a dummy—which you most certainly are."

"I am!—I surely am!" agreed the Pumpkinhead.

"It seems to me," continued the Scarecrow, more mildly, "that your manufacturer spoiled some good pies to create an indifferent man."

"I assure your Majesty that I did not ask to be created," answered Jack.

"Ah! It was the same in my case," said the King, pleasantly. "And so, as we differ from all ordinary people, let us become friends."

"With all my heart!" exclaimed Jack.

"What! Have you a heart?" asked the Scarecrow, surprised.

"No; that was only imaginative—I might say, a figure of speech," said the other.

"Well, your most prominent figure seems to be a figure of wood; so I must beg you to restrain an imagination which, having no brains, you have no right to exercise," suggested the Scarecrow, warningly.

"To be sure!" said Jack, without in the least comprehending.

His Majesty then dismissed Jellia Jamb and the Soldier with the Green Whiskers, and when they were gone he took his new friend by the arm and led him into the courtyard to play a game of quoits.

GEN. JINJUR'S ARMY OF REVOLT

Tip was so anxious to rejoin his man Jack and the Saw-Horse that he walked a full half the distance to the Emerald City without stopping to rest. Then he discovered that he was hungry and the crackers and cheese he had provided for the Journey had all been eaten.

While wondering what he should do in this emergency he came upon a girl sitting by the roadside. She wore a costume that struck the boy as being remarkably brilliant: her silken waist being of emerald green and her skirt of four distinct colors—blue in front, yellow at the left side, red at the back and purple at the right side. Fastening the waist in front were four buttons—the top one blue, the next yellow, a third red and the last purple.

The splendor of this dress was almost barbaric; so Tip was fully justified in staring at the gown for some moments before his eyes were attracted by the pretty face above it. Yes, the face was pretty enough, he decided; but it wore an expression of discontent coupled to a shade of defiance or audacity.

While the boy stared the girl looked upon him calmly. A lunch basket stood beside her, and she held a dainty sandwich in one hand and a hard-boiled egg in the other, eating with an evident appetite that aroused Tip's sympathy.

He was just about to ask a share of the luncheon when the girl stood up and brushed the crumbs from her lap.

"There!" said she; "it is time for me to go. Carry that basket for me and help yourself to its contents if you are hungry."

Tip seized the basket eagerly and began to eat, following for a time the strange girl without bothering to ask questions. She walked along before him with swift strides, and there was about her an air of decision and importance that led him to suspect she was some great personage.

Finally, when he had satisfied his hunger, he ran up beside her and tried to keep pace with her swift footsteps—a very difficult feat, for she was much taller than he, and evidently in a hurry.

"Thank you very much for the sandwiches," said Tip, as he trotted along. "May I ask your name?"

"I am General Jinjur," was the brief reply.

"Oh!" said the boy surprised. "What sort of a General?"

"I command the Army of Revolt in this war," answered the General, with unnecessary sharpness.

"Oh!" he again exclaimed. "I didn't know there was a war."

"You were not supposed to know it," she returned, "for we have kept it a secret; and considering that our army is composed entirely of girls," she added, with some pride, "it is surely a remarkable thing that our Revolt is not yet discovered."

"It is, indeed," acknowledged Tip. "But where is your army?"

"About a mile from here," said General Jinjur. "The forces have assembled from all parts of the Land of Oz, at my express command. For this is the day we are to conquer His Majesty the Scarecrow, and wrest from him the throne. The Army of Revolt only awaits my coming to march upon the Emerald City."

"Well!" declared Tip, drawing a long breath, "this is certainly a surprising thing! May I ask why you wish to conquer His Majesty the Scarecrow?"

"Because the Emerald City has been ruled by men long enough, for one reason," said the girl.

"Moreover, the City glitters with beautiful gems, which might far better be used for rings, bracelets and necklaces; and there is enough money in the King's treasury to buy every girl in our Army a dozen new gowns. So we intend to conquer the City and run the government to suit ourselves."

Jinjur spoke these words with an eagerness and decision that proved she was in earnest.

"But war is a terrible thing," said Tip, thoughtfully.

"This war will be pleasant," replied the girl, cheerfully.

"Many of you will be slain!" continued the boy, in an awed voice.

"Oh, no", said Jinjur. "What man would oppose a girl, or dare to harm her? And there is not an ugly face in my entire Army."

Tip laughed.

"Perhaps you are right," said he. "But the Guardian of the Gate is considered a faithful Guardian, and the King's Army will not let the City be conquered without a struggle."

"The Army is old and feeble," replied General Jinjur, scornfully. "His strength has all been used to grow whiskers, and his wife has such a temper that she has already pulled more than half of them out by the roots. When the Wonderful Wizard reigned the Soldier with the Green Whiskers was a very good Royal Army, for people

feared the Wizard. But no one is afraid of the Scarecrow, so his Royal Army don't count for much in time of war."

After this conversation they proceeded some distance in silence, and before long reached a large clearing in the forest where fully four hundred young women were assembled. These were laughing and talking together as gaily as if they had gathered for a picnic instead of a war of conquest.

They were divided into four companies, and Tip noticed that all were dressed in costumes similar to that worn by General Jinjur. The only real difference was that while those girls from the Munchkin country had the blue strip in front of their skirts, those from the country of the Quadlings had the red strip in front; and those from the country of the Winkies had the yellow strip in front, and the Gillikin girls wore the purple strip in front. All had green waists, representing the Emerald City they intended to conquer, and the top button on each waist indicated by its color which country the wearer came from. The uniforms were Jaunty and becoming, and quite effective when massed together.

Tip thought this strange Army bore no weapons whatever; but in this he was wrong. For each girl had stuck through the knot of her back hair two long, glittering knitting-needles.

General Jinjur immediately mounted the stump of a tree and addressed her army.

"Friends, fellow-citizens, and girls!" she said; "we are about to begin our great Revolt against the men of Oz! We march to conquer the Emerald City—to dethrone the Scarecrow King—to acquire

thousands of gorgeous gems—to rifle the royal treasury—and to obtain power over our former oppressors!"

"Hurrah!" said those who had listened; but Tip thought most of the Army was too much engaged in chattering to pay attention to the words of the General.

The command to march was now given, and the girls formed themselves into four bands, or companies, and set off with eager strides toward the Emerald City.

The boy followed after them, carrying several baskets and wraps and packages which various members of the Army of Revolt had placed in his care. It was not long before they came to the green granite walls of the City and halted before the gateway.

The Guardian of the Gate at once came out and looked at them curiously, as if a circus had come to town. He carried a bunch of keys swung round his neck by a golden chain; his hands were thrust carelessly into his pockets, and he seemed to have no idea at all that the City was threatened by rebels. Speaking pleasantly to the girls, he said:

"Good morning, my dears! What can I do for you?"

"Surrender instantly!" answered General Jinjur, standing before him and frowning as terribly as her pretty face would allow her to.

"Surrender!" echoed the man, astounded. "Why, it's impossible. It's against the law! I never heard of such a thing in my life."

"Still, you must surrender!" exclaimed the General, fiercely. "We are revolting!"

"You don't look it," said the Guardian, gazing from one to another, admiringly.

"But we are!" cried Jinjur, stamping her foot, impatiently; "and we mean to conquer the Emerald City!"

"Good gracious!" returned the surprised Guardian of the Gates; "what a nonsensical idea! Go home to your mothers, my good girls, and milk the cows and bake the bread. Don't you know it's a dangerous thing to conquer a city?"

"We are not afraid!" responded the General; and she looked so determined that it made the Guardian uneasy.

So he rang the bell for the Soldier with the Green Whiskers, and the next minute was sorry he had done so. For immediately he was surrounded by a crowd of girls who drew the knitting-needles from their hair and began jabbing them at the Guardian with the sharp points dangerously near his fat cheeks and blinking eyes.

The poor man howled loudly for mercy and made no resistance when Jinjur drew the bunch of keys from around his neck.

Followed by her Army the General now rushed to the gateway, where she was confronted by the Royal Army of Oz—which was the other name for the Soldier with the Green Whiskers.

"Halt!" he cried, and pointed his long gun full in the face of the leader.

Some of the girls screamed and ran back, but General Jinjur bravely stood her ground and said, reproachfully:

"Why, how now? Would you shoot a poor, defenceless girl?"

"No," replied the soldier. "for my gun isn't loaded."

"Not loaded?"

"No; for fear of accidents. And I've forgotten where I hid the powder and shot to load it with. But if you'll wait a short time I'll try to hunt them up."

"Don't trouble yourself," said Jinjur, cheerfully. Then she turned to her Army and cried:

"Girls, the gun isn't loaded!"

"Hooray," shrieked the rebels, delighted at this good news, and they proceeded to rush upon the Soldier with the Green Whiskers in such a crowd that it was a wonder they didn't stick the knitting-needles into one another.

But the Royal Army of Oz was too much afraid of women to meet the onslaught. He simply turned about and ran with all his might through the gate and toward the royal palace, while General Jinjur and her mob flocked into the unprotected City.

In this way was the Emerald City captured without a drop of blood being spilled. The Army of Revolt had become an Army of Conquerors!

THE SCARECROW PLANS AN ESCAPE

Tip slipped away from the girls and followed swiftly after the Soldier with the Green Whiskers. The invading army entered the City more slowly, for they stopped to dig emeralds out of the walls and paving-stones with the points of their knitting-needles. So the Soldier and the boy reached the palace before the news had spread that the City was conquered.

The Scarecrow and Jack Pumpkinhead were still playing at quoits in the courtyard when the game was interrupted by the abrupt entrance of the Royal Army of Oz, who came flying in without his hat or gun, his clothes in sad disarray and his long beard floating a yard behind him as he ran.

"Tally one for me," said the Scarecrow, calmly "What's wrong, my man?" he added, addressing the Soldier.

"Oh! your Majesty—your Majesty! The City is conquered!" gasped the Royal Army, who was all out of breath.

"This is quite sudden," said the Scarecrow. "But please go and bar all the doors and windows of the palace, while I show this Pumpkinhead how to throw a quoit."

The Soldier hastened to do this, while Tip, who had arrived at his heels, remained in the courtyard to look at the Scarecrow with wondering eyes.

His Majesty continued to throw the quoits as coolly as if no danger threatened his throne, but the Pumpkinhead, having caught

sight of Tip, ambled toward the boy as fast as his wooden legs would go.

"Good afternoon, noble parent!" he cried, delightedly. "I'm glad to see you are here. That terrible Saw-Horse ran away with me."

"I suspected it," said Tip. "Did you get hurt? Are you cracked at all?"

"No, I arrived safely," answered Jack, "and his Majesty has been very kind indeed to me."

At this moment the Soldier with the Green Whiskers returned, and the Scarecrow asked:

"By the way, who has conquered me?"

"A regiment of girls, gathered from the four corners of the Land of Oz," replied the Soldier, still pale with fear.

"But where was my Standing Army at the time?" inquired his Majesty, looking at the Soldier, gravely.

"Your Standing Army was running," answered the fellow, honestly; "for no man could face the terrible weapons of the invaders."

"Well," said the Scarecrow, after a moment's thought, "I don't mind much the loss of my throne, for it's a tiresome job to rule over the Emerald City. And this crown is so heavy that it makes my head ache. But I hope the Conquerors have no intention of injuring me, just because I happen to be the King."

"I heard them, say" remarked Tip, with some hesitation, "that they intend to make a rag carpet of your outside and stuff their sofa-cushions with your inside."

"Then I am really in danger," declared his Majesty, positively, "and it will be wise for me to consider a means to escape."

"Where can you go?" asked Jack Pumpkinhead.

"Why, to my friend the Tin Woodman, who rules over the Winkies, and calls himself their Emperor," was the answer. "I am sure he will protect me."

Tip was looking out the window.

"The palace is surrounded by the enemy," said he. "It is too late to escape. They would soon tear you to pieces."

The Scarecrow sighed.

"In an emergency," he announced, "it is always a good thing to pause and reflect. Please excuse me while I pause and reflect."

"But we also are in danger," said the Pumpkinhead, anxiously. "If any of these girls understand cooking, my end is not far off!"

"Nonsense!" exclaimed the Scarecrow. "they're too busy to cook, even if they know how!"

"But should I remain here a prisoner for any length of time," protested Jack, "I'm liable to spoil."

"Ah! then you would not be fit to associate with," returned the Scarecrow. "The matter is more serious than I suspected."

"You," said the Pumpkinhead, gloomily, "are liable to live for many years. My life is necessarily short. So I must take advantage of the few days that remain to me."

"There, there! Don't worry," answered the Scarecrow soothingly; "if you'll keep quiet long enough for me to think, I'll try to find some way for us all to escape."

So the others waited in patient silence while the Scarecrow walked to a corner and stood with his face to the wall for a good five minutes. At the end of that time he faced them with a more cheerful expression upon his painted face.

"Where is the Saw-Horse you rode here?" he asked the Pumpkinhead.

"Why, I said he was a jewel, and so your man locked him up in the royal treasury," said Jack.

"It was the only place I could think of your Majesty," added the Soldier, fearing he had made a blunder.

"It pleases me very much," said the Scarecrow. "Has the animal been fed?"

"Oh, yes; I gave him a heaping peck of sawdust."

"Excellent!" cried the Scarecrow. "Bring the horse here at once."

The Soldier hastened away, and presently they heard the clattering of the horse's wooden legs upon the pavement as he was led into the courtyard.

His Majesty regarded the steed critically. "He doesn't seem especially graceful!" he remarked, musingly. "but I suppose he can run?"

"He can, indeed," said Tip, gazing upon the Saw-Horse admiringly.

"Then, bearing us upon his back, he must make a dash through the ranks of the rebels and carry us to my friend the Tin Woodman," announced the Scarecrow.

"He can't carry four!" objected Tip.

"No, but he may be induced to carry three," said his Majesty. "I shall therefore leave my Royal Army Behind. For, from the ease with which he was conquered, I have little confidence in his powers."

"Still, he can run," declared Tip, laughing.

"I expected this blow" said the Soldier, sulkily; "but I can bear it. I shall disguise myself by cutting off my lovely green whiskers. And, after all, it is no more dangerous to face those reckless girls than to ride this fiery, untamed wooden horse!"

"Perhaps you are right," observed his Majesty. "But, for my part, not being a soldier, I am fond of danger. Now, my boy, you must mount first. And please sit as close to the horse's neck as possible."

Tip climbed quickly to his place, and the Soldier and the Scarecrow managed to hoist the Pumpkinhead to a seat just behind him. There remained so little space for the King that he was liable to fall off as soon as the horse started.

"Fetch a clothesline," said the King to his Army, "and tie us all together. Then if one falls off we will all fall off."

And while the Soldier was gone for the clothesline his Majesty continued, "it is well for me to be careful, for my very existence is in danger."

"I have to be as careful as you do," said Jack.

"Not exactly," replied the Scarecrow. "for if anything happened to me, that would be the end of me. But if anything happened to you, they could use you for seed."

The Soldier now returned with a long line and tied all three firmly together, also lashing them to the body of the Saw-Horse; so

there seemed little danger of their tumbling off.

"Now throw open the gates," commanded the Scarecrow, "and we will make a dash to liberty or to death."

The courtyard in which they were standing was located in the center of the great palace, which surrounded it on all sides. But in one place a passage led to an outer gateway, which the Soldier had barred by order of his sovereign. It was through this gateway his Majesty proposed to escape, and the Royal Army now led the Saw-Horse along the passage and unbarred the gate, which swung backward with a loud crash.

"Now," said Tip to the horse, "you must save us all. Run as fast as you can for the gate of the City, and don't let anything stop you."

"All right!" answered the Saw-Horse, gruffly, and dashed away so suddenly that Tip had to gasp for breath and hold firmly to the post he had driven into the creature's neck.

Several of the girls, who stood outside guarding the palace, were knocked over by the Saw-Horse's mad rush. Others ran screaming out of the way, and only one or two jabbed their knitting-needles frantically at the escaping prisoners. Tip got one small prick in his left arm, which smarted for an hour afterward; but the needles had no effect upon the Scarecrow or Jack Pumpkinhead, who never even suspected they were being prodded.

As for the Saw-Horse, he made a wonderful record upsetting a fruit cart, overturning several meek looking men, and finally bowling over the new Guardian of the Gate—a fussy little fat woman appointed by General Jinjur.

Nor did the impetuous charger stop then. Once outside the walls of the Emerald City he dashed along the road to the West with fast and violent leaps that shook the breath out of the boy and filled the Scarecrow with wonder.

Jack had ridden at this mad rate once before, so he devoted every effort to holding, with both hands, his pumpkin head upon its stick, enduring meantime the dreadful jolting with the courage of a philosopher.

"Slow him up! Slow him up!" shouted the Scarecrow. "My straw is all shaking down into my legs."

But Tip had no breath to speak, so the Saw-Horse continued his wild career unchecked and with unabated speed.

Presently they came to the banks of a wide river, and without a pause the wooden steed gave one final leap and launched them all in mid-air.

A second later they were rolling, splashing and bobbing about in the water, the horse struggling frantically to find a rest for its feet and its riders being first plunged beneath the rapid current and then floating upon the surface like corks.

THE JOURNEY TO THE TIN WOODMAN

Tip was well soaked and dripping water from every angle of his body. But he managed to lean forward and shout in the ear of the Saw-Horse:

"Keep still, you fool! Keep still!"

The horse at once ceased struggling and floated calmly upon the surface, its wooden body being as buoyant as a raft.

"What does that word 'fool' mean?" enquired the horse.

"It is a term of reproach," answered Tip, somewhat ashamed of the expression. "I only use it when I am angry."

"Then it pleases me to be able to call you a fool, in return," said the horse. "For I did not make the river, nor put it in our way; so only a term of, reproach is fit for one who becomes angry with me for falling into the water."

"That is quite evident," replied Tip; "so I will acknowledge myself in the wrong." Then he called out to the Pumpkinhead: "are you all right, Jack?"

There was no reply. So the boy called to the King "are you all right, your majesty?"

The Scarecrow groaned.

"I'm all wrong, somehow," he said, in a weak voice. "How very wet this water is!"

Tip was bound so tightly by the cord that he could not turn his head to look at his companions; so he said to the Saw-Horse:

"Paddle with your legs toward the shore."

The horse obeyed, and although their progress was slow they finally reached the opposite river bank at a place where it was low enough to enable the creature to scramble upon dry land.

With some difficulty the boy managed to get his knife out of his pocket and cut the cords that bound the riders to one another and to the wooden horse. He heard the Scarecrow fall to the ground with a mushy sound, and then he himself quickly dismounted and looked at his friend Jack.

The wooden body, with its gorgeous clothing, still sat upright upon the horse's back; but the pumpkin head was gone, and only the sharpened stick that served for a neck was visible. As for the Scarecrow, the straw in his body had shaken down with the jolting and packed itself into his legs and the lower part of his body—which appeared very plump and round while his upper half seemed like an empty sack. Upon his head the Scarecrow still wore the heavy crown, which had been sewed on to prevent his losing it; but the head was now so damp and limp that the weight of the gold and jewels sagged forward and crushed the painted face into a mass of wrinkles that made him look exactly like a Japanese pug dog.

Tip would have laughed—had he not been so anxious about his man Jack. But the Scarecrow, however damaged, was all there, while the pumpkin head that was so necessary to Jack's existence was missing; so the boy seized a long pole that fortunately lay near at hand and anxiously turned again toward the river.

Far out upon the waters he sighted the golden hue of the pumpkin, which gently bobbed up and down with the motion of the waves. At that moment it was quite out of Tip's reach, but after a time it floated nearer and still nearer until the boy was able to reach it with his pole and draw it to the shore. Then he brought it to the top of the bank, carefully wiped the water from its pumpkin face with his handkerchief, and ran with it to Jack and replaced the head upon the man's neck.

"Dear me!" were Jack's first words. "What a dreadful experience! I wonder if water is liable to spoil pumpkins?"

Tip did not think a reply was necessary, for he knew that the Scarecrow also stood in need of his help. So he carefully removed the straw from the King's body and legs, and spread it out in the sun to dry. The wet clothing he hung over the body of the Saw-Horse.

"If water spoils pumpkins," observed Jack, with a deep sigh, "then my days are numbered."

"I've never noticed that water spoils pumpkins," returned Tip; "unless the water happens to be boiling. If your head isn't cracked, my friend, you must be in fairly good condition."

"Oh, my head isn't cracked in the least," declared Jack, more cheerfully.

"Then don't worry," retorted the boy. "Care once killed a cat."

"Then," said Jack, seriously, "I am very glad indeed that I am not a cat."

The sun was fast drying their clothing, and Tip stirred up his Majesty's straw so that the warm rays might absorb the moisture and make it as crisp and dry as ever. When this had been

accomplished he stuffed the Scarecrow into symmetrical shape and smoothed out his face so that he wore his usual gay and charming expression.

"Thank you very much," said the monarch, brightly, as he walked about and found himself to be well balanced. "There are several distinct advantages in being a Scarecrow. For if one has friends near at hand to repair damages, nothing very serious can happen to you."

"I wonder if hot sunshine is liable to crack pumpkins," said Jack, with an anxious ring in his voice.

"Not at all—not at all!" replied the Scarecrow, gaily. "All you need fear, my boy, is old age. When your golden youth has decayed we shall quickly part company—but you needn't look forward to it; we'll discover the fact ourselves, and notify you. But come! Let us resume our journey. I am anxious to greet my friend the Tin Woodman."

So they remounted the Saw-Horse, Tip holding to the post, the Pumpkinhead clinging to Tip, and the Scarecrow with both arms around the wooden form of Jack.

"Go slowly, for now there is no danger of pursuit," said Tip to his steed.

"All right!" responded the creature, in a voice rather gruff.

"Aren't you a little hoarse?" asked the Pumpkinhead politely.

The Saw-Horse gave an angry prance and rolled one knotty eye backward toward Tip.

"See here," he growled, "can't you protect me from insult?"

"To be sure!" answered Tip, soothingly. "I am sure Jack meant no harm. And it will not do for us to quarrel, you know; we must all

remain good friends."

"I'll have nothing more to do with that Pumpkinhead," declared the Saw-Horse, viciously. "he loses his head too easily to suit me."

There seemed no fitting reply to this speech, so for a time they rode along in silence.

After a while the Scarecrow remarked:

"This reminds me of old times. It was upon this grassy knoll that I once saved Dorothy from the Stinging Bees of the Wicked Witch of the West."

"Do Stinging Bees injure pumpkins?" asked Jack, glancing around fearfully.

"They are all dead, so it doesn't matter," replied the Scarecrow. "And here is where Nick Chopper destroyed the Wicked Witch's Grey Wolves."

"Who was Nick Chopper?" asked Tip.

"That is the name of my friend the Tin Woodman, answered his Majesty. And here is where the Winged Monkeys captured and bound us, and flew away with little Dorothy," he continued, after they had traveled a little way farther.

"Do Winged Monkeys ever eat pumpkins?" asked Jack, with a shiver of fear.

"I do not know; but you have little cause to, worry, for the Winged Monkeys are now the slaves of Glinda the Good, who owns the Golden Cap that commands their services," said the Scarecrow, reflectively.

Then the stuffed monarch became lost in thought recalling the days of past adventures. And the Saw-Horse rocked and rolled over the flower-strewn fields and carried its riders swiftly upon their way.

Twilight fell, bye and bye, and then the dark shadows of night. So Tip stopped the horse and they all proceeded to dismount.

"I'm tired out," said the boy, yawning wearily; "and the grass is soft and cool. Let us lie down here and sleep until morning."

"I can't sleep," said Jack.

"I never do," said the Scarecrow.

"I do not even know what sleep is," said the Saw-Horse.

"Still, we must have consideration for this poor boy, who is made of flesh and blood and bone, and gets tired," suggested the Scarecrow, in his usual thoughtful manner. "I remember it was the same way with little Dorothy. We always had to sit through the night while she slept."

"I'm sorry," said Tip, meekly, "but I can't help it. And I'm dreadfully hungry, too!"

"Here is a new danger!" remarked Jack, gloomily. "I hope you are not fond of eating pumpkins."

"Not unless they're stewed and made into pies," answered the boy, laughing. "So have no fears of me, friend Jack."

"What a coward that Pumpkinhead is!" said the Saw-Horse, scornfully.

"You might be a coward yourself, if you knew you were liable to spoil!" retorted Jack, angrily.

"There!—there!" interrupted the Scarecrow; "don't let us quarrel. We all have our weaknesses, dear friends; so we must strive to be considerate of one another. And since this poor boy is hungry and has nothing whatever to eat, let us all remain quiet and allow him to sleep; for it is said that in sleep a mortal may forget even hunger."

"Thank you!" exclaimed Tip, gratefully. "Your Majesty is fully as good as you are wise—and that is saying a good deal!"

He then stretched himself upon the grass and, using the stuffed form of the Scarecrow for a pillow, was presently fast asleep.

A NICKEL-PLATED EMPEROR

Tip awoke soon after dawn, but the Scarecrow had already risen and plucked, with his clumsy fingers, a double-handful of ripe berries from some bushes near by. These the boy ate greedily, finding them an ample breakfast, and afterward the little party resumed its Journey.

After an hour's ride they reached the summit of a hill from whence they espied the City of the Winkies and noted the tall domes of the Emperor's palace rising from the clusters of more modest dwellings.

The Scarecrow became greatly animated at this sight, and exclaimed:

"How delighted I shall be to see my old friend the Tin Woodman again! I hope that he rules his people more successfully than I have ruled mine!"

"Is the Tin Woodman the Emperor of the Winkies?" asked the horse.

"Yes, indeed. They invited him to rule over them soon after the Wicked Witch was destroyed; and as Nick Chopper has the best heart in all the world I am sure he has proved an excellent and able emperor."

"I thought that 'Emperor' was the title of a person who rules an empire," said Tip, "and the Country of the Winkies is only a Kingdom."

"Don't mention that to the Tin Woodman!" exclaimed the Scarecrow, earnestly. "You would hurt his feelings terribly. He is a proud man, as he has every reason to be, and it pleases him to be termed Emperor rather than King."

"I'm sure it makes no difference to me," replied the boy.

The Saw-Horse now ambled forward at a pace so fast that its riders had hard work to stick upon its back; so there was little further conversation until they drew up beside the palace steps.

An aged Winkie, dressed in a uniform of silver cloth, came forward to assist them to alight. Said the Scarecrow to his personage:

"Show us at once to your master, the Emperor."

The man looked from one to another of the party in an embarrassed way, and finally answered:

"I fear I must ask you to wait for a time. The Emperor is not receiving this morning."

"How is that?" enquired the Scarecrow, anxiously. "I hope nothing has happened to him."

"Oh, no; nothing serious," returned the man. "But this is his Majesty's day for being polished; and just now his august presence is thickly smeared with putz-pomade."

"Oh, I see!" cried the Scarecrow, greatly reassured. "My friend was ever inclined to be a dandy, and I suppose he is now more proud than ever of his personal appearance."

"He is, indeed," said the man, with a polite bow. "Our mighty Emperor has lately caused himself to be nickel-plated."

"Good Gracious!" the Scarecrow exclaimed at hearing this. "If his wit bears the same polish, how sparkling it must be! But show us in—I'm sure the Emperor will receive us, even in his present state"

"The Emperor's state is always magnificent," said the man. "But I will venture to tell him of your arrival, and will receive his commands concerning you."

So the party followed the servant into a splendid ante-room, and the Saw-Horse ambled awkwardly after them, having no knowledge that a horse might be expected to remain outside.

The travelers were at first somewhat awed by their surroundings, and even the Scarecrow seemed impressed as he examined the rich hangings of silver cloth caught up into knots and fastened with tiny silver axes. Upon a handsome center-table stood a large silver oil-can, richly engraved with scenes from the past adventures of the Tin Woodman, Dorothy, the Cowardly Lion and the Scarecrow: the lines of the engraving being traced upon the silver in yellow gold. On the walls hung several portraits, that of the Scarecrow seeming to be the most prominent and carefully executed, while a the large painting of the famous Wizard of Oz, in act of presenting the Tin Woodman with a heart, covered almost one entire end of the room.

While the visitors gazed at these things in silent admiration they suddenly heard a loud voice in the next room exclaim:

"Well! well! well! What a great surprise!"

And then the door burst open and Nick Chopper rushed into their midst and caught the Scarecrow in a close and loving embrace that creased him into many folds and wrinkles.

"My dear old friend! My noble comrade!" cried the Tin Woodman, joyfully. "how delighted! I am to meet you once again."

And then he released the Scarecrow and held him at arms' length while he surveyed the beloved, painted features.

But, alas! the face of the Scarecrow and many portions of his body bore great blotches of putz-pomade; for the Tin Woodman, in his eagerness to welcome his friend, had quite forgotten the condition of his toilet and had rubbed the thick coating of paste from his own body to that of his comrade.

"Dear me!" said the Scarecrow dolefully. "What a mess I'm in!"

"Never mind, my friend," returned the Tin Woodman, "I'll send you to my Imperial Laundry, and you'll come out as good as new."

"Won't I be mangled?" asked the Scarecrow.

"No, indeed!" was the reply. "But tell me, how came your Majesty here? and who are your companions?"

The Scarecrow, with great politeness, introduced Tip and Jack Pumpkinhead, and the latter personage seemed to interest the Tin Woodman greatly.

"You are not very substantial, I must admit," said the Emperor. "but you are certainly unusual, and therefore worthy to become a member of our select society."

"I thank your Majesty," said Jack, humbly.

"I hope you are enjoying good health?" continued the Woodman.

"At present, yes;" replied the Pumpkinhead, with a sigh; "but I am in constant terror of the day when I shall spoil."

"Nonsense!" said the Emperor—but in a kindly, sympathetic tone. "Do not, I beg of you, dampen today's sun with the showers of tomorrow. For before your head has time to spoil you can have it canned, and in that way it may be preserved indefinitely."

Tip, during this conversation, was looking at the Woodman with undisguised amazement, and noticed that the celebrated Emperor of the Winkies was composed entirely of pieces of tin, neatly soldered and riveted together into the form of a man. He rattled and clanked a little, as he moved, but in the main he seemed to be most cleverly constructed, and his appearance was only marred by the thick coating of polishing-paste that covered him from head to foot.

The boy's intent gaze caused the Tin Woodman to remember that he was not in the most presentable condition, so he begged his friends to excuse him while he retired to his private apartment and allowed his servants to polish him. This was accomplished in a short time, and when the emperor returned his nickel-plated body shone so magnificently that the Scarecrow heartily congratulated him on his improved appearance.

"That nickel-plate was, I confess, a happy thought," said Nick; "and it was the more necessary because I had become somewhat scratched during my adventurous experiences. You will observe this engraved star upon my left breast. It not only indicates where my excellent heart lies, but covers very neatly the patch made by the Wonderful Wizard when he placed that valued organ in my breast with his own skillful hands."

"Is your heart, then, a hand-organ?" asked the Pumpkinhead, curiously.

"By no means," responded the emperor, with dignity. "It is, I am convinced, a strictly orthodox heart, although somewhat larger and warmer than most people possess."

Then he turned to the Scarecrow and asked:

"Are your subjects happy and contented, my dear friend?"

"I cannot, say" was the reply. "for the girls of Oz have risen in revolt and driven me out of the emerald City."

"Great Goodness!" cried the Tin Woodman, "What a calamity! They surely do not complain of your wise and gracious rule?"

"No; but they say it is a poor rule that don't work both ways," answered the Scarecrow; "and these females are also of the opinion that men have ruled the land long enough. So they have captured my city, robbed the treasury of all its jewels, and are running things to suit themselves."

"Dear me! What an extraordinary idea!" cried the Emperor, who was both shocked and surprised.

"And I heard some of them say," said Tip, "that they intend to march here and capture the castle and city of the Tin Woodman."

"Ah! we must not give them time to do that," said the Emperor, quickly; "we will go at once and recapture the Emerald City and place the Scarecrow again upon his throne."

"I was sure you would help me," remarked the Scarecrow in a pleased voice. "How large an army can you assemble?"

"We do not need an army," replied the Woodman. "We four, with the aid of my gleaming axe, are enough to strike terror into the hearts of the rebels."

"We five," corrected the Pumpkinhead.

"Five?" repeated the Tin Woodman.

"Yes; the Saw-Horse is brave and fearless," answered Jack, forgetting his recent quarrel with the quadruped.

The Tin Woodman looked around him in a puzzled way, for the Saw-Horse had until now remained quietly standing in a corner, where the Emperor had not noticed him. Tip immediately called the odd-looking creature to them, and it approached so awkwardly that it nearly upset the beautiful center-table and the engraved oil-can.

"I begin to think," remarked the Tin Woodman as he looked earnestly at the Saw-Horse, "that wonders will never cease! How came this creature alive?"

"I did it with a magic powder," modestly asserted the boy. "and the Saw-Horse has been very useful to us."

"He enabled us to escape the rebels," added the Scarecrow.

"Then we must surely accept him as a comrade," declared the emperor. "A live Saw-Horse is a distinct novelty, and should prove an interesting study. Does he know anything?"

"Well, I cannot claim any great experience in life," the Saw-Horse answered for himself. "but I seem to learn very quickly, and often it occurs to me that I know more than any of those around me."

"Perhaps you do," said the emperor; "for experience does not always mean wisdom. But time is precious just now, so let us quickly make preparations to start upon our Journey."

The emperor called his Lord High Chancellor and instructed him how to run the kingdom during his absence. Meanwhile the

Scarecrow was taken apart and the painted sack that served him for a head was carefully laundered and restuffed with the brains originally given him by the great Wizard. His clothes were also cleaned and pressed by the Imperial tailors, and his crown polished and again sewed upon his head, for the Tin Woodman insisted he should not renounce this badge of royalty. The Scarecrow now presented a very respectable appearance, and although in no way addicted to vanity he was quite pleased with himself and strutted a trifle as he walked. While this was being done Tip mended the wooden limbs of Jack Pumpkinhead and made them stronger than before, and the Saw-Horse was also inspected to see if he was in good working order.

Then bright and early the next morning they set out upon the return Journey to the emerald City, the Tin Woodman bearing upon his shoulder a gleaming axe and leading the way, while the Pumpkinhead rode upon the Saw-Horse and Tip and the Scarecrow walked upon either side to make sure that he didn't fall off or become damaged.

MR. H. M. WOGGLE-BUG, T. E.

Now, General Jinjur—who, you will remember, commanded the Army of Revolt—was rendered very uneasy by the escape of the Scarecrow from the Emerald City. She feared, and with good reason, that if his Majesty and the Tin Woodman Joined forces, it would mean danger to her and her entire army; for the people of Oz had not yet forgotten the deeds of these famous heroes, who had passed successfully through so many startling adventures.

So Jinjur sent post-haste for old Mombi, the witch, and promised her large rewards if she would come to the assistance of the rebel army.

Mombi was furious at the trick Tip had played upon her as well as at his escape and the theft of the precious Powder of Life; so she needed no urging to induce her to travel to the Emerald City to assist Jinjur in defeating the Scarecrow and the Tin Woodman, who had made Tip one of their friends.

Mombi had no sooner arrived at the royal palace than she discovered, by means of her secret magic, that the adventurers were starting upon their Journey to the Emerald City; so she retired to a small room high up in a tower and locked herself in while she practised such arts as she could command to prevent the return of the Scarecrow and his companions.

That was why the Tin Woodman presently stopped and said:

"Something very curious has happened. I ought to know by heart and every step of this Journey, yet I fear we have already lost our way."

"That is quite impossible!" protested the Scarecrow. "Why do you think, my dear friend, that we have gone astray?"

"Why, here before us is a great field of sunflowers—and I never saw this field before in all my life."

At these words they all looked around, only to find that they were indeed surrounded by a field of tall stalks, every stalk bearing at its top a gigantic sunflower. And not only were these flowers almost blinding in their vivid hues of red and gold, but each one whirled around upon its stalk like a miniature wind-mill, completely dazzling the vision of the beholders and so mystifying them that they knew not which way to turn.

"It's witchcraft!" exclaimed Tip.

While they paused, hesitating and wondering, the Tin Woodman uttered a cry of impatience and advanced with swinging axe to cut down the stalks before him. But now the sunflowers suddenly stopped their rapid whirling, and the travelers plainly saw a girl's face appear in the center of each flower. These lovely faces looked upon the astonished band with mocking smiles, and then burst into a chorus of merry laughter at the dismay their appearance caused.

"Stop! stop!" cried Tip, seizing the Woodman's arm; "they're alive! they're girls!"

At that moment the flowers began whirling again, and the faces faded away and were lost in the rapid revolutions.

The Tin Woodman dropped his axe and sat down upon the ground.

"It would be heartless to chop down those pretty creatures," said he, despondently. "and yet I do not know how else we can proceed upon our way"

"They looked to me strangely like the faces of the Army of Revolt," mused the Scarecrow. "But I cannot conceive how the girls could have followed us here so quickly."

"I believe it's magic," said Tip, positively, "and that someone is playing a trick upon us. I've known old Mombi do things like that before. Probably it's nothing more than an illusion, and there are no sunflowers here at all."

"Then let us shut our eyes and walk forward," suggested the Woodman.

"Excuse me," replied the Scarecrow. "My eyes are not painted to shut. Because you happen to have tin eyelids, you must not imagine we are all built in the same way."

"And the eyes of the Saw-Horse are knot eyes," said Jack, leaning forward to examine them.

"Nevertheless, you must ride quickly forward," commanded Tip, "and we will follow after you and so try to escape. My eyes are already so dazzled that I can scarcely see."

So the Pumpkinhead rode boldly forward, and Tip grasped the stub tail of the Saw-Horse and followed with closed eyes. The Scarecrow and the Tin Woodman brought up the rear, and before they had gone many yards a Joyful shout from Jack announced that the way was clear before them.

Then all paused to look backward, but not a trace of the field of sunflowers remained.

More cheerfully, now they proceeded upon their Journey; but old Mombi had so changed the appearance of the landscape that they would surely have been lost had not the Scarecrow wisely concluded to take their direction from the sun. For no witch-craft could change the course of the sun, and it was therefore a safe guide.

However, other difficulties lay before them. The Saw-Horse stepped into a rabbit hole and fell to the ground. The Pumpkinhead was pitched high into the air, and his history would probably have ended at that exact moment had not the Tin Woodman skillfully caught the pumpkin as it descended and saved it from injury.

Tip soon had it fitted to the neck again and replaced Jack upon his feet. But the Saw-Horse did not escape so easily. For when his leg was pulled from the rabbit hole it was found to be broken short off, and must be replaced or repaired before he could go a step farther.

"This is quite serious," said the Tin Woodman. "If there were trees near by I might soon manufacture another leg for this animal; but I cannot see even a shrub for miles around."

"And there are neither fences nor houses in this part of the land of Oz," added the Scarecrow, disconsolately.

"Then what shall we do?" enquired the boy.

"I suppose I must start my brains working," replied his Majesty the Scarecrow; "for experience has, taught me that I can do anything if I but take time to think it out."

"Let us all think," said Tip; "and perhaps we shall find a way to repair the Saw-Horse."

So they sat in a row upon the grass and began to think, while the Saw-Horse occupied itself by gazing curiously upon its broken limb.

"Does it hurt?" asked the Tin Woodman, in a soft, sympathetic voice.

"Not in the least," returned the Saw-Horse; "but my pride is injured to find that my anatomy is so brittle."

For a time the little group remained in silent thought. Presently the Tin Woodman raised his head and looked over the fields.

"What sort of creature is that which approaches us?" he asked, wonderingly.

The others followed his gaze, and discovered coming toward them the most extraordinary object they had ever beheld. It advanced quickly and noiselessly over the soft grass and in a few minutes stood before the adventurers and regarded them with an astonishment equal to their own.

The Scarecrow was calm under all circumstances.

"Good morning!" he said, politely.

The stranger removed his hat with a flourish, bowed very low, and then responded:

"Good morning, one and all. I hope you are, as an aggregation, enjoying excellent health. Permit me to present my card."

With this courteous speech it extended a card toward the Scarecrow, who accepted it, turned it over and over, and handed it

with a shake of his head to Tip.

The boy read aloud:

"MR. H. M. WOGGLE-BUG, T. E."

"Dear me!" ejaculated the Pumpkinhead, staring somewhat intently.

"How very peculiar!" said the Tin Woodman.

Tip's eyes were round and wondering, and the Saw-Horse uttered a sigh and turned away its head.

"Are you really a Woggle-Bug?" enquired the Scarecrow.

"Most certainly, my dear sir!" answered the stranger, briskly. "Is not my name upon the card?"

"It is," said the Scarecrow. "But may I ask what 'H. M.' stands for?"

"'H. M.' means Highly Magnified," returned the Woggle-Bug, proudly.

"Oh, I see." The Scarecrow viewed the stranger critically. "And are you, in truth, highly magnified?"

"Sir," said the Woggle-Bug, "I take you for a gentleman of judgment and discernment. Does it not occur to you that I am several thousand times greater than any Woggle-Bug you ever saw before? Therefore it is plainly evident that I am Highly Magnified, and there is no good reason why you should doubt the fact."

"Pardon me," returned the Scarecrow. "My brains are slightly mixed since I was last laundered. Would it be improper for me to ask, also, what the 'T.E.' at the end of your name stands for?"

"Those letters express my degree," answered the Woggle-Bug, with a condescending smile. "To be more explicit, the initials mean

that I am Thoroughly Educated."

"Oh!" said the Scarecrow, much relieved.

Tip had not yet taken his eyes off this wonderful personage. What he saw was a great, round, buglike body supported upon two slender legs which ended in delicate feet—the toes curling upward. The body of the Woggle-Bug was rather flat, and judging from what could be seen of it was of a glistening dark brown color upon the back, while the front was striped with alternate bands of light brown and white, blending together at the edges. Its arms were fully as slender as its legs, and upon a rather long neck was perched its head—not unlike the head of a man, except that its nose ended in a curling antenna, or "feeler," and its ears from the upper points bore antennae that decorated the sides of its head like two miniature, curling pig tails. It must be admitted that the round, black eyes were rather bulging in appearance; but the expression upon the Woggle-Bug's face was by no means unpleasant.

For dress the insect wore a dark-blue swallowtail coat with a yellow silk lining and a flower in the button-hole; a vest of white duck that stretched tightly across the wide body; knickerbockers of fawn-colored plush, fastened at the knees with gilt buckles; and, perched upon its small head, was jauntily set a tall silk hat.

Standing upright before our amazed friends the Woggle-Bug appeared to be fully as tall as the Tin Woodman; and surely no bug in all the Land of Oz had ever before attained so enormous a size.

"I confess," said the Scarecrow, "that your abrupt appearance has caused me surprise, and no doubt has startled my companions. I

hope, however, that this circumstance will not distress you. We shall probably get used to you in time."

"Do not apologize, I beg of you!" returned the Woggle-Bug, earnestly. "It affords me great pleasure to surprise people; for surely I cannot be classed with ordinary insects and am entitled to both curiosity and admiration from those I meet."

"You are, indeed," agreed his Majesty.

"If you will permit me to seat myself in your august company," continued the stranger, "I will gladly relate my history, so that you will be better able to comprehend my unusual—may I say remarkable?—appearance."

"You may say what you please," answered the Tin Woodman, briefly.

So the Woggle-Bug sat down upon the grass, facing the little group of wanderers, and told them the following story:

A HIGHLY MAGNIFIED HISTORY

"It is but honest that I should acknowledge at the beginning of my recital that I was born an ordinary Woggle-Bug," began the creature, in a frank and friendly tone. "Knowing no better, I used my arms as well as my legs for walking, and crawled under the edges of stones or hid among the roots of grasses with no thought beyond finding a few insects smaller than myself to feed upon.

"The chill nights rendered me stiff and motionless, for I wore no clothing, but each morning the warm rays of the sun gave me new life and restored me to activity. A horrible existence is this, but you must remember it is the regular ordained existence of Woggle-Bugs, as well as of many other tiny creatures that inhabit the earth.

"But Destiny had singled me out, humble though I was, for a grander fate! One day I crawled near to a country school house, and my curiosity being excited by the monotonous hum of the students within, I made bold to enter and creep along a crack between two boards until I reached the far end, where, in front of a hearth of glowing embers, sat the master at his desk.

"No one noticed so small a creature as a Woggle-Bug, and when I found that the hearth was even warmer and more comfortable than the sunshine, I resolved to establish my future home beside it. So I found a charming nest between two bricks and hid myself therein for many, many months.

"Professor Nowitall is, doubtless, the most famous scholar in the land of Oz, and after a few days I began to listen to the lectures and

discourses he gave his pupils. Not one of them was more attentive than the humble, unnoticed Woggle-Bug, and I acquired in this way a fund of knowledge that I will myself confess is simply marvelous. That is why I place 'T.E.' Thoroughly Educated upon my cards; for my greatest pride lies in the fact that the world cannot produce another Woggle-Bug with a tenth part of my own culture and erudition."

"I do not blame you," said the Scarecrow. "Education is a thing to be proud of. I'm educated myself. The mess of brains given me by the Great Wizard is considered by my friends to be unexcelled."

"Nevertheless," interrupted the Tin Woodman, "a good heart is, I believe, much more desirable than education or brains."

"To me," said the Saw-Horse, "a good leg is more desirable than either."

"Could seeds be considered in the light of brains?" enquired the Pumpkinhead, abruptly.

"Keep quiet!" commanded Tip, sternly.

"Very well, dear father," answered the obedient Jack.

The Woggle-Bug listened patiently—even respectfully—to these remarks, and then resumed his story.

"I must have lived fully three years in that secluded school-house hearth," said he, "drinking thirstily of the ever-flowing fount of limpid knowledge before me."

"Quite poetical," commented the Scarecrow, nodding his head approvingly.

"But one, day" continued the Bug, "a marvelous circumstance occurred that altered my very existence and brought me to my

present pinnacle of greatness. The Professor discovered me in the act of crawling across the hearth, and before I could escape he had caught me between his thumb and forefinger.

"My dear children,' said he, 'I have captured a Woggle-Bug—a very rare and interesting specimen. Do any of you know what a Woggle-Bug is?'

"No!' yelled the scholars, in chorus.

"Then,' said the Professor, 'I will get out my famous magnifying-glass and throw the insect upon a screen in a highly-magnified condition, that you may all study carefully its peculiar construction and become acquainted with its habits and manner of life.'

"He then brought from a cupboard a most curious instrument, and before I could realize what had happened I found myself thrown upon a screen in a highly-magnified state—even as you now behold me.

"The students stood up on their stools and craned their heads forward to get a better view of me, and two little girls jumped upon the sill of an open window where they could see more plainly.

"Behold!' cried the Professor, in a loud voice, 'this highly-magnified Woggle-Bug; one of the most curious insects in existence!'

"Being Thoroughly Educated, and knowing what is required of a cultured gentleman, at this juncture I stood upright and, placing my hand upon my bosom, made a very polite bow. My action, being unexpected, must have startled them, for one of the little girls perched upon the window-sill gave a scream and fell backward out the window, drawing her companion with her as she disappeared.

"The Professor uttered a cry of horror and rushed away through the door to see if the poor children were injured by the fall. The scholars followed after him in a wild mob, and I was left alone in the school-room, still in a Highly-Magnified state and free to do as I pleased.

"It immediately occurred to me that this was a good opportunity to escape. I was proud of my great size, and realized that now I could safely travel anywhere in the world, while my superior culture would make me a fit associate for the most learned person I might chance to meet.

"So, while the Professor picked the little girls—who were more frightened than hurt—off the ground, and the pupils clustered around him closely grouped, I calmly walked out of the school-house, turned a corner, and escaped unnoticed to a grove of trees that stood near"

"Wonderful!" exclaimed the Pumpkinhead, admiringly.

"It was, indeed," agreed the Woggle-Bug. "I have never ceased to congratulate myself for escaping while I was Highly Magnified; for even my excessive knowledge would have proved of little use to me had I remained a tiny, insignificant insect."

"I didn't know before," said Tip, looking at the Woggle-Bug with a puzzled expression, "that insects wore clothes."

"Nor do they, in their natural state," returned the stranger. "But in the course of my wanderings I had the good fortune to save the ninth life of a tailor—tailors having, like cats, nine lives, as you probably know. The fellow was exceedingly grateful, for had he lost that ninth life it would have been the end of him; so he begged

permission to furnish me with the stylish costume I now wear. It fits very nicely, does it not?" and the Woggle-Bug stood up and turned himself around slowly, that all might examine his person.

"He must have been a good tailor," said the Scarecrow, somewhat enviously.

"He was a good-hearted tailor, at any rate," observed Nick Chopper.

"But where were you going, when you met us?" Tip asked the Woggle-Bug.

"Nowhere in particular," was the reply, "although it is my intention soon to visit the Emerald City and arrange to give a course of lectures to select audiences on the 'Advantages of Magnification.'"

"We are bound for the Emerald City now," said the Tin Woodman; "so, if it pleases you to do so, you are welcome to travel in our company."

The Woggle-Bug bowed with profound grace.

"It will give me great pleasure," said he "to accept your kind invitation; for nowhere in the Land of Oz could I hope to meet with so congenial a company."

"That is true," acknowledged the Pumpkinhead. "We are quite as congenial as flies and honey."

"But—pardon me if I seem inquisitive—are you not all rather—ahem! rather unusual?" asked the Woggle-Bug, looking from one to another with unconcealed interest.

"Not more so than yourself," answered the Scarecrow.
"Everything in life is unusual until you get accustomed to it."

"What rare philosophy!" exclaimed the Woggle-Bug, admiringly.

"Yes; my brains are working well today," admitted the Scarecrow, an accent of pride in his voice.

"Then, if you are sufficiently rested and refreshed, let us bend our steps toward the Emerald City," suggested the magnified one.

"We can't," said Tip. "The Saw-Horse has broken a leg, so he can't bend his steps. And there is no wood around to make him a new limb from. And we can't leave the horse behind because the Pumpkinhead is so stiff in his Joints that he has to ride."

"How very unfortunate!" cried the Woggle-Bug. Then he looked the party over carefully and said:

"If the Pumpkinhead is to ride, why not use one of his legs to make a leg for the horse that carries him? I judge that both are made of wood."

"Now, that is what I call real cleverness," said the Scarecrow, approvingly. "I wonder my brains did not think of that long ago! Get to work, my dear Nick, and fit the Pumpkinhead's leg to the Saw-Horse."

Jack was not especially pleased with this idea; but he submitted to having his left leg amputated by the Tin Woodman and whittled down to fit the left leg of the Saw-Horse. Nor was the Saw-Horse especially pleased with the operation, either; for he growled a good deal about being "butchered," as he called it, and afterward declared that the new leg was a disgrace to a respectable Saw-Horse.

"I beg you to be more careful in your speech," said the Pumpkinhead, sharply. "Remember, if you please, that it is my leg you are abusing."

"I cannot forget it," retorted the Saw-Horse, "for it is quite as flimsy as the rest of your person."

"Flimsy! me flimsy!" cried Jack, in a rage. "How dare you call me flimsy?"

"Because you are built as absurdly as a jumping-jack," sneered the horse, rolling his knotty eyes in a vicious manner. "Even your head won't stay straight, and you never can tell whether you are looking backwards or forwards!"

"Friends, I entreat you not to quarrel!" pleaded the Tin Woodman, anxiously. "As a matter of fact, we are none of us above criticism; so let us bear with each others' faults."

"An excellent suggestion," said the Woggle-Bug, approvingly. "You must have an excellent heart, my metallic friend."

"I have," returned Nick, well pleased. "My heart is quite the best part of me. But now let us start upon our Journey."

They perched the one-legged Pumpkinhead upon the Saw-Horse, and tied him to his seat with cords, so that he could not possibly fall off.

And then, following the lead of the Scarecrow, they all advanced in the direction of the Emerald City.

OLD MOMBI INDULGES IN WITCHCRAFT

They soon discovered that the Saw-Horse limped, for his new leg was a trifle too long. So they were obliged to halt while the Tin Woodman chopped it down with his axe, after which the wooden steed paced along more comfortably. But the Saw-Horse was not entirely satisfied, even yet.

"It was a shame that I broke my other leg!" it growled.

"On the contrary," airily remarked the Woggle-Bug, who was walking alongside, "you should consider the accident most fortunate. For a horse is never of much use until he has been broken."

"I beg your pardon," said Tip, rather provoked, for he felt a warm interest in both the Saw-Horse and his man Jack; "but permit me to say that your joke is a poor one, and as old as it is poor."

"Still, it is a Joke," declared the Woggle-Bug; firmly, "and a Joke derived from a play upon words is considered among educated people to be eminently proper."

"What does that mean?" enquired the Pumpkinhead, stupidly.

"It means, my dear friend," explained the Woggle-Bug, "that our language contains many words having a double meaning; and that to pronounce a joke that allows both meanings of a certain word, proves the joker a person of culture and refinement, who has, moreover, a thorough command of the language."

"I don't believe that," said Tip, plainly; "anybody can make a pun."

"Not so," rejoined the Woggle-Bug, stiffly. "It requires education of a high order. Are you educated, young sir?"

"Not especially," admitted Tip.

"Then you cannot judge the matter. I myself am Thoroughly Educated, and I say that puns display genius. For instance, were I to ride upon this Saw-Horse, he would not only be an animal he would become an equipage. For he would then be a horse-and-buggy."

At this the Scarecrow gave a gasp and the Tin Woodman stopped short and looked reproachfully at the Woggle-Bug. At the same time the Saw-Horse loudly snorted his derision; and even the Pumpkinhead put up his hand to hide the smile which, because it was carved upon his face, he could not change to a frown.

But the Woggle-Bug strutted along as if he had made some brilliant remark, and the Scarecrow was obliged to say:

"I have heard, my dear friend, that a person can become over-educated; and although I have a high respect for brains, no matter how they may be arranged or classified, I begin to suspect that yours are slightly tangled. In any event, I must beg you to restrain your superior education while in our society."

"We are not very particular," added the Tin Woodman; "and we are exceedingly kind hearted. But if your superior culture gets leaky again—" He did not complete the sentence, but he twirled his gleaming axe so carelessly that the Woggle-Bug looked frightened, and shrank away to a safe distance.

The others marched on in silence, and the Highly Magnified one, after a period of deep thought, said in an humble voice:

"I will endeavor to restrain myself."

"That is all we can expect," returned the Scarecrow pleasantly; and good nature being thus happily restored to the party, they proceeded upon their way.

When they again stopped to allow Tip to rest—the boy being the only one that seemed to tire—the Tin Woodman noticed many small, round holes in the grassy meadow.

"This must be a village of the Field Mice," he said to the Scarecrow. "I wonder if my old friend, the Queen of the Mice, is in this neighborhood."

"If she is, she may be of great service to us," answered the Scarecrow, who was impressed by a sudden thought. "See if you can call her, my dear Nick."

So the Tin Woodman blew a shrill note upon a silver whistle that hung around his neck, and presently a tiny grey mouse popped from a near-by hole and advanced fearlessly toward them. For the Tin Woodman had once saved her life, and the Queen of the Field Mice knew he was to be trusted.

"Good day, your Majesty," said Nick, politely addressing the mouse; "I trust you are enjoying good health?"

"Thank you, I am quite well," answered the Queen, demurely, as she sat up and displayed the tiny golden crown upon her head. "Can I do anything to assist my old friends?"

"You can, indeed," replied the Scarecrow, eagerly. "Let me, I intreat you, take a dozen of your subjects with me to the Emerald City."

"Will they be injured in any way?" asked the Queen, doubtfully.

"I think not," replied the Scarecrow. "I will carry them hidden in the straw which stuffs my body, and when I give them the signal by unbuttoning my jacket, they have only to rush out and scamper home again as fast as they can. By doing this they will assist me to regain my throne, which the Army of Revolt has taken from me."

"In that case," said the Queen, "I will not refuse your request. Whenever you are ready, I will call twelve of my most intelligent subjects."

"I am ready now" returned the Scarecrow. Then he lay flat upon the ground and unbuttoned his jacket, displaying the mass of straw with which he was stuffed.

The Queen uttered a little piping call, and in an instant a dozen pretty field mice had emerged from their holes and stood before their ruler, awaiting her orders.

What the Queen said to them none of our travelers could understand, for it was in the mouse language; but the field mice obeyed without hesitation, running one after the other to the Scarecrow and hiding themselves in the straw of his breast.

When all of the twelve mice had thus concealed themselves, the Scarecrow buttoned his Jacket securely and then arose and thanked the Queen for her kindness.

"One thing more you might do to serve us," suggested the Tin Woodman; "and that is to run ahead and show us the way to the Emerald City. For some enemy is evidently trying to prevent us from reaching it."

"I will do that gladly," returned the Queen. "Are you ready?"

The Tin Woodman looked at Tip.

"I'm rested," said the boy. "Let us start."

Then they resumed their journey, the little grey Queen of the Field Mice running swiftly ahead and then pausing until the travelers drew near, when away she would dart again.

Without this unerring guide the Scarecrow and his comrades might never have gained the Emerald City; for many were the obstacles thrown in their way by the arts of old Mombi. Yet not one of the obstacles really existed—all were cleverly contrived deceptions. For when they came to the banks of a rushing river that threatened to bar their way the little Queen kept steadily on, passing through the seeming flood in safety; and our travelers followed her without encountering a single drop of water.

Again, a high wall of granite towered high above their heads and opposed their advance. But the grey Field Mouse walked straight through it, and the others did the same, the wall melting into mist as they passed it.

Afterward, when they had stopped for a moment to allow Tip to rest, they saw forty roads branching off from their feet in forty different directions; and soon these forty roads began whirling around like a mighty wheel, first in one direction and then in the other, completely bewildering their vision.

But the Queen called for them to follow her and darted off in a straight line; and when they had gone a few paces the whirling pathways vanished and were seen no more.

Mombi's last trick was the most fearful of all. She sent a sheet of crackling flame rushing over the meadow to consume them; and for the first time the Scarecrow became afraid and turned to fly.

"If that fire reaches me I will be gone in no time!" said he, trembling until his straw rattled. "It's the most dangerous thing I ever encountered."

"I'm off, too!" cried the Saw-Horse, turning and prancing with agitation; "for my wood is so dry it would burn like kindlings."

"Is fire dangerous to pumpkins?" asked Jack, fearfully.

"You'll be baked like a tart—and so will I!" answered the Woggle-Bug, getting down on all fours so he could run the faster.

But the Tin Woodman, having no fear of fire, averted the stampede by a few sensible words.

"Look at the Field Mouse!" he shouted. "The fire does not burn her in the least. In fact, it is no fire at all, but only a deception."

Indeed, to watch the little Queen march calmly through the advancing flames restored courage to every member of the party, and they followed her without being even scorched.

"This is surely a most extraordinary adventure," said the Woggle-Bug, who was greatly amazed; "for it upsets all the Natural Laws that I heard Professor Nowitall teach in the school-house."

"Of course it does," said the Scarecrow, wisely. "All magic is unnatural, and for that reason is to be feared and avoided. But I see before us the gates of the Emerald City, so I imagine we have now overcome all the magical obstacles that seemed to oppose us."

Indeed, the walls of the City were plainly visible, and the Queen of the Field Mice, who had guided them so faithfully, came near to bid them good-bye.

"We are very grateful to your Majesty for your kind assistance," said the Tin Woodman, bowing before the pretty creature.

"I am always pleased to be of service to my friends," answered the Queen, and in a flash she had darted away upon her journey home.

THE PRISONERS OF THE QUEEN

Approaching the gateway of the Emerald City the travelers found it guarded by two girls of the Army of Revolt, who opposed their entrance by drawing the knitting-needles from their hair and threatening to prod the first that came near.

But the Tin Woodman was not afraid.

"At the worst they can but scratch my beautiful nickel-plate," he said. "But there will be no 'worst,' for I think I can manage to frighten these absurd soldiers very easily. Follow me closely, all of you!"

Then, swinging his axe in a great circle to right and left before him, he advanced upon the gate, and the others followed him without hesitation.

The girls, who had expected no resistance whatever, were terrified by the sweep of the glittering axe and fled screaming into the city; so that our travelers passed the gates in safety and marched down the green marble pavement of the wide street toward the royal palace.

"At this rate we will soon have your Majesty upon the throne again," said the Tin Woodman, laughing at his easy conquest of the guards.

"Thank you, friend Nick," returned the Scarecrow, gratefully. "Nothing can resist your kind heart and your sharp axe."

As they passed the rows of houses they saw through the open doors that men were sweeping and dusting and washing dishes, while the women sat around in groups, gossiping and laughing.

"What has happened?" the Scarecrow asked a sad-looking man with a bushy beard, who wore an apron and was wheeling a baby-carriage along the sidewalk.

"Why, we've had a revolution, your Majesty as you ought to know very well," replied the man; "and since you went away the women have been running things to suit themselves. I'm glad you have decided to come back and restore order, for doing housework and minding the children is wearing out the strength of every man in the Emerald City."

"Hm!" said the Scarecrow, thoughtfully. "If it is such hard work as you say, how did the women manage it so easily?"

"I really do not know" replied the man, with a deep sigh. "Perhaps the women are made of castiron."

No movement was made, as they passed along the street, to oppose their progress. Several of the women stopped their gossip long enough to cast curious looks upon our friends, but immediately they would turn away with a laugh or a sneer and resume their chatter. And when they met with several girls belonging to the Army of Revolt, those soldiers, instead of being alarmed or appearing surprised, merely stepped out of the way and allowed them to advance without protest.

This action rendered the Scarecrow uneasy.

"I'm afraid we are walking into a trap," said he.

"Nonsense!" returned Nick Chopper, confidently; "the silly creatures are conquered already!"

But the Scarecrow shook his head in a way that expressed doubt, and Tip said:

"It's too easy, altogether. Look out for trouble ahead."

"I will," returned his Majesty. Unopposed they reached the royal palace and marched up the marble steps, which had once been thickly crusted with emeralds but were now filled with tiny holes where the jewels had been ruthlessly torn from their settings by the Army of Revolt. And so far not a rebel barred their way.

Through the arched hallways and into the magnificent throne room marched the Tin Woodman and his followers, and here, when the green silken curtains fell behind them, they saw a curious sight.

Seated within the glittering throne was General Jinjur, with the Scarecrow's second-best crown upon her head, and the royal sceptre in her right hand. A box of caramels, from which she was eating, rested in her lap, and the girl seemed entirely at ease in her royal surroundings.

The Scarecrow stepped forward and confronted her, while the Tin Woodman leaned upon his axe and the others formed a half-circle back of his Majesty's person.

"How dare you sit in my throne?" demanded the Scarecrow, sternly eyeing the intruder. "Don't you know you are guilty of treason, and that there is a law against treason?"

"The throne belongs to whoever is able to take it," answered Jinjur, as she slowly ate another caramel. "I have taken it, as you see;

so just now I am the Queen, and all who oppose me are guilty of treason, and must be punished by the law you have just mentioned."

This view of the case puzzled the Scarecrow.

"How is it, friend Nick?" he asked, turning to the Tin Woodman.

"Why, when it comes to Law, I have nothing to, say" answered that personage. "for laws were never meant to be understood, and it is foolish to make the attempt."

"Then what shall we do?" asked the Scarecrow, in dismay.

"Why don't you marry the Queen? And then you can both rule," suggested the Woggle-Bug.

Jinjur glared at the insect fiercely. "Why don't you send her back to her mother, where she belongs?" asked Jack Pumpkinhead.

Jinjur frowned.

"Why don't you shut her up in a closet until she behaves herself, and promises to be good?" enquired Tip. Jinjur's lip curled scornfully.

"Or give her a good shaking!" added the Saw-Horse.

"No," said the Tin Woodman, "we must treat the poor girl with gentleness. Let us give her all the Jewels she can carry, and send her away happy and contented."

At this Queen Jinjur laughed aloud, and the next minute clapped her pretty hands together thrice, as if for a signal.

"You are very absurd creatures," said she; "but I am tired of your nonsense and have no time to bother with you longer."

While the monarch and his friends listened in amazement to this impudent speech, a startling thing happened. The Tin Woodman's

axe was snatched from his grasp by some person behind him, and he found himself disarmed and helpless. At the same instant a shout of laughter rang in the ears of the devoted band, and turning to see whence this came they found themselves surrounded by the Army of Revolt, the girls bearing in either hand their glistening knitting-needles. The entire throne room seemed to be filled with the rebels, and the Scarecrow and his comrades realized that they were prisoners.

"You see how foolish it is to oppose a woman's wit," said Jinjur, gaily; "and this event only proves that I am more fit to rule the Emerald City than a Scarecrow. I bear you no ill will, I assure you; but lest you should prove troublesome to me in the future I shall order you all to be destroyed. That is, all except the boy, who belongs to old Mombi and must be restored to her keeping. The rest of you are not human, and therefore it will not be wicked to demolish you. The Saw-Horse and the Pumpkinhead's body I will have chopped up for kindling-wood; and the pumpkin shall be made into tarts. The Scarecrow will do nicely to start a bonfire, and the tin man can be cut into small pieces and fed to the goats. As for this immense Woggle-Bug—"

"Highly Magnified, if you please!" interrupted the insect.

"I think I will ask the cook to make green-turtle soup of you," continued the Queen, reflectively.

The Woggle-Bug shuddered.

"Or, if that won't do, we might use you for a Hungarian goulash, stewed and highly spiced," she added, cruelly.

This programme of extermination was so terrible that the prisoners looked upon one another in a panic of fear. The Scarecrow alone did not give way to despair. He stood quietly before the Queen and his brow was wrinkled in deep thought as he strove to find some means to escape.

While thus engaged he felt the straw within his breast move gently. At once his expression changed from sadness to joy, and raising his hand he quickly unbuttoned the front of his jacket.

This action did not pass unnoticed by the crowd of girls clustering about him, but none of them suspected what he was doing until a tiny grey mouse leaped from his bosom to the floor and scampered away between the feet of the Army of Revolt. Another mouse quickly followed; then another and another, in rapid succession. And suddenly such a scream of terror went up from the Army that it might easily have filled the stoutest heart with consternation. The flight that ensued turned to a stampede, and the stampede to a panic.

For while the startled mice rushed wildly about the room the Scarecrow had only time to note a whirl of skirts and a twinkling of feet as the girls disappeared from the palace—pushing and crowding one another in their mad efforts to escape.

The Queen, at the first alarm, stood up on the cushions of the throne and began to dance frantically upon her tiptoes. Then a mouse ran up the cushions, and with a terrified leap poor Jinjur shot clear over the head of the Scarecrow and escaped through an archway—never pausing in her wild career until she had reached the city gates.

So, in less time than I can explain, the throne room was deserted by all save the Scarecrow and his friends, and the Woggle-Bug heaved a deep sigh of relief as he exclaimed:

"Thank goodness, we are saved!"

"For a time, yes;" answered the Tin Woodman. "But the enemy will soon return, I fear."

"Let us bar all the entrances to the palace!" said the Scarecrow. "Then we shall have time to think what is best to be done."

So all except Jack Pumpkinhead, who was still tied fast to the Saw-Horse, ran to the various entrances of the royal palace and closed the heavy doors, bolting and locking them securely. Then, knowing that the Army of Revolt could not batter down the barriers in several days, the adventurers gathered once more in the throne room for a council of war.

THE SCARECROW TAKES TIME TO THINK

"It seems to me," began the Scarecrow, when all were again assembled in the throne room, "that the girl Jinjur is quite right in claiming to be Queen. And if she is right, then I am wrong, and we have no business to be occupying her palace."

"But you were the King until she came," said the Woggle-Bug, strutting up and down with his hands in his pockets; "so it appears to me that she is the interloper instead of you."

"Especially as we have just conquered her and put her to flight," added the Pumpkinhead, as he raised his hands to turn his face toward the Scarecrow.

"Have we really conquered her?" asked the Scarecrow, quietly. "Look out of the window, and tell me what you see."

Tip ran to the window and looked out.

"The palace is surrounded by a double row of girl soldiers," he announced.

"I thought so," returned the Scarecrow. "We are as truly their prisoners as we were before the mice frightened them from the palace."

"My friend is right," said Nick Chopper, who had been polishing his breast with a bit of chamois-leather. "Jinjur is still the Queen, and we are her prisoners."

"But I hope she cannot get at us," exclaimed the Pumpkinhead, with a shiver of fear. "She threatened to make tarts of me, you know."

"Don't worry," said the Tin Woodman. "It cannot matter greatly. If you stay shut up here you will spoil in time, anyway. A good tart is far more admirable than a decayed intellect."

"Very true," agreed the Scarecrow.

"Oh, dear!" moaned Jack; "what an unhappy lot is mine! Why, dear father, did you not make me out of tin—or even out of straw—so that I would keep indefinitely."

"Shucks!" returned Tip, indignantly. "You ought to be glad that I made you at all." Then he added, reflectively, "everything has to come to an end, some time."

"But I beg to remind you," broke in the Woggle-Bug, who had a distressed look in his bulging, round eyes, "that this terrible Queen Jinjur suggested making a goulash of me—Me! the only Highly Magnified and Thoroughly Educated Woggle-Bug in the wide, wide world!"

"I think it was a brilliant idea," remarked the Scarecrow, approvingly.

"Don't you imagine he would make a better soup?" asked the Tin Woodman, turning toward his friend.

"Well, perhaps," acknowledged the Scarecrow.

The Woggle-Bug groaned.

"I can see, in my mind's eye," said he, mournfully, "the goats eating small pieces of my dear comrade, the Tin Woodman, while my soup is being cooked on a bonfire built of the Saw-Horse and

Jack Pumpkinhead's body, and Queen Jinjur watches me boil while she feeds the flames with my friend the Scarecrow!"

This morbid picture cast a gloom over the entire party, making them restless and anxious.

"It can't happen for some time," said the Tin Woodman, trying to speak cheerfully; "for we shall be able to keep Jinjur out of the palace until she manages to break down the doors."

"And in the meantime I am liable to starve to death, and so is the Woggle-Bug," announced Tip.

"As for me," said the Woggle-Bug, "I think that I could live for some time on Jack Pumpkinhead. Not that I prefer pumpkins for food; but I believe they are somewhat nutritious, and Jack's head is large and plump."

"How heartless!" exclaimed the Tin Woodman, greatly shocked. "Are we cannibals, let me ask? Or are we faithful friends?"

"I see very clearly that we cannot stay shut up in this palace," said the Scarecrow, with decision. "So let us end this mournful talk and try to discover a means to escape."

At this suggestion they all gathered eagerly around the throne, wherein was seated the Scarecrow, and as Tip sat down upon a stool there fell from his pocket a pepper-box, which rolled upon the floor.

"What is this?" asked Nick Chopper, picking up the box.

"Be careful!" cried the boy. "That's my Powder of Life. Don't spill it, for it is nearly gone."

"And what is the Powder of Life?" enquired the Scarecrow, as Tip replaced the box carefully in his pocket.

"It's some magical stuff old Mombi got from a crooked sorcerer," explained the boy. "She brought Jack to life with it, and afterward I used it to bring the Saw-Horse to life. I guess it will make anything live that is sprinkled with it; but there's only about one dose left."

"Then it is very precious," said the Tin Woodman.

"Indeed it is," agreed the Scarecrow. "It may prove our best means of escape from our difficulties. I believe I will think for a few minutes; so I will thank you, friend Tip, to get out your knife and rip this heavy crown from my forehead."

Tip soon cut the stitches that had fastened the crown to the Scarecrow's head, and the former monarch of the Emerald City removed it with a sigh of relief and hung it on a peg beside the throne.

"That is my last memento of royalty" said he; "and I'm glad to get rid of it. The former King of this City, who was named Pastoria, lost the crown to the Wonderful Wizard, who passed it on to me. Now the girl Jinjur claims it, and I sincerely hope it will not give her a headache."

"A kindly thought, which I greatly admire," said the Tin Woodman, nodding approvingly.

"And now I will indulge in a quiet think," continued the Scarecrow, lying back in the throne.

The others remained as silent and still as possible, so as not to disturb him; for all had great confidence in the extraordinary brains of the Scarecrow.

And, after what seemed a very long time indeed to the anxious watchers, the thinker sat up, looked upon his friends with his most

whimsical expression, and said:

"My brains work beautifully today. I'm quite proud of them. Now, listen! If we attempt to escape through the doors of the palace we shall surely be captured. And, as we can't escape through the ground, there is only one other thing to be done. We must escape through the air!"

He paused to note the effect of these words; but all his hearers seemed puzzled and unconvinced.

"The Wonderful Wizard escaped in a balloon," he continued. "We don't know how to make a balloon, of course; but any sort of thing that can fly through the air can carry us easily. So I suggest that my friend the Tin Woodman, who is a skillful mechanic, shall build some sort of a machine, with good strong wings, to carry us; and our friend Tip can then bring the Thing to life with his magical powder."

"Bravo!" cried Nick Chopper.

"What splendid brains!" murmured Jack.

"Really quite clever!" said the Educated Woggle-Bug.

"I believe it can be done," declared Tip; "that is, if the Tin Woodman is equal to making the Thing."

"I'll do my best," said Nick, cheerily; "and, as a matter of fact, I do not often fail in what I attempt. But the Thing will have to be built on the roof of the palace, so it can rise comfortably into the air."

"To be sure," said the Scarecrow.

"Then let us search through the palace," continued the Tin Woodman, "and carry all the material we can find to the roof, where I will begin my work."

"First, however," said the Pumpkinhead, "I beg you will release me from this horse, and make me another leg to walk with. For in my present condition I am of no use to myself or to anyone else."

So the Tin Woodman knocked a mahogany center-table to pieces with his axe and fitted one of the legs, which was beautifully carved, on to the body of Jack Pumpkinhead, who was very proud of the acquisition.

"It seems strange," said he, as he watched the Tin Woodman work, "that my left leg should be the most elegant and substantial part of me."

"That proves you are unusual," returned the Scarecrow. "and I am convinced that the only people worthy of consideration in this world are the unusual ones. For the common folks are like the leaves of a tree, and live and die unnoticed."

"Spoken like a philosopher!" cried the Woggle-Bug, as he assisted the Tin Woodman to set Jack upon his feet.

"How do you feel now?" asked Tip, watching the Pumpkinhead stump around to try his new leg.

"As good as new" answered Jack, joyfully, "and quite ready to assist you all to escape."

"Then let us get to work," said the Scarecrow, in a business-like tone.

So, glad to be doing anything that might lead to the end of their captivity, the friends separated to wander over the palace in search of fitting material to use in the construction of their aerial machine.

THE ASTONISHING FLIGHT OF THE GUMP

When the adventurers reassembled upon the roof it was found that a remarkably queer assortment of articles had been selected by the various members of the party. No one seemed to have a very clear idea of what was required, but all had brought something.

The Woggle-Bug had taken from its position over the mantle-piece in the great hallway the head of a Gump, which was adorned with wide-spreading antlers; and this, with great care and greater difficulty, the insect had carried up the stairs to the roof. This Gump resembled an Elk's head, only the nose turned upward in a saucy manner and there were whiskers upon its chin, like those of a billy-goat. Why the Woggle-Bug selected this article he could not have explained, except that it had aroused his curiosity.

Tip, with the aid of the Saw-Horse, had brought a large, upholstered sofa to the roof. It was an oldfashioned piece of furniture, with high back and ends, and it was so heavy that even by resting the greatest weight upon the back of the Saw-Horse, the boy found himself out of breath when at last the clumsy sofa was dumped upon the roof.

The Pumpkinhead had brought a broom, which was the first thing he saw. The Scarecrow arrived with a coil of clothes-lines and ropes which he had taken from the courtyard, and in his trip up the stairs he had become so entangled in the loose ends of the ropes

that both he and his burden tumbled in a heap upon the roof and might have rolled off if Tip had not rescued him.

The Tin Woodman appeared last. He also had been to the courtyard, where he had cut four great, spreading leaves from a huge palm-tree that was the pride of all the inhabitants of the Emerald City.

"My dear Nick!" exclaimed the Scarecrow, seeing what his friend had done; "you have been guilty of the greatest crime any person can commit in the Emerald City. If I remember rightly, the penalty for chopping leaves from the royal palm-tree is to be killed seven times and afterward imprisoned for life."

"It cannot be helped now" answered the Tin Woodman, throwing down the big leaves upon the roof. "But it may be one more reason why it is necessary for us to escape. And now let us see what you have found for me to work with."

Many were the doubtful looks cast upon the heap of miscellaneous material that now cluttered the roof, and finally the Scarecrow shook his head and remarked:

"Well, if friend Nick can manufacture, from this mess of rubbish, a Thing that will fly through the air and carry us to safety, then I will acknowledge him to be a better mechanic than I suspected."

But the Tin Woodman seemed at first by no means sure of his powers, and only after polishing his forehead vigorously with the chamois-leather did he resolve to undertake the task.

"The first thing required for the machine," said he, "is a body big enough to carry the entire party. This sofa is the biggest thing we

have, and might be used for a body. But, should the machine ever tip sideways, we would all slide off and fall to the ground."

"Why not use two sofas?" asked Tip. "There's another one just like this down stairs."

"That is a very sensible suggestion," exclaimed the Tin Woodman. "You must fetch the other sofa at once."

So Tip and the Saw-Horse managed, with much labor, to get the second sofa to the roof; and when the two were placed together, edge to edge, the backs and ends formed a protecting rampart all around the seats.

"Excellent!" cried the Scarecrow. "We can ride within this snug nest quite at our ease."

The two sofas were now bound firmly together with ropes and clothes-lines, and then Nick Chopper fastened the Gump's head to one end.

"That will show which is the front end of the Thing," said he, greatly pleased with the idea. "And, really, if you examine it critically, the Gump looks very well as a figure-head. These great palm-leaves, for which I have endangered my life seven times, must serve us as wings."

"Are they strong enough?" asked the boy.

"They are as strong as anything we can get," answered the Woodman; "and although they are not in proportion to the Thing's body, we are not in a position to be very particular."

So he fastened the palm-leaves to the sofas, two on each side.

Said the Woggle-Bug, with considerable admiration:

"The Thing is now complete, and only needs to be brought to life."

"Stop a moment!" exclaimed Jack. "Are you not going to use my broom?"

"What for?" asked the Scarecrow.

"Why, it can be fastened to the back end for a tail," answered the Pumpkinhead. "Surely you would not call the Thing complete without a tail."

"Hm!" said the Tin Woodman, "I do not see the use of a tail. We are not trying to copy a beast, or a fish, or a bird. All we ask of the Thing is to carry us through the air."

"Perhaps, after the Thing is brought to life, it can use a tail to steer with," suggested the Scarecrow. "For if it flies through the air it will not be unlike a bird, and I've noticed that all birds have tails, which they use for a rudder while flying."

"Very well," answered Nick, "the broom shall be used for a tail," and he fastened it firmly to the back end of the sofa body.

Tip took the pepper-box from his pocket.

"The Thing looks very big," said he, anxiously; "and I am not sure there is enough powder left to bring all of it to life. But I'll make it go as far as possible."

"Put most on the wings," said Nick Chopper; "for they must be made as strong as possible."

"And don't forget the head!" exclaimed the Woggle-Bug.

"Or the tail!" added Jack Pumpkinhead.

"Do be quiet," said Tip, nervously; "you must give me a chance to work the magic charm in the proper manner."

Very carefully he began sprinkling the Thing with the precious powder. Each of the four wings was first lightly covered with a layer, then the sofas were sprinkled, and the broom given a slight coating.

"The head! The head! Don't, I beg of you, forget the head!" cried the Woggle-Bug, excitedly.

"There's only a little of the powder left," announced Tip, looking within the box. "And it seems to me it is more important to bring the legs of the sofas to life than the head."

"Not so," decided the Scarecrow. "Every thing must have a head to direct it; and since this creature is to fly, and not walk, it is really unimportant whether its legs are alive or not."

So Tip abided by this decision and sprinkled the Gump's head with the remainder of the powder.

"Now" said he, "keep silence while I work the, charm!"

Having heard old Mombi pronounce the magic words, and having also succeeded in bringing the Saw-Horse to life, Tip did not hesitate an instant in speaking the three cabalistic words, each accompanied by the peculiar gesture of the hands.

It was a grave and impressive ceremony.

As he finished the incantation the Thing shuddered throughout its huge bulk, the Gump gave the screeching cry that is familiar to those animals, and then the four wings began flopping furiously.

Tip managed to grasp a chimney, else he would have been blown off the roof by the terrible breeze raised by the wings. The

Scarecrow, being light in weight, was caught up bodily and borne through the air until Tip luckily seized him by one leg and held him fast. The Woggle-Bug lay flat upon the roof and so escaped harm, and the Tin Woodman, whose weight of tin anchored him firmly, threw both arms around Jack Pumpkinhead and managed to save him. The Saw-Horse toppled over upon his back and lay with his legs waving helplessly above him.

And now, while all were struggling to recover themselves, the Thing rose slowly from the roof and mounted into the air.

"Here! Come back!" cried Tip, in a frightened voice, as he clung to the chimney with one hand and the Scarecrow with the other. "Come back at once, I command you!"

It was now that the wisdom of the Scarecrow, in bringing the head of the Thing to life instead of the legs, was proved beyond a doubt. For the Gump, already high in the air, turned its head at Tip's command and gradually circled around until it could view the roof of the palace.

"Come back!" shouted the boy, again.

And the Gump obeyed, slowly and gracefully waving its four wings in the air until the Thing had settled once more upon the roof and become still.

IN THE JACKDAW'S NEST

"This," said the Gump, in a squeaky voice not at all proportioned to the size of its great body, "is the most novel experience I ever heard of. The last thing I remember distinctly is walking through the forest and hearing a loud noise. Something probably killed me then, and it certainly ought to have been the end of me. Yet here I am, alive again, with four monstrous wings and a body which I venture to say would make any respectable animal or fowl weep with shame to own. What does it all mean? Am I a Gump, or am I a juggernaut?" The creature, as it spoke, wiggled its chin whiskers in a very comical manner.

"You're just a Thing," answered Tip, "with a Gump's head on it. And we have made you and brought you to life so that you may carry us through the air wherever we wish to go."

"Very good!" said the Thing. "As I am not a Gump, I cannot have a Gump's pride or independent spirit. So I may as well become your servant as anything else. My only satisfaction is that I do not seem to have a very strong constitution, and am not likely to live long in a state of slavery."

"Don't say that, I beg of you!" cried the Tin Woodman, whose excellent heart was strongly affected by this sad speech. "Are you not feeling well today?"

"Oh, as for that," returned the Gump, "it is my first day of existence; so I cannot Judge whether I am feeling well or ill." And it waved its broom tail to and fro in a pensive manner.

"Come, come!" said the Scarecrow, kindly. "do try, to be more cheerful and take life as you find it. We shall be kind masters, and will strive to render your existence as pleasant as possible. Are you willing to carry us through the air wherever we wish to go?"

"Certainly," answered the Gump. "I greatly prefer to navigate the air. For should I travel on the earth and meet with one of my own species, my embarrassment would be something awful!"

"I can appreciate that," said the Tin Woodman, sympathetically.

"And yet," continued the Thing, "when I carefully look you over, my masters, none of you seems to be constructed much more artistically than I am."

"Appearances are deceitful," said the Woggle-Bug, earnestly. "I am both Highly Magnified and Thoroughly Educated."

"Indeed!" murmured the Gump, indifferently.

"And my brains are considered remarkably rare specimens," added the Scarecrow, proudly.

"How strange!" remarked the Gump.

"Although I am of tin," said the Woodman, "I own a heart altogether the warmest and most admirable in the whole world."

"I'm delighted to hear it," replied the Gump, with a slight cough.

"My smile," said Jack Pumpkinhead, "is worthy your best attention. It is always the same."

"*Semper idem*," explained the Woggle-Bug, pompously; and the Gump turned to stare at him.

"And I," declared the Saw-Horse, filling in an awkward pause, "am only remarkable because I can't help it."

"I am proud, indeed, to meet with such exceptional masters," said the Gump, in a careless tone. "If I could but secure so complete an introduction to myself, I would be more than satisfied."

"That will come in time," remarked the Scarecrow. "To 'Know Thyself' is considered quite an accomplishment, which it has taken us, who are your elders, months to perfect. But now," he added, turning to the others, "let us get aboard and start upon our journey."

"Where shall we go?" asked Tip, as he clambered to a seat on the sofas and assisted the Pumpkinhead to follow him.

"In the South Country rules a very delightful Queen called Glinda the Good, who I am sure will gladly receive us," said the Scarecrow, getting into the Thing clumsily. "Let us go to her and ask her advice."

"That is cleverly thought of," declared Nick Chopper, giving the Woggle-Bug a boost and then toppling the Saw-Horse into the rear end of the cushioned seats. "I know Glinda the Good, and believe she will prove a friend indeed."

"Are we all ready?" asked the boy.

"Yes," announced the Tin Woodman, seating himself beside the Scarecrow.

"Then," said Tip, addressing the Gump, "be kind enough to fly with us to the Southward; and do not go higher than to escape the houses and trees, for it makes me dizzy to be up so far."

"All right," answered the Gump, briefly.

It flopped its four huge wings and rose slowly into the air; and then, while our little band of adventurers clung to the backs and

sides of the sofas for support, the Gump turned toward the South and soared swiftly and majestically away.

"The scenic effect, from this altitude, is marvelous," commented the educated Woggle-Bug, as they rode along.

"Never mind the scenery," said the Scarecrow. "Hold on tight, or you may get a tumble. The Thing seems to rock badly."

"It will be dark soon," said Tip, observing that the sun was low on the horizon. "Perhaps we should have waited until morning. I wonder if the Gump can fly in the night."

"I've been wondering that myself," returned the Gump quietly. "You see, this is a new experience to me. I used to have legs that carried me swiftly over the ground. But now my legs feel as if they were asleep."

"They are," said Tip. "We didn't bring 'em to life."

"You're expected to fly," explained the Scarecrow. "not to walk."

"We can walk ourselves," said the Woggle-Bug.

"I begin to understand what is required of me," remarked the Gump; "so I will do my best to please you," and he flew on for a time in silence.

Presently Jack Pumpkinhead became uneasy.

"I wonder if riding through the air is liable to spoil pumpkins," he said.

"Not unless you carelessly drop your head over the side," answered the Woggle-Bug. "In that event your head would no longer be a pumpkin, for it would become a squash."

"Have I not asked you to restrain these unfeeling jokes?" demanded Tip, looking at the Woggle-Bug with a severe expression.

"You have; and I've restrained a good many of them," replied the insect. "But there are opportunities for so many excellent puns in our language that, to an educated person like myself, the temptation to express them is almost irresistible."

"People with more or less education discovered those puns centuries ago," said Tip.

"Are you sure?" asked the Woggle-Bug, with a startled look.

"Of course I am," answered the boy. "An educated Woggle-Bug may be a new thing; but a Woggle-Bug education is as old as the hills, judging from the display you make of it."

The insect seemed much impressed by this remark, and for a time maintained a meek silence.

The Scarecrow, in shifting his seat, saw upon the cushions the pepper-box which Tip had cast aside, and began to examine it.

"Throw it overboard," said the boy; "it's quite empty now, and there's no use keeping it."

"Is it really empty?" asked the Scarecrow, looking curiously into the box.

"Of course it is," answered Tip. "I shook out every grain of the powder."

"Then the box has two bottoms," announced the Scarecrow, "for the bottom on the inside is fully an inch away from the bottom on the outside."

"Let me see," said the Tin Woodman, taking the box from his friend. "Yes," he declared, after looking it over, "the thing certainly has a false bottom. Now, I wonder what that is for?"

"Can't you get it apart, and find out?" enquired Tip, now quite interested in the mystery.

"Why, yes; the lower bottom unscrews," said the Tin Woodman. "My fingers are rather stiff; please see if you can open it."

He handed the pepper-box to Tip, who had no difficulty in unscrewing the bottom. And in the cavity below were three silver pills, with a carefully folded paper lying underneath them.

This paper the boy proceeded to unfold, taking care not to spill the pills, and found several lines clearly written in red ink.

"Read it aloud," said the Scarecrow. so Tip read, as follows:

"DR. NIKIDIK'S CELEBRATED WISHING PILLS.

"Directions for Use: Swallow one pill; count seventeen by twos; then make a Wish. The Wish will immediately be granted.

CAUTION: Keep in a Dry and Dark Place."

"Why, this is a very valuable discovery!" cried the Scarecrow.

"It is, indeed," replied Tip, gravely. "These pills may be of great use to us. I wonder if old Mombi knew they were in the bottom of the pepper-box. I remember hearing her say that she got the Powder of Life from this same Nikidik."

"He must be a powerful Sorcerer!" exclaimed the Tin Woodman; "and since the powder proved a success we ought to have confidence in the pills."

"But how," asked the Scarecrow, "can anyone count seventeen by twos? Seventeen is an odd number."

"That is true," replied Tip, greatly disappointed. "No one can possibly count seventeen by twos."

"Then the pills are of no use to us," wailed the Pumpkinhead; "and this fact overwhelms me with grief. For I had intended wishing that my head would never spoil."

"Nonsense!" said the Scarecrow, sharply. "If we could use the pills at all we would make far better wishes than that."

"I do not see how anything could be better," protested poor Jack. "If you were liable to spoil at any time you could understand my anxiety."

"For my part," said the Tin Woodman, "I sympathize with you in every respect. But since we cannot count seventeen by twos, sympathy is all you are liable to get."

By this time it had become quite dark, and the voyagers found above them a cloudy sky, through which the rays of the moon could not penetrate.

The Gump flew steadily on, and for some reason the huge sofa-body rocked more and more dizzily every hour.

The Woggle-Bug declared he was sea-sick; and Tip was also pale and somewhat distressed. But the others clung to the backs of the sofas and did not seem to mind the motion as long as they were not tipped out.

Darker and darker grew the night, and on and on sped the Gump through the black heavens. The travelers could not even see one another, and an oppressive silence settled down upon them.

After a long time Tip, who had been thinking deeply, spoke.

"How are we to know when we come to the pallace of Glinda the Good?" he asked.

"It's a long way to Glinda's palace," answered the Woodman; "I've traveled it."

"But how are we to know how fast the Gump is flying?" persisted the boy. "We cannot see a single thing down on the earth, and before morning we may be far beyond the place we want to reach."

"That is all true enough," the Scarecrow replied, a little uneasily. "But I do not see how we can stop just now; for we might alight in a river, or on, the top of a steeple; and that would be a great disaster."

So they permitted the Gump to fly on, with regular flops of its great wings, and waited patiently for morning.

Then Tip's fears were proven to be well founded; for with the first streaks of gray dawn they looked over the sides of the sofas and discovered rolling plains dotted with queer villages, where the houses, instead of being dome-shaped—as they all are in the Land of Oz—had slanting roofs that rose to a peak in the center. Odd looking animals were also moving about upon the open plains, and the country was unfamiliar to both the Tin Woodman and the Scarecrow, who had formerly visited Glinda the Good's domain and knew it well.

"We are lost!" said the Scarecrow, dolefully. "The Gump must have carried us entirely out of the Land of Oz and over the sandy

deserts and into the terrible outside world that Dorothy told us about."

"We must get back," exclaimed the Tin Woodman, earnestly. "we must get back as soon as possible!"

"Turn around!" cried Tip to the Gump. "turn as quickly as you can!"

"If I do I shall upset," answered the Gump. "I'm not at all used to flying, and the best plan would be for me to alight in some place, and then I can turn around and take a fresh start."

Just then, however, there seemed to be no stopping-place that would answer their purpose. They flew over a village so big that the Woggle-Bug declared it was a city, and then they came to a range of high mountains with many deep gorges and steep cliffs showing plainly.

"Now is our chance to stop," said the boy, finding they were very close to the mountain tops. Then he turned to the Gump and commanded: "Stop at the first level place you see!"

"Very well," answered the Gump, and settled down upon a table of rock that stood between two cliffs.

But not being experienced in such matters, the Gump did not judge his speed correctly; and instead of coming to a stop upon the flat rock he missed it by half the width of his body, breaking off both his right wings against the sharp edge of the rock and then tumbling over and over down the cliff.

Our friends held on to the sofas as long as they could, but when the Gump caught on a projecting rock the Thing stopped suddenly—bottom side up—and all were immediately dumped out.

By good fortune they fell only a few feet; for underneath them was a monster nest, built by a colony of Jackdaws in a hollow ledge of rock; so none of them—not even the Pumpkinhead—was injured by the fall. For Jack found his precious head resting on the soft breast of the Scarecrow, which made an excellent cushion; and Tip fell on a mass of leaves and papers, which saved him from injury. The Woggle-Bug had bumped his round head against the Saw-Horse, but without causing him more than a moment's inconvenience.

The Tin Woodman was at first much alarmed; but finding he had escaped without even a scratch upon his beautiful nickle-plate he at once regained his accustomed cheerfulness and turned to address his comrades.

"Our Journey had ended rather suddenly," said he; "and we cannot justly blame our friend the Gump for our accident, because he did the best he could under the circumstances. But how we are ever to escape from this nest I must leave to someone with better brains than I possess."

Here he gazed at the Scarecrow; who crawled to the edge of the nest and looked over. Below them was a sheer precipice several hundred feet in depth. Above them was a smooth cliff unbroken save by the point of rock where the wrecked body of the Gump still hung suspended from the end of one of the sofas. There really seemed to be no means of escape, and as they realized their helpless plight the little band of adventurers gave way to their bewilderment.

"This is a worse prison than the palace," sadly remarked the Woggle-Bug.

"I wish we had stayed there," moaned Jack.

"I'm afraid the mountain air isn't good for pumpkins."

"It won't be when the Jackdaws come back," growled the Saw-Horse, which lay waving its legs in a vain endeavor to get upon its feet again. "Jackdaws are especially fond of pumpkins."

"Do you think the birds will come here?" asked Jack, much distressed.

"Of course they will," said Tip; "for this is their nest. And there must be hundreds of them," he continued, "for see what a lot of things they have brought here!"

Indeed, the nest was half filled with a most curious collection of small articles for which the birds could have no use, but which the thieving Jackdaws had stolen during many years from the homes of men. And as the nest was safely hidden where no human being could reach it, this lost property would never be recovered.

The Woggle-Bug, searching among the rubbish—for the Jackdaws stole useless things as well as valuable ones—turned up with his foot a beautiful diamond necklace. This was so greatly admired by the Tin Woodman that the Woggle-Bug presented it to him with a graceful speech, after which the Woodman hung it around his neck with much pride, rejoicing exceedingly when the big diamonds glittered in the sun's rays.

But now they heard a great jabbering and flopping of wings, and as the sound grew nearer to them Tip exclaimed:

"The Jackdaws are coming! And if they find us here they will surely kill us in their anger."

"I was afraid of this!" moaned the Pumpkinhead. "My time has come!"

"And mine, also!" said the Woggle-Bug; "for Jackdaws are the greatest enemies of my race."

The others were not at all afraid; but the Scarecrow at once decided to save those of the party who were liable to be injured by the angry birds. So he commanded Tip to take off Jack's head and lie down with it in the bottom of the nest, and when this was done he ordered the Woggle-Bug to lie beside Tip. Nick Chopper, who knew from past experience Just what to do, then took the Scarecrow to pieces (all except his head) and scattered the straw over Tip and the Woggle-Bug, completely covering their bodies.

Hardly had this been accomplished when the flock of Jackdaws reached them. Perceiving the intruders in their nest the birds flew down upon them with screams of rage.

DR. NIKIDIK'S FAMOUS WISHING PILLS

The Tin Woodman was usually a peaceful man, but when occasion required he could fight as fiercely as a Roman gladiator. So, when the Jackdaws nearly knocked him down in their rush of wings, and their sharp beaks and claws threatened to damage his brilliant plating, the Woodman picked up his axe and made it whirl swiftly around his head.

But although many were beaten off in this way, the birds were so numerous and so brave that they continued the attack as furiously as before. Some of them pecked at the eyes of the Gump, which hung over the nest in a helpless condition; but the Gump's eyes were of glass and could not be injured. Others of the Jackdaws rushed at the Saw-Horse; but that animal, being still upon his back, kicked out so viciously with his wooden legs that he beat off as many assailants as did the Woodman's axe.

Finding themselves thus opposed, the birds fell upon the Scarecrow's straw, which lay at the center of the nest, covering Tip and the Woggle-Bug and Jack's pumpkin head, and began tearing it away and flying off with it, only to let it drop, straw by straw into the great gulf beneath.

The Scarecrow's head, noting with dismay this wanton destruction of his interior, cried to the Tin Woodman to save him; and that good friend responded with renewed energy. His axe fairly

flashed among the Jackdaws, and fortunately the Gump began wildly waving the two wings remaining on the left side of its body. The flutter of these great wings filled the Jackdaws with terror, and when the Gump by its exertions freed itself from the peg of rock on which it hung, and sank flopping into the nest, the alarm of the birds knew no bounds and they fled screaming over the mountains.

When the last foe had disappeared, Tip crawled from under the sofas and assisted the Woggle-Bug to follow him.

"We are saved!" shouted the boy, delightedly.

"We are, indeed!" responded the Educated Insect, fairly hugging the stiff head of the Gump in his joy. "and we owe it all to the flopping of the Thing, and the good axe of the Woodman!"

"If I am saved, get me out of here!" called Jack; whose head was still beneath the sofas; and Tip managed to roll the pumpkin out and place it upon its neck again. He also set the Saw-Horse upright, and said to it:

"We owe you many thanks for the gallant fight you made."

"I really think we have escaped very nicely," remarked the Tin Woodman, in a tone of pride.

"Not so!" exclaimed a hollow voice.

At this they all turned in surprise to look at the Scarecrow's head, which lay at the back of the nest.

"I am completely ruined!" declared the Scarecrow, as he noted their astonishment. "For where is the straw that stuffs my body?"

The awful question startled them all. They gazed around the nest with horror, for not a vestige of straw remained. The Jackdaws

had stolen it to the last wisp and flung it all into the chasm that yawned for hundreds of feet beneath the nest.

"My poor, poor friend!" said the Tin Woodman, taking up the Scarecrow's head and caressing it tenderly; "whoever could imagine you would come to this untimely end?"

"I did it to save my friends," returned the head; "and I am glad that I perished in so noble and unselfish a manner."

"But why are you all so despondent?" inquired the Woggle-Bug. "The Scarecrow's clothing is still safe."

"Yes," answered the Tin Woodman; "but our friend's clothes are useless without stuffing."

"Why not stuff him with money?" asked Tip.

"Money!" they all cried, in an amazed chorus.

"To be sure," said the boy. "In the bottom of the nest are thousands of dollar bills—and two-dollar bills—and five-dollar bills—and tens, and twenties, and fifties. There are enough of them to stuff a dozen Scarecrows. Why not use the money?"

The Tin Woodman began to turn over the rubbish with the handle of his axe; and, sure enough, what they had first thought only worthless papers were found to be all bills of various denominations, which the mischievous Jackdaws had for years been engaged in stealing from the villages and cities they visited.

There was an immense fortune lying in that inaccessible nest; and Tip's suggestion was, with the Scarecrow's consent, quickly acted upon.

They selected all the newest and cleanest bills and assorted them into various piles. The Scarecrow's left leg and boot were stuffed

with five-dollar bills; his right leg was stuffed with ten-dollar bills, and his body so closely filled with fifties, one-hundreds and one-thousands that he could scarcely button his jacket with comfort.

"You are now" said the Woggle-Bug, impressively, when the task had been completed, "the most valuable member of our party; and as you are among faithful friends there is little danger of your being spent."

"Thank you," returned the Scarecrow, gratefully. "I feel like a new man; and although at first glance I might be mistaken for a Safety Deposit Vault, I beg you to remember that my Brains are still composed of the same old material. And these are the possessions that have always made me a person to be depended upon in an emergency."

"Well, the emergency is here," observed Tip; "and unless your brains help us out of it we shall be compelled to pass the remainder of our lives in this nest."

"How about these wishing pills?" enquired the Scarecrow, taking the box from his jacket pocket. "Can't we use them to escape?"

"Not unless we can count seventeen by twos," answered the Tin Woodman. "But our friend the Woggle-Bug claims to be highly educated, so he ought easily to figure out how that can be done."

"It isn't a question of education," returned the Insect; "it's merely a question of mathematics. I've seen the professor work lots of sums on the blackboard, and he claimed anything could be done with x's and y's and a's, and such things, by mixing them up with plenty of plusses and minuses and equals, and so forth. But he never said

anything, so far as I can remember, about counting up to the odd number of seventeen by the even numbers of twos."

"Stop! stop!" cried the Pumpkinhead. "You're making my head ache."

"And mine," added the Scarecrow. "Your mathematics seem to me very like a bottle of mixed pickles the more you fish for what you want the less chance you have of getting it. I am certain that if the thing can be accomplished at all, it is in a very simple manner."

"Yes," said Tip. "old Mombi couldn't use x's and minuses, for she never went to school."

"Why not start counting at a half of one?" asked the Saw-Horse, abruptly. "Then anyone can count up to seventeen by twos very easily."

They looked at each other in surprise, for the Saw-Horse was considered the most stupid of the entire party.

"You make me quite ashamed of myself," said the Scarecrow, bowing low to the Saw-Horse.

"Nevertheless, the creature is right," declared the Woggle-Bug; "for twice one-half is one, and if you get to one it is easy to count from one up to seventeen by twos."

"I wonder I didn't think of that myself," said the Pumpkinhead.

"I don't," returned the Scarecrow. "You're no wiser than the rest of us, are you? But let us make a wish at once. Who will swallow the first pill?"

"Suppose you do it," suggested Tip.

"I can't," said the Scarecrow.

"Why not? You've a mouth, haven't you?" asked the boy.

"Yes; but my mouth is painted on, and there's no swallow connected with it," answered the Scarecrow. "In fact," he continued, looking from one to another critically, "I believe the boy and the Woggle-Bug are the only ones in our party that are able to swallow."

Observing the truth of this remark, Tip said:

"Then I will undertake to make the first wish. Give me one of the Silver Pills."

This the Scarecrow tried to do; but his padded gloves were too clumsy to clutch so small an object, and he held the box toward the boy while Tip selected one of the pills and swallowed it.

"Count!" cried the Scarecrow.

"One-half, one, three, five, seven, nine, eleven," counted Tip. "thirteen, fifteen, seventeen."

"Now wish!" said the Tin Woodman anxiously:

But Just then the boy began to suffer such fearful pains that he became alarmed.

"The pill has poisoned me!" he gasped; "O—h! O-o-o-o-o! Ouch! Murder! Fire! O-o-h!" and here he rolled upon the bottom of the nest in such contortions that he frightened them all.

"What can we do for you. Speak, I beg!" entreated the Tin Woodman, tears of sympathy running down his nickel cheeks.

"I—I don't know!" answered Tip. "O—h! I wish I'd never swallowed that pill!"

Then at once the pain stopped, and the boy rose to his feet again and found the Scarecrow looking with amazement at the end of the

pepper-box.

"What's happened?" asked the boy, a little ashamed of his recent exhibition.

"Why, the three pills are in the box again!" said the Scarecrow.

"Of course they are," the Woggle-Bug declared. "Didn't Tip wish that he'd never swallowed one of them? Well, the wish came true, and he *didn't* swallow one of them. So of course they are all three in the box."

"That may be; but the pill gave me a dreadful pain, just the same," said the boy.

"Impossible!" declared the Woggle-Bug. "If you have never swallowed it, the pill can not have given you a pain. And as your wish, being granted, proves you did not swallow the pill, it is also plain that you suffered no pain."

"Then it was a splendid imitation of a pain," retorted Tip, angrily. "Suppose you try the next pill yourself. We've wasted one wish already."

"Oh, no, we haven't!" protested the Scarecrow. "Here are still three pills in the box, and each pill is good for a wish."

"Now you're making *my* head ache," said Tip. "I can't understand the thing at all. But I won't take another pill, I promise you!" and with this remark he retired sulkily to the back of the nest.

"Well," said the Woggle-Bug, "it remains for me to save us in my most Highly Magnified and Thoroughly Educated manner; for I seem to be the only one able and willing to make a wish. Let me have one of the pills."

He swallowed it without hesitation, and they all stood admiring his courage while the Insect counted seventeen by twos in the same way that Tip had done. And for some reason—perhaps because Woggle-Bugs have stronger stomachs than boys—the silver pellet caused it no pain whatever.

"I wish the Gump's broken wings mended, and as good as new!" said the Woggle-Bug, in a slow; impressive voice.

All turned to look at the Thing, and so quickly had the wish been granted that the Gump lay before them in perfect repair, and as well able to fly through the air as when it had first been brought to life on the roof of the palace.

THE SCARECROW APPEALS TO GLINDA THE GOOD

"Hooray!" shouted the Scarecrow, gaily. "We can now leave this miserable Jackdaws' nest whenever we please."

"But it is nearly dark," said the Tin Woodman; "and unless we wait until morning to make our flight we may get into more trouble. I don't like these night trips, for one never knows what will happen."

So it was decided to wait until daylight, and the adventurers amused themselves in the twilight by searching the Jackdaws' nest for treasures.

The Woggle-Bug found two handsome bracelets of wrought gold, which fitted his slender arms very well. The Scarecrow took a fancy for rings, of which there were many in the nest. Before long he had fitted a ring to each finger of his padded gloves, and not being content with that display he added one more to each thumb. As he carefully chose those rings set with sparkling stones, such as rubies, amethysts and sapphires, the Scarecrow's hands now presented a most brilliant appearance.

"This nest would be a picnic for Queen Jinjur," said he, musingly. "for as nearly as I can make out she and her girls conquered me merely to rob my city of its emeralds."

The Tin Woodman was content with his diamond necklace and refused to accept any additional decorations; but Tip secured a fine

gold watch, which was attached to a heavy fob, and placed it in his pocket with much pride. He also pinned several jeweled brooches to Jack Pumpkinhead's red waistcoat, and attached a lorgnette, by means of a fine chain, to the neck of the Saw-Horse.

"It's very pretty," said the creature, regarding the lorgnette approvingly; "but what is it for?"

None of them could answer that question, however; so the Saw-Horse decided it was some rare decoration and became very fond of it.

That none of the party might be slighted, they ended by placing several large seal rings upon the points of the Gump's antlers, although that odd personage seemed by no means gratified by the attention.

Darkness soon fell upon them, and Tip and the Woggle-Bug went to sleep while the others sat down to wait patiently for the day.

Next morning they had cause to congratulate themselves upon the useful condition of the Gump; for with daylight a great flock of Jackdaws approached to engage in one more battle for the possession of the nest.

But our adventurers did not wait for the assault. They tumbled into the cushioned seats of the sofas as quickly as possible, and Tip gave the word to the Gump to start.

At once it rose into the air, the great wings flopping strongly and with regular motions, and in a few moments they were so far from the nest that the chattering Jackdaws took possession without any attempt at pursuit.

The Thing flew due North, going in the same direction from whence it had come. At least, that was the Scarecrow's opinion, and the others agreed that the Scarecrow was the best judge of direction. After passing over several cities and villages the Gump carried them high above a broad plain where houses became more and more scattered until they disappeared altogether. Next came the wide, sandy desert separating the rest of the world from the Land of Oz, and before noon they saw the dome-shaped houses that proved they were once more within the borders of their native land.

"But the houses and fences are blue," said the Tin Woodman, "and that indicates we are in the land of the Munchkins, and therefore a long distance from Glinda the Good."

"What shall we do?" asked the boy, turning to their guide.

"I don't know" replied the Scarecrow, frankly. "If we were at the Emerald City we could then move directly southward, and so reach our destination. But we dare not go to the Emerald City, and the Gump is probably carrying us further in the wrong direction with every flop of its wings."

"Then the Woggle-Bug must swallow another pill," said Tip, decidedly, "and wish us headed in the right direction."

"Very well," returned the Highly Magnified one; "I'm willing."

But when the Scarecrow searched in his pocket for the pepper-box containing the two silver Wishing Pills, it was not to be found. Filled with anxiety, the voyagers hunted throughout every inch of the Thing for the precious box; but it had disappeared entirely.

And still the Gump flew onward, carrying them they knew not where.

"I must have left the pepper-box in the Jackdaws' nest," said the Scarecrow, at length.

"It is a great misfortune," the Tin Woodman declared. "But we are no worse off than before we discovered the Wishing Pills."

"We are better off," replied Tip. "for the one pill we used has enabled us to escape from that horrible nest."

"Yet the loss of the other two is serious, and I deserve a good scolding for my carelessness," the Scarecrow rejoined, penitently. "For in such an unusual party as this accidents are liable to happen any moment, and even now we may be approaching a new danger."

No one dared contradict this, and a dismal silence ensued.

The Gump flew steadily on.

Suddenly Tip uttered an exclamation of surprise. "We must have reached the South Country," he cried, "for below us everything is red!"

Immediately they all leaned over the backs of the sofas to look—all except Jack, who was too careful of his pumpkin head to risk its slipping off his neck. Sure enough; the red houses and fences and trees indicated they were within the domain of Glinda the Good; and presently, as they glided rapidly on, the Tin Woodman recognized the roads and buildings they passed, and altered slightly the flight of the Gump so that they might reach the palace of the celebrated Sorceress.

"Good!" cried the Scarecrow, delightedly. "We do not need the lost Wishing Pills now, for we have arrived at our destination."

Gradually the Thing sank lower and nearer to the ground until at length it came to rest within the beautiful gardens of Glinda,

settling upon a velvety green lawn close by a fountain which sent sprays of flashing gems, instead of water, high into the air, whence they fell with a soft, tinkling sound into the carved marble basin placed to receive them.

Everything was very gorgeous in Glinda's gardens, and while our voyagers gazed about with admiring eyes a company of soldiers silently appeared and surrounded them. But these soldiers of the great Sorceress were entirely different from those of Jinjur's Army of Revolt, although they were likewise girls. For Glinda's soldiers wore neat uniforms and bore swords and spears; and they marched with a skill and precision that proved them well trained in the arts of war.

The Captain commanding this troop—which was Glinda's private Body Guard—recognized the Scarecrow and the Tin Woodman at once, and greeted them with respectful salutations.

"Good day!" said the Scarecrow, gallantly removing his hat, while the Woodman gave a soldierly salute; "we have come to request an audience with your fair Ruler."

"Glinda is now within her palace, awaiting you," returned the Captain; "for she saw you coming long before you arrived."

"That is strange!" said Tip, wondering.

"Not at all," answered the Scarecrow, "for Glinda the Good is a mighty Sorceress, and nothing that goes on in the Land of Oz escapes her notice. I suppose she knows why we came as well as we do ourselves."

"Then what was the use of our coming?" asked Jack, stupidly.

"To prove you are a Pumpkinhead!" retorted the Scarecrow. "But, if the Sorceress expects us, we must not keep her waiting."

So they all clambered out of the sofas and followed the Captain toward the palace—even the Saw-Horse taking his place in the queer procession.

Upon her throne of finely wrought gold sat Glinda, and she could scarcely repress a smile as her peculiar visitors entered and bowed before her. Both the Scarecrow and the Tin Woodman she knew and liked; but the awkward Pumpkinhead and Highly Magnified Woggle-Bug were creatures she had never seen before, and they seemed even more curious than the others. As for the Saw-Horse, he looked to be nothing more than an animated chunk of wood; and he bowed so stiffly that his head bumped against the floor, causing a ripple of laughter among the soldiers, in which Glinda frankly joined.

"I beg to announce to your glorious highness," began the Scarecrow, in a solemn voice, "that my Emerald City has been overrun by a crowd of impudent girls with knitting-needles, who have enslaved all the men, robbed the streets and public buildings of all their emerald jewels, and usurped my throne."

"I know it," said Glinda.

"They also threatened to destroy me, as well as all the good friends and allies you see before you," continued the Scarecrow. "and had we not managed to escape their clutches our days would long since have ended."

"I know it," repeated Glinda.

"Therefore I have come to beg your assistance," resumed the Scarecrow, "for I believe you are always glad to succor the unfortunate and oppressed."

"That is true," replied the Sorceress, slowly. "But the Emerald City is now ruled by General Jinjur, who has caused herself to be proclaimed Queen. What right have I to oppose her?"

"Why, she stole the throne from me," said the Scarecrow.

"And how came you to possess the throne?" asked Glinda.

"I got it from the Wizard of Oz, and by the choice of the people," returned the Scarecrow, uneasy at such questioning.

"And where did the Wizard get it?" she continued gravely.

"I am told he took it from Pastoria, the former King," said the Scarecrow, becoming confused under the intent look of the Sorceress.

"Then," declared Glinda, "the throne of the Emerald City belongs neither to you nor to Jinjur, but to this Pastoria from whom the Wizard usurped it."

"That is true," acknowledged the Scarecrow, humbly; "but Pastoria is now dead and gone, and some one must rule in his place."

"Pastoria had a daughter, who is the rightful heir to the throne of the Emerald City. Did you know that?" questioned the Sorceress.

"No," replied the Scarecrow. "But if the girl still lives I will not stand in her way. It will satisfy me as well to have Jinjur turned out, as an impostor, as to regain the throne myself. In fact, it isn't much fun to be King, especially if one has good brains. I have known for

some time that I am fitted to occupy a far more exalted position. But where is the girl who owns the throne, and what is her name?"

"Her name is Ozma," answered Glinda. "But where she is I have tried in vain to discover. For the Wizard of Oz, when he stole the throne from Ozma's father, hid the girl in some secret place; and by means of a magical trick with which I am not familiar he also managed to prevent her being discovered—even by so experienced a Sorceress as myself."

"That is strange," interrupted the Woggle-Bug, pompously. "I have been informed that the Wonderful Wizard of Oz was nothing more than a humbug!"

"Nonsense!" exclaimed the Scarecrow, much provoked by this speech. "Didn't he give me a wonderful set of brains?"

"There's no humbug about my heart," announced the Tin Woodman, glaring indignantly at the Woggle-Bug.

"Perhaps I was misinformed," stammered the Insect, shrinking back; "I never knew the Wizard personally."

"Well, we did," retorted the Scarecrow, "and he was a very great Wizard, I assure you. It is true he was guilty of some slight impostures, but unless he was a great Wizard how—let me ask—could he have hidden this girl Ozma so securely that no one can find her?"

"I—I give it up!" replied the Woggle-Bug, meekly.

"That is the most sensible speech you've made," said the Tin Woodman.

"I must really make another effort to discover where this girl is hidden," resumed the Sorceress, thoughtfully. "I have in my library a

book in which is inscribed every action of the Wizard while he was in our land of Oz—or, at least, every action that could be observed by my spies. This book I will read carefully tonight, and try to single out the acts that may guide us in discovering the lost Ozma. In the meantime, pray amuse yourselves in my palace and command my servants as if they were your own. I will grant you another audience tomorrow."

With this gracious speech Glinda dismissed the adventurers, and they wandered away through the beautiful gardens, where they passed several hours enjoying all the delightful things with which the Queen of the Southland had surrounded her royal palace.

On the following morning they again appeared before Glinda, who said to them:

"I have searched carefully through the records of the Wizard's actions, and among them I can find but three that appear to have been suspicious. He ate beans with a knife, made three secret visits to old Mombi, and limped slightly on his left foot."

"Ah! that last is certainly suspicious!" exclaimed the Pumpkinhead.

"Not necessarily," said the Scarecrow. "he may, have had corns. Now, it seems to me his eating beans with a knife is more suspicious."

"Perhaps it is a polite custom in Omaha, from which great country the Wizard originally came," suggested the Tin Woodman.

"It may be," admitted the Scarecrow.

"But why," asked Glinda, "did he make three secret visits to old Mombi?"

"Ah! Why, indeed!" echoed the Woggle-Bug, impressively.

"We know that the Wizard taught the old woman many of his tricks of magic," continued Glinda; "and this he would not have done had she not assisted him in some way. So we may suspect with good reason that Mombi aided him to hide the girl Ozma, who was the real heir to the throne of the Emerald City, and a constant danger to the usurper. For, if the people knew that she lived, they would quickly make her their Queen and restore her to her rightful position."

"An able argument!" cried the Scarecrow. "I have no doubt that Mombi was mixed up in this wicked business. But how does that knowledge help us?"

"We must find Mombi," replied Glinda, "and force her to tell where the girl is hidden."

"Mombi is now with Queen Jinjur, in the Emerald, City" said Tip. "It was she who threw so many obstacles in our pathway, and made Jinjur threaten to destroy my friends and give me back into the old witch's power."

"Then," decided Glinda, "I will march with my army to the Emerald City, and take Mombi prisoner. After that we can, perhaps, force her to tell the truth about Ozma."

"She is a terrible old woman!" remarked Tip, with a shudder at the thought of Mombi's black kettle; "and obstinate, too."

"I am quite obstinate myself," returned the Sorceress, with a sweet smile. "so I do not fear Mombi in the least. Today I will make all necessary preparations, and we will march upon the Emerald City at daybreak tomorrow."

THE TIN-WOODMAN PLUCKS A ROSE

The Army of Glinda the Good looked very grand and imposing when it assembled at daybreak before the palace gates. The uniforms of the girl soldiers were pretty and of gay colors, and their silver-tipped spears were bright and glistening, the long shafts being inlaid with mother-of-pearl. All the officers wore sharp, gleaming swords, and shields edged with peacock-feathers; and it really seemed that no foe could by any possibility defeat such a brilliant army.

The Sorceress rode in a beautiful palanquin which was like the body of a coach, having doors and windows with silken curtains; but instead of wheels, which a coach has, the palanquin rested upon two long, horizontal bars, which were borne upon the shoulders of twelve servants.

The Scarecrow and his comrades decided to ride in the Gump, in order to keep up with the swift march of the army; so, as soon as Glinda had started and her soldiers had marched away to the inspiring strains of music played by the royal band, our friends climbed into the sofas and followed. The Gump flew along slowly at a point directly over the palanquin in which rode the Sorceress.

"Be careful," said the Tin Woodman to the Scarecrow, who was leaning far over the side to look at the army below. "You might fall."

"It wouldn't matter," remarked the educated Woggle-Bug. "he can't get broke so long as he is stuffed with money."

"Didn't I ask you" began Tip, in a reproachful voice.

"You did!" said the Woggle-Bug, promptly. "And I beg your pardon. I will really try to restrain myself."

"You'd better," declared the boy. "That is, if you wish to travel in our company."

"Ah! I couldn't bear to part with you now," murmured the Insect, feelingly; so Tip let the subject drop.

The army moved steadily on, but night had fallen before they came to the walls of the Emerald City. By the dim light of the new moon, however, Glinda's forces silently surrounded the city and pitched their tents of scarlet silk upon the greensward. The tent of the Sorceress was larger than the others, and was composed of pure white silk, with scarlet banners flying above it. A tent was also pitched for the Scarecrow's party; and when these preparations had been made, with military precision and quickness, the army retired to rest.

Great was the amazement of Queen Jinjur next morning when her soldiers came running to inform her of the vast army surrounding them. She at once climbed to a high tower of the royal palace and saw banners waving in every direction and the great white tent of Glinda standing directly before the gates.

"We are surely lost!" cried Jinjur, in despair; "for how can our knitting-needles avail against the long spears and terrible swords of our foes?"

"The best thing we can do," said one of the girls, "is to surrender as quickly as possible, before we get hurt."

"Not so," returned Jinjur, more bravely. "The enemy is still outside the walls, so we must try to gain time by engaging them in parley. Go you with a flag of truce to Glinda and ask her why she has dared to invade my dominions, and what are her demands."

So the girl passed through the gates, bearing a white flag to show she was on a mission of peace, and came to Glinda's tent. "Tell your Queen," said the Sorceress to the girl, "that she must deliver up to me old Mombi, to be my prisoner. If this is done I will not molest her farther."

Now when this message was delivered to the Queen it filled her with dismay, for Mombi was her chief counsellor, and Jinjur was terribly afraid of the old hag. But she sent for Mombi, and told her what Glinda had said.

"I see trouble ahead for all of us," muttered the old witch, after glancing into a magic mirror she carried in her pocket. "But we may even yet escape by deceiving this sorceress, clever as she thinks herself."

"Don't you think it will be safer for me to deliver you into her hands?" asked Jinjur, nervously.

"If you do, it will cost you the throne of the Emerald City!" answered the witch, positively. "But if you will let me have my own way, I can save us both very easily."

"Then do as you please," replied Jinjur, "for it is so aristocratic to be a Queen that I do not wish to be obliged to return home again, to make beds and wash dishes for my mother."

So Mombi called Jellia Jamb to her, and performed a certain magical rite with which she was familiar. As a result of the

enchantment Jellia took on the form and features of Mombi, while the old witch grew to resemble the girl so closely that it seemed impossible anyone could guess the deception.

"Now," said old Mombi to the Queen, "let your soldiers deliver up this girl to Glinda. She will think she has the real Mombi in her power, and so will return immediately to her own country in the South."

Therefore Jellia, hobbling along like an aged woman, was led from the city gates and taken before Glinda.

"Here is the person you demanded," said one of the guards, "and our Queen now begs you will go away, as you promised, and leave us in peace."

"That I will surely do," replied Glinda, much pleased; "if this is really the person she seems to be."

"It is certainly old Mombi," said the guard, who believed she was speaking the truth; and then Jinjur's soldiers returned within the city's gates.

The Sorceress quickly summoned the Scarecrow and his friends to her tent, and began to question the supposed Mombi about the lost girl Ozma. But Jellia knew nothing at all of this affair, and presently she grew so nervous under the questioning that she gave way and began to weep, to Glinda's great astonishment.

"Here is some foolish trickery!" said the Sorceress, her eyes flashing with anger. "This is not Mombi at all, but some other person who has been made to resemble her! Tell me," she demanded, turning to the trembling girl, "what is your name?"

This Jellia dared not tell, having been threatened with death by the witch if she confessed the fraud. But Glinda, sweet and fair though she was, understood magic better than any other person in the Land of Oz. So, by uttering a few potent words and making a peculiar gesture, she quickly transformed the girl into her proper shape, while at the same time old Mombi, far away in Jinjur's palace, suddenly resumed her own crooked form and evil features.

"Why, it's Jellia Jamb!" cried the Scarecrow, recognizing in the girl one of his old friends.

"It's our interpreter!" said the Pumpkinhead, smiling pleasantly.

Then Jellia was forced to tell of the trick Mombi had played and she also begged Glinda's protection, which the Sorceress readily granted. But Glinda was now really angry, and sent word to Jinjur that the fraud was discovered and she must deliver up the real Mombi or suffer terrible consequences. Jinjur was prepared for this message, for the witch well understood, when her natural form was thrust upon her, that Glinda had discovered her trickery. But the wicked old creature had already thought up a new deception, and had made Jinjur promise to carry it out. So the Queen said to Glinda's messenger:

"Tell your mistress that I cannot find Mombi anywhere, but that Glinda is welcome to enter the city and search herself for the old woman. She may also bring her friends with her, if she likes; but if she does not find Mombi by sundown, the Sorceress must promise to go away peaceably and bother us no more."

Glinda agreed to these terms, well knowing that Mombi was somewhere within the city walls. So Jinjur caused the gates to be

thrown open, and Glinda marched in at the head of a company of soldiers, followed by the Scarecrow and the Tin Woodman, while Jack Pumpkinhead rode astride the Saw-Horse, and the Educated, Highly Magnified Woggle-Bug sauntered behind in a dignified manner. Tip walked by the side of the Sorceress, for Glinda had conceived a great liking for the boy.

Of course old Mombi had no intention of being found by Glinda; so, while her enemies were marching up the street, the witch transformed herself into a red rose growing upon a bush in the garden of the palace. It was a clever idea, and a trick Glinda did not suspect; so several precious hours were spent in a vain search for Mombi.

As sundown approached the Sorceress realized she had been defeated by the superior cunning of the aged witch; so she gave the command to her people to march out of the city and back to their tents.

The Scarecrow and his comrades happened to be searching in the garden of the palace just then, and they turned with disappointment to obey Glinda's command. But before they left the garden the Tin Woodman, who was fond of flowers, chanced to espy a big red rose growing upon a bush; so he plucked the flower and fastened it securely in the tin buttonhole of his tin bosom.

As he did this he fancied he heard a low moan proceed from the rose; but he paid no attention to the sound, and Mombi was thus carried out of the city and into Glinda's camp without anyone having a suspicion that they had succeeded in their quest.

THE TRANSFORMATION OF OLD MOMBI

The Witch was at first frightened at finding herself captured by the enemy; but soon she decided that she was exactly as safe in the Tin Woodman's button-hole as growing upon the bush. For no one knew the rose and Mombi to be one, and now that she was without the gates of the City her chances of escaping altogether from Glinda were much improved.

"But there is no hurry," thought Mombi. "I will wait awhile and enjoy the humiliation of this Sorceress when she finds I have outwitted her." So throughout the night the rose lay quietly on the Woodman's bosom, and in the morning, when Glinda summoned our friends to a consultation, Nick Chopper carried his pretty flower with him to the white silk tent.

"For some reason," said Glinda, "we have failed to find this cunning old Mombi; so I fear our expedition will prove a failure. And for that I am sorry, because without our assistance little Ozma will never be rescued and restored to her rightful position as Queen of the Emerald City"

"Do not let us give up so easily," said the Pumpkinhead. "Let us do something else."

"Something else must really be done," replied Glinda, with a smile. "yet I cannot understand how I have been defeated so easily by an old Witch who knows far less of magic than I do myself."

"While we are on the ground I believe it would be wise for us to conquer the Emerald City for Princess Ozma, and find the girl afterward," said the Scarecrow. "And while the girl remains hidden I will gladly rule in her place, for I understand the business of ruling much better than Jinjur does."

"But I have promised not to molest Jinjur," objected Glinda.

"Suppose you all return with me to my kingdom—or Empire, rather," said the Tin Woodman, politely including the entire party in a royal wave of his arm. "It will give me great pleasure to entertain you in my castle, where there is room enough and to spare. And if any of you wish to be nickel-plated, my valet will do it free of all expense."

While the Woodman was speaking Glinda's eyes had been noting the rose in his button-hole, and now she imagined she saw the big red leaves of the flower tremble slightly. This quickly aroused her suspicions, and in a moment more the Sorceress had decided that the seeming rose was nothing else than a transformation of old Mombi. At the same instant Mombi knew she was discovered and must quickly plan an escape, and as transformations were easy to her she immediately took the form of a Shadow and glided along the wall of the tent toward the entrance, thinking thus to disappear.

But Glinda had not only equal cunning, but far more experience than the Witch. So the Sorceress reached the opening of the tent before the Shadow, and with a wave of her hand closed the entrance so securely that Mombi could not find a crack big enough to creep through. The Scarecrow and his friends were greatly surprised at

Glinda's actions; for none of them had noted the Shadow. But the Sorceress said to them:

"Remain perfectly quiet, all of you! For the old Witch is even now with us in this tent, and I hope to capture her."

These words so alarmed Mombi that she quickly transformed herself from a shadow to a Black Ant, in which shape she crawled along the ground, seeking a crack or crevice in which to hide her tiny body.

Fortunately, the ground where the tent had been pitched, being just before the city gates, was hard and smooth; and while the Ant still crawled about, Glinda discovered it and ran quickly forward to effect its capture. But, just as her hand was descending, the Witch, now fairly frantic with fear, made her last transformation, and in the form of a huge Griffin sprang through the wall of the tent—tearing the silk asunder in her rush—and in a moment had darted away with the speed of a whirlwind.

Glinda did not hesitate to follow. She sprang upon the back of the Saw-Horse and cried:

"Now you shall prove that you have a right to be alive! Run—run—run!"

The Saw-Horse ran. Like a flash he followed the Griffin, his wooden legs moving so fast that they twinkled like the rays of a star. Before our friends could recover from their surprise both the Griffin and the Saw-Horse had dashed out of sight.

"Come! Let us follow!" cried the Scarecrow.

They ran to the place where the Gump was lying and quickly tumbled aboard.

"Fly!" commanded Tip, eagerly.

"Where to?" asked the Gump, in its calm voice.

"I don't know," returned Tip, who was very nervous at the delay; "but if you will mount into the air I think we can discover which way Glinda has gone."

"Very well," returned the Gump, quietly; and it spread its great wings and mounted high into the air.

Far away, across the meadows, they could now see two tiny specks, speeding one after the other; and they knew these specks must be the Griffin and the Saw-Horse. So Tip called the Gump's attention to them and bade the creature try to overtake the Witch and the Sorceress. But, swift as was the Gump's flight, the pursued and pursuer moved more swiftly yet, and within a few moments were blotted out against the dim horizon.

"Let us continue to follow them, nevertheless," said the Scarecrow. "for the Land of Oz is of small extent, and sooner or later they must both come to a halt."

Old Mombi had thought herself very wise to choose the form of a Griffin, for its legs were exceedingly fleet and its strength more enduring than that of other animals. But she had not reckoned on the untiring energy of the Saw-Horse, whose wooden limbs could run for days without slacking their speed. Therefore, after an hour's hard running, the Griffin's breath began to fail, and it panted and gasped painfully, and moved more slowly than before. Then it reached the edge of the desert and began racing across the deep sands. But its tired feet sank far into the sand, and in a few minutes

the Griffin fell forward, completely exhausted, and lay still upon the desert waste.

Glinda came up a moment later, riding the still vigorous Saw-Horse; and having unwound a slender golden thread from her girdle the Sorceress threw it over the head of the panting and helpless Griffin, and so destroyed the magical power of Mombi's transformation.

For the animal, with one fierce shudder, disappeared from view, while in its place was discovered the form of the old Witch, glaring savagely at the serene and beautiful face of the Sorceress.

PRINCESS OZMA OF OZ

"You are my prisoner, and it is useless for you to struggle any longer," said Glinda, in her soft, sweet voice. "Lie still a moment, and rest yourself, and then I will carry you back to my tent."

"Why do you seek me?" asked Mombi, still scarce able to speak plainly for lack of breath. "What have I done to you, to be so persecuted?"

"You have done nothing to me," answered the gentle Sorceress; "but I suspect you have been guilty of several wicked actions; and if I find it is true that you have so abused your knowledge of magic, I intend to punish you severely."

"I defy you!" croaked the old hag. "You dare not harm me!"

Just then the Gump flew up to them and alighted upon the desert sands beside Glinda. Our friends were delighted to find that Mombi had finally been captured, and after a hurried consultation it was decided they should all return to the camp in the Gump. So the Saw-Horse was tossed aboard, and then Glinda still holding an end of the golden thread that was around Mombi's neck, forced her prisoner to climb into the sofas. The others now followed, and Tip gave the word to the Gump to return.

The Journey was made in safety, Mombi sitting in her place with a grim and sullen air; for the old hag was absolutely helpless so long as the magical thread encircled her throat. The army hailed Glinda's return with loud cheers, and the party of friends soon gathered

again in the royal tent, which had been neatly repaired during their absence.

"Now," said the Sorceress to Mombi, "I want you to tell us why the Wonderful Wizard of Oz paid you three visits, and what became of the child, Ozma, which so curiously disappeared."

The Witch looked at Glinda defiantly, but said not a word.

"Answer me!" cried the Sorceress.

But still Mombi remained silent.

"Perhaps she doesn't know," remarked Jack.

"I beg you will keep quiet," said Tip. "You might spoil everything with your foolishness."

"Very well, dear father!" returned the Pumpkinhead, meekly.

"How glad I am to be a Woggle-Bug!" murmured the Highly Magnified Insect, softly. "No one can expect wisdom to flow from a pumpkin."

"Well," said the Scarecrow, "what shall we do to make Mombi speak? Unless she tells us what we wish to know her capture will do us no good at all."

"Suppose we try kindness," suggested the Tin Woodman. "I've heard that anyone can be conquered with kindness, no matter how ugly they may be."

At this the Witch turned to glare upon him so horribly that the Tin Woodman shrank back abashed.

Glinda had been carefully considering what to do, and now she turned to Mombi and said:

"You will gain nothing, I assure you, by thus defying us. For I am determined to learn the truth about the girl Ozma, and unless you tell me all that you know, I will certainly put you to death."

"Oh, no! Don't do that!" exclaimed the Tin Woodman. "It would be an awful thing to kill anyone—even old Mombi!"

"But it is merely a threat," returned Glinda. "I shall not put Mombi to death, because she will prefer to tell me the truth."

"Oh, I see!" said the tin man, much relieved.

"Suppose I tell you all that you wish to know," said Mombi, speaking so suddenly that she startled them all. "What will you do with me then?"

"In that case," replied Glinda, "I shall merely ask you to drink a powerful draught which will cause you to forget all the magic you have ever learned."

"Then I would become a helpless old woman!"

"But you would be alive," suggested the Pumpkinhead, consolingly.

"Do try to keep silent!" said Tip, nervously.

"I'll try," responded Jack; "but you will admit that it's a good thing to be alive."

"Especially if one happens to be Thoroughly Educated," added the Woggle-Bug, nodding approval.

"You may make your choice," Glinda said to old Mombi, "between death if you remain silent, and the loss of your magical powers if you tell me the truth. But I think you will prefer to live."

Mombi cast an uneasy glance at the Sorceress, and saw that she was in earnest, and not to be trifled with. So she replied, slowly:

"I will answer your questions."

"That is what I expected," said Glinda, pleasantly. "You have chosen wisely, I assure you."

She then motioned to one of her Captains, who brought her a beautiful golden casket. From this the Sorceress drew an immense white pearl, attached to a slender chain which she placed around her neck in such a way that the pearl rested upon her bosom, directly over her heart.

"Now," said she, "I will ask my first question: Why did the Wizard pay you three visits?"

"Because I would not come to him," answered Mombi.

"That is no answer," said Glinda, sternly. "Tell me the truth."

"Well," returned Mombi, with downcast eyes, "he visited me to learn the way I make tea-biscuits."

"Look up!" commanded the Sorceress.

Mombi obeyed.

"What is the color of my pearl?" demanded Glinda.

"Why—it is black!" replied the old Witch, in a tone of wonder.

"Then you have told me a falsehood!" cried Glinda, angrily.

"Only when the truth is spoken will my magic pearl remain a pure white in color."

Mombi now saw how useless it was to try to deceive the Sorceress; so she said, meanwhile scowling at her defeat:

"The Wizard brought to me the girl Ozma, who was then no more than a baby, and begged me to conceal the child."

"That is what I thought," declared Glinda, calmly. "What did he give you for thus serving him?"

"He taught me all the magical tricks he knew. Some were good tricks, and some were only frauds; but I have remained faithful to my promise."

"What did you do with the girl?" asked Glinda; and at this question everyone bent forward and listened eagerly for the reply.

"I enchanted her," answered Mombi.

"In what way?"

"I transformed her into—into—"

"Into what?" demanded Glinda, as the Witch hesitated.

"*Into a boy!*" said Mombi, in a low tone.

"A boy!" echoed every voice; and then, because they knew that this old woman had reared Tip from childhood, all eyes were turned to where the boy stood.

"Yes," said the old Witch, nodding her head; "that is the Princess Ozma—the child brought to me by the Wizard who stole her father's throne. That is the rightful ruler of the Emerald City!" and she pointed her long bony finger straight at the boy.

"I!" cried Tip, in amazement. "Why, I'm no Princess Ozma—I'm not a girl!"

Glinda smiled, and going to Tip she took his small brown hand within her dainty white one.

"You are not a girl just now" said she, gently, "because Mombi transformed you into a boy. But you were born a girl, and also a Princess; so you must resume your proper form, that you may become Queen of the Emerald City."

"Oh, let Jinjur be the Queen!" exclaimed Tip, ready to cry. "I want to stay a boy, and travel with the Scarecrow and the Tin Woodman, and the Woggle-Bug, and Jack—yes! and my friend the Saw-Horse—and the Gump! I don't want to be a girl!"

"Never mind, old chap," said the Tin Woodman, soothingly; "it don't hurt to be a girl, I'm told; and we will all remain your faithful friends just the same. And, to be honest with you, I've always considered girls nicer than boys."

"They're just as nice, anyway," added the Scarecrow, patting Tip affectionately upon the head.

"And they are equally good students," proclaimed the Woggle-Bug. "I should like to become your tutor, when you are transformed into a girl again."

"But—see here!" said Jack Pumpkinhead, with a gasp: "if you become a girl, you can't be my dear father any more!"

"No," answered Tip, laughing in spite of his anxiety. "and I shall not be sorry to escape the relationship." Then he added, hesitatingly, as he turned to Glinda: "I might try it for awhile,—just to see how it seems, you know. But if I don't like being a girl you must promise to change me into a boy again."

"Really," said the Sorceress, "that is beyond my magic. I never deal in transformations, for they are not honest, and no respectable sorceress likes to make things appear to be what they are not. Only

unscrupulous witches use the art, and therefore I must ask Mombi to effect your release from her charm, and restore you to your proper form. It will be the last opportunity she will have to practice magic."

Now that the truth about Princes Ozma had been discovered, Mombi did not care what became of Tip; but she feared Glinda's anger, and the boy generously promised to provide for Mombi in her old age if he became the ruler of the Emerald City. So the Witch consented to effect the transformation, and preparations for the event were at once made.

Glinda ordered her own royal couch to be placed in the center of the tent. It was piled high with cushions covered with rose-colored silk, and from a golden railing above hung many folds of pink gossamer, completely concealing the interior of the couch.

The first act of the Witch was to make the boy drink a potion which quickly sent him into a deep and dreamless sleep. Then the Tin Woodman and the Woggle-Bug bore him gently to the couch, placed him upon the soft cushions, and drew the gossamer hangings to shut him from all earthly view.

The Witch squatted upon the ground and kindled a tiny fire of dried herbs, which she drew from her bosom. When the blaze shot up and burned clearly old Mombi scattered a handful of magical powder over the fire, which straightway gave off a rich violet vapor, filling all the tent with its fragrance and forcing the Saw-Horse to sneeze—although he had been warned to keep quiet.

Then, while the others watched her curiously, the hag chanted a rhythmical verse in words which no one understood, and bent her

lean body seven times back and forth over the fire. And now the incantation seemed complete, for the Witch stood upright and cried the one word "Yeowa!" in a loud voice.

The vapor floated away; the atmosphere became, clear again; a whiff of fresh air filled the tent, and the pink curtains of the couch trembled slightly, as if stirred from within.

Glinda walked to the canopy and parted the silken hangings. Then she bent over the cushions, reached out her hand, and from the couch arose the form of a young girl, fresh and beautiful as a May morning. Her eyes sparkled as two diamonds, and her lips were tinted like a tourmaline. All adown her back floated tresses of ruddy gold, with a slender jeweled circlet confining them at the brow. Her robes of silken gauze floated around her like a cloud, and dainty satin slippers shod her feet.

At this exquisite vision Tip's old comrades stared in wonder for the space of a full minute, and then every head bent low in honest admiration of the lovely Princess Ozma. The girl herself cast one look into Glinda's bright face, which glowed with pleasure and satisfaction, and then turned upon the others. Speaking the words with sweet diffidence, she said:

"I hope none of you will care less for me than you did before. I'm just the same Tip, you know; only—only—"

"Only you're different!" said the Pumpkinhead; and everyone thought it was the wisest speech he had ever made.

THE RICHES OF CONTENT

When the wonderful tidings reached the ears of Queen Jinjur—how Mombi the Witch had been captured; how she had confessed her crime to Glinda; and how the long-lost Princess Ozma had been discovered in no less a personage than the boy Tip—she wept real tears of grief and despair.

"To think," she moaned, "that after having ruled as Queen, and lived in a palace, I must go back to scrubbing floors and churning butter again! It is too horrible to think of! I will never consent!"

So when her soldiers, who spent most of their time making fudge in the palace kitchens, counseled Jinjur to resist, she listened to their foolish prattle and sent a sharp defiance to Glinda the Good and the Princess Ozma. The result was a declaration of war, and the very next day Glinda marched upon the Emerald City with pennants flying and bands playing, and a forest of shining spears, sparkling brightly beneath the sun's rays.

But when it came to the walls this brave assembly made a sudden halt; for Jinjur had closed and barred every gateway, and the walls of the Emerald City were builded high and thick with many blocks of green marble. Finding her advance thus baffled, Glinda bent her brows in deep thought, while the Woggle-Bug said, in his most positive tone:

"We must lay siege to the city, and starve it into submission. It is the only thing we can do."

"Not so," answered the Scarecrow. "We still have the Gump, and the Gump can still fly"

The Sorceress turned quickly at this speech, and her face now wore a bright smile.

"You are right," she exclaimed, "and certainly have reason to be proud of your brains. Let us go to the Gump at once!"

So they passed through the ranks of the army until they came to the place, near the Scarecrow's tent, where the Gump lay. Glinda and Princess Ozma mounted first, and sat upon the sofas. Then the Scarecrow and his friends climbed aboard, and still there was room for a Captain and three soldiers, which Glinda considered sufficient for a guard.

Now, at a word from the Princess, the queer Thing they had called the Gump flopped its palm-leaf wings and rose into the air, carrying the party of adventurers high above the walls. They hovered over the palace, and soon perceived Jinjur reclining in a hammock in the courtyard, where she was comfortably reading a novel with a green cover and eating green chocolates, confident that the walls would protect her from her enemies. Obeying a quick command, the Gump alighted safely in this very courtyard, and before Jinjur had time to do more than scream, the Captain and three soldiers leaped out and made the former Queen a prisoner, locking strong chains upon both her wrists.

That act really ended the war; for the Army of Revolt submitted as soon as they knew Jinjur to be a captive, and the Captain marched in safety through the streets and up to the gates of the city, which she threw wide open. Then the bands played their most

stirring music while Glinda's army marched into the city, and heralds proclaimed the conquest of the audacious Jinjur and the accession of the beautiful Princess Ozma to the throne of her royal ancestors.

At once the men of the Emerald City cast off their aprons. And it is said that the women were so tired eating of their husbands' cooking that they all hailed the conquest of Jinjur with Joy. Certain it is that, rushing one and all to the kitchens of their houses, the good wives prepared so delicious a feast for the weary men that harmony was immediately restored in every family.

Ozma's first act was to oblige the Army of Revolt to return to her every emerald or other gem stolen from the public streets and buildings; and so great was the number of precious stones picked from their settings by these vain girls, that every one of the royal jewelers worked steadily for more than a month to replace them in their settings.

Meanwhile the Army of Revolt was disbanded and the girls sent home to their mothers. On promise of good behavior Jinjur was likewise released.

Ozma made the loveliest Queen the Emerald City had ever known; and, although she was so young and inexperienced, she ruled her people with wisdom and Justice. For Glinda gave her good advice on all occasions; and the Woggle-Bug, who was appointed to the important post of Public Educator, was quite helpful to Ozma when her royal duties grew perplexing.

The girl, in her gratitude to the Gump for its services, offered the creature any reward it might name.

"Then," replied the Gump, "please take me to pieces. I did not wish to be brought to life, and I am greatly ashamed of my conglomerate personality. Once I was a monarch of the forest, as my antlers fully prove; but now, in my present upholstered condition of servitude, I am compelled to fly through the air—my legs being of no use to me whatever. Therefore I beg to be dispersed."

So Ozma ordered the Gump taken apart. The antlered head was again hung over the mantle-piece in the hall, and the sofas were untied and placed in the reception parlors. The broom tail resumed its accustomed duties in the kitchen, and finally, the Scarecrow replaced all the clotheslines and ropes on the pegs from which he had taken them on the eventful day when the Thing was constructed.

You might think that was the end of the Gump; and so it was, as a flying-machine. But the head over the mantle-piece continued to talk whenever it took a notion to do so, and it frequently startled, with its abrupt questions, the people who waited in the hall for an audience with the Queen.

The Saw-Horse, being Ozma's personal property, was tenderly cared for; and often she rode the queer creature along the streets of the Emerald City. She had its wooden legs shod with gold, to keep them from wearing out, and the tinkle of these golden shoes upon the pavement always filled the Queen's subjects with awe as they thought upon this evidence of her magical powers.

"The Wonderful Wizard was never so wonderful as Queen Ozma," the people said to one another, in whispers; "for he claimed

to do many things he could not do; whereas our new Queen does many things no one would ever expect her to accomplish."

Jack Pumpkinhead remained with Ozma to the end of his days; and he did not spoil as soon as he had feared, although he always remained as stupid as ever. The Woggle-Bug tried to teach him several arts and sciences; but Jack was so poor a student that any attempt to educate him was soon abandoned.

After Glinda's army had marched back home, and peace was restored to the Emerald City, the Tin Woodman announced his intention to return to his own Kingdom of the Winkies.

"It isn't a very big Kingdom," said he to Ozma, "but for that very reason it is easier to rule; and I have called myself an Emperor because I am an Absolute Monarch, and no one interferes in any way with my conduct of public or personal affairs. When I get home I shall have a new coat of nickel plate; for I have become somewhat marred and scratched lately; and then I shall be glad to have you pay me a visit."

"Thank you," replied Ozma. "Some day I may accept the invitation. But what is to become of the Scarecrow?"

"I shall return with my friend the Tin Woodman," said the stuffed one, seriously. "We have decided never to be parted in the future."

"And I have made the Scarecrow my Royal Treasurer," explained the Tin Woodman. "For it has occurred to me that it is a good thing to have a Royal Treasurer who is made of money. What do you think?"

"I think," said the little Queen, smiling, "that your friend must be the richest man in all the world."

"I am," returned the Scarecrow. "but not on account of my money. For I consider brains far superior to money, in every way. You may have noticed that if one has money without brains, he cannot use it to advantage; but if one has brains without money, they will enable him to live comfortably to the end of his days."

"At the same time," declared the Tin Woodman, "you must acknowledge that a good heart is a thing that brains can not create, and that money can not buy. Perhaps, after all, it is I who am the richest man in all the world."

"You are both rich, my friends," said Ozma, gently; "and your riches are the only riches worth having—the riches of content!"

The End

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES
EXTRAORDINÁRIOS

Este livro em suas mãos é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo. Se você está lendo este texto, significa que alguém se associou ou fez uma doação ao projeto Domínio [ao] Público e escolheu receber este livro. Nosso objetivo é fazer com que Livros Extraordinários do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — fiquem ao alcance da comunidade de leitores da língua portuguesa.

domínio
ao público

Para isso, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, feita para os leitores do Século 21. A segunda, é que, para cobrir os custos editoriais, precisamos de pelo menos mil Leitores Extraordinários associados doando o valor mínimo para cada Livro Extraordinário impresso: exatamente este livro que está em suas mãos.

É assim que conseguiremos, um pouco mais a cada mês, possibilitar àqueles que antes não podiam comprar uma obra extraordinária como esta tenham acesso à sua versão digital absolutamente de graça. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas públicas e privadas, comunidades de todo o tipo; podem ser acessadas em smartphones, tablets, ebooks e computadores; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por qualquer pessoa ou instituição, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA É DIREITO
DE TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS BENS DO
DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

Que você faça o bem e não o mal.

Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.

Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras da literatura mundial em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para o nosso idioma. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, 20 mil léguas submarinas está em francês. Assim, como um brasileiro poderia ler essas obras? Há traduções e edições digitais, piratas e amadoras, em diversos sites. Por ser um trabalho intelectual, qualquer tradução passa, com toda justiça, a ser propriedade dos tradutores ou editores. Assim, livros já liberados há muito tempo continuam distantes do público — seja pelo meio ou pelo idioma. Só resta como alternativa adquirir essas obras nas lojas online e livrarias. A democratização do Domínio Público é o livre acesso daquela criança ávida mas sem recursos. Por isso o Instituto Mojo criou o projeto Domínio [ao] Público.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. O CLLE é o meio que encontramos para publicar livros digitais em Domínio Público gratuitamente em português. A fórmula é simples:

1. DOMÍNIO PÚBLICO

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso público.

2. TRADUÇÃO E EDIÇÃO

Os Livros Extraordinários precisam estar disponíveis para todos. Por isso, a Mojo traduz e edita obras em Domínio Público.

3. CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Criado para financiar esse trabalho, publica as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

É o site onde livros digitais, ensaios, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados por qualquer pessoa.

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição que você e sua empresa podem escolher para colaborar. Associe-se, doe, divulgue, leia os livros, conte as histórias. Assim, fica mais fácil quebrar as barreiras linguísticas do Domínio Público.

SEJA EXTRAORDINÁRIO PARA 200 MILHÕES DE LEITORES.

VISITE:

www.dominioaopublico.org.br

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio [ao] Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Consulte: www.dominioaopublico.org.br/permissoes

mojo^{.org}

INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL:

Presidente: Ricardo Giassetti Vice-presidente: Larissa Meneghini

Tesoureiro: Alexandre Storari

Diretores: Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

Conselho consultivo: Alberto Hiar Jr., Aurea Leszczynski Vieira, Leonardo Tonus, Marcelo Amstalden Möller, Marcelo Andrade, Marcelo Gusmão Eid, Renato Roschel, S. Lobo, Tales Galvão

Agradecimentos: André Binhardi, Bruno Girello, Delfin, Daniel Sasso, Michel D'Angelo, Olivia M. Giassetti, Ronaldo Gomes Ferreira, Thiago Fogaça, Vinícius Aguiar, Walter Pax, Willian Galdino, Zenaide Febbo.

contato@mojo.org.br

Tradução e edição © 2018 Instituto Mojo de Comunicação
Intercultural

CNPJ: 30.726.775/0001-00

PROGRAMA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO DA MOJO

A Mojo.org dissemina conhecimento e fomenta escrita e leitura para todos. O Domínio [ao] Público é um programa que publica livros digitais de obras em Domínio Público gratuitamente por meio da ajuda de doações e dos associados ao Clube do Livro para Leitores Extraordinários.

Visite, conheça e apoie: <https://dominioaopublico.org.br/>

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baum, L. Frank, 1856-1919

A maravilhosa terra de Oz / L. Frank Baum ;

[tradutor Delfin; ilustrador Andre Ducci].

-- 1. ed. -- São Paulo: Mojo.org, 2020. --

Mojo.org, 2020. -- (Mundos extraordinários ; 3) Título original: The marvelous land of Oz

1. Literatura infantojuvenil I. Ducci, André.

II. Título. III. Título: The marvelous land of Oz.

IV. Série.

18-22616

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

EXPEDIENTE

A maravilhosa terra de Oz de L. Frank Baum

Texto integral sem adaptação.

Tradução: Delfin

Edição: Renato Roschel e S. Lobo

Revisão: Ana Barbosa e Amanda Zampieri

Ilustração: Andre Ducci

Direção de arte: Cyla Costa

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

Tradução e edição ©2018, Instituto Mojo de Comunicação Intercultural.

Atualize-se sobre novas edições deste ebook, conheça outros títulos ou faça o download para outros sistemas de ereading em:

<https://dominioaopublico.org.br/ebooks/o-livro-da-selva/>